

COLETÂNEA UMBANDA

A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO
PARA A CARIDADE



OS GUIAS E PROTETORES ESPIRITUAIS

Padrinho Juruá

Padrinho Juruá – 1956

COLETÂNEA UMBANDA

“A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE”

OS GUIAS E PROTETORES ESPIRITUAIS

**São Caetano do Sul, 2013
2500 p.**

Fundação Biblioteca Nacional

**Escritório de Direitos Autorais Certificado de Registro ou
Averbação**

Nº Registro: 533.475 – livro: 1024 – folha: 149

Todo o material (textos, fotografias e imagens) disponibilizados neste livro estão sob a proteção da “LEI DO DIREITO AUTORAL Nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998”.

É proibida toda e qualquer comercialização dos mesmos, em quaisquer meios de comunicação, sem prévia consulta e autorização pessoal do autor.

Para reprodução sem fins comerciais, é obrigatória a divulgação da autoria do material aqui disponibilizado.



CAPA: Concepção artística da Mãe Yansã

SUMÁRIO

PREFÁCIO	3
A COLÔNIA ARUANDA	10
ARUANDA	11
O QUE É ARUANDA	11
CONFISSÕES DE VOLTAIRE	14
ELUCIDAÇÕES SOBRE O PERISPÍRITO	15
NOÇÕES SOBRE O PERISPÍRITO E SUAS DELICADAS FUNÇÕES	21
CIDADES ESPIRITUAIS.....	29
A CONFRARIA, A IRMANDADE, E AS ALDEIAS DE ARUANDA	31
O QUE SÃO AS ALDEIAS, A CONFRARIA E A IRMANDADE DE ARUANDA.....	32
AS “CASAS DE CARIDADE”	33
CONFRARIA DO TEMBETÁ – A CÚPULA ASTRAL DE UMBANDA.....	33
IRMANDADE DOS VIGILANTES DA LEI.....	38
ALDEIA DE YURUPARY	40
ALDEIA DA MÃE D’ÁGUA.....	41
ALDEIA DO JUREMÁ.....	42
ALDEIA DE HUMAITÁ.....	43
ALDEIA DE ITAUÇÚ.....	44
ALDEIA DO CRUZEIRO DIVINO	45
ALDEIA DO JACUTÁ.....	46
ALDEIA DE IGUAÇÚ	48
ALDEIA DOS KURUMYM.....	49
CONFRARIA DOS MAGOS BRANCO DO ORIENTE	49
OS GUIAS ESPIRITUAIS E SEUS AUXILIARES, OS PROTETORES ESPIRITUAIS	52
VISÃO UMBANDISTA SOBRE O ESPÍRITO SANTO	54
DORISMO E IONISMO.....	54
ORDEM DÓRICA E ORDEM IÔNICA	55
O SÍMBOLO QUE VERDADEIRAMENTE REPRESENTA A RELIGIÃO DE UMBANDA	56
É O ESPÍRITO SANTO O CONSOLADOR?	57
O ESPÍRITO SANTO TEM TODOS OS ATRIBUTOS DE UMA PESSOA, SEGUNDO O EVANGELHO.....	59
A CONGREGAÇÃO DE TRABALHOS ESPIRITUAIS DE ARUANDA	60
A PRESENÇA MEDIÚNICA DAS SANTAS ALMAS BENDITAS	61
O DOMÍNIO MÍSTICO – O PRINCÍPIO DEVOCIONAL	64
O DOMÍNIO EVOLUCIONAL – O PRINCÍPIO DA EVOLUÇÃO HUMANA	65
O DOMÍNIO DA COMPAIXÃO – O PRINCÍPIO DA MANIFESTAÇÃO DO PERDÃO, DO AMOR, DA CARIDADE, E DA DIVULGAÇÃO DOUTRINÁRIA	65
DOMÍNIO DA MATERIALIZAÇÃO – OS TAREFEIROS DA UMBANDA	66
LINHAS MESTRAS, SUBLIMES, AUXILIARES E SECUNDÁRIA DE TRABALHOS ESPIRITUAIS	72
CORRENTES DE TRABALHOS ESPIRITUAIS.....	88
ESPÍRITOS DE SEREIAS E TRITÕES – QUEM SÃO?	89
ESPÍRITOS ELEMENTARES.....	91
OS ESPÍRITOS ELEMENTARES NA UMBANDA	93
IRMANDADES DE TRABALHOS ESPIRITUAIS	96
FRATERNIDADE DE TRABALHOS ESPIRITUAIS	98
ARSENAL DA UMBANDA	102

EM LINHAS GERAIS, COMO SE DÁ A INCORPORAÇÃO?.....	105
A UMBANDA E O FATOR SOCIAL.....	124
O QUE SIGNIFICA RAÇA?	125
CURIOSIDADE ARQUETÍPICA	125
ESPÍRITOS DA LUZ	128
NÃO ACREDITEIS EM TODOS OS ESPÍRITOS.....	130
RECONHECENDO AS QUALIDADES DOS ESPÍRITOS.....	131
PERGUNTAS SOBRE A NATUREZA E A IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS	137
PERGUNTAS QUE SE PODEM FAZER	141
CONTRADIÇÕES E MISTIFICAÇÕES	150
DAS MISTIFICAÇÕES.....	154
OS ESPÍRITOS NÃO RESOLVEM SEUS PROBLEMAS	156
OS NOMES SIMBÓLICOS UTILIZADOS PELOS GUIAS E PROTETORES ESPIRITUAIS, SEGUNDO A VISÃO DA UMBANDA CRÍSTICA	157
O GESTUAL DE INCLINAÇÃO PARA OS GUIAS E PROTETORES ESPIRITUAIS, ENTRE OS MÉDIUNS E PARA OS ASSISTIDOS NA UMBANDA CRÍSTICA	160
QUEM É A ENTIDADE ESPIRITUAL ZÉ PELINTRA?	162
QUEM SÃO OS TAIS ESPÍRITOS DE MALANDROS?.....	166
MALANDRAGEM.....	167
MALANDRO – 1ª VERSÃO	168
MALANDRO – 2ª VERSÃO	169
OS ESPÍRITOS DE MALANDROS.....	170
HISTÓRIA DO MALANDRO DE SANTA TEREZA.....	175
HISTÓRIA DO MALANDRINHO DA ESTRADA.....	175
UM ALERTA	176
O FUTURO DA LINHA BRANCA DE UMBANDA	176

PREFÁCIO

Queremos registrar, explicitamente, que é nosso, e só nosso, de maneira indivisível e absoluta, todo e qualquer ônus que pese por quaisquer equívocos, indelicadezas, desvios ou colocações menos felizes que, porventura, sejam ou venham a ser localizadas neste livro, pois, temos certeza plena de que se tal se der terá sido por exclusiva pequenez deste menor dos menores irmãos de Jesus, deste que se reconhece como um dos mais modestos dos discípulos umbandistas.

Todo o material utilizado na feitura desta obra é dividido em:

- 1) Profundas e exaustivas pesquisas;
- 2) Orientações espirituais; e,
- 3) Deduções calcadas na lógica, na razão e no bom senso.

Não podemos nos esquecer do que escreveu Kardec, em “A Gênese” – capítulo I, item 50: “(...) os Espíritos não revelam aos homens aquilo que lhes cabe descobrir, usando de pesquisas, esforço contínuo, estudos aprofundados e comparações com outros estudiosos”. Foi exatamente isso que fizemos.

Realizamos longas e exaustivas pesquisas a fim de sermos fiéis ao que realmente aconteceu, bem como coletamos informações da espiritualidade para posteriormente colocar algumas poucas observações, tudo dentro dos ensinamentos crísticos, da razão e do bom senso.

A Espiritualidade Superior nos faz atingir o conhecimento da verdade por nós mesmos, por intermédio do raciocínio, ao invés de submeter um Espírito iluminado ao sacrifício de descer ao plano físico para nos elucidar.

Não devemos apenas nos esconder atrás de um Espírito em psicografias ou mensagens psicofônicas para escrevermos doutrina religiosa; devemos somente pedir a intervenção espiritual quando o assunto fugir totalmente à nossa compreensão; aliás, todo o conhecimento já está no mundo; basta ter paciência e perseverança para encontrá-los.

As bases primordiais do conhecimento e das normas divinas já foram fartamente explicadas pelos Espíritos crísticos das diversas filosofias e religiões; o ser humano está capacitado a dispô-las da mesma maneira que melhor atendam à sua concepção.

“Tenho a impressão de ter sido uma criança brincando à beira-mar, divertindo-me em descobrir uma pedrinha mais lisa ou uma concha mais bonita que as outras, enquanto o imenso oceano da verdade continua misterioso diante de meus olhos”. (Isaac Newton)

Muito já se tem escrito sobre o que é Umbanda, e este é mais um apontamento sobre suas características e finalidades. Não pretendemos “impor” nada a ninguém, mas sim, levar todos a pensarem melhor, a fim de enxergarem outras realidades e plasmarem em suas mentes, a religiosidade maravilhosa da Umbanda.

“Tem muita gente falando que se copiam assuntos e verdades (...), mas a verdade não se copia, a verdade existe, não é filhos? E se ela existe, não é copiada; ela é divulgada por muitos seres, de muitas formas, por vários estilos de esclarecimento sobre ela mesma. Vejam bem: as linguagens dos grupos espiritualistas são diferentes e, as que são corretas, pretendem levar os discípulos da Terra a um mesmo ponto: o ponto do esclarecimento e da chegada do amor e da consciência na Terra. Os filhos têm que saber que a realidade da vida na Terra e a vida no Cosmos é contemplada de inúmeras formas e tem explicações baseadas na verdade imutável (...). Mas tem outros pontos de vista sobre elas também (...).” (Cacique Pena Branca – Mensagem canalizada por Rosane Amantéa)

Essa explicação é perfeitamente compatível com a posição colocada em “o Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. XXIV, onde diz que: *“Cada coisa deve vir ao seu tempo, pois a sementeira lançada a terra, fora do tempo não produz (...)”.* Os Espíritos procedem, nas suas instruções, com admirável prudência.

“(...) As grandes ideias jamais irrompem de súbito. As que se assentam sobre a verdade sempre têm precursores que lhes preparam parcialmente os caminhos. Depois, em chegando o tempo, envia Deus um homem com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos, de reuni-los em corpo de doutrina. Desse modo, a ideia, ao aparecer, encontra Espíritos dispostos a aceitá-la”. (Trecho da introdução de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec – IV)

É sucessiva e gradualmente que eles têm abordado as diversas partes já conhecidas da doutrina, e é assim que as demais partes serão reveladas no futuro, à medida que chegue o momento de fazê-las sair da obscuridade.

Nossa esperança é que você, leitor, se sensibilize com o que está escrito aqui, e verá uma Umbanda calcada nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso, movida pela noção do conhecimento do que representa essa grande religião perante a humanidade. De acordo com seus próprios recursos e reconhecendo as limitações das circunstâncias muitas vezes impostas, temos a certeza de que você fará de tudo para compreendê-la e divulgá-la.

Os conhecimentos impressos neste livro, com certeza são breve pincelada da realidade cultural umbandística.

Como disse o venerável Espírito de Ramatís: *“A Umbanda, portanto, ainda é o vasilhame fervente em que todos mexem, mas raros conhecem o seu verdadeiro tempero”*.

E como cantava Pai Antônio, manifestado em Zélio de Moraes (Conforme gravação na fita 52 a – 23 minutos e 10 segundos, disponibilizada juntamente com esse livro):

*Tudo mundo que Umbanda
Que, que, que Umbanda
Mas, ninguém sabe o que é Umbanda
Mas quer, quer, quer Umbanda
Umbanda tem fundamento.
Mas quer, quer, quer Umbanda
Mas, ninguém sabe o que é Umbanda*

Temos certeza de que existem muitas maravilhas a serem descobertas sobre a Umbanda. Todos têm uma natural curiosidade do que é e o que representa toda essa religiosidade genuinamente brasileira e muitos até agora estavam em dúvidas, pois lhes faltavam recursos literários para compreendê-la.

Pode ser que muitas das noções aqui apresentadas poderão não ser aceitas e que podemos inclusive contrariar muitas pessoas.

Em nossas observações particulares não pretendemos aviltar a doutrina praticada em seu Terreiro ou aceita por você, mas somente estamos colocando mais um ponto de vista e esperamos que todos leiam e reflitam, usando a razão e o bom senso, para depois verificar a veracidade dos ensinamentos por nós esposados.

“Mais vale repelir dez verdades que admitir uma só mentira, uma só teoria falsa” (pelo Espírito de Erasto). Máxima repetida em “O Livro dos Médiuns”, 20º capítulo, item 230, página 292.

Para emitirmos uma crítica, temos que estar escudados em conhecimentos culturais profundos e militando diariamente dentro da Religião de Umbanda, pois somente assim poderemos nos arvorar em advogados de nossas causas. Não podemos simplesmente emitir opiniões e conceitos calcados em “achismos” (o achar e a mãe de todos os erros), ou mesmo escudados tão somente pelo que outros disseram ser a verdade absoluta.

Lembre-se que tudo está sendo feito para o bem e a grandiosidade da Umbanda. Da nossa parte, estaremos à disposição, pessoalmente, para dirimir dúvidas e fornecer os esclarecimentos necessários a tudo o que neste livro foi escrito.

A UMBANDA É DE TODOS, NEM TODOS SÃO DA UMBANDA

Um dia, hão de chegar, altivos e de peito impune, pessoas a dizer-lhes: sou umbandista, tenho fé em Oxalá, tenho mediunidade... com altivez e força tal que chegarão a lhe impressionar.

Mas quando olhar bem seu semblante, você o verá opaco, translúcido e sem o calor de um verdadeiro entusiasta e batalhador em prol da mediunidade umbandista.

A Umbanda é uma corrente para todos, mas nem todos se dedicam a ela como deveriam. O verdadeiro umbandista sente, vive, respira, se alimenta espiritualmente nela. Não com fanatismo, mas sim com dedicação aflorada no fundo d'alma.

Ser umbandista é difícil por ser muito fácil; é só ser simples, honesto e verdadeiro.

Não batam no peito e digam serem umbandistas de verdade, mas procurem demonstrar com trabalho, luta, dedicação e, principalmente, emoção de estar trabalhando nessa corrente.

Eu lhe garanto que a recompensa será só sua.

Falange Protetora

(Trecho do livro “Umbanda é Luz” de Wilson T. Rivas)

Somente pode testemunhar quem realmente milita com fé, amor, desprendimento e mangas arregaçadas, para a grandeza desta tão magnífica Religião Nacional.

No primeiro livro (“COLETÂNEA – UMBANDA, A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE – AS ORIGENS DA UMBANDA”), disponibilizaremos todo um material histórico sobre a formação da Umbanda.

Segundo o Caboclo das Sete Encruzilhadas, nenhuma religião nasce plena. Ela nasce em fase embrionária e como uma criança ela cresce e se desenvolve. Somos sabedores que no surgimento de qualquer evento importante que permeia a vida de muitos, com o passar dos tempos, quando tudo se inicia somente com observações calcadas na oralidade, pela falta documental comprobatória, muita coisa acaba transformando-se em mito e/ou estórias.

Por isso, na realização do livro sobre as “Origens da Umbanda” – procuramos ser fiéis nos relatos, sem mudar uma vírgula sequer. Em alguns assuntos, tomamos a liberdade de tecer pequenas observações, mas calcadas da razão, a fim de esclarecer ou mesmo dirimir certas dúvidas.

Muitos falam sobre o Caboclo das Sete Encruzilhadas, mas, infelizmente, raros são os que seguem suas orientações. Muitos dão muitas desculpas, todas calcadas na idiosincrasia. Propagam o Caboclo como instituidor da Umbanda, mas, deixam suas evidentes e claras “Linhas Mestras” relegadas a uma Umbanda lírica, histórica e ultrapassada, alegando que a Umbanda evoluiu desde a sua criação, e por isso, muita coisa que o Caboclo das Sete Encruzilhadas orientou que não usasse ou fizesse, hoje, já pode ser usado e feito com justificativas esfarrapadas, sem comprovação e sem a anuência da espiritualidade maior, aduzindo que a Umbanda progrediu e hoje tudo pode ser usado a bel prazer.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas instituiu a Umbanda como religião e normatizou-a com preceitos simples, mas, que teriam de serem seguidos a risca. A partir da fundação da Umbanda, muitos umbandistas derivaram das práticas originais, criando o que chamamos de: “Modalidades de Umbanda”. Se essas modalidades de Umbanda, mesmo não seguindo todas as “Linhas Mestras” do instituidor, estiverem praticando a caridade desmedida, a compaixão, fé, amor, humildade, desapego, perdão e perseverança, estão no caminho certo, mas, estariam mais seguros, seguindo todas as “Linhas Mestras” do fundador.

Só teríamos que nos posicionar, e classificarmos que modalidade de Umbanda se pratica, para que o leigo pudesse se posicionar.

Inclusive, afirmamos que nem todo Espírito que “baixa” em Terreiro é autorizado a dirigir ou agir em nome da Umbanda. Seguimos a regra evangélica que diz: *“Amados, não creiais a todo Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.”* (I João, 4:1). Observem o que o Capitão Pessoa, dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo, uma das sete Tendências fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, em 1942 disse: *“(…) O Caboclo das Sete Encruzilhadas é o legítimo senhor de Umbanda no Brasil; nenhuma entidade, por grande que seja, intervém nos trabalhos da magia branca sem uma prévia combinação com ele (...). – “O que deseja, sobretudo, é que este ritual (nota do autor: ritual da Umbanda) seja praticado apenas por Guias autorizados, porque não são todos Espíritos que baixam nos Terreiros que se acham à altura de praticá-lo” (...).*

Já lemos relatos de irmãos ainda insistindo que não foi o Caboclo das Sete Encruzilhadas que fundou a Umbanda; outros, dizem que Zélio de Moraes era kardecista e, portanto, montou uma Umbanda kardequizada. Tudo pura conjectura. São opiniões calcadas somente em achismos, pois carece de comprovação documental, fonográfica, discográfica ou mesmo filmográfica.

Por isso, primamos pela farta documentação histórica no primeiro livro, juntando em anexo, documentos escritos, jornalísticos e fonográficos. Contra depoimentos documentais e relatos gravados, não há argumentos.

Creemos que muita coisa ainda há de aparecer e ser esclarecida quanto à história da Umbanda, do Caboclo das Sete Encruzilhadas, da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade e de Zélio Fernandino de Moraes. Verificar esses dados históricos já foi como procurar agulha num palheiro; hoje está sendo como procurar agulha num agulheiro. Mas, se todos que tiverem um pequeno dado histórico e comprovado contribuírem, com certeza poderíamos juntar todas as peças do tabuleiro e assim descortinar o movimento umbandista brasileiro em sua real beleza e funcionalidade. Temos poucos, mas, fiéis trabalhadores engajados no resgate histórico da nossa amada Umbanda. Uns estudiosos concordam e outros discordam dos entendimentos sobre os relatos históricos. Uns merecem e outros desmerecem a descoberta que alguns fizeram em fatos documentais. A verdade é uma só: Quem participou juntamente do Caboclo das Sete Encruzilhadas em sua missão na terra já desencarnou e não deixou nada, a não ser comentários espaçados. Por isso, achamos bonito entender certos aspectos de como tudo era, mas damos verdadeiro valor e insistimos obsessivamente, que nós umbandistas devemos sim, atentar para o que o Caboclo deixou como “Linhas Mestras” a serem seguidas; o resto são somente fatos históricos para satisfazer a curiosidade.

Seria o mesmo que deixarmos de lado os ensinamentos de Jesus, para somente atentar, discutir, brigar, para provar se ele era moreno, se tinha 1.80 de altura, se era casado, se mantinha relações sexuais, se teve filhos, se bebia vinho etc., o que não iria de maneira nenhuma acrescentar em nada a nossa evolução espiritual.

Pela extensão, da “COLETÂNEA – UMBANDA, A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE”, dividimo-lo em vários livros, cada um estudando vários aspectos da doutrina Umbandista, para que todos possam, passo a passo, vislumbrar esta maravilhosa religião. No livro: “As Origens da Umbanda” está, somente, o estudo histórico da Umbanda, inalterado; e somente em poucas partes fizemos algumas considerações; quanto ao restante dos livros, estarão impressas noções sobre a doutrina umbandística, suas características, atributos e atribuições, bem como seus aspectos esotéricos e exotéricos, com total visão da Umbanda Crística.

Por serem progressivos, facilitará o estudo da Umbanda tanto nas Sessões de Educação Mediúnica e Doutrinária, bem como em cursos preparatórios de médiuns; assim, quando os médiuns terminarem cada livro, com certeza estarão escudados nos conhecimentos gerais umbandísticos necessários ao seu desenvolvimento como médium umbandista. Esta obra também servirá grandemente para todos aqueles, simpatizantes, estudantes, sociólogos, antropólogos religiosos e curiosos, que querem saber o que é Umbanda.

Obs.: Se alguém reconhecer suas ideias impressas neste livro e não ver o devido crédito comunique-se conosco, onde iremos sanar tal entrave, verificando a veracidade dos fatos. Afinal, quando uma verdade espiritual vem à tona, com certeza, vários médiuns sérios a recebem simultaneamente.

Vejam o que diz Kardec: *“Estai certos, igualmente, de que quando uma verdade tem de ser revelada aos homens, é, por assim dizer, comunicada instantaneamente a todos os grupos sérios, que dispõem de médiuns também sérios, e não a tais ou quais, com exclusão dos outros”*. (“O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo 21, item 10, 6º §. (5)).

Em nossas pesquisas, deparamos com um fórum aberto no site de Umbanda: “www.redeumbanda.ning.com”, que nos chamou atenção. Dizia assim:

Uma regra para reger a todos. É possível? (Publicado por M.R.C. em 13 de Setembro de 2008 às 11h20min)

Cada pessoa tem sua leitura da vida de acordo com uma série de fatores, educação familiar, estudo didático, meio que vive.

Observa-se uma variedade gigantesca de diferentes formas de levar seu viver.

Esse aspecto nos acompanha em diversas áreas de nosso dia a dia, e não poderia ser diferente na Umbanda.

“(…) Muitas portas levam a morada do Pai (…)”

É realmente possível conseguir uma linguagem única para a Umbanda?

Decretar regras gerais nesta situação não alimentaria o preconceito e a intolerância, tendo em vista esses muitos níveis de entendimento?

Bom pensar. Cigano.

Responder até Marcos Alberto Corado

Oi, amigo

A Casa ter regras – normas pré-estabelecidas para o seu funcionamento se fazem necessário, no que diz as necessidades básicas como:

- *Manter organização própria, segundo as normas legais vigentes, estruturada de modo a atender a finalidades por ela proposta.*
- *Estabelecer metas para a casa, em suas diversas áreas de atividades, planejando periodicamente suas tarefas, e avaliando seus resultados.*
- *Facilitar a participação dos frequentadores nas atividades da casa.*
- *Estimular o processo do trabalho em equipes.*
- *Dotar a casa de locais e ambientes adequados, de modo a atender em primeiro lugar as atividades prioritárias.*

- Não envolver a casa em quaisquer atividades incompatíveis ao fundamento da prática do bem e da caridade.
- Zelar para que as atividades exercidas nos preceitos fundamentados pela casa sejam gratuitas, vedando qualquer espécie de remuneração.
- Aceitar somente os auxílios, doações, contribuições e subvenções, bem como firmar convênios de qualquer natureza ou procedências, desvinculados de quaisquer compromissos que desfigurem o caráter da instituição, ou que impeçam o normal desenvolvimento de suas atividades, em prejuízos das finalidades nos trabalhos espirituais, preservando, assim, a independência administrativa da entidade.
- Manter a disciplina quanto a horários, vestuários, comportamento, ética etc., boa conduta para que nos trabalhos práticos os objetivos sejam alcançados.
- A casa ter um grupo de estudo, com a participação de todos os trabalhadores.

Falei de alguns tópicos, quanto à parte de organização estrutural, para o bom funcionamento da espiritual. Quanto a este, cada casa tem uma tarefa a ser desempenhada.

Estas tarefas são planejadas no mundo espiritual, com mentores já designados, trabalhos a serem realizados, médiuns que vão participar do processo daquela casa etc.; por isso que toda atividade espiritual de uma casa deve ser gerida pelo mentor da mesma, mas infelizmente em nossa vaidade e orgulho interferimos neste processo, muito das vezes colocando nosso objetivo pessoal, nossos interesses, interesses de outros que pode nos beneficiar etc., aí vem as diversidades, não diversidades naturais pela interação de encarnados e Espíritos pela diferença do próprio grau evolutivo de um e de outro no modo de levarem seus trabalhos, mas querendo alcançar objetivos dentro dos parâmetros do bem e da caridade, mas sim diversidades que são contrários à ética, a moral e os bons costumes. Aí se instala a diversidade, calcada no aproveitar, levar vantagem, denegrindo a imagem da Umbanda.

*****//*****

Por essa pequena conversa entre irmãos num fórum de Umbanda, observamos no feliz comentário do Sr. Marcos Alberto Corado, a questão da dificuldade de se formalizar um estudo coeso na Umbanda, devido à diversidade de cultura, conhecimento, etc.

Pela diversidade cultural, fica difícil “escrever” sobre a Umbanda, sem ser tachado de nariz empinado ou mesmo de querer ser “expert”, somente por não coadunar com conceitos pré-estabelecidos por outrem.

Por isso, antes de prosseguirmos, vamos alertar aos leitores que não estamos aqui falando em nome da Umbanda em si, coisa que, atualmente ninguém pode fazer, a não ser o seu instituidor, o Caboclo das Sete Encruzilhadas; o máximo que pode acontecer, que também é o nosso caso, é vivenciar, estudar e divulgar a “modalidade umbandista” a qual está ligado; afinal, o que existe são os subgrupos dentro da Umbanda. Divulgamos uma doutrina calcada na razão e no bom senso, preconizada pela modalidade “Umbanda Crística”. Portanto, se alguém não coadunar com os nossos ensinamentos, é fácil: feche o livro, não leia mais e siga os seus próprios passos, com a sua própria compreensão. *“Tempus est mensura motus rerum mobilium”* (O tempo é o melhor juiz de todas as coisas).

“Nada aceiteis sem o timbre da razão, pois ela é Deus, no céu da consciência. Se tendes carência de raciocínio, não sois um religioso, sois um fanático”. “Não devem vocês impor as suas ideias de maneira tão radical. Cada Espírito é um mundo que deve e pode escolher por si os caminhos que mais lhe convém”. (pelo Espírito de Miramez).

Irmãos umbandistas, nunca se esqueçam: O exemplo é a maior divulgação de uma doutrina superior.

“Não obrigamos ninguém a vir a nós; acolhemos com prazer e dedicação as pessoas sinceras e de boa vontade, seriamente desejosas de esclarecimento, e estas são bastante para não perdermos tempo correndo atrás dos que nos voltam às costas por motivos fúteis, de amor próprio ou de inveja”.

“Reconhece-se a qualidade dos Espíritos pela sua linguagem; a dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, isenta de contradições; respira a sabedoria, a benevolência, a modéstia e a moral mais pura; é concisa e sem palavras inúteis. Nos Espíritos inferiores, ignorantes, ou orgulhosos, o vazio das ideias é quase sempre compensado pela abundância de palavras. Todo pensamento evidentemente falso, toda máxima contrária à sã moral, todo conselho ridículo, toda expressão grosseira, trivial ou simplesmente frívola, enfim, toda marca de malevolência, de presunção ou de arrogância, são sinais incontestáveis de inferioridade num Espírito”.

(Allann Kardec)

Se quiserem, muito poderão aprender com os mais velhos e experimentados dentro da Umbanda. Lembre-se que tudo o que fizerem de bom com os mais velhos, plantarão nesses corações sementes de luz, que no amanhã poderão clarear os seus próprios caminhos.

“Amamos as catedrais antigas, os móveis antigos, as moedas antigas, as pinturas antigas e os velhos livros, mas nos esquecemos por completo do enorme valor moral e espiritual dos anciãos”. (Lin Yutang)

Importante:

Não leia de um livro, somente um tópico ou aleatoriamente, emitindo sua opinião sobre o entendido somente naquele capítulo. Leia-o do começo até o final, pois, muitos assuntos vão-se completando, esclarecendo o tema.

Parafraseando Torres Pastorinho: Para podermos interpretar com segurança um texto doutrinário, é mister:

- 1º) Isenção de preconceitos;
- 2º) Mente livre, não subordinada a dogmas;
- 3º) Inteligência humilde para entender o que realmente está escrito, e não querer impor ao escrito o que se tem em mente;
- 4º) Raciocínio perquiridor e sagaz;
- 5º) Cultura ampla e polimorfa, mas, sobretudo; e,
- 6º) Coração desprendido (puro) e unido a Deus.

É imprescritível o direito de exame e de crítica e em nossos escritos não alimentamos a pretensão de subtraírmolos ao exame e à crítica, como não temos a de satisfazer a toda gente. Cada um é, pois, livre de aprovar ou rejeitar; mas, para isso, necessário se faz discuti-lo com conhecimento de causa, vivência e cultura, e não somente com interpretações pessoais, ou mesmo impondo a sua “verdade”.

“Do ponto de vista psicológico, a verdade pode ser entendida sob três aspectos: a minha verdade; a verdade do outro; e a verdade absoluta; a verdade é muito relativa; a verdade absoluta é Deus” (Divaldo Franco). E temos como verdade absoluta provinda do Pai, tudo o que está calcado na razão, no bom senso e nos ensinamentos crísticos; o ponto de vista calcado no personalismo é pura idiosincrasia.

CRÍTICA E SERVIÇO

“Se muitos companheiros estão vigiando os teus gestos, procurando o ponto fraco para criticarem, outros muitos estão fixando ansiosamente o caminho em que surgirás, conduzindo até eles a migalha do socorro de que necessitam para sobreviver.

É impossível não saibas quais deles formam o grupo de trabalho em que Jesus te espera”.

(Pelo Espírito de Emmanuel)

Ainda estamos na primeira fase da Umbanda (100 anos), a da implantação, já ingressando na segunda fase, a da doutrinação. Muita coisa ainda há de mudar. Hoje, fazemos, cremos e pregamos uma Umbanda. Amanhã, faremos, creremos e pregaremos outra Umbanda, calcada na Espiritualidade Maior. Mas, temos que preparar o terreno para as mudanças que virão futuramente.

Ainda nos encontramos presos na egolatria, no egocentrismo e na idiosincrasia, sem ouvirmos atentamente o que nos passa a espiritualidade, pois ainda nos encontramos preocupados tão somente com fatores externos, esquecendo as mudanças interiores, esquecendo de nos educar nos ensinamentos evangélicos, legados pelo meigo Rabino da Galiléia. Vamos envidar todos os nossos esforços para as mudanças atuais que se fazem necessárias, a fim de que possamos unidos, nos preparar condignamente, para sermos fiéis medianeiros e depositários da confiança da Cúpula Astral de Umbanda, em Aruanda.

“A Umbanda é a manifestação do Espírito para a Caridade”

“Caboclo das Sete Encruzilhadas”

“A caridade, é a qualidade própria da alma que, desejando chegar ao bem, esquece de si mesma e emprega todo o seu esforço para a felicidade do próximo”.

“A sabedoria está situada bem abaixo da caridade, pois pode nos permitir evoluir como Espíritos, mas não contribui para a recuperação da ordem que o mal transtornou. O saber não resgata nada, não influi em nada sobre a justiça de Deus; a caridade, ao contrário, permite a expiação e proporciona a paz. O saber é uma qualidade e a caridade é uma virtude”.

“De GrandBoulogne”

Doutor em medicina

Ex-vice-consul da França – 1860

“Os umbandistas têm a obrigação de dar ênfase à simplicidade dos rituais, sem salamaleques, sem complicações litúrgicas e ritualísticas, que permite a dedicação integral do tempo das Sessões ao atendimento fraterno dos necessitados, levando a todos os ensinamentos crísticos”.

“Padrinho Juruá”

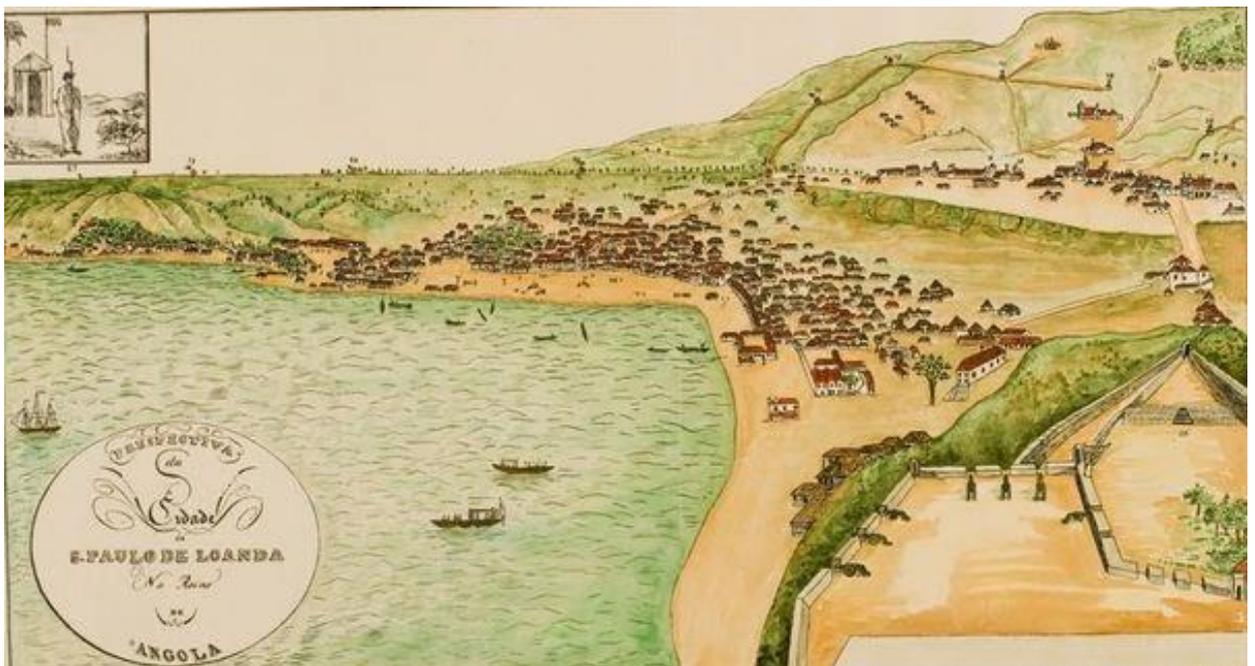
Dirigente do Templo da Estrela Azul
Casa de Caridade Umbandista

A COLÔNIA ARUANDA



Aruanda é uma referência ao “Porto de São Paulo de Luanda” em Angola (Angola era o maior empório de escravos da África Central. Luanda era o maior depósito, e porto da área), lugar de onde partiam os negros sequestrados e trazidos ao Brasil na condição de escravos.

É como o lugar onde se encontraria novamente a liberdade que vinha com as lembranças do continente de origem. Também é uma referência a Luanda (Luanda, Aluanda, Aruanda), não apenas ao “Porto São Paulo de Luanda”, mas a uma África mítica ancestral, a um paraíso de liberdade e alegria perdidas embora possíveis. Passou a designar um lugar utópico: a África, a pátria distante, o paraíso da liberdade perdida.



A cidade de Luanda foi fundada a 25 de Janeiro de 1576 pelo capitão Tuga chamado de Paulo Dias de Novaes após ter desembarcado na baía de Loanda com cerca de 700 homens (soldados, padres e almocreves). Em 1576 manda construir a igreja de São Sebastião na Fortaleza onde agora se encontra o museu das Forças Armadas Angolanas.

Antes da chegada dos Tugas, Luanda já era habitada pelas gentes do rei do N´Dongo concentrando-se no lugar seguro da ilha de Mazenga a que os portugueses chamaram de ilhas das cabras por ter visto ali alguns destes caprinos. Viviam ali os Muxiloandas, oficiais do reino de N´dongo que recolhiam os N´zimbos para transacioná-los como dinheiro. Um daqueles sete povoados ou sanzalas de então, era as Ingombotas, caserio que no correr do tempo foram armazéns depósito de negros escravos enquanto esperavam embarque para terras de Vera Cruz (Brasil). Um outro conhecido por Maculussu, assim se chamava por ser o sítio das cruzes reservado aos Tala-tona que já entendiam e falavam algum português os chamados assimilados; também viviam ali os fiéis Macotas do reino de N´dongo ou N´gola. Os demais eram abandonados lá no lugar do Cazenga para pasto de leões e hienas salvaguardando a povoação destes predadores.

O conceito de Aruanda emerge, no Brasil, em cantigas e canções de todas as manifestações sagradas ou seculares de origem bantu. Encontramos Aruanda no samba, na capoeira, no maracatu, na congada e também na literatura oral do Candomblé de Angola e da Umbanda. Aruanda é um conceito que transcende todas as fronteiras geográficas no inconsciente dos brasileiros.

Angola era o maior empório de escravos da África Central. Luanda, o maior depósito e porto da área, era um lugar de horrores inconcebíveis, uma “porta sem retorno”, um dos estágios do processo durante o qual homens eram transformados em moeda corrente e combustível para sustentar a empresa colonial. No Brasil, o porto de escravos de Luanda transcendia não apenas seu tempo, mas sua imagem dantesca.

Segundo o verbete dicionarizado (FERREIRA, 1999, p. 109), Aruanda origina-se do “[...] topônimo Luanda (Angola): Céu onde vivem os Orixás e Entidades afins”. Na filosofia afro-brasileira contemporânea, Aruanda é concebida como um reino extraordinário, o lar mítico dos Orixás e dos Espíritos Superiores da cosmologia do Brasil e do Congo.

Criou raízes em solo brasileiro, na memória coletiva afro-brasileira, como repositório de uma força divinizada. Luanda metamorfoseou-se em Aruanda, referência geográfica divinizada, uma extensão de Luanda – seu satélite. Aruanda, placa tectônica poderosa, anteriormente Luanda, parte da rocha mais ampla do continente africano, criativamente penetrou Brasil adentro.

(“O reino de Aruanda”: de porto luso-angolano de escravos a reino mítico afro-brasileiro, de: Isis McElroy, com adaptações do autor)

Em Umbanda, Aruanda é a nomeação de uma Colônia Espiritual, uma Congregação de Trabalhos Espirituais (*Congregação: “Ação de congregar, de reunir em assembleia. Instituição religiosa”*), povoada por alguns Espíritos da e de luz, que em trabalhos caritativos manifestam-se espiritualmente com roupagens arquetípicas regionais.

Vamos a algumas informações fragmentadas, do que possivelmente seria Aruanda:

ARUANDA

“Aruanda é o nome dado pela Umbanda a uma cidade de luz etérica que orbitaria a ionosfera do planeta Terra, em uma dimensão espiritual de transição...”

(...) Para a Umbanda tradicional (fundada em 1908 pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas), os habitantes de Aruanda são Espíritos trabalhadores do bem e da caridade, sejam recém-desencarnados em aprendizagem, sejam Espíritos de luz que há muito não retornam à esfera física pela reencarnação.

Estes Guias Espirituais, apesar de suas evoluções espirituais, permanecem na dimensão vibratória de Aruanda para continuar auxiliando encarnados e desencarnados, se manifestando na Terra sob a roupagem fluídica (em tipologia espiritual) de Pretos-Velhos, Caboclos e Crianças. Suas verdadeiras formas, no entanto, transcendem raça, credo ou etnia, sendo possível sua manifestação em qualquer congregação que pratique o binômio amor-caridade e que admita a comunicação espiritual.

(...) Aruanda seria a denominação de uma Colônia Espiritual, assemelhada à Colônia Nosso Lar, descrita no livro “Nosso Lar”, de André Luiz (Espírito), psicografado pelo médium Chico Xavier (...)

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Aruanda>)

O QUE É ARUANDA

No dicionário da língua portuguesa encontramos a seguinte definição para o termo Aruanda: “*Céu onde vivem os Orixás e entidades afins*”.

Como as Corporações Orixás são emanções do Todo cósmico, aspectos peculiares da Divindade Una que se manifestam em nosso Universo por sutis vibrações, sendo imanentes e onipresentes aos planos dimensionais do Cosmo e aos seres vivos que neles habitam, logicamente não são consciências individualizadas.

Não habitam nenhum corpo sutil e muito menos incorporam, por serem vibrações manifestadas diretamente do “hálito” de Deus, sendo a imanência e a onipresença “qualidades” particulares do Divino.

Informam-nos os amigos espirituais que Aruanda, uma terminologia comum nos Terreiros, designa a Colônia Espiritual do plano astral superior ligada à Umbanda, plasmada pela Alta Confraria Cósmica que deu origem a esse movimento na Terra, com a permissão direta do governador planetário, o Cristo-Jesus. Objetiva abrigar os Espíritos que têm as tarefas de dirigir a Umbanda, com as formas astrais de Pretos(as) Velhos(as), Caboclos(as) e Crianças.

Assim, existem enormes cidades espirituais, que abrigam os Pretos(as) Velhos(as), e gigantescas tribos de silvícolas que habitam planaltos e montanhas de mata verdejante, entre rios e lagos de riquíssima fauna e flora, inexistentes na Terra. Todas essas coletividades espirituais do Além contam com muita tecnologia que, por enquanto, ainda não nos é permitido conhecer.

(Trechos dos Espíritos de: Ramatis e Babajiananda, com complementações do autor)

“Era uma cidade de flores. Rios e cachoeiras estavam convivendo perfeitamente com as construções singelas, enfeitadas por trepadeiras e flores perfumosas. Era um vale profundo, rodeado de montanhas altaneiras e verdejantes. O ar trazia o perfume de rosas e alfazemas, balsamizando o ambiente espiritual, que estava cintilando com os reflexos de formoso arco-íris, que enfeitava o céu de um azul intenso. Tudo era harmonia. Tudo era belo. As construções pareciam haver sido estruturadas em material semelhante a cristal. E as cachoeiras e rios e lagos pareciam refletir a beleza do Éden. Mas não era o Éden. Crianças de todas as raças corriam pelo vale em alegria indizível. Espíritos operosos pareciam se ocupar com atividades as mais diversas, e caravanas chegavam e partiam em direção à Crosta, levando bálsamo e consolo, lenitivo e esperança”. (Descrição de Aruanda segundo o livro: “Tambores de Angola, de Robson Pinheiro”)

“Aruanda: Colônia extrafísica situada nos planos espirituais elevados, ligada à egrégora da Umbanda e das hostes de luz. Muitos mentores espirituais elevados trabalham sob os auspícios dessa grande Fraternidade do Astral superior”. (Wagner Borges – Progeciologista – <http://www.ippb.org.br>)

“Um Preto-Velho de Aruanda me disse que lá, em Aruanda, não é uma grande senzala como muitos pensam; senzala é aqui na Terra. Aruanda é um grande quilombo espiritual, onde todos que se sentem escravizados encontram a liberdade, o amor e condições necessárias para ter redenção e prosseguir a caminhada, até ser um Espírito livre para também servir na espiritualidade em nome de Jesus”. (Juremas Nogueira)

Tudo o que sabíamos sobre Aruanda eram somente conjecturas, sem maiores informações ou fontes fidedignas, ou seja, em nenhum momento tínhamos ouvido um Guia Espiritual da Umbanda versar sobre essa Colônia Espiritual. Curiosos, perguntamos para a Vó Joana da Bahia, manifestada na fase mediúnica psicomotora inconsciente, e esta nos revelou o seguinte:

“Aruanda, na verdade, não é o Céu dos umbandistas e nem morada mítica dos Orixás, mas sim, uma Colônia Astral, que nada mais é que uma “Congregação de Trabalhos Espirituais”. Existe a algumas centenas de anos, e hoje, os Espíritos militantes no movimento umbandista se encontram, em reuniões, cursos, tarefas, determinações, para trocar experiências e resolver importantes questões ligadas aos trabalhos que são realizados, etc.

É em Aruanda que são traçadas as diretrizes da Umbanda. E um lugar de encontro, de repouso e de estudos voltados às práticas da Umbanda aonde qualquer um que tenha condições vibratórias positivas pode ir.

Aruanda não é somente um local de moradia de todos os Espíritos que militam na Umbanda, mas sim, um ponto de encontro para todos os que estão ligados aos trabalhos espirituais umbandísticos.

Com certeza, Aruanda, acolhe milhares de Espíritos que lá fixam moradia, mas, não são todos que lá residem; vários Espíritos trabalhadores na Umbanda fixam moradas em várias outras Colônias Espirituais espalhadas sobre o orbe terrestre. Atualmente, Aruanda é uma “Congregação de Trabalhos Espirituais” livre e franqueada a qualquer um que tenha interesse na prática e nos estudos da Umbanda.

Aruanda está localizada numa dimensão espiritual, acima de toda a extensão da Serra do Mar, de Santa Catarina ao Espírito Santo. Observem que este pedaço de Mata Atlântica é intocável, um dos únicos ainda conservado”.

Essa Colônia, antes de ser nominada como Aruanda, já era morada de Espíritos de índios que possuíam boas condições de elevação espiritual. Posteriormente começou a ser habitada pelos Espíritos de ex-escravos, que igualmente possuíam elevação moral. Quando do advento da Umbanda, esta Colônia foi rebatizada de Aruanda, que nada mais é, que uma Congregação de Trabalhos Espirituais, em práticas caritativas. Aruanda se divide em onze núcleos: uma Confraria, onde encontram-se Espíritos Superiores, uma Irmandade e nove Aldeias onde encontram-se Espíritos Elevados e Espíritos em franca evolução, por afinidades fluídicas, assim classificadas:

<ul style="list-style-type: none"> • Confraria do Tembetá • Irmandade dos Vigilantes da Lei • Aldeia de Yurupary • Aldeia da Mãe D'Água • Aldeia do Juremá • Aldeia de Humaitá 	<ul style="list-style-type: none"> • Aldeia da Itauçú • Aldeia do Jacutá • Aldeia do Cruzeiro Divino • Aldeia de Iguassú • Aldeia dos Kurumins
--	--

É na “Aruanda – Congregação de Trabalhos Espirituais”, onde se encontram Espíritos iluminados com grande conhecimento e capacidade de manipulação energética, bem como os que estão em franca evolução. São todos os Guias e Protetores Espirituais militantes na Religião de Umbanda.

Dividem-se em:

- 02 (duas) Linhas Mestras de Trabalhos Espirituais (*Mestra: Mestre – Chefe ou iniciador de um movimento cultural*) de Trabalhos Espirituais;
- 02 (duas) Linhas Sublimes de Trabalhos Espirituais (*Excelsa: Muito alto, elevado. Sublime*) de Trabalhos Espirituais;
- 04 (quatro) Linhas Auxiliares de Trabalhos Espirituais (*Auxiliar: Que auxilia, que presta ajuda; ajudante*) de Trabalhos Espirituais;
- 01 (uma) Linha Secundária de Trabalhos Espirituais (*Secundária: “Que, ou o que é de segunda ordem; que ocupa o segundo lugar em ordem, graduação ou qualidade relativamente a outrem ou outro: desempenhar papel secundário na peça”*);
- 01 (uma) Fraternidade de Trabalhos Espirituais;
- 02 (duas) Correntes de Trabalhos Espirituais; e,
- 02 (duas) Irmandades de Trabalhos Espirituais.

As 02 (duas) Falanges de Trabalhos Espirituais dos Tarefaíros da Umbanda, localizam-se em outra esfera, denominadas de: “Fortaleza”.

Existe uma discussão muito grande entre os Espíritas estudiosos dos ensinamentos de Kardec, se existe ou não as tais “Colônias Espirituais”.

(...) “As chamadas “colônias espirituais” são de existência questionável: Há uma grande falha em nosso movimento espírita ao admitir que ficamos quase enclausurados em “colônias espirituais”, a receber conselhos de Espíritos, como se aí estivéssemos encarnados, como naquelas imagens de DORÉ sobre a Divina Comédia de Dante... Até um tal “vale dos suicidas” é creditado como verdadeira Doutrina dos Espíritos!... Contudo, nas obras de Kardec não há a menor referência nem às colônias espirituais nem ao vale dos suicidas. Seria uma omissão imperdoável da Espiritualidade Superior! Acreditamos em que, ao desencarnarmos, a nova vida é eminentemente espiritual, nada de mundos especiais, “cópias aperfeiçoadas dos objetos da Terra”, como dizem alguns confrades. O mundo da erraticidade é um mundo de reflexão em que nos preparamos para uma nova encarnação, mas essa preparação não tem nada de material” (...). (<http://www.espirito.org.br/portal/artigos/iso-jorge/erraticidade.html>)

Encontramos uma informação sobre o assunto, na Revista Espírita de Setembro/1859, no título:

CONFISSÕES DE VOLTAIRE

(nota do autor: aqui, diz Kardec) Um nosso correspondente de Boulogne nos dirige a comunicação que segue, muito instrutiva do ponto de vista espírita, inclusive com algumas reflexões pessoais que mereciam ser incluídas. (...)

(...) *“Eu entrei no mundo dos Espíritos incrédulo e inseguro. Não me compreendi como Espírito que tivesse abandonado seu corpo mortal! Não havia ninguém com quem conversar porque eu havia negado a imortalidade a todos; por isso, não havia repouso: eu fiquei vagando sempre, sempre desnorteado.*

No início, fui levado para longe das habitações dos Espíritos e fiquei percorrendo o espaço enorme. Pouco depois, pude conhecer as maravilhosas construções das moradas espíritas e as admirei; fui obrigado por uma força invencível a ver e observar tudo, até minha alma se extasiar com tantos esplendores e ser derrotada frente ao poder que controla essas maravilhas. No fim, tentei me esconder dentro das rochas e cavernas, mas não consegui. (...)

Como as Colônias Espirituais podem ser questionáveis, se o comunicado de Voltaire, com anuência de Kardec, diz: *“pude conhecer as maravilhosas construções das moradas espíritas e as admirei”*. Só com essa informação, podemos concluir que os Espíritos não vivem somente na erraticidade, mas, habitam moradas maravilhosas.

Inclusive Voltaire diz: *“fui obrigado por uma força invencível a ver e observar tudo, até minha alma se extasiar com tantos esplendores e ser derrotada frente ao poder que controla essas maravilhas”*. Se ficou extasiado com as maravilhas vistas, podemos concluir também que as edificações, a natureza local, bem como a organização desses locais são esplendorosos.

Portanto, a existência das Colônias Espirituais é fato. Concordamos que alguns relatos descritos por vidências, “incorporações” ou mesmo psicografias, podem ter a influência anímica do medianeiro, ou mesmo excentricidades por parte dos Espíritos comunicadores que podem descrever de forma lírica, e, portanto, ter alguns ou muitos exageros, que ferem a razão e o bom senso. Só temos que tomar cuidados ao julgar, pois, nenhum Espírito, ainda, veio até nós, descrever com precisão e certeza, como é a vida no mundo espiritual; se assim agem, tem suas sérias razões de ser.

Não é somente pelo fato de que os Espíritos nas obras de Kardec não fazerem a menor referência a existência de Colônias Espirituais que essas deixem de existir. Se muitos espíritas e kardecistas não creem na existência de mundos espirituais dimensionais habitados, e só creem que depois de desencarnados irão viver na erraticidade (*Erraticidade é o nome que espíritas usam para indicar o tempo que o Espírito, terminada uma experiência encarnatória, aguarda para reencarnar-se de novo. Significa período de tempo entre uma existência que terminou e outra que se estará iniciando. Não se refere a lugar, mas a tempo. Seria a “fila da reencarnação”*), num mundo de reflexão, esperando e se preparando para uma nova encarnação, é ideia deles somente. Se creem viver, após desencarnados, mergulhados em suas consciências, em estados de errantes, vagueando sem residência fixa, assim vai ser para eles. Mas, é um pensamento particular, de uma pequena comunidade planetária, que, não reflete a verdade absoluta, mas simplesmente uma verdade relativa, verdade essa, faccionária.

Creemos e temos como regra, o que Siddhartha Gautama (Buddha) disse:

“Não devemos crer em algo meramente porque seja dito.

Nem em tradições só porque elas vêm sendo transmitidas desde a antiguidade.

Nem em rumores e em textos de filósofos porque foram esses que os escreveram.

Nem em ilusões supostamente inspiradas em nós por um Devo (ou seja: através de inspiração espiritual).

Nem em ilações obtidas de alguma suposição vaga e casual.

Nem porque pareça ser uma necessidade análoga.

Nem devemos crer na mera autoridade de nossos instrutores ou mestres.

Entretanto, devemos crer quando o texto, a doutrina ou os aforismos forem corroborados pela nossa própria razão e consciência.

Por isso vos ensinei a não credes meramente porque ouvistes falar. Mas quando houverdes acreditado de vossa própria consciência, então, deveis agir de conformidade e intensamente”.

Antes de discorrermos sobre as Cidades Espirituais, Aruanda e seus habitantes, vamos disponibilizar um texto do Espírito de Ramatis e outro do Espírito de Atanagildo, que cremos serem de suma importância, pois nos esclarece sobre o Perispírito (também conhecido como Corpo Astral), que, no caso, é o invólucro do nosso Espírito propriamente dito. Com esses

esclarecimentos poderemos entender como “ficamos” após desencarnarmos, bem como entendermos a vida dos Espíritos nas Colônias Espirituais, com suas aparências, vivências, moradias, etc. Ramatis e Atanagildo igualmente nos esclarecerão sobre outros assuntos que achamos importantes:

ELUCIDAÇÕES SOBRE O PERISPÍRITO

- **PERGUNTA:** - Por que em obras anteriores de vossa autoria espiritual e de outros Espíritos credenciados, o Perispírito é definido como um elemento complexo, de estrutura fisiológica, sistemas e órgãos idênticos aos do corpo físico, quando Allan Kardec, no “Livro dos Espíritos”, o identifica na forma de um corpo vaporoso?

Nota do Médiun: Realmente, Allan Kardec, à página 84, pergunta 93 e capítulo I, “Espíritos” com o subtítulo “Perispírito”, da obra “Livro dos Espíritos”, só menciona o seguinte; “Envolve-o (o Espírito) uma substância, vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; assaz vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira”. É certo que no capto “Manifestação dos Espíritos”, no tema “o Perispírito, princípio das manifestações”, da obra “Obras Póstumas”, Kardec estende-se um pouco mais sobre o assunto, mas sem as minúcias e a complexidade da verdadeira natureza do Perispírito, conforme já o descrevem os esoteristas, rosa-cruzes, teosofistas e iogues.

RAMATÍS: - Há cem anos, quando Allan Kardec codificou o Espiritismo, ele não podia fazer outra descrição do Perispírito. Os Espíritos mentores assim lhe notificaram, porque além de sua doutrina ser endereçada principalmente à massa comum, isso ocorria numa época de pouco conhecimento esotérico. Hoje, no entanto, é possível ao homem comum receber instruções sobre a verdadeira contextura do Perispírito, porque ele já está familiarizado com as energias do mundo invisível reveladas pela Ciência terrena, como raios X, ultravioleta, infravermelho, radioatividade, desintegração nuclear, ultrassons, eletricidade, magnetismo, elétrons. Atualmente, já não se põe em dúvida a possibilidade de a matéria transformar-se em energia, nem da existência da fauna microbiana também invisível à vista carnal. Igualmente, também já se admite que muitas doenças tanto vêm do corpo como resultam dos desequilíbrios psíquicos, que a Medicina classifica como enfermidades neurogênicas.

Em sua época, Allan Kardec dirigia-se principalmente aos “não iniciados” no estudo esotérico, que ignoravam os conhecimentos secretos do mundo oculto e da vida espiritual, tais como a Reencarnação, a Lei do Carma e a comunicação entre os “vivos” e os “mortos”.

Estas revelações esotéricas da Doutrina Espírita já sofriam ataques furibundos do Clero Católico e despertavam sarcasmos acadêmicos ortodoxos. Sem dúvida, ele e os Espíritos seriam imprudentes se tentassem popularizar todas as particularidades e minúcias anatomofisiológicas do Perispírito, assunto demasiadamente avançado para uma época de excessiva ignorância. Kardec teria de enfrentar a dúvida agressiva dos cientistas “são tomés” e dos adversários religiosos dogmáticos; e isto estremeceria as raízes ainda frágeis do Espiritismo.

Eis por que os Espíritos mentores de Kardec não o incentivaram a empreender estudos e pesquisas mais profundos, quanto à verdadeira natureza do Perispírito, limitando-se a classificá-lo como um corpo fluídico, simples e vaporoso. E assim, satisfazia às conjecturas da capacidade mental e do entendimento espiritual primário dos adeptos e dos profanos. Mais tarde, ele então o identifica melhor, dizendo ser “um corpo fluídico, cuja substância é tomada do fluido universal, ou fluido cósmico, que o constitui e o alimenta, como o ar forma e alimenta o corpo material do homem. O Perispírito é mais ou menos etéreo, segundo os mundos e o grau de adiantamento dos Espíritos; é um órgão transmissor de todas as sensações” etc.

Vide “Obras Póstumas”, páginas: 8 e 15.

- **PERGUNTA:** - Considerando o Perispírito como um “corpo vaporoso”, conforme explica o “Livro dos Espíritos”, qual é a natureza intrínseca do Espírito, isto é, a entidade que o comanda e governa?

RAMATÍS: - Explica o próprio Allan Kardec, em suas obras, o seguinte: “A Vida dos Espíritos é a espiritual, que é eterna; a corpórea é transitória e passageira, verdadeiro minuto na eternidade”. O Espírito, portanto, é a entidade imortal, e sem forma de homem; enquanto o Perispírito é o seu invólucro, ou seja, o seu corpo etéreo estruturado também com os fluidos mentais e astrais que o envolvem e dão-lhe a configuração humana.

No dizer de Kardec, o Espírito é a “chama, a centelha ou o clarão etéreo”, espécie de luz material, que se justapõe ou conjuga ao Perispírito a fim de lhe ser possível baixar e ajustar-se a um mundo planetário sob a configuração de um corpo físico ou humano.

É evidente que se o Espírito é sem forma e assemelha-se a um clarão, centelha ou chama imortal, sendo o núcleo real da vida do homem, ele precisa de corpos ou elos intermediários que lhe facultem descer vibratoriamente até poder manifestar-se mediante o corpo carnal, na Terra.

Esses corpos mediadores plásticos, que estabelecem a interligação do mundo espiritual com a matéria, são constituídos com a essência ou substância do plano físico em que o Espírito tem de ingressar. Assim, o Perispírito que, há cem anos, Kardec descreveu como um “corpo vaporoso”, no intuito de evitar discussões que prejudicariam a Doutrina Espírita ainda no início de sua codificação, hoje já pode ser estudado em seus verdadeiros aspectos e detalhes, abrangendo a sua estrutura fisiológica ou orgânica.

Sabeis que não existem distâncias “métricas” entre o reino do Espírito eterno e o mundo material, pois essa pretensa separação é apenas a diferença dos estados vibratórios de cada plano, entre si. Mesmo nesse instante em que vos ditamos estas palavras, viveis simultaneamente no mundo espiritual, mas ligados a um organismo carnal. Não é preciso ocorrer a vossa morte corporal, para sobreviverdes em Espírito, pois na realidade sois sempre Espírito imortal, embora encarnado ou sujeito a um corpo físico mediante o elo do Perispírito, a fim de, em caráter transitório, poderdes viver subordinados às limitações do mundo terráqueo.

É óbvio que o Espírito, em face de sua natureza superior e vibração sutilíssima, para “encarnar-se” na carne, ele precisa servir-se de veículos intermediários. Assim como o raio do Sol não pode mover um vaso de barro, o Espírito, pela sua natureza material também não seria capaz de movimentar diretamente um corpo físico. Em resumo: entre o Espírito e o corpo carnal existe um “espaço” ou “distância vibratória”, que precisa ser preenchido pelos corpos, veículos ou elos confeccionados da mesma substância de cada plano intermediário.

Considerando-se que o Perispírito é justamente o equipo ou o conjunto de outros corpos imponderáveis e reais, que preenchem esse intervalo vibratório, é evidente, então, que não pode ser um “corpo vaporoso”, qual uma nuvem sem pouso certo no Espaço.

- **PERGUNTA: - Poderíeis dar-nos algumas elucidações mais amplas, desse conjunto ou equipo perispíritual, que também é formado por outros veículos ou corpos imponderáveis?**

RAMATÍS: - Atendendo aos objetivos desta obra, em particularizar os diversos aspectos da mediunidade sob o patrocínio do Espiritismo, faremos algumas observações gerais sobre o Perispírito, mas sem nos estendermos às minúcias facilmente encontradas nas obras dos rosa-cruzes, teosofistas ou iogues. Cabe-nos, realmente, despertar o interesse dos espíritas estudiosos para a verdadeira natureza anatomofisiológica do Perispírito e auxiliarmos os médiuns a lograrem mais êxito nos seus trabalhos mediúnicos, adquirindo maiores conhecimentos sobre a verdadeira vida do Espírito Imortal.

Através da escolástica hindu, sabe-se que o Universo é setenário, isto é, todas as manifestações mais importantes da Vida Cósmica e planetária são disciplinadas ou regidas por um padrão vibratório diretor, que é o número sete. Entre essas manifestações setenárias, destacamos, principalmente, as seguintes: são sete as cores fundamentais do espectro solar e da cromática do mundo material; sete, as principais notas da música terrena; sete, os dias da semana e cada período lunar. Há sete pecados capitais e sete virtudes principais, sete planetas e sete esferas ocultas que se agrupam em tomo da Terra, pois o Espírito do homem só se libera depois que atinge o sétimo céu. Foram sete os sábios da Grécia e as maravilhas do mundo; são sete os sentidos físicos das raças humanas no fim do seu ciclo planetário de educação física; também são sete as raças-mães de cada orbe e já vos encontráreis na quinta raça-mãe. Jacob, em sonhos, viu os anjos subindo e descendo os sete degraus da escada evolutiva espiritual, enquanto o Apocalipse de João é pródigo em “sete selos, sete anjos, sete céus e sete castiçais”.

Em diversas atividades do homem, que dizem respeito aos momentos mais importantes da vida, observa-se ainda o padrão setenário regendo-lhe as manifestações e responsabilidades: a criança é considerada inocente até os sete anos, idade em que o Espírito integra-se definitivamente no corpo físico; a puberdade no menino ou na menina chega aos quatorze anos, isto é, duas vezes sete, época na qual solidifica-se no homem o corpo astral da emoção ou dos desejos; a maioridade ou emancipação só se faz aos vinte e um anos ou três vezes sete, quando o homem já tem “juízo”, pois, realmente, em tal fase fica de posse consciente do corpo mental, passando a raciocinar dali por diante sob sua inteira responsabilidade espiritual.

Ensina-nos a Ciência Transcendental que o Duplo Etérico possui sete chacras ou centros de forças etéricas, os quais correspondem às sete regiões principais do Corpo Físico e do Perispírito do homem; o prâna ou vitalidade que alimenta esses chacras também é uma síntese de sete cores, que atestam um tipo de vibração ou variedade de cada zona corporal humana. Aliás, o próprio prâna está colocado entre os sete elementos, que correspondem às sete regiões, ou sete invólucros do Universo ou de Brama, como dizem os orientais, a saber: Prâna, a Vitalidade, Manas, o princípio inteligente ou a Mente; o Éter, o Vogo, o Ar, a Água e a Terra.

(Nota do Revisor: Aliás, “Gênesis” explica que Deus acabou o mundo no sexto dia e no sétimo descansou da obra que fizera (Gênesis, 2:1, 2 e 3)).

Eis por que as filosofias e doutrinas espiritualistas da Terra, em sua essência, tratam da revelação cosmogônica pela mesma ordem setenária, embora às vezes variem, entre si, nas suas denominações peculiares e especulações filosóficas, conforme seja a índole, o temperamento e as tradições de cada povo.

Assim, por exemplo, os Rosa-Cruzes referem-se a sete divisões com relação ao homem, na seguinte forma: o mundo de Deus, o dos Espíritos Virginais, o do Espírito Divino, o do Espírito da Vida, o do Pensamento, o dos Desejos e o da Matéria. Embora se verifique aparente diferença com a mesma enunciação feita pela loga, na intimidade espiritual ambos concordam, malgrado a última assim especifique a sua definição setenária: Espírito, Mente Espiritual, Intelecto, Mente Instintiva, Prâna ou Força Vital, Corpo Astral e Corpo Físico". (*Nota do Revisor: Para os leitores mais interessados nesse assunto, recomendamos as seguintes obras, que lhes proporcionarão excelentes ensinamentos sobre os fundamentos principais do Espírito Imortal, as quais assim se denominam: "Quatorze Lições de Filosofia Yoga", "O Curso Adiantado da Filosofia Yoga", "Raja Yoga" e "Gnani Yoga", de Yogi Ramacharaka. Vide ainda, "Karma Yoga", de Vivekananda, obras editadas pelo "Círculo Esotérico do Pensamento"*)

No entanto, para melhor entendimento e facilidade de estudo, achamos melhor reduzir essa enunciação setenária tão tradicional e familiar no Oriente, para uma concepção mínima de "quatro divisões", ficando assim esquematizada: "Espírito, Perispírito, Duplo Etérico e Corpo Físico": Deste modo, o Perispírito, no estudo espiritista, é o equipo que abrange, no seu conjunto, a mente espiritual, o intelecto, a mente instintiva, o Prâna e o corpo astral da especificação loga, em correspondência, também, com o mundo do Espírito Virginal, do Espírito Divino, do Espírito da Vida, do Pensamento e dos Desejos da Rosa- Cruz (*Vide "Quadro Demonstrativo dos Sete Mundos", da obra "Mensagens do Astral", de Ramatís, principalmente a subdivisão região etérica, do "Mundo Físico", páginas 265 e 266, Segunda edição. Vide capítulo "Noções sobre o Perispírito e suas delicadas Funções", da obra "A Sobrevivência do Espírito", parte ditada pelo Espírito de Atanagildo*). São esses corpos ou elementos intermediários da atividade espiritual que, grupados num só conjunto, constituem o Perispírito, o qual, então, preenche os planos intermediários e serve de elo para o Espírito pôr-se em contato com a matéria. É a ponte de ligação entre o reino espiritual e o mundo físico, sem necessidade de esmiuçá-la com especificações e subdivisões que lhe destaquem o corpo mental, vital, espiritual ou astral, tão ao gosto dos orientais. Para os espíritas é suficiente enfeixar todas essas "subdivisões" e "veículos" intermediários, da filosofia Oriental, num só corpo ou equipo, qual seja o Perispírito.

O Perispírito não é, pois, um "corpo vaporoso", conforme a enunciação kardecista, mas um equipo complexo e capaz de atender as mais variadas atividades e desejos do Espírito imortal. Considerando-se que a Doutrina Espírita é movimento de natureza popular, destinado a todos os "não iniciados" nas particularidades do mundo oculto, o Alto então aconselha que seja resumido o estudo do Perispírito, tanto quanto possível, evitando-se a saturação mental que perturba os adeptos e médiuns ainda imaturos em tal assunto. Eis por que preferimos especificar esse estudo do seguinte modo: Espírito, a centelha ou a Luz Imortal sem forma; o Perispírito, abrange o corpo mental que serve para pensar; o corpo astral, que manifesta a emoção, os desejos, os sentimentos; o Duplo Etérico, com o sistema de "chacras" ou centros de forças etéricas (isto é, o corpo transitório de éter físico e situado entre o Perispírito e o corpo físico, o qual se dissolve depois da morte do homem); e finalmente, o Corpo Físico, como a derradeira peça a ligar o Espírito imortal ao mundo material.

Assim, pelo simples fato de o Perispírito abranger o corpo mental que é a fonte do pensamento e o corpo astral, que dá vida aos desejos, sentimentos e emoções humanas, ele já se revela um instrumento inconfundível e de assombrosa complexidade, e não o "corpo vaporoso" citado na codificação kardecista por força da época. Ele é, realmente, a "ponte viva", para o Espírito alcançar a matéria e atuá-la de modo a impor suas ideias e os seus desejos. No Universo não existem fantasias nem milagres, mas tudo obedece a um processo de Ciência Cósmica regido por leis invariáveis, que regem o aperfeiçoamento das coisas e dos seres. É óbvio, pois, que a operação de "pensar", "desejar" ou "sentir" do Espírito, exige sistemas, órgãos e mecanismos adequados na textura do Perispírito, em vez dele ser um corpo vaporoso semelhante à fumaça.

É sabido que as poses ou estados emotivos do homem produzem em seu corpo determinadas reações psicofisiológicas que interferem com o sistema nervoso cérebro espinhal, endócrino, linfático, sanguíneo, ósseo, muscular e outros fenômenos específicos. Portanto, muito mais importante do que o corpo de carne é a estrutura anatomofisiológica do Perispírito, que é a sua matriz original e organismo "preexistente" ao nascimento e sobrevivente à morte física.

- **PERGUNTA: - E por que os doutrinadores e líderes espíritas não explicam aos adeptos do Espiritismo a realidade exata do Perispírito, pois, em geral, eles limitam-se a citar só aquilo que "Kardec enunciou"?**

RAMATÍS: - Evidentemente, isso é uma questão de simpatia ou culpa da excessiva ortodoxia ainda dominante no seio da doutrina espírita, pois o próprio Allan Kardec foi muitíssimo claro ao enunciar o seu pensamento de que "o Espiritismo deve incorporar em sua doutrina tudo aquilo que depois de passar pelo crivo da razão e resistir à pesquisa científica, seja útil e benéfico ao homem". Não há desdouro nenhum para os espíritas operarem além da linha kardecista, em busca de novos conhecimentos sobre o acervo espiritualista, que já serviu para alicerçar movimentos e doutrinas tradicionais como a Rosa-Cruz, a Teosofia, o Esoterismo e a loga.

Aliás, as noções, os aspectos e os estudos que vos parecem inéditos sobre a anatomia e fisiologia do Perispírito não constituem novidade, pois trata-se de matéria e ensinamentos conhecidos há muitos séculos por todas as escolas iniciáticas do mundo.

É de senso comum que os mais avançados conhecimentos secretos acerca da imortalidade da alma sempre provieram do Oriente, e, principalmente, da Índia. Portanto, será ridículo e até censurável que o espiritualista ocidental despreze o acervo benfeitor dessa fonte de verdadeira Sabedoria Espiritual.

Os Vedas, há 4.000 anos (*Nota do Revisor: Vide os “Hinos dos Rig-Veda”, o “Bhagavad Gita” e o “Dhammapada”, o poema “Ramayana”, em que o leitor, mesmo de pouco treino no simbolismo hindu, verifica que tais obras disfarçam os conhecimentos iniciáticos mais importantes do Espírito, abrangendo a interligação do corpo mental, o corpo astral e o duplo etérico com os chacras*), já ensinavam as minúcias do corpo mental, corpo astral e o duplo etérico com o sistema de “chacras”, enquanto Hermes Trismegisto, o iniciado do Egito, já o fazia à luz dos templos de Rá.

Coube a Kardec popularizar, no limiar do Século XX, certa parte menos profunda desses conhecimentos espirituais, despertando o cidadão terreno ainda negligente para com a sua própria vida imortal. No entanto, se o Espiritismo significa a “porta aberta” para a revelação espiritual, cabe ao discípulo penetrar no Templo e desvendar os mistérios de sua própria imortalidade, assim como conhecer a Fonte onde os Espíritos firmaram seus conceitos para a codificação espírita. O adepto que permanecer estático e obstinado, preso à ortodoxia da tradição kardecista, desinteressando-se dos conhecimentos milenários da vida do Espírito imortal, demonstra não compreender que o Espiritismo é essencialmente uma doutrina de amplitude evolutiva e não um conjunto de postulados em discussões sobre o que Allan Kardec “disse” ou “não disse”.

- **PERGUNTA: - Porventura deveríamos encetar novamente o velho curso tradicional dos Templos iniciáticos do passado a fim de penetrarmos a doutrina dos ensinamentos superiores, em que Kardec e os Espíritos se basearam como fundamento do Espiritismo?**

RAMATÍS: - Já dissemos, alhures, que a vida dinâmica do homem do século XX, obriga-o a “iniciar-se” à luz do dia, no próprio ambiente social desde a manhã até a hora de cerrar os olhos para o descanso, à noite. O Mestre moderno já não usa mais a barba e os cabelos compridos como os antigos patriarcas, pois cairia no ridículo. Conforme diz certo brocardo hindu, *“o Mestre aparece assim que o discípulo está pronto”* para os “testes” de sua iniciação espiritual, que o põem em prova ante o insulto do policial mal-humorado, do esbarrão do brutamontes, do egoísta ao furar a fila do ônibus, do palavrão do bêbedo obsceno, da especulação do mau negociante, da irritação do chofer do ônibus ou da avareza do ricoço.

O homem, assim, gradua-se, pouco a pouco, no experimento cotidiano da própria vida sem precisar de rituais, compromissos e juramentos dos templos iniciáticos de outrora. Após tantas peripécias na vida terrena, enfrentando as vicissitudes e ingratidões próprias do mundo de efervescência tão primária, batido e massacrado pelas provas severas do sentimento em purificação, o homem é submetido à arguição do Evangelho de Jesus, a fim de se verificar a média do seu exame final nessa iniciação espiritual, em cada reencarnação. Antigamente os discípulos, firmados nos rituais dos templos iniciáticos, preparavam-se para, depois, viver no mundo como o atleta disposto a conquistar a vitória de si mesmo no campeonato da existência humana. Hoje, no ambiente da vida profana ele enfrenta os problemas que lhe excitam e graduem o Espírito nas relações comuns com os seus companheiros de jornada física.

- **PERGUNTA: - É certo que os velhos mestres da tradição iniciática não endossam a codificação espírita, porque Allan Kardec expôs demasiadamente, em público, os mistérios do Ocultismo?**

RAMATÍS: - Allan Kardec foi um dos mais avançados mestres de iniciação esotérica do passado, bastante familiarizado com a atmosfera dos templos egípcios, caldeus e hindus.

E inúmeros iniciados que desenvolveram suas energias psíquicas e despertaram seus poderes espirituais nos ambientes dos antigos templos iniciáticos, também estão agora encarnados na Terra e cooperam valiosamente na seara espírita. Pouco a pouco, eles revelam os conhecimentos ocultos, que Allan Kardec teve de velar em sua época por falta de um clima psicológico adequado e favorável aos ensinamentos esotéricos, em público.

Esses iniciados, com o auxílio da própria ciência profana, extirpam gradualmente da prática mediúnica muito compungimento lacrimoso e religioso, que não se coaduna com o Espírito científico, lógico e sensato dos postulados espíritas, cada vez mais avançados.

O Espiritismo simplificou os ensinamentos complexos do Oriente, como a Reencarnação e a Lei do Carma, expondo-os de modo conciso e fácil, sem as sutilezas iniciáticas, os simbolismos complexos e as grafias sibilinas do sânscrito, graduando-os de acordo com a capacidade mental dos seus adeptos ainda imaturos para uma didática muito esotérica.

Porém descansem os espíritas demasiadamente ortodoxos e temerosos de qualquer “confusão doutrinária”, no seio do Espiritismo, só porque venham a examinar os ensinamentos e os conhecimentos de outros movimentos espiritualistas.

Mesmo porque a revelação do verdadeiro mecanismo da Vida do Espírito Imortal não se fará de modo instantâneo e miraculoso. Isso se processará através do estudo, de pesquisa e da busca incessante por parte do discípulo liberto de qualquer condicionamento sectarista.

A cômoda atitude do espírita ignorar propositadamente qualquer assunto que não se relacione com a sua doutrina, em geral, é mais fruto da preguiça mental do que mesmo receio de confusão doutrinária.

Aliás, a confusão não está nas coisas que investigamos. Ela está em nós mesmos, pois só o homem realmente confuso tem medo de conhecer outros movimentos esotéricos, cujos princípios doutrinários apoiam-se também nos fundamentos em que assentam os postulados do Espiritismo. Tal receio resultará num estacionamento mental obstinado, que não livrará o discípulo de enfrentar essa tarefa nesta ou noutra existência terrena.

A Terra é escola de educação espiritual primária que só libera os seus alunos depois que eles forem aprovados em todas as matérias nela existentes. Os espíritas sabem que não há “graça” nem privilégios extemporâneos na senda da evolução espiritual; por isso, quando o discípulo desperta para a realidade da vida imortal, ele encontra-se diante de um problema capital de sua existência, porquanto, ao mesmo tempo, entram em conflito, na sua consciência, os instintos primários do animal e a súplica do anjo para que ele prefira lutar para subir ao paraíso. É o momento cruciante que os hindus definem como o adepto caminhando sobre o “fio da navalha”, porque, realmente, ele encontra-se angustiado e indeciso entre o “céu e o inferno”, pois tem de desintegrar a personalidade do “homem velho”, dando ensejo ao nascimento do “homem novo” do padrão angélico enunciado por Paulo de Tarso. *(Nota do Revisor: Diz o brocardo hindu: “Difícil é andar sobre o aguçado fio de uma navalha; e árduo, dizem os sábios, é o caminho da Salvação”. Para o leitor estudioso, recomendamos a obra “O Fio da Navalha”, de W. Somerset Maugham, romance que expõe de modo compreensível inúmeros ensinamentos e admiráveis atitudes do discípulo oriental)*

Depois que o homem encerra a sua iniciação espiritual na Terra, aprendendo todo o alfabeto das matérias primárias que lhe testam o coração e lhe desenvolvem o intelecto, então será promovido para o mais próximo “ginásio planetário”. Não é justo que os alunos reprovados no curso primário terreno, antes de haverem assimilado integralmente os seus ensinamentos de menor envergadura espiritual, devam ingressar num curso superior.

- **PERGUNTA: - Assim que reformarmos as leis da Terra, os alunos também alcançarão melhor graduação espiritual, não é assim?**

RAMATÍS: - Querer reformar o cenário da Terra sem, antes, cristianizar o homem, e seu habitante, é como tentar endireitar a sombra de uma vara torta sem primeiro, endireitar a vara. O ambiente moral e social da Terra é a projeção coletiva ou a média espiritual de cada um dos seus cidadãos de “curso primário”. Assim que tais alunos completarem o seu curso de alfabetização espiritual e merecerem sua transferência para outros orbes de melhor graduação sideral, nova leva de “analfabetos” baixa do mundo Invisível, para substituir os que forem promovidos.

As modificações fundamentais do ambiente da Terra dependem essencialmente de melhorar o padrão espiritual dos seus habitantes, pois, os alunos analfabetos não se mostrarão mais inteligentes só porque pintam as paredes do grupo escolar. A simples providência de se vestir o selvagem com fraque e cartola não o torna um fidalgo capaz de habitar luxuoso hotel.

Os Espíritos alfabetizam-se participando do drama evolutivo no velho cenário terreno em que a vida é um acontecimento importante; mas, na realidade, as cenas e os fatos se repetem, como já acontece há séculos, sob outras vestes e costumes, pois as ligações são semelhantes. Lembra o que acontece com as escolas primárias modernas, em que apesar de se providenciar melhor ambiente, mais luz, higiene e adotar-se métodos pedagógicos eficientes, os alunos têm sempre de começar pelo abc.

O pior é que já escasseia o prazo para os alunos terrenos reprovados na atualidade, ou necessitados de uma “segunda época”, pois o Alto já decretou a promoção do educandário terreno para a escola ginasial, restando aos rebeldes, preguiçosos, tardios e relapsos o recurso de serem transferidos para outra escola primária, talvez em condições educativas mais precárias.

Mas o Espiritismo muito fará para esclarecer o terrícola nesta “hora profética”, cumprindo-lhe, então, popularizar os ensinamentos ocultos já manuseados por outros movimentos espiritualistas, pois a codificação espírita, em verdade, ainda não terminou; aliás, prossegue incessantemente regida pela mente espiritual do próprio Allan Kardec.

- **PERGUNTA: - No entanto, quanto aos ensinamentos espiritualistas dos povos egípcios, caldeus, essênios, hindus e outros, o homem de hoje, em face do atual progresso científico já está em condições de aprender os conhecimentos esotéricos de modo claro, sem qualquer simbologia exterior. Não é assim?**

RAMATÍS: - Sob a responsabilidade dos Espíritos superiores, a literatura espírita tem por objetivo essencial conduzir o terrícola à sua mais breve angelitude. Os termos e as definições ocultistas, muito familiares aos orientais, realmente parecem excêntricas ou exóticas para o ocidental demasiadamente apegado às provas materiais.

Porém, sob a inspiração do Alto, o Espiritismo já atualiza os ensinamentos milenários do Oriente, assim como também os comprova à luz dos laboratórios da ciência profana, expondo à compreensão do homem comum aquilo que antigamente só era conhecido dos velhos iniciados templários (*Nota do Revisor: Ramatís tem razão, pois a literatura espírita e mediúnica já amplia as suas demarcações doutrinárias sob o contato e pesquisa dos outros movimentos espiritualistas, mas sem abalar os seus fundamentos morais. Aliás, já consignamos em alguns rodapés de obras anteriores, trechos de mensagens do Além, que corroboram perfeitamente esse recente cometimento espírita. A obra "Entre a Terra e o Céu", páginas 126 a 129, de André Luiz, através de Chico Xavier, aborda o assunto milenário dos "chacras" ou centros de força do duplo etérico, explicando-os mesmo sob a nomenclatura hindu, como o chacra coronário considerado o "lótus de mil pétalas". E expõe longa dissertação sobre a fisiologia do Perispírito nos moldes da fisiologia oriental; enquanto Emmanuel, no capitulo "Perispírito", da obra "Roteiro", diz: "O Perispírito não é um corpo de vaga neblina e sim organização viva a que se amoldam as células materiais". Vide as obras: "Roteiro", de Emmanuel; "Evolução Em Dois Mundos", de André Luiz, principalmente os capítulos "Corpo Espiritual", "Metabolismo do Corpo e da Alma"; e também os capítulos IV, V, X, XI e XV da obra "Mecanismos da Mediunidade"; capítulo "Mentalismo", de Miguel Couto, inserto na obra "Falando à Terra". Todas editadas pela Livraria da Federação Espírita Brasileira*). Os ensinamentos da Vida Espiritual, quando são demasiadamente complexos ou avançados, transbordam da mente comum e perturbam o homem imaturo, podendo torná-lo num místico exagerado, ou num ateu irredutível.

- **PERGUNTA:** - Mas é evidente que muitos homens de cultura e vários cientistas de renome universal têm divulgado um Espiritismo de aspecto salutar, escoimado de superstições e de misticismos dispensáveis. Porventura o trabalho benéfico desses homens não correspondeu aos objetivos doutrinários e aos esclarecimentos técnicos da codificação espírita?

RAMATÍS: - Sem dúvida, trata-se de um trabalho de verdadeira contribuição doutrinária, com intuito de impedir excessos da imaginação, práticas esdrúxulas e supersticiosas no seio do Espiritismo, merecendo, pois, todo o apoio e a atenção do Alto.

Realmente, esses homens são Espíritos que renasceram na Terra com a finalidade precípua de cooperar na obra de Kardec e livrá-la da superstição, do misticismo tolo e das práticas mediúnicas excêntricas, tornando-a um movimento austero e capaz de impressionar a própria ciência profana.

Foi um serviço digno e proveitoso que prestaram ao Espiritismo homens talentosos como Gabriel Delanne, Aksakoff, Léon Denis, William Crookes, Myers, Oliver Lodge, Stainton Moses, Du Prel, e, no Brasil, Guillon, Cairbar Schutel, Sayão, Bitencourt Sampaio, Bezerra de Menezes, Cirne, Inacio Bitencourt e outros, ainda "vivos", que empenham seus esforços na divulgação sadia e proveitosa da doutrina espírita. Graças a tais homens inteligentes e corajosos, o Espiritismo pulverizou as investidas capciosas do Clero fanático e impôs-se respeitosamente, sobrepondo-se aos sarcasmos acadêmicos dos intelectuais envaidecidos.

Enquanto Kardec organizou a alma do Espiritismo, os seus discípulos laboriosos têm cuidado da estrutura anatomofisiológica do seu corpo doutrinário e das suas relações com o mundo profano. Eles têm comprovado o Espiritismo pelos experimentos objetivos da Ciência, esclarecendo-o à luz da Filosofia e da Psicologia humanas, sem possibilidade de seus adversários contestarem a lógica das suas afirmações sobre a vida imortal.

- **PERGUNTA:** - Qual seria uma suposição ou conjectura, que nos convencesse quanto à existência do Perispírito?

RAMATÍS: - Evidentemente, sem o Perispírito não existiria o homem ou o indivíduo, porquanto o Espírito, a Chama Imortal do ser, na verdade, é a essência do próprio Deus a formar o pano de fundo da consciência humana. Jesus foi bastante claro quando anunciou: "Eu e meu Pai somos um", "Vós sois deuses", o "Reino de Deus está no homem"; E o Gênesis explica que o "homem foi feito à imagem de Deus"!

- **PERGUNTA:** - Poderíeis dar-nos algumas noções do Perispírito, quanto ao fato dele ser constituído por outras partes ou corpos imponderáveis, como o mental e o astral, sem que, no entanto, perca a sua unidade fundamental.

RAMATÍS: - O Perispírito, integrado por diversos elementos, é realmente um só equipo ou instrumento intermediário representativo da vontade, do pensamento e dos desejos do Espírito na sua manifestação para o corpo físico. Já dissemos que entre o Perispírito e o corpo de carne ainda existe o duplo etérico, como a ponte que relaciona as manifestações do mundo espiritual e as ações do mundo físico, num serviço recíproco de alta precisão. Aliás, o próprio corpo físico é uma só unidade, e, no entanto, compõe-se também de vários sistemas como o sanguíneo, nervoso, linfático, ósseo, endócrino, muscular, os quais, embora sejam partes distintas, entre si, formam um todo homogêneo.

Em equivalência, lembramos que a água, embora não se divida nem mude em sua integridade fundamental, ela pode apresentar-se sob diversos aspectos ao mesmo tempo, como seja: quente, perfumada, doce, magnetizada ou colorida.

Finalmente, encerrando este capítulo, insistimos em lembrar-vos que o Perispírito é o corpo imortal do homem, enquanto o duplo etérico não faz parte dele, mas é somente o veículo intermediário, provisório, que lhe serve apenas durante a existência física e depois da morte do homem dissolve-se na intimidade da Terra, vagando, por vezes, sobre os túmulos. *(Nota do Revisor: Quando as noites de verão são muito quentes, o duplo etérico em dissolvência do cadáver chega a comburir, resultando os chamados "fogos -fátuos" ou "boi-tatá" da credence popular)*

(Trecho extraído do livro: "Elucidações do Além", pelo Espírito de Ramatis, através do médium: Hercílio Maes)

NOÇÕES SOBRE O PERISPÍRITO E SUAS DELICADAS FUNÇÕES

- **Pergunta: - Em face das dificuldades que na vida física nos impedem de conhecer com exatidão a vida do Espírito desencarnado, ser-vos-á possível dar-nos melhores detalhes sobre a natureza do Perispírito depois da morte do corpo físico?**

Atanagildo: - Desde que vos compenetreis de que um Espírito não é nenhum fantasma compungido ou consagrado pelas lendas fantásticas do passado, ou um produto virtual da imaginação do médium, julgo bastante conveniente que indagueis sobre a sequência de nossa vida espiritual, o que muito poderá vos auxiliar depois da desencarnação.

- **Pergunta: - Apesar de diversas obras espíritas fornecerem numerosos detalhes sobre a natureza e a estrutura do Perispírito, ainda não conseguimos formular uma ideia exata desse corpo astral depois de desencarnado, por cujo motivo gostaríamos que nos auxiliásseis a clarear melhor as nossas ideias a esse respeito. Podeis explicar, por exemplo, como sentis o vosso Perispírito ou, então, como ele se vos apresenta neste momento?**

Atanagildo: - Sinto-me mais vivo; muitíssimo mais vivo do que quando me encontrava algemado ao pesado escafandro de carne, que deixei na sepultura terráquea. Esse corpo sobrevivente e que denominais de "Perispírito" é muito mais complexo e de maior valor que o organismo físico, pois o corpo de carne é feito para o homem viver na Terra a média de 60 ou 80 anos; por esse motivo, a técnica sideral o projeta no campo de forças planetárias dentro de uma resistência prevista para essa média de vida. O Perispírito, no entanto, é organização definitiva, cuja vida não pode ser medida pelo calendário humano; a sua constituição teve início há alguns milhões de anos terrenos, durante os quais ele veio se plasmando através de todos os reinos da natureza e no seio de todas as espécies inferiores.

Durante esse prolongado, mas, progressivo desenvolvimento, acumularam-se nele as energias fundamentais, plasmaram-se os órgãos e os sistemas etéreo-astrais, até ele alcançar o progresso e a sensibilidade suficiente para servir como o mais valioso veículo intermediário entre o mundo invisível dos Espíritos, e o mundo físico dos encarnados.

Ainda são raras as criaturas que se apercebem da complexidade de todos os órgãos e atividades do Perispírito, cujo equipo tanto preexiste ao nascimento físico como sobrevive após a morte carnal.

- **Pergunta: - Segundo temos observado, a maioria das criaturas ainda pensa que o Perispírito é um corpo constituído do éter flutuante, que esvoaça à vontade do Espírito e não possui qualquer organização ou função que lembra o corpo físico. Que dizeis?**

Atanagildo: - Não ignoro que algumas pessoas imaginam o Perispírito como sendo um bloco de fumaça ou, então, o supõem igual a uma espécie de massa vaporosa e informe, que vagueia daqui para ali, mas que tudo vê, ouve e sente, assim como se um floco de nuvem tivesse inteligência e vida própria.

Se eu fosse uma dessas configurações etéricas esvoaçantes, é óbvio que neste momento, não poderia levar a minha mão à cintura, como o estou fazendo, pois seria de crer que essa mão afundar-se-ia no seio da massa gasosa de que devia ser eu constituído.

Mas a verdade é que, ao apertar minha cintura etéreo-astral, tenho o sentido do tato e, além disso, uma percepção de vida muitíssimo mais viva do que se estivesse no corpo físico. Encontro-me atuando num campo vibratório excessivamente mais dinâmico e fenomenicamente mais elástico do que o é o plano letárgico e pesado da matéria.

- **Pergunta: - Então, por que motivo vemos os Espíritos tão deformados nas fotografias de materialização?**

Atanagildo: - Tendes alguma razão na pergunta, pois nas fotografias de materialização dos Espíritos, ou ainda durante a produção desse fenômeno, as nossas figuras parecem recortadas no açúcar-cande fluidificado, instáveis e sem continuidade, movendo-se no seio de massas gasosas, como se realmente fôssemos nuvens de algodão com movimentos espasmódicos e deformantes. Bem sei que às vezes nos vedes semelhantes a máscaras carnavalescas, cujos olhos, bocas e nariz horrendos não só assustam os neófitos, como ainda impressionam mal muitos frequentadores de sessões de fenômenos físicos, que então nos julgam egressos de um mundo mórbido e lúgubre, no qual é provável que só vivamos nos compondo e nos desfazendo incessantemente no seio da fumaça leitosa do astral. Mas tudo isso é conseqüente de dificuldades no trabalho e devido aos tipos de ectoplasma de certos médiuns, pois em muitos deles a fluidificação é rude e primária, produzida em centros orgânicos demasiadamente instintivos, sem a utilização vibratória suficiente para configurar todas as minúcias e contornos de nossa verdadeira configuração perispiritual. Na verdade, a nossa aparência é bem outra, pois os Espíritos, quanto mais evoluídos, tanto mais se tornam belos e rejuvenescidos em seu aspecto humano: os seus modos são agradáveis, e eles têm certa graça e leveza que pode ser comparada à delicadeza dos movimentos dos pássaros.

- **Pergunta:** - **Temos observado que mesmo alguns dos espiritualistas mais estudiosos não escondem o seu constrangimento quando se lhes diz que o perispírito possui órgãos muito parecidos aos que existem no corpo físico. Que nos dizeis a respeito?**

Atanagildo: - É certo que muitos espiritualistas ainda se escandalizam com essa ideia, que lhes parece absurda, de os Espíritos desencarnados possuírem ainda órgãos semelhantes e bem mais complexos do que os existentes no corpo grosseiro de carne. Como se poderá convencer todos os cidadãos do mundo terreno, ante um assunto ainda tão discutido no vosso mundo, como o é o da natureza do nosso corpo desencarnado? De um lado, alguns afirmam que não passamos de massas gasosas simulando mórbidas caricaturas humanas; de outro lado, há os que não nos consideram simplesmente como fumaça astral, mas também não querem admitir a fisiologia importantíssima do Perispírito e as suas semelhanças com a configuração carnal, porque não podem conceber a ideia de coração, pulmões ou fígado funcionando dentro de um corpo espiritual.

Há os religiosos dogmáticos que nos consideram bandos de almas penadas, sofrendo o castigo das chamas do inferno, ou então como felizes borboletas em eterno voo sem pouso, no seio das nuvens amigas, ou presas no Céu a contemplar a "face" de Deus... Há os que creem que detestamos qualquer parente, afeto ou coisa que tenha ficado no mundo terreno do pecado e que, por isso, não abandonamos o Céu para visitá-los afetuosamente. Outros consideram-nos como prolongamento vivos de nossos ideais e responsabilidades, vivendo em ambiente sensato e sem hiatos violentos, possuindo corpos adequados às relações com o meio astral, porém temem-nos como espantalhos ou figuras doentias e caricatas de um mundo melancólico!

- **Pergunta:** - **Mas guardais ainda a sensação de estardes ligado a um corpo com exigências orgânicas semelhantes às da natureza carnal?**

Atanagildo: - É mister compreenderdes que os órgãos do corpo físico, como já tenho dito por diversas vezes, são apenas cópias resumidas dos modelos ou das matrizes orgânicas esculpidas na substância etéreo-astral do Perispírito e que há muitos milênios constituem a sua exata fisiologia.

Neste momento em que me comunico convosco - não tendes dúvida! - estou sentindo o meu coração a bater, num ritmo perfeito e facilmente controlável pela minha própria força mental desenvolvida; posso acelerá-lo ou reduzi-lo em seus movimentos de diástole e sístole. Basta impor-lhe a minha vontade e esse magnífico órgão etéreo-astral modificará o padrão de sua pulsação comum no ambiente em que vivo, coisa que ainda não podeis fazer com o vosso coração carnal, embora eu vos possa afirmar que, no futuro, o homem físico ainda venha a alcançar esse resultado tão admirável.

Atualmente, os homens terrenos aceleram inconscientemente os seus órgãos físicos quando atuam nos seus originais existentes no Perispírito; mas, infelizmente, não o fazem por maturidade espiritual e sim através da violência, do desregramento ou da irascibilidade, ou como conseqüência da cólera, do ódio, do ciúme ou do amor-próprio ofendido. Não tendes observado, porventura, que as criaturas que mais sofrem dos intestinos, do duodeno ou do fígado são geralmente as que mais se queixam de ser muito nervosas ou de exagerada sensibilidade? A verdade é que elas são mental e psiquicamente muito descontroladas e, por isso, vivem molestando os órgãos do Perispírito e lesando continuamente as suas contrapartes físicas.

- **Pergunta:** - **Pensamos que o vosso atual equilíbrio perispiritual é devido em grande parte aos estudos mentalistas a que vos dedicastes quando ainda vos encontráveis encarnados. Não é assim?**

Atanagildo: - Tenho insistido em vos dizer que não se alcança santificação nem se consegue genialidade a toque de magia ou de ociosidade mental. Sem dúvida, a Terra é nossa escola primária de educação espiritual e aí daqueles que subestimam os seus valores educativos, na crença ingênua de que depois irão desenvolver todos os seus poderes no Além! Sei que muitas criaturas do vosso mundo vicejam pelo catolicismo, pelo

protestantismo, pelo espiritismo e círculos esotéricos, mas se desinteressam de qualquer estudo ou leitura aproveitável, que lhes desperte outros valores além da cômoda contemplatividade sectarista. Evidentemente, esperam o pretense milagre que lhes compense a ociosidade mental e os torne senhores da mente, assim que abandonarem o corpo físico, que acreditam ser a verdadeira causa do seu embaraço psíquico na Terra. Quando me encontrava encarnado pela última vez, estudei muitíssimo a ciência da respiração ioga; então eduquei a vontade e a apliquei poderosamente sobre todas as zonas respiratórias, conseguindo acentuado poder sobre os meus pulmões. Com esse exercício disciplinado, consegui também o controle mental dos pulmões originais do meu Perispírito.

Através de certo método ioga, que não me cumpre descrever nesta obra, eu havia também aprendido a descarbonizar o sangue e torná-lo mais puro, aproveitando com êxito tanto o oxigênio fluente da corrente arterial, como libertando imediatamente as cotas oxigênicas que na corrente venosa se uniam na forma de anidrido carbônico.

Também costumava inundar completamente de ar os pulmões, operando através da respiração baixa, média e alta, tão familiar aos "hata-iogas", para que a mais diminuta quantidade de ar, purificado pela mente e controlado pela vontade, pudesse atingir o extremo do ápice pulmonar e expulsar qualquer resíduo nocivo à integridade pulmonar e à renovação sanguínea. Como os pulmões físicos são cópias exatas dos pulmões do Perispírito, é óbvio que, neste exercício energético e perseverante, eu não só ativava os órgãos carnis e purificava todo o sistema respiratório, como ainda obtinha excelentes resultados no aprimoramento dos próprios pulmões perispirituais, que hoje me relacionam otimamente com o meio astral.

É evidente, pois, que devo muito do meu equilíbrio perispiritual à feliz conexão entre as minhas forças mentais, algo desenvolvidas, conjugadas positivamente ao metabolismo psicofísico respiratório.

- **Pergunta: - Podeis nos informar se os desencarnados se preocupam também com a saúde do Perispírito, assim como procedemos para com o corpo físico?**

Atanagildo: - Isso é evidente, pois quando fui recebido na metrópole do Grande Coração, os técnicos examinaram as condições de minha saúde etéreo-astral e felicitaram-me pelo excelente estado dos meus pulmões, cuja limpidez e transparência asseguraram-me, o faziam parecido a dois órgãos confeccionados em lâmina de cristal iluminado. Não registro este fato a título de vaidade tola, mas apenas para lembrar-vos de que sempre colhemos os resultados exatos de nossa boa ou má sementeira.

Não posso eximir-me de vos informar que devo muito de minha saúde perispiritual ao fato de ser sistematicamente adverso ao uso do fumo, do álcool e das toxinas provenientes de gorduras normalmente providas das carnes de animais abatidos. Embora através do Perispírito eu guarde ainda a sensação de possuir um corpo lembrando algo do metabolismo carnal, não vos posso descrever a plenitude do meu gozo sideral, em face da circulação astral se encontrar desimpedida de qualquer estigma terreno!

Baseando-vos no peso e na constituição rude do corpo material, tendes razão em opor dúvidas ao que vos exponho; mas o homem futuro, depois que for senhor de uma forte vontade esclarecida, manejando conscientemente o seu potencial de forças mentais, saberá restabelecer-se, também, de suas enfermidades e submeter todos os seus órgãos materiais à direção completa do Espírito.

- **Pergunta: - Mas vos guiastes por alguma doutrina espiritualista ou vos submetestes a experimentações técnicas, por nós conhecidas, para conseguirdes o vosso desenvolvimento psicamental?**

Atanagildo: - Examinei a fundo todas as fontes espiritualistas que me pudessem abrir clareiras no denso cipoal da vida humana; entreguei-me disciplinada e tenazmente às práticas respiratórias e às purificações mentais. Aprendi a absorver o magnetismo vitalizante do ambiente ou o tradicional "prâna", como o designam os orientais, cujo treino me foi utilíssimo após a desencarnação. Adotei a alimentação vegetariana e repudiei sempre todos os alimentos intoxicantes, perniciosos à saúde humana, e que fatalmente seriam também nocivos à harmonia do meu Perispírito. Evitei a submissão fanática a qualquer seita, bem como, o arrendamento incondicional de minha pessoa a qualquer instituição religiosa, não obstante reconhecer todas as suas extraordinárias contribuições em favor da Verdade.

- **Pergunta: - Quereis dizer que, embora sejamos portadores de virtudes que nos elevariam a planos superiores, ainda teremos de sofrer as consequências de certos descuidos com os principais órgãos do corpo físico; não é assim?**

Atanagildo: - Se credes, realmente, que todos os órgãos do corpo físico são duplicatas exatas ou cópias perfeitas dos originais existentes no Perispírito, também haveis de compreender que tanto o zelo como o descaso humano produzem efeitos duradouros nesses órgãos tão delicados e valiosos. No caso do cigarro, por exemplo, embora o fumar não signifique pecado contra Deus, há a considerar que, quando o fumo se carboniza, desprende

substâncias etéreo-astrais nocivas, que então agridem os pulmões delicadíssimos e causam dificuldades ao Espírito após a desencarnação.

- **Pergunta: - Dissestes há pouco que, quando na Terra, já havíeis aprendido a dominar os vossos órgãos respiratórios, para o que muito contribuíram os vossos estudos espiritualistas. No entanto, a maioria dos religiosos, e mesmo alguns espíritas, descreem de tal êxito. Que nos dizeis a esse respeito?**

Atanagildo: - A vontade desenvolvida e a mente disciplinada com dignidade tanto podem remover os empecilhos do corpo físico, como controlar as próprias operações dos órgãos autônomos e desenvolvê-los a contento de uma visão sadia. É claro que devem descrever de tal possibilidade aqueles que ainda não conseguiram o domínio espiritual de si mesmos, esperando talvez que algum mago de feira lhes desvende em praça pública os mistérios que sempre foram guardados sob o respeito das instituições iniciáticas, ou os poderes conquistados por almas sensatas e heroicas. Os estudos nesse sentido são sempre apreciados pelos orientais porque eles não se deixam condicionar exclusivamente aos fenômenos transitórios dos cinco sentidos.

Como já deve ser do vosso conhecimento, alguns faquires têm sido submetidos a experiências em determinados centros médicos da Europa e, embora se trate de experiências corriqueiras e por vezes até indesejáveis, eles não comprovado a força real do pensamento ao demonstrarem absoluto controle mental sobre o metabolismo de seus corpos físicos. Convém lembrar os casos daqueles que se deixam enterrar vivos, em estado cataléptico e algo parecido à moderna hibernação científica. Magos há que aceleram ou retardam a sua pulsação cardíaca, atuando deliberadamente nos centros térmicos de seus organismos, produzindo temperatura gélida ou quente; outros invertem as funções peristálticas do intestino e apressam a diurese ou a produção de sucos gástricos e pancreáticos. Se alguns homens sem grandes atributos crísticos, mas teimosos e tenazes em sua disciplina física, conseguem exercer domínio e controle em seus corpos carnis, dirigindo-os a seu bel-prazer, é claro que esse domínio, aqui no astral, pode ser alcançado de modo mais positivo e com absoluto sucesso, porque já estamos livres das algemas da carne.

Esses fenômenos são conseguidos em vosso mundo pela feliz atuação da vontade treinada sobre o Perispírito e, em consequência, os órgãos etéricos deste último reagem nas suas cópias físicas sustentando funções ou incentivando o dinamismo material. Sabeis que, em hipnose, o paciente, ao receber sugestões imperiosas do hipnotizador, e agindo através de reflexos condicionados, atua nos seus centros térmicos e tanto pode baixar como elevar sua temperatura, sob a vontade daquele que o induz a sentir frio ou calor. Sabeis ainda que a vontade do hipnotizador pode fazer regredir a personalidade adulta do hipnotizado, obrigando-o a escrever até com as próprias garatujas que lhe eram próprias na longínqua infância.

Se mesmo através de representações corriqueiras, em palcos públicos, fica demonstrada a capacidade mental que o homem pode atingir por meio apenas da perseverança e tenacidade, imaginai, então, o que podemos realizar com a sabedoria do Espírito, visando fins nobres!

- **Pergunta: - O que nos informastes, relativamente à existência de órgãos no vosso Perispírito, como sejam coração, fígado, estômago e intestinos, nos deixa algo intrigados, pois supúnhamos que já estivésseis isento de qualquer função fisiológica, em face do vosso corpo ser espiritual.**

Atanagildo: - Preliminarmente, cumpre-me lembrar-vos de que o meu corpo espiritual nada tem de excepcional, em relação aos vossos, senão a durabilidade, pois é organização definitiva. Acresce que a nutrição perispiritual se exerce mais pelo fenômeno da osmose magnética, por absorção e eliminação do magnetismo do meio ambiente. No entanto, conforme o grau de materialidade do Espírito recém-chegado da Terra, ele exige recursos afins e grosseiros para atender ao seu metabolismo astral, ainda fortemente condicionado às funções também grosseiras do corpo físico. O Perispírito é possuidor de um automatismo permanente, consequente da onda de vida que flui por ele e o alimenta, automatismo esse que teve o seu impulso inicial há muito milênios. Devido a esse poderoso impulso, que não só sustém coeso o Perispírito como torna sensível a sua memória etérica e alicerçada a consciência individual do Espírito, não é possível destruir-se essa delicada e importante organização. Embora muitas almas delinquentes sofram horrores na Terra e por isso se desesperem, a ponto, às vezes, de pretenderem extinguir-se definitivamente como entidades conscientes, isto lhes é impossível, em face de jamais poderem neutralizar a onda vital que se formou alhures, na maré da vida planetária. O Perispírito é um organismo tão sábio, que é capaz de corrigir quase todos os descuidos do Espírito e obedecer docilmente às leis imutáveis que lhe regulam o intercâmbio entre o mundo espiritual e o material! Esse automatismo, tão sábio e eficiente, transfere-se para o corpo físico em cada encarnação do Espírito, a fim de que possam ser controlados os fenômenos que podem dispensar o consciente.

- **Pergunta: - Podeis explicar mais claramente esse "automatismo" do Perispírito?**

Atanagildo: - Para o compreender melhor, basta notardes que, sob a ação do automatismo milenário do Perispírito, o homem não precisa pensar para dormir ou andar, nem precisa cogitar de promover a assimilação nutritiva e a produção de sucos ou hormônios, dispensando também o controle pessoal dos fenômenos excretivos de toxinas, suores e substâncias perigosas à integridade física. O vosso corpo, neste momento em que me

comunico convosco, realiza centenas de funções, sem que vos seja preciso intervir no fenômeno; não é assim? Graças a essa inteligente direção e capacidade de controle automático e milenário, do Perispírito, todos os dispêndios e recuperações de energias se efetuam sob elogiável disciplina e se destinam ao mais breve progresso e aperfeiçoamento do Espírito. A prova da existência desse automatismo sábio, do Perispírito, podeis tê-la durante o seu afastamento no processo de anestesia, quando cai a temperatura do corpo físico e diminuem as suas funções orgânicas, como se o padrão se afastasse do estabelecimento e os empregados negligenciassem no serviço...

Essas energias próprias do Perispírito mais se ativam durante o Verão, estação muito conhecida pelos astrólogos sob a designação de "Grande Crescente", em cuja época o magnetismo perispiritual se torna mais ativo e então as unhas, os cabelos e os pelos crescem mais rapidamente do que no Inverno. Há povos que obedecem tão rigorosamente a esse "crescente", que possuem cabelos vigorosos e unhas fortes, porque só os cortam rasos no Inverno, em perfeita harmonia com o tempo de poda da vegetação comum. Eles sabem que, se os cabelos forem cortados no Verão, perder-se-á grande quantidade de seiva que, no crescente, sobe mais vigorosamente e depois fará falta ao vigor da cabeleira.

O conhecimento avançado dessa maravilhosa organização, que é o Perispírito, do qual a maioria dos homens ainda ignora o alto valor, permitir-vos-ia solucionar muitos dos problemas como paralisias, epilepsias, doenças desconhecidas e distúrbios nervosos, porque ele é realmente o principal organismo onde está sediada a onda da vida que flui pela constelação solar e depois através dos planetas e da Terra, para então se infiltrar pelos reinos mais inferiores, nutrindo o reino vegetal, o animal e o hominal.

Convém que destaquemos a grande importância e preponderância do Perispírito sobre o corpo físico, pois ele é a matriz, o molde, ou seja a origem exata da organização de carne e o "detonador" de todos os demais fenômenos corporais projetados pela mente humana. Eis por que, em suas funções etéreo-astrais, ele também possui coração, fígado, baço, rins, pâncreas, estômago e intestinos, de substância idêntica à do meio astral, inclusive as reminiscências de alguns órgãos físicos já atrofiados e alguns novos projetos de acessórios orgânicos que servirão ao homem do futuro.

- **Pergunta: - Certa vez, ao tocades ligeiramente neste assunto, empregastes a expressão "queda específica do Perispírito"! Que quer dizer isso?**

Atanagildo: - O Perispírito, sob ação mental elevada, respira aprimorado magnetismo; mas, submetido à violência psíquica e emotiva, debilita-se e intoxica-se, tornando-se, então, ponto convergente das energias do baixo astral. O seu magnetismo, quando se adensa, aumenta-lhe o peso específico, isto é, o seu peso normal e natural, fazendo-o precipitar-se nas regiões infernais, enquanto, atuado por pensamentos sublimes, ele se adelgaça e se purifica, elevando-se para os mundos felizes, logo em seguida ao abandono do corpo físico. Nesse fenômeno da ciência transcendental, constata-se a justeza do ensinamento de Jesus, quando afirmava que "os humildes serão exaltados e os que se exaltarem serão humilhados".

O Mestre aludiu veladamente ao peso específico do Perispírito, que tanto se adensa na exaltação da cólera ou do orgulho, como se afina e se eleva na humildade e na bondade. A cólera revela fraqueza de Espírito e, portanto, comprova debilidade de caráter, pois aquele que se encoleriza perde a direção do seu comando mental em favor dos impulsos do instinto animal; obscurece-se a sua mente e se aniquila a vontade. O arrebatamento irascível semeia a discórdia e conduz à revolta, transformando o homem racional num louco momentâneo. Por isso, quando o Perispírito é submetido a tal processo pelo homem exaltado e desgovernado, enche-se de sombras e fulgores sinistros, que depois o sobrecarregam da fuligem gasosa do baixo astral, para onde então se inclina em "queda específica", devido ao aumento do seu peso magnético.

- **Pergunta: - Mas é óbvio que, se o vosso corpo atual possui intestinos, fígado, pâncreas, etc., não é porque preciseis deles; não é verdade? Não nos parece que tenhais de atender ainda a qualquer metabolismo semelhante ao que se registrava no corpo carnal que deixastes na Terra!**

Atanagildo: - O fato de eu dizer que possuo órgãos semelhantes aos do corpo físico não implica em afirmar que o metabolismo do Perispírito é perfeitamente idêntico ao do corpo carnal.

Esses órgãos continuam a servir-me, mas em funções algo semelhantes às dos órgãos da matéria, e não iguais, pois a nutrição do Perispírito é outra, e bem diferente, de acordo com o mundo astral que passa a habitar. Seria inconcebível que, de posse de um corpo fluídico, eu continuasse a ingerir substâncias idênticas às que fornecem as mercearias, as padarias e os açougues da Terra.

Durante a absorção prânica, ou seja, de energia magnética do astral – na qual eu já me havia exercitado no mundo físico – processam-se no metabolismo do Perispírito transformações químicas muito mais acentuadas (e de natureza transcendental) do que as que se registram para alimentação e sustento do corpo de carne. Os resíduos das substâncias astrais consumidas pelo Perispírito também precisam ser expelidos para o exterior, dissolvendo-se no meio ambiente através de um processo que denominamos de "emanações residuais". Há muito tempo já me ajustei a essa alimentação magnética, e só quando desço para as regiões do astral inferior é

que me sirvo de sucos etéricos de frutas, ou mesmo de caldo de essências reconfortantes, pois nos postos socorristas, próximos aos charcos, só se encontram horríveis alimentos pastosos, que exalam um odor semelhante ao de carnes fervidas, visto que só assim se pode satisfazer o apetite de infelizes desencarnados que ainda se lembram de suas alimentações prediletas, da Terra, sofrendo atrozmente por não se acostumarem a outra alimentação.

- **Pergunta: - E esses órgãos do Perispírito, algo semelhantes aos do organismo físico, permanecerão definitivamente no corpo perispiritual?**

Atanagildo: - À medida que o Espírito vai ascensionando para esferas mais distanciadas da matéria, os órgãos do Perispírito vão se atrofiando pelo desuso; mas, enquanto ele ainda necessita de encarnações nos mundos físicos, é óbvio que precisa manter em atividade os órgãos do seu Perispírito, que são as contrapartes etéricas, exatas, dos mesmos órgãos físicos. Quando se trata, porém, de Espíritos de certa elevação, que já se habituaram com a nutrição astral e estão entrosados na vida sutilíssima do plano mental, o Perispírito vai se tornando – obsoleto, e então se encaminha para o fenômeno da “segunda morte”, no mundo astral, porque tais Espíritos não só já se imunizaram contra as emoções humanas alimentadas pelos fluidos astrais do “mundo dos desejos”, como também estão dispensados em definitivo dos renascimentos na carne. Então, passam para o plano mental concreto, que lhes é imediato, onde o Espírito passa a viver instintivamente tudo aquilo que criou e pensou.

Tudo isso prova a justeza da lei de que “a função faz o órgão” pois, como já expliquei, as matrizes originais do Perispírito modelam os órgãos do corpo físico em cada nova encarnação, mas futuramente eles se atrofiam pelo desuso no ambiente astralino. Só então a alimentação do Espírito será exclusivamente mental e ele poderá dispensar o Perispírito e poupar os cuidados para mantê-lo ativo a fim de servir às reencarnações futuras.

É claro que, alcançando tal progresso, e habitando definitivamente um plano tão sutil, o Espírito poderá dispensar o uso de fígado, estômago, intestino, rins, dentes e uma infinidade de cuidados como os que precisais ter com o vosso corpo carnal.

Daí, pois, os motivos principais porque eu também ainda me encontro na posse de um Perispírito portador de órgãos etérico-astrais, parecidíssimos com os que exercem igual função no organismo de carne. É esse organismo etérico sobrevivente e tão destro que ainda deverá servir-me como abençoado instrumento de ligação com a carne, na minha próxima encarnação no Brasil, mais ou menos pelo ano de 1970. Se mais tarde algum de vós me identificar na cidade de São Paulo, onde renascerei, acredito que há de se defrontar com um bebê robusto, pois serei dotado de uma excelente saúde e, principalmente, de um coração tão sadio e equilibrado quanto este que palpita agora no meu peito e que será o molde original do mesmo órgão físico de carne.

Asseguro-vos que devereis ter também muito equilíbrio psicofísico, porque nos materializamos na Crosta em perfeita conformidade com o produto de nossas criações espirituais e mentais. E como tenho me mantido algo regrado e zelado bastante pelas energias do meu corpo perispiritual, a Lei Cármica permite-me o direito de possuir um organismo de acordo com esse zelo e cuidado.

Revitalização do Perispírito no Astral – Processos empregados

- **Pergunta: - O Perispírito, no mundo astral, necessita de cultivo, assim como o nosso corpo necessita de cuidados profiláticos e, principalmente na juventude, de exercícios que o revigorem, para ter uma vida longa e resistente?**

Atanagildo: - No Além, a vida se desenrola de conformidade com os nossos próprios desejos. Nas esferas mais altas existem magníficos cenários e outras agradáveis criações que proporcionam ao Espírito uma vida de felicidade, ao passo que as almas rebeldes são obrigadas a viver nas regiões inferiores, abaixo da crosta terráquea, onde, por falta de cultivo, edificam as suas comunidades sombrias e promovem detestáveis intercâmbios de violência, capciosidade, vilania, luxúria e vingança, formando um reino torpe e desregrado. Eis porque em nossa metrópole, devido à necessidade de se manter o Perispírito em equilíbrio com o meio em que ingressou, se estabelece disciplina para os recém-chegados e débeis de vontade, a fim de que, cultivando o Espírito, possam sustentar-se no meio energético e ajustar-se mentalmente ao alto teor vibratório do ambiente em que se encontram.

- **Pergunta: - Mas existe alguma disciplina especial para se manter a sanidade do Perispírito, sob processo que nos pudesse lembrar, por exemplo, o gênero desportivo na Terra?**

Atanagildo: - Porventura, não existe em vosso ambiente material uma disciplina especial quando se trata de operar um enfermo ou de praticar a hipnose, a telepatia ou o magnetismo curador? Se fosse dispensável a existência de uma disciplina especial, nas coletividades astrais, para despertar nos desencarnados os seus poderes mentais e as suas energias vitais, que tanto subestimam na matéria, é claro que também poderíeis dispensar os métodos e cursos que existem na Terra para o exercício da medicina, da telepatia, do mediunismo,

da hipnose e do magnetismo terapêutico que, indubitavelmente, também são disciplinas criadas especialmente para isso.

E como os desencarnados aportam à nossa esfera espiritual grandemente desvitalizados em seu Perispírito, devido à ignorância do mecanismo "magnético respiratório", que é o responsável pela absorção energética do meio ambiente astralino, são eles submetidos aqui a uma espécie de "helioterapia", ou seja, um tratamento e um exercício baseados na atuação da força astral do Sol em nossa comunidade. É um curso orientado por inteligentes instrutores e que tem dado excelentes resultados já comprovados pelos moradores da metrópole, muito nos ajudando a desenvolver as energias circulatórias do Perispírito.

A nossa metrópole conta com alguns departamentos no gênero, cujos cursos e exercícios têm por finalidade ensinar o aproveitamento inteligente do magnetismo astral do Sol; esse aproveitamento tanto nos auxilia a ativar o dinamismo do Perispírito, como ainda nos apura a sensibilidade para mais eficiente contato com o meio e mais clareza no intercâmbio emotivo com os seus moradores. O homem comum ainda ignora que o nosso Perispírito é muitíssimo complexo, particularizando-se por sistemas delicadíssimos, que são responsáveis pela produção de força, luminosidade, cores, magnetismo e temperatura, elementos estes que precisam ser ativados e disciplinados, principalmente naqueles que ainda são fracos de vontade e débeis de energias para futuras reencarnações.

Uma vez que o planeta Terra - embora seja ele considerado um mundo inferior – tem uma vida regulada por uma série de leis e disciplinas irrevogáveis, que coordenam as suas atividades e forças rudimentares, não é de estranhar o fato de existirem métodos pedagógicos nos planos mais sutis, onde a organização humana ainda é muito mais delicada.

- **Pergunta: - Sempre acreditamos que, após a desencarnação, o desenvolvimento do Perispírito dependeria tão-somente da sua energia mental ou do próprio pensamento do Espírito, o que lhe seria mais fácil de conseguir devido a se encontrar desencarnado! Daí a nossa natural estranheza quando nos descreveis situações que nos parecem muito triviais para a capacidade e natureza das almas desligadas da matéria.**

Atanagildo: - Sem dúvida, a mente é o fator principal em nossa atividade espiritual, seja qual for a latitude geográfica ou cósmica em que nos situemos; ela é a força propulsora com que ativamos a nossa consciência. A mente desequilibrada é fonte de enfermidades no Perispírito, produzidas pelas paixões destruidoras; portanto, empregando inteligentemente essa valiosa força mental para extinguirmos a vaidade, a maledicência, o medo, a melancolia, a cobiça e outros sentimentos que podem ferir a delicadeza do corpo etéreo-astral, é claro que também extirparemos os grandes males que o atacam comumente. Mas acontece que só depois de desencarnados é que realmente começamos a perceber a nossa grande ignorância com relação ao potencial assombroso que significa o nosso pensamento! A própria prece que fazemos quando encarnados é coisa muitíssimo distante de sua natureza real vibratória, que só no mundo astral podemos avaliar. Também não vos deveis assustar se algum Espírito vos disser dos cursos de "precesofia" que existem nos planos mais elevados, destinados a ensinar aos tardos de entendimento o sistema de afrouxarem a "musculatura etérica" do Perispírito, para darem curso livre às vibrações elevadas da prece!

- **Pergunta: - Então, são apenas os sentimentos baixos que ferem a delicadeza do corpo etérico-astral? Ou militam para isso outros fatores?**

Atanagildo: - Não são só os sentimentos baixos, como a maledicência, a inveja, a sensualidade, a prepotência, o orgulho, etc., que prejudicam a organização perispiritual, mas também os vícios do corpo carnal, tais como o do fumo, o do álcool, bem assim a ingestão de carne de animais. A ignorância do homem obriga-o a despejar goela abaixo os mais detestáveis corrosivos alcoólicos, provindos tanto dos frascos luxuosos como das garrafas singelas; ou, então, o faz se banquetear com carnes cultivadas na imundície dos chiqueiros ou no lodo repulsivo dos galinheiros!

Quase não se verifica diferença entre a tolice dos primatas e os vícios do civilizado: - o bugre vive no seio da mata virgem, seminu, mascando folhas de ervas e cuspidando a todo momento por entre os arvoredos frondosos; o civilizado, apesar do requinte de seus trajes caríssimos, ainda imita o bugre, pondo-se a aspirar a fumaça de folhas de fumo, enrodilhadas, na forma de vistosos charutos, cuspidando em caixas de areia.

Se se trata de um campônio ou de um velho curtido pelo vício, vemo-lo com o lábio inferior distendido pelo peso do cachimbo malcheiroso, carcomido pelo fogo e pelo sarro; se se trata de um operário pobre, vemo-lo enchendo os pulmões com o picumã do cigarro de palha, de fumo ordinário.

E assim o homem vai esbanjando não só as suas forças vitais, como prejudicando o seu Perispírito, no desconhecimento das leis que regulam o divino mecanismo da vida.

- **Pergunta: - Supomos que existem boas exceções nesse sentido; os esoteristas, os teosofistas e muitos espiritualistas das diversas correntes existentes neste mundo são avessos ao uso de bebidas alcoólicas, ao vício do fumo e à ingestão de carne de qualquer espécie; não é verdade?**

Atanagildo: - Não me refiro a esses homens, mas sim àqueles que se entregam aos vícios de que estamos tratando, entre os quais há muitos que ironizam até tudo aquilo que se lhe diz sobre a conservação da saúde do corpo e da alma, pois que isso ultrapassa os limites do conhecimento de seus esqueletos acolchoados de carne! Refiro-me aos que subestimam a disciplina da educação espiritual e o desenvolvimento das forças internas, atravessando a vida humana a cometer os maiores desatinos contra si mesmos, pois a sua força de vontade é arrastada pela força do instinto, das paixões animais.

- **Pergunta: - E essas coisas podem causar-lhes tantas perturbações no mundo astral?**

Atanagildo: - Sem dúvida, pois aqui vivereis em contato com imagens que mais intensamente tendes cultivado na Terra, decorrendo o vosso júbilo, ou decepção, da natureza exata do que tendes cultivado no exercício dos vossos pensamentos e no trato dos vossos desejos. É evidente que a tranquilidade da alma reside principalmente na aquisição da paz espiritual interior. Mas, se não cultivardes na Terra a força de vontade para isso, também aqui não a obtereis miraculosamente, só porque deixastes o corpo físico! Esse corpo não é obstáculo contínuo à livre aplicação da força mental ou ao exercício livre da vontade; ele é apenas o produto do “pensamento” e do “desejo” do Espírito!

Embora o homem seja considerado um sábio, em comparação com os seus irmãos símios assinalados pela irreverência de Darwin, é certo que a maioria deles não sabe o que é, donde vem nem para onde vai! É como a criatura que, não conhecendo o clima da cidade para onde vai se dirigir, veste um sufocante traje de lã, e, depois, tem a decepção de verificar que desembarcou em um território que mais se parece com o deserto de Saara!

Daí as grandes surpresas depois da "morte", quando os homens partem da Terra na mais profunda ignorância de si mesmos: aqui aportam espantados, boquiabertos e profundamente aterrorizados, despertando compaixão, surpresa e até comichão! Apalpam-se, auscultam-se e não raro fogem a mais ligeira aproximação de socorro; há os que se rebelam e culpam o Criador por suas fraquezas e mazelas humanas; outros, tímidos e inquietos, mal suportam a saudade ardente que lhes vai na alma ainda dominada pelos instintos da carne terrena! Ao examinarmos as suas mentes superexcitadas, o caso se torna por vezes cômico: na tela astral, onde se refletem os seus pensamentos configurando seus desejos, lá se encontra a figura do conhecido cigarro caipira do roceiro, ou o vistoso charuto do ricaço; há, por vezes, o retrato epicurístico da fatia da carne de porco a fogo lento, do bife emoldurado pelo ovo estrelado, ou então o rótulo humilde da cachaça brasileira ou, ainda, as filigranas douradas da etiqueta do uísque escocês!

Dizei, agora, que poderá fazer, do “lado de cá”, esse cidadão terreno, cujo pensamento enfraquecido e comandado pelo instinto inferior sempre o deixará inquieto e insatisfeito, mesmo na paisagem do Céu! Algemado a uma bagagem que teve de deixar no limiar do túmulo, ingressa no plano astral qual uma marionete dirigida por mil fios comandados pelas paixões e vícios da Terra. E há um caso que, além de lamentável, às vezes também se toma cômico, pois, em virtude do alastramento do vício do fumo, aí na Terra, tanto fumam os indivíduos maus como as almas boníssimas; e isso cria situações bem delicadas, aqui no Além, quando temos de recepcionar almas santificadas pelo trato do seu coração, mas trazendo em seus halos luminosos os vestígios da fuligem do cigarro.

Eis os motivos porque se fazem tão necessárias essas equipes de Espíritos que aqui operam na multiplicidade dos agrupamentos educativos e disciplinadores, dedicando-se também ao setor de "helioterapia astral", a fim de que os desencarnados terrenos possam recuperar a sua vitalidade exaurida na viciação do mundo material.

- **Pergunta: - Essa helioterapia é a medida de maior importância, que se toma no astral, para atender aos desencarnados ainda enfraquecidos em suas forças espirituais?**

Atanagildo: - Infelizmente, na exiguidade de tempo destas comunicações, não vos posso descrever a magnitude de nossa existência no Além, pois só me cumpre relatar-vos, de relance, as coisas mais importantes e de vossa melhor compreensão.

Como em nossa metrópole só se agrupam almas de padrão espiritual mais equilibrado, a helioterapia torna-se uma medida ativadora da fisiologia de seus Perispíritos, auxiliando-lhes, muitíssimo, a dinamização das energias para futuras reencarnações. Mas nas zonas inferiores, adstritas às regiões aflitivas, os departamentos de helioterapia procuram auxiliar apenas a recuperação das forças vitais dos desencarnados que ainda se mantêm desvitalizados depois da travessia do túmulo.

E, como não são raras as almas que, embora boníssimas, se mantêm ignorantes de suas faculdades imortais, aqui se lhes ensinam desde a absorção do prâna (ou seja, a energia magnética do meio), o ativamento da

circulação etérica do Perispírito, a concentração e o domínio contra as avocações saudosistas do mundo carnal, até como desenvolverem o poder da vontade, tão necessário para o transporte por meio da "volição".

- **Pergunta: - Qual a diferença que há entre os resultados da "helioterapia" e os dos exercícios de atletismo ou competições esportivas terrenas?**

Atanagildo: - Os resultados da helioterapia diferenciam-se dos obtidos através dos recursos físicos, devido à diferença de plano, pois, enquanto na Terra é pela dinâmica esportiva que se ativa a circulação sanguínea, o desentorpecimento dos músculos e se faz a drenagem das toxinas pela transpiração, nós aqui dispensamos tais operações, que são próprias do plano físico, pois o Perispírito é veículo mais eficiente, que rapidamente corresponde às solicitações mentais mais sutis. Mesmo a volição, que é o nosso principal meio de locomoção e que se baseia na vontade, ou seja, na força mental despendida pelo Espírito, exige treino e disciplina para aqueles que não possuem a prática para isso.

A bondade desenvolvida situa-nos em planos delicados, mas só a vontade disciplinada nos permite utilizar os valores superiores. É por isso que na Terra tanto se admira a figura do anjo com suas asas abertas, no mais perfeito equilíbrio, no seu voo majestoso pelos céus; ele é o símbolo mais perfeito de nossos poderes espirituais já desenvolvidos e que, através da força mental, em sábia combinação com o magnetismo purificado do Perispírito, podemos aproveitar para a volição.

Embora o Perispírito seja um veículo apropriado para a nossa movimentação nas salutares regiões do Além, é de suma importância o desenvolvimento de nossas forças mentais, porque elas é que são responsáveis pela nossa sustentação no voo. Por isso, o veículo perispiritual servir-nos-á bem pouco para a volição, se nos faltar a força de vontade suficiente para o impulsionarmos até os nossos objetivos e sonhos. Daí se considerarem de valor os recursos astrais da helioterapia, quando os desencarnados, para removerem as suas debilidades vitais, precisam desenvolver o poder da mente ou da vontade, para obterem o êxito desejado. Pouco nos valeria possuir poderosa maquinaria, mas sem o necessário combustível para fazê-la mover-se!

- **Pergunta: - Quais os principais fatores que impedem o Perispírito de obedecer facilmente à nossa vontade ou ao nosso pensamento, no Além, quando é certo que o nosso corpo físico responde imediatamente aos nossos comandos mentais?**

Atanagildo: - Em face da veemência dos impulsos animais, no corpo físico, o instinto centuplica as nossas mais débeis ordens partidas do pensamento e as executa mesmo antes de novos raciocínios da nossa mente. Diante de um perigo físico, o corpo carnal age imediatamente, acionado pelo instinto de conservação da vida material, que lhe é condição peculiar. Podeis notar que, inúmeras vezes, a ação de vosso corpo físico precede de muito a ação de vossa vontade ou raciocínio; é que o psiquismo responsável pela proteção à criatura presente o perigo muito antes de ser ele examinado em detalhes pela consciência em vigília. Nesse caso, a ação é rápida e não admite temporização; o corpo põe-se a salvo antes da decisão mental; primeiro age o instinto e depois o raciocínio. Mas, depois de desencarnados, abandonamos o corpo físico com o seu cabedal de sabedoria instintiva animal, e passamos para um outro plano mais sutil de vida, onde o poder mental é o agente principal que gradua e comanda as nossas relações, criações e a faculdade de nos movermos. Já não existe uma segunda natureza instintiva, capaz de superar a nossa vontade através de ações decisivas, praticadas antes de tomarmos uma resolução, como no caso dos olhos, que se fecham automaticamente antes de pensarmos em fechá-los, quando eles se veem ameaçados em sua integridade. Por isso, para aqueles que vivem controlados apenas pelo instinto, a vida astral se toma um grande suplício, pois são vítimas de toda sorte de prejuízos impostos pela vontade alheia, mais forte. Falta-lhes o automatismo da natureza física e, conseqüentemente, uma segunda natureza que, no mundo astral, se encarregue das decisões rápidas, salvadoras e de favorecimento espiritual. Mas aqueles que já conseguiram disciplinar a sua vontade no mundo físico, quer através de estudos espiritualistas ou iniciáticos, quer por exercícios estoicos e tenazes, sob objetivos superiores, também podem se mover, no Além, com a graça do pássaro e com a facilidade da paina de seda a flutuar na atmosfera serena das regiões etéricas!

(Trecho extraído do livro: "A Sobrevivência do Espírito", pelo Espírito de Ramatis, através do médium: Hercílio Maes)
Vamos agora, a um relato sensato sobre as Colônias Espirituais:

CIDADES ESPIRITUAIS

Em relatos provenientes das mais antigas civilizações conhecidas ou nas comunicações mais recentes de médiuns, espíritas ou não, a presença de cidades maravilhosas tem sido uma constante, assim como o contato com os seres que nelas habitam e que trabalham pelo bem da humanidade.

Os sábios e místicos das mais antigas civilizações da Terra já afirmavam que nosso mundo não era exatamente o que se pensava. Ou melhor, que ele era composto por camadas diferenciadas de realidades, nem todas imediatamente visíveis ou perceptíveis para todas as pessoas. Sob determinadas circunstâncias, alguns

indivíduos atingiam a capacidade de obter percepções mais ou menos nítidas dessas outras camadas de realidade que, de certa forma, circundavam o planeta.

Mais que isso: essas realidades paralelas à nossa estavam habitadas por entidades. Algumas eram vistas como sendo quase deuses, outras, como quase humanas. Todas poderiam, mais uma vez sob determinadas circunstâncias, entrar em contato com o nosso nível de realidade, transmitindo informações ou apenas tentando contatar com uma realidade da qual ainda não haviam se libertado completamente.

Essa sabedoria antiga foi transformada na base de muitas crenças religiosas, algumas das quais existem ainda hoje. Isso era uma realidade na Índia antiga como o é hoje. As referências à existência de um “mundo invisível”, encoberto dos simples mortais pelo “véu de Maya”, são constantes na religiosidade hindu. Hoje em dia, noções como essa fazem parte da especulação científica – ainda que muito pouco comentadas abertamente –, especialmente na concepção dos chamados universos ou dimensões paralelas. Uma constante na literatura de ficção científica, a noção de existências paralelas à nossa se desenvolveu principalmente a partir de alguns aspectos da teoria quântica, os quais estão sendo cada vez mais seriamente considerados no meio científico.

Outras Dimensões

São justamente os contatos com essas outras dimensões que, ao longo de milhares de anos, têm surgido como o centro de alguns dos maiores mistérios das religiões e crenças místicas da humanidade. Mais do que apenas relatar vislumbres de outras realidades, os relatos desses contatos fazem referências claras à existência de locais muito reais – às vezes, cidades, outras vezes, países ou terras maravilhosas.

Para alguns, Shamballah e Agartha seriam exemplos de cidades situadas numa das inúmeras dimensões paralelas, ainda que as lendas também se refiram a elas como sendo cidades subterrâneas. Esses relatos ou lendas – como preferem os cientistas – devem estar entre os mais antigos do planeta, formando a base de inúmeras crenças hindus e tibetanas. Na verdade, contos fantásticos sobre cidades subterrâneas ou em outras dimensões apareceram ainda recentemente, aqui mesmo no Brasil.

Seja como for, parece que o contato com esses locais – e com os seres que neles vivem – sempre esteve um tanto restrito, seja a pessoas com um desenvolvimento espiritual mais aprimorado, seja a pessoas com capacidades psíquicas mais desenvolvidas. Em alguns casos, como no antigo Egito, as maravilhosas terras do Além só podiam ser acessadas pelos Espíritos dos mortos, e eram vistas como verdadeiros países, com tudo o que a existência material proporcionava.

As informações vêm sendo fornecidas tanto pelo contato direto com essas realidades, como por meio de contatos entre os seres que nelas habitam e os encarnados na Terra, como ocorre hoje em dia com os médiuns.

Algumas crenças já se referiram à existência de sete planos ou níveis diferentes de realidade, cada qual um pouco mais afastado de nosso plano imediato. Assim, quanto mais distante se encontrasse o plano, mais difícil seria o contato. Os fantasmas, por exemplo, seriam os seres que ainda estariam num plano muito próximo à Terra, presos à realidade material e enfrentando dificuldades para se livrarem da existência anterior e realizar a passagem aos níveis mais elevados ou planos superiores.

Diferentes Contatos

Se fôssemos nos concentrar apenas na especulação científica, não haveria motivo para citar apenas sete planos dimensionais: o número de dimensões paralelas possíveis, na verdade, poderia ser infinito. Alguns estudiosos do assunto, ligados às mais variadas crenças e religiões, têm dito que, ultimamente, tem se tornado mais fácil acessar os níveis mais imediatos. Alguns chegam a dizer que está ocorrendo uma aproximação entre o plano material e o plano espiritual que se encontra mais perto da Terra, como se eles estivessem se mesclando.

Essa seria a razão do número crescente de contatos, seja por meio de mensagens psicografadas, sejam por meio das chamadas canalizações, ou mesmo por contatos diretos em projeções astrais que permitiriam aos indivíduos encarnados atingir esses níveis superiores. É verdade que as informações e mensagens desses contatos estão cada vez mais complexas e, certamente, mais confusas, uma vez que as comunicações têm sido atribuídas não apenas a Espíritos, mas também a seres extraterrestres, que estariam vivendo numa dessas dimensões paralelas e trabalhando em conjunto com os Espíritos mais avançados.

Para falar o mínimo, é uma questão cabeluda. Há quem diga que os contatos com extraterrestres não devem ser confundidos com os contatos espirituais; outros afirmam que é tudo a mesma coisa, ou seja, que as mensagens atribuídas aos extraterrestres estão sendo mal interpretadas, e que na verdade são contatos com Espíritos; outros, ainda, garantem que os extraterrestres que se comunicam com médiuns são seres de uma espiritualidade elevada, e que atuam nos planos espirituais com a mesma facilidade com que atuam no plano físico.

Parece que o assunto tem sido menos discutido do que deveria, afinal, o próprio Kardec se referiu à existência de vida em outros planetas, em diferentes estágios evolutivos e de espiritualidade. As psicografias de Chico Xavier também se referem a seres de outros planetas, de modo que nada mais natural do que discutir essa questão de forma mais ampla, estendendo o tema à possível presença espiritual de seres extraterrestres.

Cidades Dimensionais

Seja qual for o rumo que se dê às investigações e especulações, o tema das cidades espirituais, ou dimensionais, se preferirem, é apaixonante. E, se entendermos como correta a afirmação de que os mundos espirituais se encontram mais próximos do material do que nunca, não é de se estranhar que os relatos a seu respeito apresentem imagens cada vez mais nítidas. Nesse sentido, não resta dúvida de que as comunicações de André Luiz, psicografadas por Chico Xavier, ainda se encontram entre as mais complexas e nítidas de que se tem notícia. A riqueza de detalhes sobre as cidades espirituais tem chamado a atenção de muitas pessoas, mesmo daquelas que não seguem o espiritismo, mas que entendem como necessária uma aproximação entre os diferentes pontos de vista, filosofias ou crenças.

Quais seriam, por exemplo, os pontos em comum entre as narrativas do Espírito André Luiz a respeito do Nosso Lar, e outras visões de possíveis dimensões paralelas à nossa, encontradas em várias partes do Planeta? Para alguns pesquisadores de fenômenos insólitos verificados em nosso Planeta, os contatos com outras dimensões de existência são uma realidade. Mais que isso: alguns afirmam que existem pontos específicos na Terra que, de certa maneira, formam passagens entre essas dimensões, passagens que podem ser mais ou menos evidenciadas. Existem relatos de cidades maravilhosas que, em determinados momentos, podem ser vislumbradas em alguns locais do Planeta; isso teria sido verificado no deserto do Arizona e também na Antártida. Fala-se de ilhas que surgem misteriosamente no oceano, para desaparecerem em seguida, como se uma porta tivesse sido aberta e, em seguida, novamente fechada, apenas deixando-nos ter uma leve percepção de outra realidade. E muitos mais.

O mais interessante de tudo isso pode estar nos pontos em comum entre as diferentes narrativas. Por exemplo, algumas pessoas entendem que as orações funcionam como uma espécie de ferramenta para se atingir outros níveis ou, utilizando-se outro tipo de linguagem, “abrir uma passagem” para outra dimensão. De forma semelhante, alguns contatados por extraterrestres falam a respeito da elevação do nível vibratório como meio para se atingir um plano superior e receber mensagens desses seres; fala-se que os mantras indianos igualmente permitiriam, em determinadas ocasiões, o acesso a dimensões superiores, vislumbrando assim uma parte do mundo normalmente invisível; os que realizam projeções ou viagens astrais também se referem a uma série de atitudes ou atividades de relaxamento e concentração, a partir das quais poderiam acessar outras realidades.

As noções se complementam, confundem-se, mas, seja como for, podem ser a indicação de um caminho único em direção a uma compreensão maior dos mundos invisíveis que nos cercam. É claro, desde que sejam examinadas com isenção e sem preconceitos.

(Texto de: Gilberto Schoereder)

A CONFRARIA, A IRMANDADE, E AS ALDEIAS DE ARUANDA

O que aqui descreverei, foi visto por mim, em incursão projeciológica em Aruanda. De volta ao corpo físico, ficaram fortes impressões do que foi visto, e muitos detalhes se anuviaram. Imagine você, de passagem, em um dia, vá visitar 11 cidades, e depois tenta descrever em poucas palavras o que viu; geralmente irá relatar o que mais te maravilhou. Portanto, para não exagerar, e muito menos divagar em fantasias, narrarei somente o que me deslumbrou, e ficou impresso vivamente em minha mente. Muitos poderão dizer: Isso é imaginação fértil; conjecturas. Paciência; foi uma vivência pessoal, que nunca mais esquecerei, e quero repartir com todos.

O plano espiritual ostenta-se por toda à parte, em redor de nós ou de espaço delimitado.

Tudo o que existe nas Colônias espirituais é produto do poder mental de seus habitantes, que moldam a paisagem espiritual pelo pensamento e vontade criadora, moldando vestes etéreas que os cobrem, bem como as habitações e tudo o que existe em que lhe apraz viver.

Existem inúmeras Colônias espirituais no plano astral da Terra. Colônias são cidades espirituais que abrigam os desencarnados temporariamente.

As Colônias podem ser pequenas, medias ou grandes, dependendo do trabalho efetuado perante a espiritualidade.

O QUE SÃO AS ALDEIAS, A CONFRARIA E A IRMANDADE DE ARUANDA

Os dirigentes das Aldeias, da Confraria e da Irmandade de Aruanda são conhecidos como “Pais e Mães”.

As Aldeias, a Confraria e a Irmandade de Aruanda dão apoio e sustentação a todas as Casas Umbandistas, e as Casas Espiritualistas pautadas nos ensinamentos crísticos, e no Evangelho Redentor.

Dentro das Aldeias, da Confraria e da Irmandade de Aruanda existem Templos, tendo intercâmbio uma com as outras e com os postos de socorro a elas subordinadas.

Nas Aldeias, na Confraria e na Irmandade de Aruanda existem moradias, escolas, bibliotecas, jardins, casas de repouso, locais para reuniões e palestras. Existe toda uma complexidade de habitações, todas muito simples, necessárias ao trabalho ali realizado. Muitas moradias dos habitantes das Aldeias são como casas de pau a pique ou mesmo ocas.

Todas as construções das Aldeias são simples e ecológicas, todas integradas à Natureza. O único conjunto que sobressai em todas as Aldeias são os Templos, que igualmente são simples, sendo a maioria a própria Natureza em si. Os Templos das Aldeias da Confraria e da Irmandade são verdadeiros Santuários de Bênçãos, onde Espíritos iluminados, habitantes de regiões mais puras e mais felizes, se fazem presentes, a trazer o amor, o carinho e a palavra amiga.

As palestras realizadas nas Aldeias, na Confraria e na Irmandade de Aruanda são disputadíssimas, tendo recursos áudio/visuais e seguem um padrão de harmonia impressionante. Quando um Pai ou uma Mãe vai realizar alguma palestra doutrinária, falta lugar para se acomodar, pois são esmerados no trato evangélico e crístico.

Nos momentos de orações diárias, todas as Aldeias, a Confraria e a Irmandade se recolhem em preces fervorosas, onde vemos a luz de Deus se irradiar em tudo e em todos. São momentos preciosos.

As Bibliotecas das Aldeias, da Confraria e da Irmandade são verdadeiras bênçãos de conhecimentos, todas com imensos volumes maravilhosos na encadernação e no conteúdo espiritual.

A Mata de Aruanda é de uma beleza sem igual. Toda rodeada por árvores e vegetais delicados e flores de um perfume inigualável. Toda Aruanda é cortada por rios de águas caudalosas, serenas, e de cachoeiras ladeadas por pedras esverdeadas e todas cercadas por flores multicoloridas. É indescritível.

Dividida em uma Confraria, uma Irmandade e nove Aldeias, formando a “Congregação de Trabalhos Espirituais de Aruanda”.

Em Aruanda existem lagos, cachoeiras, campinas, bosques, ou seja, tudo o que temos na Natureza terrena, lá também existe, só que de forma mais esplendorosa e luxuriante. As matas são riquíssimas em vegetais floridos, perfumados e toda a fauna é exuberante, com pássaros voando graciosamente, enquanto outros animais se achegam para receberem um afagar carinhoso; todos vivem harmoniosamente. São imensamente dóceis e amigos.

Existem rios bordados por mata viçosa, onde se vislumbram botos, peixes, patos, gansos, todos em harmonia ambiental. Os rios correm tranquilamente, refletindo em suas águas todo o firmamento.

Em todas as Aldeias reinam o amor incondicional e em certos ambientes propícios, onde a Natureza parece nos abraçar, constituem locais excelentes para meditação e refazimento energético.

Em volta das casas existem grandes jardins floridos, ervas medicinais e árvores frondosas com sombras abençoadas. O ar é puro e a atmosfera de profunda tranquilidade espiritual. Nas Aldeias não existe nenhum sinal de inércia ou de ociosidade. Em tudo reina a simplicidade, a ordem, a limpeza, a igualdade e a harmonia. À tardinha, quando o sol se põe, ouve-se um leve bater de sinos e os trabalhadores se recolhem em seus lares, enquanto outros continuam suas tarefas. É o momento do reencontro familiar, orações, bênçãos, alimentação e repouso necessário.

A disciplina hierárquica e os horários são regamente cumpridos. Não existem confrontos ou questionamentos infelizes. O amor é tudo nas Aldeias, na Confraria e na Irmandade.

Cada uma dessas Aldeias, da Confraria e da Irmandade tem trabalhos específicos perante Deus a toda a humanidade. Vale lembrar, que cada uma delas irradiam forças de Deus.

AS “CASAS DE CARIDADE”

Das Aldeias surgem as “Casas de Caridade”, que tem por finalidade o socorro imediato, e se locomovem (toda Casa de Caridade são como casas transitórias) de um lado para o outro, segundo as necessidades.

Cada grupamento umbandista autorizado pela Cúpula Astral de Aruanda tem em sua contraparte astral, uma “Casa de Caridade”. No plano terreno surgem as humanizações das “Casas de Caridade”, as quais denominamos de “Terreiro de Umbandista” e seus trabalhadores são os médiuns, que, se estiverem trabalhando em conformidade com as Leis da Umbanda, são a concretização e o trabalho das Aldeias no plano terreno.

São as “Casas de Caridade” que tem a finalidade de socorro, pois estão próximas as crostas, e se locomovem de um lado para o outro segundo as necessidades, como as casas transitórias ou rotativas. Fica muito difícil nomear as “Casas de Caridade”, devido ao grande número existente. Por estarem ligadas, fazem o trabalho específico dessas organizações perante a humanidade, prestando o devido socorro que qualquer situação necessite.

As “Casas de Caridade” são locais menores de socorro das Camadas Concêntricas Superiores, até as Camadas Concêntricas Inferiores, menos nas Zonas Sub-Crostais Inferiores, como também estão situadas acima da construção material de todo Terreiro Umbandista autorizado pela Cúpula Astral de Umbanda, amparando e socorrendo os necessitados.

As “Casas de Caridade” que se encontram no plano espiritual adidas aos Terreiros de Umbanda estão sempre lotadas. Há sistemas de defesa, portões, janelas com grades, enfermarias, salas de recepção, local de descanso para seus trabalhadores etc. As maiorias dos Espíritos socorridos ficam nas “Casas de Caridade” por algum tempo e posteriormente são levados para serem tratados nas casas de repouso das Aldeias, ou nas celas prisionais da Irmandade dos Vigilantes da Lei.

Os trabalhadores das “Casas de Caridade” saem pelo Umbral, pela Crosta ou mesmo pelos reinos trevosos a socorrer os que querem ou necessitam de auxílio. Possuem vestimenta especial e artefatos para se protegerem dos ataques perpetrados pelos Espíritos do Umbral trevosos que não aceitam e não querem ser auxiliados, não permitindo também que se socorra ninguém. Raramente, em missões de socorro no Umbral ou nos reinos trevosos, as “Casas de Caridade” são atacadas.

Todo Terreiro Umbandista, desde que seja um “verdadeiro Templo”, com ordens e direitos de trabalho autorizado pela Cúpula Astral de Umbanda, é assessorado por uma “Casa de Caridade”, e tem íntima ligação com essa organização, e em dias de trabalhos espirituais se fixam acima da construção material dos Terreiros. Cada “Casa de Caridade” ligada a um Terreiro, invariavelmente, e, temporariamente, possuem o mesmo nome do grupamento terreno, composta pelos trabalhadores espirituais militantes no Terreiro. Exemplo:

- Templo da Estrela Azul = Casa de Caridade da Estrela Azul.
- Templo dos Caminheiros da Verdade = Casa de Caridade dos Caminheiros da Verdade.
- Templo de Umbanda Pai João = Casa de Caridade do Pai João.

E assim por diante.

Todo trabalho coordenado pelas Aldeias é executados pelas “Casas de Caridade”.

Vamos ao vislumbre das Aldeias de Aruanda. Utilizaremos algumas imagens meramente ilustrativas, colhidas na Net, próximas da realidade que presenciamos, somente como ponto de referência.

CONFRARIA DO TEMBETÁ – A CÚPULA ASTRAL DE UMBANDA

Antes de discorrermos sobre esta Confraria, vamos elucidar sobre o que seria Tembetá, bem como sobre Yurupary, cujo nome pontifica uma das Aldeias de Aruanda.

Entre o povo da raça Tupy conta-se que em tempos longínquos Tupan enviou Yupitan ou Arapitã – onde yu = loiro, doirado, e pitã = criança, menino, significava na língua matriz, o abanhenga, criança ou menino loiro iluminado pelo sol. Arapitã, onde ara = luz, esplendor, e pitã = criança, e significa o filho iluminado de Aracy, Ara = luz, e cy = mãe ou progenitora.

Entre os Tupi viveu, e trouxe muitos ensinamentos, e iluminado pelo “deus-sol”, como veio se foi, porém, disse que noutra época viria Suman (Sumé), e depois Yurupary, fato que ocorreu várias gerações depois quando do Oriente surge entre os Tupynambás um velho dizendo se chamar Suman (Sumé), enviado por Tupan e que lhes ensinou a Lei Divina e tantas outras coisas. Como veio, voltou ao Oriente, deixando aos velhos Pajés o segredo do Tuyabaé-Cuaá, sendo lembrado como “pai da sabedoria”. Entre os Tupis-Guaranis, também foi constatada a tradição viva, positiva, sobre Yurupary – onde yuru = pescoço, colo, garganta ou boca, e pary = fechado, apertado, tapado, significa o mártir, o torturado, o sofredor, o agonizante, o seu Messias (possivelmente, uma das encarnações de um Cristo).

Foi Sumé que evidenciou a maior riqueza dos Tupys: O Tuyabaé-Cuaá. Ele veio para cuidar, fortalecer, regar a semente para tornar-se árvore forte e estendeu seus ramos em todas as direções. Todo este conhecimento sintetiza a verdadeira Luz Divina, a verdadeira e suprema ciência, o Tuyabaé-Cuaá. Este conhecimento consiste na filosofia, arte, ciência, tradição religiosa etc., e dentre estes ensinamentos está o uso sagrado das ervas.

O Tuyabaé-Cuaá significa a sabedoria dos velhos Pajés. Era precisamente a tradição mais oculta, conservada através de milênios, de Pajé a Pajé, ou seja, de mestre a mestre, de mago a mago, a qual conjugava todos os conhecimentos mágicos, terapêuticos (o Caa-yari, a fitoterapia sagrada), fenomênicos, espíritos, ritualísticos, religiosos etc.

Na teogonia ameríndia, Yurupary foi o filho da virgem Chiúcy, onde Chiú = pranto, e cy = mãe, a mãe do pranto, a máter dolorosa que viu seu filho querido ser sacrificado porque pregava (tal e qual Jesus) o amor, a renúncia, a igualdade e a caridade.

Yurupary é o Messias dos Atlanteanos, veio para dar o testemunho e confirmar o Tuyabaé-Cuaá – sabedoria integral dos velhos Pajés.

No apogeu da ração Atlanteana, entre os povos Tupis, Yurupary, veio para implantar a ordem de equilíbrio, instituindo assim o culto solar (masculino-Tembetá), e o culto lunar (feminino – Myrakitan).

Yurupary foi, portanto, entre os Tupys, um Messias e não o que os jesuítas daqueles tempos interpretaram como “diabo” (*Os jesuítas fizeram uma tremenda força, para “identificar” Suman ou Sumé com o “Santo Thomé ou Tomé”, deles. Mas não “pegou” de jeito algum... Sobre a Tradição de Yurupary, o Cel. Sousa Brasil no tomo 100 do vol. 154 da Revista do Instituto Histórico 2º, de 1926, dá testemunho irrefutável dessa venerada tradição que ainda encontrou entre os nossos índios*). Tanto é, que se perde no passado de sua remotíssima tradição esse tema de um Messias, da cruz e de seu martírio. Por isso é que veneravam a Curuçá a cruz de curu, fragmento de pau ou de pedra e çá, gritar ou produzir qualquer som estridente. Curuçá em sentido místico, significa cruz sagrada, porque recebeu o sofrimento, o grito do agonizante ou a agonia do mártir. Em certas cerimônias, os Pajés, depois de produzirem o fogo atritando dois pedaços de pau, os cruzava (para formar uma cruz) para simbolizar o Poder Criador, o fogo sagrado.

Os ameríndios veneravam o Curuçá = “cruz sagrada”, porque recebeu o sofrimento do agonizante. Assim, quando Cabral aqui desembarcou, foi recebido com alegria e amor, entendendo que segundo a antiga profecia, viriam para ajudá-los. E foi por causa disso, desse conceito, desse conhecimento, que eles, os índios, receberam com alegria, como amigos, como irmãos, aos portugueses de Cabral, porque nas velas de suas naus estavam desenhada uma espécie de cruz. Pensaram que segundo uma antiga profecia eles vinham para ajudá-los... e como se enganaram.

Conta à velha lenda que quando o homem ainda vivia disperso em pequenos grupos e famílias pela Terra, e nem mesmo tinha desenvolvido todas as características que como as que conhecemos atualmente, surge dentre eles Sumé (*aquele que vinha lembrar e estabelecer a Lei e ensinar o segredo de todas as coisas*). Desde muito cedo, Sumé se destacou em inteligência e sabedoria. Tornou-se o Pai (ou o primeiro) de todos os Pajés. Era possuidor de uma grande capacidade de reunir em torno de si os homens e ensiná-los sobre todas as coisas.

Aproveitando que os homens já começavam a perceber a importância da luz, já começavam a observar os efeitos desta através do Sol, das estrelas cadentes, dos raios, e etc., Sumé ensinou que na cruz estava a essência, a emanção de um Poder que iluminava tudo.

Por associação e observação dos fenômenos naturais como estrelas cadentes começaram a imitar com a garganta sons, tais como: tyi, tsiil, tshiio, associando-os as estrelas: ran, pan, ão, associando-os ao trovão e raios. Esses eram tidos como a Voz de um Senhor do Céu. Surgia assim o primeiro vocábulo Tupã pela contração dessas duas sonâncias que foi o primeiro nome de Deus.

Sumé desvendou ainda o mistério da Cruz associando-se a um culto – Curuçá, o “Culto da Cruz Sagrada” – e à contemplação do Cruzeiro do Sul (*a cruz é o símbolo da síntese da Divindade, da luz do amor unido a sabedoria*), ensinando que nele estava toda a essência. Esses ensinamentos de Sumé ficaram conhecidos como: Tuyabaé-Cuaá (Sabedoria dos Velhos Payés). Onde se ensinava que Tupan, divindade máxima, se manifestava através da Luz, pelo Cruzeiro do Sul, pelo Sol e era representado pela cruz, reproduzida através do Tembetá – amuleto

em forma de T, que também designava um culto para perpetuar os “sagrados mistérios da cruz”. Esse amuleto era ligado diretamente ao Sol – Guaracy representando o Poder Criador, o Princípio Espiritual, o Princípio Fecundante viril, do fogo, da luz, do calor: o Eterno Masculino de todas as coisas.

Os Pajés tinham o conhecimento dos mistérios ou ritos solares pela trilogia de, Guaracy – Yacy – Rudá ou Perudá. Guaracy – o Sol – representava o poder vital, mãe-pai dos viventes, no sentido da vida física; Yacy – era a Lua – representando a criação do reino vegetal, na Natureza; Rudá ou Perudá – era o deus ou a deusa do amor e da reprodução que promovia a união do Sol, da Luz, do Princípio masculino com o feminino, do Princípio Espiritual, com o Princípio Material, gerando o mundo da forma, ou seja, o mundo em que vivemos e conhecemos hoje.

E para reafirmar esse tríplice conceito teogônico, os Pajés ensinavam mais que, Guaracy representava o Eterno masculino, o princípio vital positivo quente de todas as coisas. E Rudá era o intermediário, isto é, o amor que unia os dois princípios na “criação da natureza”.

Havia também o Muyrakitan ou Muraykitan – de Mura = mar, água; Yara = senhora, deusa e Kitan = botão de flor. Portanto, “Deusa que floriu das águas, Senhora que nasceu do mar, Deusa ou Senhora do mar”. Este era o culto à Lua.

Myrakitan: Ao nascimento de uma menina, a criança era visitada pelos Pajés e as Ikaniabas mais velhas (sacerdotisas), e através de um ritual especial que era feito através da queima de uma fogueira, onde se jogava o fumo, a criança era passada de mão em mão, e através do signo, anunciavam para aquela criança seus dons excepcionais de uma Ikaniaba. O ritual se processava através de cânticos e evocações pelos Pajés, pedindo a proteção de Tupã, dançando e cantando, afastavam os maus Espíritos que porventura quisesse se aproximar.

Após este ritual a Ikaniaba mais velha fazia o uso de infusão de ervas aromáticas (caá), dava-se o nome ao novo Su (nome iniciático). A seguir a criança era consagrada à Lua quando esta estava em plenúrio, e passava a viver exclusivamente dentro de um juramento de fidelidade, o qual a obrigava a preservar sua castidade, e a cada dois dias tinha que tomar infusões de ervas (caá). Vestiam um traje diferenciado de plumas de vegetais trançados, pequenos círculos pintados de cores vivas, colar e pulseiras de plumas com pequenos círculos de cores vivas.

Eram elas as responsáveis pela confecção de Itaobymbaé, especial amuleto com poderes mágicos e terapêuticos. E a sua confecção exigia toda uma gama de aparatos especiais. Eles iam até o lago no primeiro dia de lua cheia, colhiam as folhas da Jurema, a seguir mascavam absorvendo o seu sumo e entoavam os Mantrans (Makaun – Senhor das Almas). Em seguida mergulhavam no lago para retirar uma espécie de argila, a qual modelavam em pequenas formas circulares com orifício ao centro, antes do sol nascer. Esperavam até que o Sol surgisse para que o seu poder fecundador pousa-se no Itaobimbaé, na mulher era usado na orelha esquerda e era semelhante ao sexo feminino, e no homem era usado no pescoço e era semelhante ao sexo masculino.

Acreditavam em seus poderes mágicos e terapêuticos, através de seu Itaobymbaé – talismã feito de argila de cor verde, colhidos e preparados pelas ikanyabas (as conhãtay ou moças virgens que eram votadas, desde a infância, como sacerdotisas do culto de Muirakitan, o qual era vedado aos homens.

O equivalente para os homens era o Tembetá, um talismã de nefrita verde, em forma de T, preparado pelos Pajés ou pelos karayba, para que imantasse o raio, o fogo que os índios traziam pendente no lábio inferior, através de uma perfuração.

Tembetá, que se originou de Tembaitá, de Tê ou T, o signo divino (gravado nas pedras sagradas) da cruz (de curuçá); de mbaé, objeto, e de ita, pedra. Pode ser interpretado corretamente assim: cruz feita de pedra (em sentido sagrado).

Tembetá = pode ser interpretado corretamente assim: cruz feita de pedra (em sentido sagrado). O Tembetá era um talismã de Guaracy – o Sol – o Céu, enfim, a energia solar. Era o símbolo mágico do “deus-sol”. Também preparavam outros amuletos que tomavam a designação de Itapos-sangas, inclusive os que eram feitos ou recebiam a força de Yara – mãe d’água.

A Muyrakitan ou o Itaobymbaé e o Tembetá juntos, representavam a força mágica de Tupã – o Deus único.

(O texto sobre o Tembetá, o Itaobymbaé e Yurupary, foi formulado nas informações trazidas por Wilson Woodron da Matta e Silva)

É a Confraria dos Orixás Mediadores que coordenam todas as Aldeias, bem como a condução da religião de Umbanda. Tudo o que vier da espiritualidade tem que passar pelo crivo dessa Confraria, sendo posteriormente redirecionado para as Aldeias e para a Irmandade dos Vigilantes da Lei.

A Confraria do Tembetá é difícil até de descrever, tal a beleza e a singeleza de suas edificações e de toda a Natureza a sua volta.

Nesta Confraria encontra-se o “Templo do Tembetá”, dedicado ao Cristo Planetário.

Todo ele é formado por cristais translúcidos, dando a impressão de que toda a Natureza se reflete por todo o prédio, infundindo uma sensação de leveza, firmeza, fé e constrição. Acima do Templo irradia-se uma grande cruz de cristal translúcida. O interessante é que por todos os lados que você olha, existe a sua imagem refletida, só que o reflexo é da sua imagem verdadeira, ou seja, aquilo que realmente encontra-se no seu íntimo. Ali não existe a mentira e nem a ilusão. Tudo é a realidade nua e crua. É o reflexo do seu “Eu” verdadeiro.



Nos momentos de oração, toda a Confraria vibra num êxtase da fé impressionante. Quando das orações e dos mantrãs efetuados, toda a edificação vibra, emitindo ondas magnéticas cristalinas multicoloridas que alcançam o Céu sem fim e também caindo sobre toda a Terra de um modo impressionante. São bênçãos de luz, que recebemos a todo instante, desses nossos irmãos, que vibram incessantemente para a paz, harmonia, amor e o perdão entre os homens.

Toda a natureza em volta é de uma magnitude e exuberância inexplicáveis, pois refletem a essência verdadeira de tudo o que ali existe. Talvez, a imagem gravada na memória de muitos Espíritos que por ali passaram, foi captadas e copiadas em obras de artes conhecidas na Terra, fazendo com que todos nós as admiremos, e interiormente gostaríamos de ali estar.

Todos os trabalhadores dessa Confraria são Espíritos Superiores, de uma iluminação tal, que passaram a refletir o amor e a grandeza de Deus Pai, pois abdicaram de seus egos em prol de toda a humanidade. São os verdadeiros cordeiros de Deus. Os iluminados que atingiram o Nirvana.

A todo instante estão irradiando para a fé e a religiosidade, orando, cantando, recitando mantrãs divinos e enviando a todos, constantemente, emanções amorosas de pura luz. Muitas vezes, sacrificam suas luzes, descendo até o plano terreno, auxiliando de perto os humanos, com sua bondade e tolerância extremadas.

Adendo: Para que não haja confusão, vamos explicar em linhas gerais, a questão de Oxalá, e a questão do Cristo Cósmico, ou seja, o porquê existir uma Confraria dedicada Cristo Planetário e uma Aldeia a Yurupary (Oxalá).

Os Umbandistas tem Jesus de Nazaré como sendo o Oxalá. Ele não é “o”, mas é “um” Oxalá (Oxalá como individualidade não existe; o que existe é uma agremiação composta por Espíritos dignos, denominada de: Corporação Oxalá), e é o responsável, o governante do Planeta Terra. Cremos que desde a formação do planeta,

Jesus está conosco e tudo o que aqui existe tem a participação de dele. (sobre essa questão, está bem explicitada no livro: “AS CORPORAÇÕES ORIXÁS”, de nossa autoria).

Eis o porquê de nos Terreiros Umbandistas, a imagem de Jesus sempre é a mais alta, a mais proeminente. Muitos pontos cantados, e mesmo Guias Espirituais, se referem a Jesus como “O Rei da Umbanda” – “O Rei dos Orixás”. Por isso, Jesus, um Oxalá, sempre é honrado com reverência em primeiro, em todos os Terreiros.

Para a Umbanda Crística, o Cristo em si, seria o “Cristo Planetário”, um Espírito Arcangélico responsável pela plasmação e evolução do Planeta Terra como um todo. Jesus era o médium do Cristo Planetário, trazendo-nos as mensagens deste ser de luz, para a nossa libertação. Jesus é um Espírito crístico, mas não é o Cristo Planetário.

A palavra Cristo quer dizer o “o Consagrado – o Purificado”. Vários Espíritos iluminados que estiveram presentes encarnados no planeta, todos, trouxeram uma parcela da verdade, culminando no grande Luminar, Jesus de Nazaré, todos, emissários do Cristo Planetário. Vejam então, que ser crístico é seguir os ensinamentos do Cristo Planetário através desses Avatares que só nos ensinaram a libertação através do perdão e do amor. Ser “crístico” significa ser semelhante a Cristo; ter o mesmo sentimento que Ele tem; tratar as pessoas como Ele trata. Jesus é um Cristo, ou seja, um Iluminado, assim como muitos o foram aqui também, cada um contribuindo em sua época para a evolução terrena.

Jesus – o 5º Cristo:

(...) Esta condição de ser Cristo não é única, de um só Ser Espiritual – isso de ser crístico, de ter realizado o Cristo em si, é o grau de consciência espiritual próprio da Hierarquia Planetária. Existem milhões e milhões de Cristos, para supervisionar a evolução dos Seres ou Espíritos que participam, encarnados ou não, sob qualquer veículo ou matéria: denso, astral, etérico, superetérico, etc., de todos os sistemas Planetários ou Sóis, que sejam “campos de evolução” destes Seres que caíram na Linha de Ascensão via-matéria. (...)

Nosso sistema planetário recebe diretamente a supervisão ou orientação direta de 7 Cristos, determinados ou encaminhados em missão, desta Hierarquia Planetária – cada um vem de uma de suas 7 categorias.

Justamente o que tomou o nome de Jesus – e não propriamente de Emmanuel, conforme estava profetizado – é o 5º Cristo, este a quem ainda está afeta diretamente a evolução de nossa Raça-mãe, neste 2º ciclo da sua 5ª sub-raça ou de raiz (conforme os ensinamentos sobre Rondas e Raças bramânicas, e teosofistas, que achamos justo); então virá o 6º Cristo, agora diretamente na evolução desta, que vai entrar no domínio do plano sabedoria (inteligência da mente – pertence a nossa, a 5ª). Tanto é que 5 foram os Messias ou Cristos que passaram, cada um acompanhando o ciclo evolutivo de uma Raça ou Ronda que lhe está afeta (que são 7, pois não admitimos que o mistério setémplice, ou do setenário, ficasse em branco, em duas Rondas, somente sendo ronda-de-raça, a começar da terceira ou na Era Lemuriana), assim, identificou-se o denominado como Jesus, muito embora ainda existam divergências, visto que, outros, continuam a esperar o anunciado como Emmanuel.

(...) Cremos em nossos ensinamentos ocultos, que confirmam a regra ou a passagem em cada ciclo de raça, de um Cristo, de acordo com grau evolutivo-espiritual desta, e que volta 7 vezes, isto é, uma vez em cada ciclo de sub-raça como de mentores ou precursores da Doutrina ou da Lei Uma. (...)

(...) Como se chamaram os 4 Cristos ou Emmanuel (entenda-se no plural) – da 7ª, 6ª, 5ª e 4ª Categoria da Hierarquia Planetária (grau cristófolo, como dizem outros) é assunto irrespondível, já o dissemos, porém, o Jesus – o nosso meigo Oxalá, este que simbolizou a Cruz como a imagem da Dor e da Renúncia, é o 5º da 3ª Categoria que voltará tão depressa e positivamente os nossos tempos tenham chegado (Oh! Decantados “tempos são chegados” – teu sentido real não é esse que entendem como tal) (...)

No entanto, estes outros 4 não cessaram de operar, de trabalhar, juntamente com Jesus, pelo progresso da humanidade terra, bem como da de outros planetas de nosso sistema, também afetos a eles. Apenas a nossa atual Raça (toda humanidade) ainda não pode receber o 6º e muito menos o sétimo Cristo.

Compreenda-se que cada Raça, em cada Ciclo ou Ronda, tem o Supervisor apropriado a seu grau de evolução. Estas Rondas, já o dissemos e dizem outras Escolas também, são 7. Estes Guias ou Messias ou Emmanuel são as 7 Expressões visíveis, sensíveis (quando se encarnam) do que chamam de LOGOS – do Verbo, que é o aspecto moral-espiritual da Lei Uma, estatuída pelas Hierarquias Superiores.

(Wilson Woodron da Matta e Silva - “Umbanda e sua Eterna Doutrina” – Editoria Freitas Bastos – 4ª edição – 1985)

Então, depois deste breve relato elucidatório, entenderemos o porquê da Confraria do Tembetá, ser a agremiação dedicada ao Cristo Cósmico e toda composta por Orixás Mediadores juntamente com seus auxiliares, afetos à Umbanda, irradiando a Luz Divina para tudo e para todos.

IRMANDADE DOS VIGILANTES DA LEI

Somente na Irmandade dos Vigilantes da Lei, os Espíritos mais trevosos e renitentes que foram “capturados”, e estão em condições de serem auxiliados, ficam alojados obrigatoriamente, recebendo tratamento adequado para que seus mentais conturbados sejam apaziguados e possam se libertar de suas viciações.

Falar desta Irmandade é falar de caridade.

Quantos irmãos já caíram perante a espiritualidade, pelo fato de se manterem ignorantes das leis que regem o universo. A mentira, a egolatria, o egocentrismo, a vaidade, o ódio, a inveja, etc., são defeitos humanos que nos arrastam para o mais fundo poço da ignorância, impingindo a nossa alma imortal um sofrimento interior incalculável. No meio desse caos aparente, surge a Irmandade dos Vigilantes da Lei, verdadeiro oásis de luz, onde os Espíritos endurecidos em seus mentais encontrarão o alento necessário para se libertarem de suas mazelas e voltarem à realidade do Espírito.

Nesta Irmandade trabalham Espíritos abnegados, que muitas vezes abriam mão de sua escalada espiritual para estarem junto aos irmãos necessitados. Ali se encontram várias escolas, pronto socorros, hospitais, manicômios e casas de repouso necessárias aos Espíritos que para lá são enviados, procedendo à recuperação de todos.

Para lidar com os irmãos portadores de todo o tipo de desequilíbrios não é trabalho fácil. Necessita-se muito amor, paciência e conhecimento. Verdadeiros psiquiatras, psicólogos, terapeutas e médicos do Espírito.

O amor, a caridade, a benevolência, a paciência, a compaixão e a bondade imperam nessa Irmandade.

Os seus habitantes são Espíritos abnegados e versados no trato com obsessores, kiumbas e sofredores. Ali militam Caboclos da Mata, Caboclos Lanceiros da Umbanda, Caboclos e Pretos Velhos Demandadores, e seus auxiliares, todos Espíritos caridosos, que preferiram estar em contato com os submundos do baixo astral, a fim de resgatarem seus irmãos do sofrimento que os atormentam.

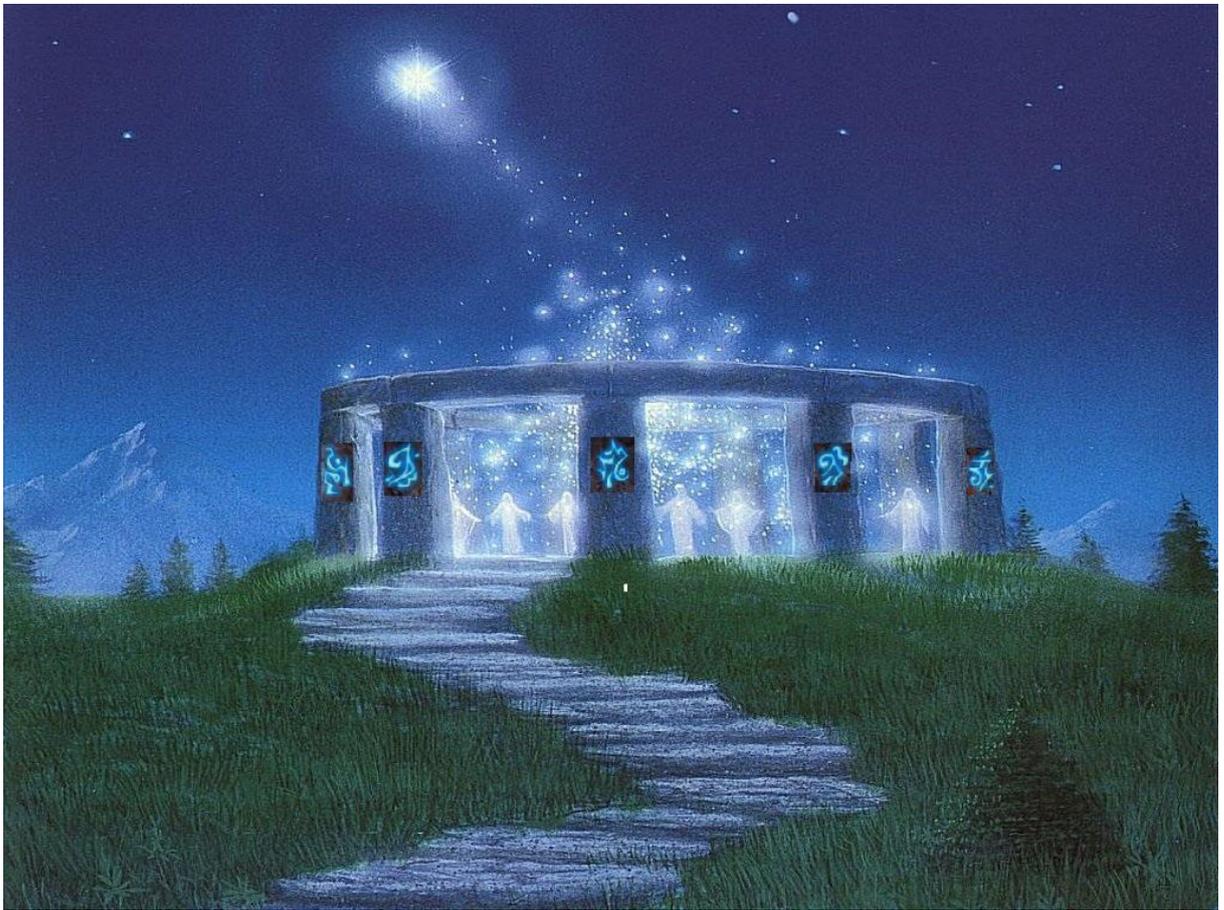
Todos os que estão sofrendo o tormento da obsessão ou perseguições espirituais, e dirigem uma prece fervorosa rogando auxílio a espiritualidade, imediatamente os irmãos da Irmandade dos Vigilantes da Lei estarão presentes.

Fazem verdadeira blitz no plano terreno, no umbral e muitas vezes nas zonas concêntricas inferiores (Reino da Kimbanda) a fim de resgatar os irmãos que se encontram aprisionados em seus mentais. Defendem dos Espíritos perturbadores, a todo custo, os locais dedicados às práticas caritativas. Estão sempre a postos nos centros religiosos para resgatarem os Espíritos ignorantes, perturbadores e sofredores, que vão a esses locais acompanhando as pessoas que estão sofrendo. São temidos pelos “grandes” das trevas, pois os tem como inimigos, devido a várias incursões feitas nos reinos sombrios para o resgate de irmãos presos em seus mentais deturpados e conseqüentemente servindo as trevas. Mas, um dia agradecerão a intervenção desses abnegados irmãos, que os libertaram da sua ignorância.

Na Irmandade existe “O Templo dos Vigilantes da Lei”.

Este Templo tem um conjunto arquitetônico simples, mas ao mesmo tempo complexo, tendo uma grande pira ardente no centro e em volta dessa pira, colocados simetricamente, estão vários pilares, naturais, de pedras, das mais variadas qualidades, todos com inscrições cabalísticas cravadas; é lindo.

O conjunto forma uma energia tal, que a irradiação transcende a própria Irmandade, indo até o umbral, às zonas concêntricas inferiores e a crosta terrestre, dando sustentação magnética aos vigilantes em serviço.



Toda vez que clamamos o auxílio da espiritualidade por sentirmo-nos possuídos por forças estranhas e maléficas, desce uma irradiação poderosa desta Irmandade, que nos dá a sustentação necessária a fim de que possamos receber a ajuda que necessitamos para o momento.

Celas Prisionais de Regeneração

Em Aruanda, as Celas Prisionais de Regeneração existem somente na Irmandade dos Vigilantes da Lei. São locais especializados na recuperação de verdadeiros delinquentes do astral. Cada um é encaminhado onde a sua reforma é necessária. Realmente não é um local bonito de se ver, pois reina a confusão e a demência dos que estão em tratamento. Cada paciente vivencia o seu inferno pessoal, criado por sua mente, de acordo com os erros cometidos perante as Leis de Deus.

A impressão que dá é que são iguais aos complexos corretivos da Terra, mas o que acontece, é que cada dementado que ali se encontra vivencia o seu próprio tormento. Os servidores que militam nesse meio são especializados no trato com Espíritos que de tanto vivenciarem erros, passaram a vibrar esses mesmos erros como se fosse uma realidade pessoal. Cada paciente que ali se encontra é muito parecido com os déspotas, assassinos, psicopatas e toda sorte de viciações humanas. Somente servidores abnegados e amorosos conseguem amparar e auxiliar os que conhecemos como “delinquentes, psicopatas, maníacos e dementados espirituais”. Os tratamentos aplicados nesse local, a primeira vista podem parecer contundentes, mas são necessários, pois os Espíritos trevosos em suas mentes só conhecem uma linguagem que é a disciplina corretiva.

A proteção dessa Irmandade é impressionante. Existe todo um complexo protetor nos muros divisórios da agremiação, sendo vigiados constantemente por Tarefeiros da Umbanda, sendo acompanhados por animais parecidos com cães, panteras, lagartos, lobos, etc. Muitos desses animais são seres humanos que tem seu corpo astral metamorfoseado em formas animais, devido aos erros cometidos (zoantropia) e estão em recuperação na Irmandade.

A palavra “zoantropia” tem origem do latim (zoo= animal e anthropos= homem) e é o fenômeno em que Espíritos desencarnados devotados ao mal se tornam visíveis aos homens sob formas de animais, demonstrando assim sua degradação tanto moral, quanto espiritual. Esse processo de transformação também pode se dar através de uma metamorfose do corpo astral, processada através de uma indução hipnótica, em que o desencarnado inferiorizado em suas culpas, ganha a forma animalesca. “... *Essas formas são as mais diversas, sem esquecer-se da forma “diabólica” em que muitos se apresentam com cara de homem, chifres, rabo e pés de bode, ou seja, um ser misto de homem e animal...*” (Maria Madalena Naufal).

O magnetismo formado pelas pilastras de pedra do Templo é impressionante, não permitindo invasão negativa de espécie alguma.

Lembre-se, que a Irmandade dos Vigilantes da Lei, por ser uma organização de socorro aos Espíritos trevosos, é constantemente assediada por verdadeiras hordas de “demônios” que a querem destruir, constantemente.

Todo Templo Umbandista ou Kardecista que realiza trabalhos caritativos de Descarregos (desobsessão), está intimamente ligado a essa Irmandade, tendo a sua assistência e sua proteção.

A “Escola de Santo Agostinho”, uma das mais antigas Fraternidades de auxílio aos obsessores e portadores de doenças kármicas em serviço na crosta terrestre, é ligada a Irmandade dos Vigilantes da Lei.

Esta Irmandade é dirigida por um Venerando Espírito Superior (Orixá Mediador), que utiliza o nome de: Ogum de Lei.



Ogum de Lei

ALDEIA DE YURUPARY

Yurupary: “Aquele que traz a verdade” (Jesus).

Os Espíritos militantes dessa Aldeia são extremamente bondosos, caridosos e amorosos, sempre estando prontos para auxiliar àqueles que deles necessitem. Todos estão sempre unidos no mesmo ideal, que é a ascensão espiritual de toda a humanidade.

Enviam-nos mensagens de amor, sempre incitando a reforma íntima. Suas atuações no plano terreno, principalmente dentro dos Terreiros de Umbanda, são sérias, compenetradas nos levando a reflexão de que o verdadeiro caminho é o caminho do amor, do entendimento, do perdão, da resignação, da fé e do amor a Deus e todas as suas criaturas. Constantemente nos incitam a leitura, o estudo e a pregação do Evangelho, como fonte Divina de inspiração para uma vida sublimada. Movimentam com maestria a Magia Mental, mas, sempre respeitando o Livre Arbítrio.

No centro da Aldeia está o “Templo de Yurupary”. Este Templo é um campo gramado ao ar livre, no qual reflete uma luz branca suave, inebriante, e, revigorante. Em todo o espaço do Templo sente-se sempre uma brisa suave e perfumada, que nos dá uma sensação de leveza, limpeza e pureza.

Todo ele é rodeado por magníficas árvores frondosas, de tez suave e folhas delicadas, sempre balançando ao sabor do vento. As flores são delicadas, de perfumes adocicados e invariavelmente brancos; grassam lírios brancos por toda a Aldeia.



ALDEIA DA MÃE D'ÁGUA

Majestosa, magnífica, exuberante e Divina. Como o local é belo. Ali reinam a paz, e a tranquilidade. O barulho das ondas do mar batendo nas praias é algo indescritível.

Por todos os lados se ouvem cânticos de sereias, que são tão melódiosos que impressionariam o mais duro dos homens. Além de encantador é hipnótico. Ao ouvi-los, entra-se num estado contemplativo tal, que é impossível relatar o que se sente. A impressão que nos dá é que adentramos a um local dentro do nosso ser, onde encontramos Deus, e ali nos prostramos em eterna adoração.

Quando os trabalhadores da Aldeia da Mãe D'Água saem em incursões sobre a crosta terrestre, verdadeiras ondas de amor, de limpeza, e de harmonização varrem tudo ao seu redor. Vibram constantemente a vida e a geração em tudo que faz o ser humano crescer em direção à espiritualidade.

Essa Aldeia é ladeada por praias que contém exuberante floresta. Na praia estende-se o "Templo da Estrela Azul", que é o próprio mar em si.

Em momentos de meditações ou orações, acima do mar brilha uma grande estrela de cinco pontas na cor azul claro cintilante, que vibra constantemente para todos os lados, e dessa vibração desprende gotículas também na cor azul claro, que caem por todos os lados.

Quando essas gotículas caem no solo, nas águas ou mesmo nos habitantes do local, transforma-se em pontos de luz, que imediatamente são absorvidos. Essas irradiações também são absorvidas da mesma maneira por nós.

De dentro do mar ouve-se um cântico mantrâmico intermitente, de uma beleza tal que realmente não se tem palavras para defini-lo. O que se pode dizer é que onde este canto é ouvido, a vida imediatamente se transforma e tudo a sua volta imediatamente cria vida exuberante. É o canto de Yemanjá, é o verbo criador, o canto da Mãe Sereia.



ALDEIA DO JUREMÁ

O nome Jurema tem origem no tupi “yu-rema”, composto pela união dos elementos “yu, ju”, que quer dizer: “espinho” e “rema”, que significa: odor.

É um dos maiores e dos mais bonitos grupos que nos ampara, desde o início da Umbanda.

As entidades militantes deste grupo podem ser observadas, ora como silvícolas, que em sua simplicidade e o respeito à Natureza manipulam as energias etéreas do reino vegetal, criando um grande círculo energético em todo o planeta, infundindo no homem a temperança e a sensibilidade.

Ora podem ser vistos como cientistas, manipulando forças criadoras da Natureza, curando o nosso corpo físico e espiritual, pois em todo o Juremá a Natureza é pródiga e existem todas as qualidades de vegetais existentes no mundo terreno. Sendo assim, os cientistas do Juremá estão sempre manipulando o reino vegetal para o auxílio aos encarnados e desencarnados.

Em toda a Aldeia do Juremá reina a simplicidade, a disciplina e todos os seus habitantes envidam todos os esforços em busca do conhecimento libertador. Os Espíritos militantes dessa Aldeia são profundos conhecedores de toda a manifestação da vida e são oriundos de todas as religiões e atividades humanas. Muitos, que foram silvícolas, residem em ocas, integradas à Natureza.



Em toda essa imensa “cidade”, existem inúmeras “escolas”, verdadeiras fontes vivas de todo o conhecimento milenar humano e espiritual. Lá também se encontram várias instalações hospitalares, dedicadas ao restabelecimento dos espíritos necessitados, devido a grande energia vegetal que vibra em toda a Aldeia. Também encontramos várias “casas de repouso”, aonde os servidores da Confraria, da Irmandade e das Aldeias vão se restabelecer, a fim de continuarem suas missões perante a espiritualidade.

Na Aldeia do Juremá, num local chamado “Serra Morena”, está o: “Templo da Flecha Verde”, sem construções, a própria Natureza em si. Ele é todo formado da própria essência viva do reino vegetal. Este Templo vibra incessantemente uma irradiação primorosa vegetal e balsâmica em nossas vidas. É nesse Templo que os moradores da Aldeia do Juremá realizam suas preces, e se dirigem para se reequilibrarem.



As irradiações (prâna vital) emanadas do Templo do Juremá nos chegam através da respiração e da alimentação, saturadas do poder vegetal e de bênçãos.

ALDEIA DE HUMAITÁ

Humaitá: Pedra Antiga (yma = antiguidade, itá = pedra)

A ordem e a disciplina imperam nessa Aldeia, composta por guerreiros incansáveis da luz. São os guerreiros da paz.

Essas entidades podem ser observadas vestidas ora com suas armaduras reluzentes, incentivando-nos a nos armarmos com as forças de um pensamento luminoso e feliz, para que lutemos contra a própria inferioridade. Ora são vistas, vestidas simplesmente de branco, socorrendo os feridos, os caídos, os desvalidos, quer nos campos de batalha, quer nos campos da miséria, da ignorância; embaixo dos viadutos e das pontes.

Os guerreiros da paz estão sempre dispostos a auxiliar, como a socorrer.

Também são vistos, invariavelmente acompanhando e defendendo as instituições religiosas, contra o assédio das trevas.

Mostram-se compassivos quando se curvam para ajudar um doente, mas logo se transformam em guerreiros quando Espíritos das trevas tentam molestar esses carentes, que através da prece estão preparados para receberem socorro.

São os grandes Generais da Umbanda, sempre prontos a defender aqueles que se curvam perante Deus e jamais se intimidam perante as trevas, nas missões de socorro aos seres debilitados em seus mentais e que estão sob o domínio infernal.

Na Aldeia existe um grande e majestoso Templo, um conjunto arquitetônico natural, cujas paredes são grandes torres de pedra. Não existem construções.

O Templo em si são altas rochas sólidas, que vibram incessantemente, enviando irradiações primorosas de retidão e quando chegam até nós, nos fazem refletir em nossos íntimos sobre as responsabilidades de bem viver a vida com amor e disciplina. É o “Templo da Espada Sagrada”.



Quando clamamos pela Lei de Deus, nossos pedidos chegam até a Aldeia de Humaitá, onde são imediatamente atendidos, segundo as determinações do Alto.

ALDEIA DE ITAUÇÚ

Itauçú: Salto (Cachoeira) Grande

O amor, a paz, a tranquilidade e a serenidade imperam nessa Aldeia.

É impressionante o que se sente na presença dos habitantes de Itauçú. É algo que nos invade de uma maneira tal, que em palavras é impossível traduzir. O amor transborda em atos, palavras e olhares. O mais simples gesto é carregado de uma energia tal, que à vontade que temos é de somente chorar de emoção.

Os seres que ali habitam invariavelmente estão em serviço, pois o que mais falta ao ser humano, infelizmente é o amor. Eles o fazem com uma alegria tal, que fica difícil para nós humanos imaginarmos alguém, dia e noite, disposto a auxiliar, sempre com um belo sorriso no rosto, quaisquer problemas.

Sempre estão vindo em caravanas para o plano terreno em trabalho caritativo, onde arrebanham legiões de seres desajustados em seus emocionais, para posterior tratamento de reajustamento emocional.

Onde estiver alguém necessitado, ali estará um trabalhador da Aldeia de Itauçú a vibrar intenso amor àquela alma necessitada.

Nos becos, vielas, à noite nas ruas, manicômios, penitenciárias, hospitais, lá estará um trabalhador dessa Aldeia. As almas desesperadas, na eminência do suicídio, ou mesmo quando clamam por um auxílio espiritual, ali, imediatamente se fará presente alguém de Itauçú a vibrar amor incondicional àquele coração desesperado.

Em toda a Aldeia, a Natureza é exuberante. Paira um perfume no ar difícil de se identificar, mas que nos traz uma paz incrível. Nessa Aldeia está o “Templo da Yara” (*Yara, do Tupi: “Senhora, dona das águas”*).

São várias cachoeiras que derramam água viva (é difícil descrever), e toda ela vibra de uma maneira impressionante, em gotículas multicoloridas, que chegam até nos como um banho de amor incondicional. Todo o conjunto é encimado por um imenso arco íris de cores vibrantes e pulsantes. Tudo ali é beleza e harmonia. Tudo ali tem vida.



ALDEIA DO CRUZEIRO DIVINO

Quando se adentra na Aldeia do Cruzeiro Divino, tem-se a impressão de estar num lugar totalmente tomado de alegria, satisfação, felicidade, harmonia e principalmente na presença de seres que na matéria gostaríamos de ter sempre ao nosso lado.

Pais amorosos, leais, que sempre estão presentes, não importando a situação, nos acariciando, nos deitando em seus colos e sempre nos dando uma boa palavra amiga, aquela que sempre gostaríamos de estar ouvindo. Ânimo, felicidade, histórias pitorescas. Os Pretos-Velhos, figura de nossos avós, sempre ao nosso lado.

Assim são os habitantes da Aldeia Cruzeiro Divino. Sapiientíssimos, mas humildes ao extremo. Galgaram seus graus conscienciais através de muitas vivências, algumas dentro de extremo sofrimento e outras dentro do sacerdócio redentor.

Entendem que a vida é bela, mesmo estando numa situação não tão agradável, mas nos ensinam a tirar proveito de tudo e que Deus em Sua infinita Misericórdia, tudo vê, tudo permite, pois só quer a nossa felicidade. São grandes sábios em tudo que se propõem fazer. Manipulam energias etéreas e físicas com uma maestria impressionante.

Sempre dão um jeitinho em tudo. Pra tudo tem uma saída feliz. Vivem numa harmonia impressionante. Quando eles vêm em missão de socorro ao plano terreno é uma alegria só, pois sempre se sentem realizados com a oportunidade de estarem na presença dos filhos encarnados, podendo passar toda a sua experiência de vida para nós.

Muitos mantêm a aparência de anciões e outros a aparência mais jovial, mas, quando entram em contato conosco, assumem a postura e a aparência de toda a sua experiência espiritual; a presença do ancião, que significa a sabedoria adquirida através da experiência de vida.

Nesta Aldeia está o “Templo do Cruzeiro Divino”. Este Templo é uma simples, pequena e humilde Capela, tendo na cumieira uma cruz de cor branca cintilante, que ilumina toda a Aldeia. É envolto de uma luxuriante mata.

Não podemos achar que esse Templo, por ser uma pequenina Capela, não representa essa grandiosa Aldeia Espiritual. Nós, encarnados, ainda nos apegamos à grandiosidade dos santuários, numa alusão a agradarmos a Deus, ou mesmo reproduzimos na matéria o que achamos existir no plano astral. Absolutamente tudo em Aruanda é por demais simples e humilde.



As residências dos moradores da Aldeia do Cruzeiro Divino são simples, geralmente de pau a pique, com amplos jardins floridos e canteiros de ervas curativas.



Através das preces proferidas pelos nossos amados Pretos Velhos, as três cruzes que estão na frente do Templo Sede, vibram de uma maneira incrivelmente intensa e essas irradiações chegam até nós como bálsamos de luz, fazendo com que nossos corações se aquietem e nossos mentais reflitam mais sobre a vida.

ALDEIA DO JACUTÁ

Chegamos a Aldeia do Jacutá. A disciplina aqui é impressionante. Todos os habitantes são compenetrados, sérios, mas com muita doçura. Existe aqui, como que um ar de paternidade, mas uma paternidade disciplinadora. O respeito é usado nas mínimas coisas.

Seus habitantes, no geral, são vistos como líderes, sendo sempre consultados nas grandes decisões, pois mantém uma sobriedade e uma seriedade complexas nas decisões, sendo certos em suas opiniões.

Mantém sempre um clima de oração, meditação constante, pois para legislarem necessitam de um tempo precioso, pois muitos entregarão suas vidas em suas mãos. Mas quando chegam a uma conclusão do fato, eis que surge a resolução certa, onde todos sairão vitoriosos, mesmo que aparentemente alguém sofra alguma consequência.

É difícil legislar. É difícil ter o carma em suas mãos.

Quando saem em incursões sobre o planeta Terra, socorrendo todos os que clamam pela justiça de Deus, o fazem de uma maneira impressionante, pois amparam em seus braços a todos indistintamente, analisando caso por caso e tomando a necessária disciplina. Quando um dos filhos é disciplinado rigorosamente, ficam ao seu lado amparando-o, para que se possa cumprir a Lei de Deus e assim retornar a linha justa da sua ascensão.

É duro ver um filho de Deus sofrer, mesmo que seja necessária a sua evolução. Assim também, os habitantes da Aldeia de Jacutá sofrem juntamente com todos os filhos indisciplinados, mas estão sempre juntos a nos amparar, seja onde for.

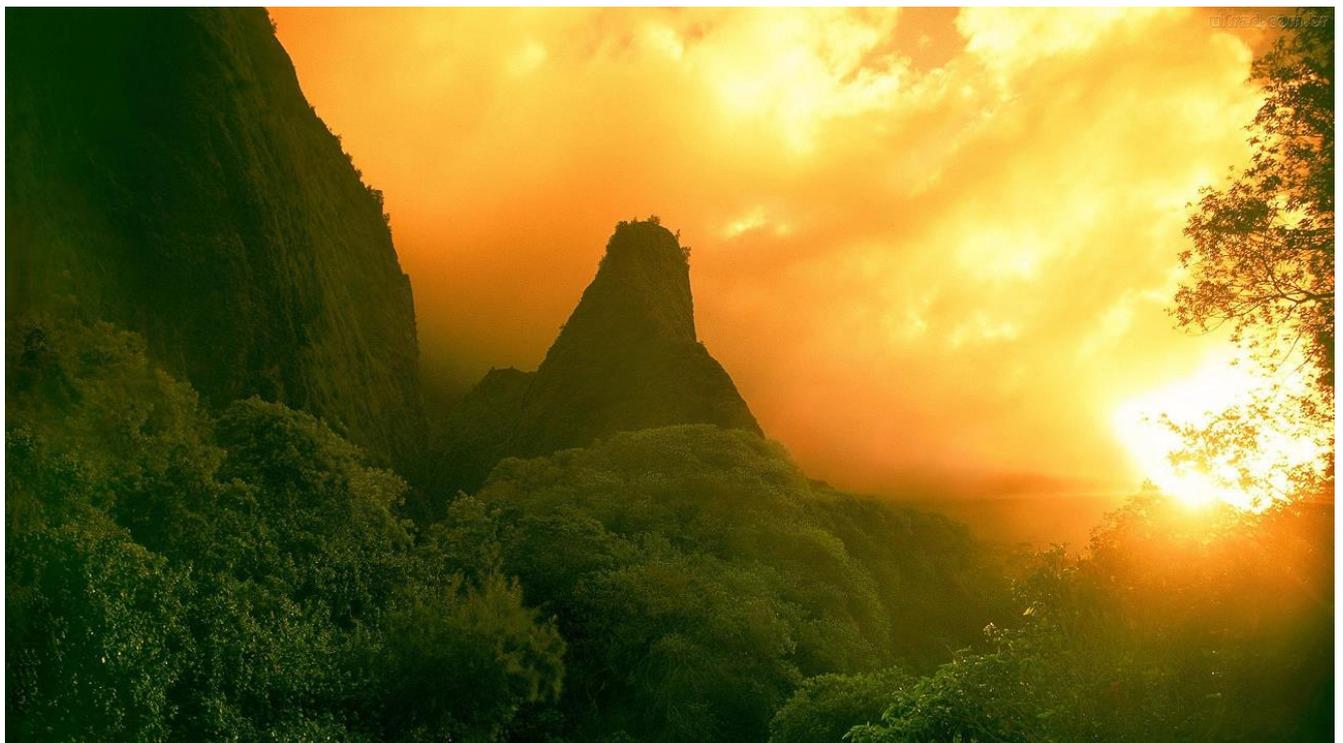
Essas entidades podem ser observadas, ora vestidas de vermelho, quando estão nos incentivando a seguirmos uma linha justa de vida, nos mostrando o melhor caminho a ser seguido, incitando-nos sempre a sermos justos em todos os atos da nossa vida, a fim de que com nossas próprias forças consigamos vencer o mal que existe dentro de nós mesmos, equilibrando-nos interior e exteriormente.

Ora os vemos trajados de marrom, quando estão aplicando a Justiça Divina onde é necessária, jamais olvidando esforços na aplicação dessa Justiça, no socorro aos necessitados em todos os setores humanos. Os caídos, os desajustados, os desequilibrados tanto na vida como na mente são amparados pelos Pais de Jacutá, estando sempre dispostos a socorrer e auxiliar a quem quer que seja. Mas, aqueles a quem a Justiça Divina necessita cobrar algo perante a vida, não se fazem de rogados, iniciando imediatamente a devida cobrança cármica, a fim de que sempre se faça presente Deus em tudo e em todos.

Sempre estão acompanhando aqueles que dedicam suas vidas em prol do bem, amparando, auxiliando e defendendo com unhas e dentes para que prevaleça sempre a união, o amor, a justiça e a verdade.

Na Aldeia do Jacutá encontra-se o “Templo da Justiça Divina”. Esse Templo localiza-se no alto de uma serra, a mais alta de todas, ladeada por exuberante mata. Quando em orações, no meio dessa serra, surge uma luz fulgurante que brilha intensamente. Essa luz é como um “fogo” de chamas multicoloridas, a iluminar tudo e todos. Pequenas chamas incandescentes descem sobre nossas cabeças, acendendo a chama interior da verdade.

Sempre que oramos implorando a Justiça Divina, imediatamente chamas multicoloridas caem como chuva sobre nós.



A natureza na Aldeia do Jacutá também é exuberante, mas tem uma particularidade. Muitas árvores, além de altas e frondosas, são extremamente fortes e suas cascas são duras e rachadas. É lindo de se ver. A impressão que dá é que você está entrando numa floresta repleta de sequóias.

ALDEIA DE IGUAÇU

Iguaçu: local com grande quantidade de água.

Eis aqui mais uma belíssima Aldeia de Aruanda. Também é uma Aldeia habitada pelos queridos e amados Pretos-Velhos.

O “Templo de Iguaçu” localiza-se num imenso lago forrado de Vitória Régias, floridas, em branco e lilás suave. Essas flores emitem uma florescência imensa, inundando toda a Aldeia com sua luz, e com um perfume característico, nunca sentido na Terra. É impressionante ver a radiossidade que parte dessas “Vitórias Régias”, pois elas são as emanações vivas da Sabedoria Divina. Este lago é todo ladeado por uma imensa floresta exuberante e riquíssima em ervas medicinais.



Em noites de luar, o brilho das flores se torna algo indescritível, irradiando uma luz lilás e branca suaves, como se fosse uma imensa fonte, espargindo essa luz por sobre tudo e todos, principalmente, em nossos momentos de aflição, quando invocamos os poderes de Deus para nos auxiliar, as vibrações de Iguaçu chegam até nós, fazendo com que nossa mente e o nosso coração se acalmem e tudo possa ser decantado para que retornemos nossa caminhada terrena e espiritual. Na beira desse imenso lago, ouvimos cânticos de sereias. Desses cânticos partem energias poderosas, que fazem com que tudo se apazigue e os seres ficam como que hipnotizados, pois se interiorizam e avaliam seus emocionais, decantando suas mazelas para que, após se libertarem de seus egos egocêntricos, possam se abrir para a realidade da vida.

Imaginem só a tranquilidade, a alegria, a fraternidade, o amor, a esperança e a sabedoria que imperam na Aldeia do Iguaçu.

Os nossos Pretos-Velhos, com todo o seu carinho especial, sempre estão dispostos a nos auxiliarem, seja qual for o problema. Com suas benzeções, seus conselhos, suas rezas, estão sempre a nos auxiliar, retirando de nossas vidas todas as mazelas que nos apoquentam. Quem não gostaria de ter uma vovó ou um vovô amável, carinhoso e bondoso ao nosso lado?

É bellissimo o trabalho dos habitantes de Iguaçu perante a espiritualidade. Todos os amam profundamente e os procuram para se aconselharem. Em seus aconselhamentos nos induzem a sabedoria, ao amadurecimento e principalmente a decantar nossas mazelas, aguardando, mas sempre lutando, pela tão propalada felicidade.

As residências dos moradores da Aldeia de Iguazú são igualmente simples, geralmente de pau a pique, com amplos jardins floridos e canteiros de ervas curativas, que os Pretos-Velhos fazem uso material/espíritual para auxílio aos seus filhos encarnados e desencarnados.

ALDEIA DOS KURUMYM

Kurumym: Crianças

É especial estar numa Aldeia onde os habitantes possuem toda a pureza e a inocência de Deus. Graça por toda parte a alegria, a espontaneidade, a verdade e os sorrisos infantis.

Sobre a Linha Sublime de Trabalhos Espirituais dos Guias Crianças, estaremos dissertando em outro capítulo, mais abaixo.

Na Aldeia dos Kurumim está o “Templo do Jardim de Zambi”. É uma cascata jardinada, onde existe uma infinidade de flores. O perfume é inebriante e a alegria é contagiante. As águas que descem destas cascatas formam pequenos riachos.



Quando em oração, os habitantes de Kurumim entram num êxtase de alegria impressionante. Todas as flores da Aldeia se abrem. O perfume emanado das flores impregna todo o ar. Uma onda magnética suave e feliz desprende de tudo na agremiação, chegando até nós de uma maneira sutil, deixando nossos corações leves e soltos e uma alegria no ar inexplicável.

Discorreremos sobre a Confraria dos Magos Brancos do Oriente, agremiação intimamente ligada à Umbanda, mas que não se situa em Aruanda:

CONFRARIA DOS MAGOS BRANCO DO ORIENTE

É uma das mais antigas Colônias Espirituais existentes. Na Confraria dos Magos Brancos do Oriente, o Templo central é o “Templo do Grande Oriente”, dedicado ao Senhor da Vida, e a aculturação crística, e, através dos conhecimentos milenares, vem despertando o mundo para a simplicidade da vivência dos ensinamentos de Jesus. Além disso, buscam, por meio da ciência, despertar nas consciências o conhecimento das vidas sucessivas, bem como a benção da mediunidade.

Este Templo é todo confeccionado de um material muito parecido com madrepérola, tal o seu brilho e a sua irradiação. Todas as paredes externas são desenhadas com arabescos, traduzindo trechos espirituais de alto

quilate em uma linguagem muito antiga, desconhecido por nós humanos. É todo ladeado por jardins e fontes de extrema beleza. Só para se ter ideia, ele é muito parecido com o Taj Mahal da Índia.

Muitos animais por ali passeiam livres, e o que mais chama atenção, são belos pavões multicoloridos que dão um toque todo especial ao local. Como em todas as Confrarias, ali também existem moradias e a disciplina é esmerada. Todo o ar em volta tem um leve perfume de sândalo e rosas, que inebria nossa alma e eleva o nosso Espírito. A roupagem de muitos Espíritos ali residentes em muito se assemelha a mesma que tiveram na vida terrena, ou seja, vestes indianas, egípcias, marroquinas, beduínas, chinesas etc. Existem sete alamedas que partem simetricamente do Templo Central, em linha reta, cada uma terminando numa Fraternidade.

Não daremos os pormenores das atividades das Fraternidades aqui expostas para não criar expectativas, e muito menos desenvolver conceitos fixos para o grandioso trabalho desenvolvido pelos nossos irmãos do Oriente; só passaremos uma breve pincelada de suas atividades. Só podemos dizer que todas, em uníssono, trabalham para o bem geral, nos incitando diuturnamente o bem, o amor, a paz, a fraternidade, a reforma íntima e a caridade.

Fraternidade do Sol Nascente

Esta Fraternidade tem como tarefa a harmonização na Terra. Mostra-nos que a diferença racial desaparece quando os homens, conscientizando-se de suas atribuições como filhos do Criador, aprendem a respeitar-se mutuamente, através de um ideal superior. Seus trabalhadores cuidam das mulheres desvalidas, sem família, prejudicadas, que peregrinaram sem lar na Terra, mas encontraram no Espaço alguém que lhes ofereceu condições para reconquistarem a dignidade feminina, tornando-se as enfermeiras de quantos vagam por este Vale de Lágrimas, vítimas da obsessão. Libertando as mentes escravizadas no vício e no erro, elevam-nas, para que, se reencontrado a si mesmas, reencontrem o Criador.

Fraternidade da Paz Celestial

Nessa Fraternidade existe uma biblioteca de grandes proporções, possuidora de documentos raros e obras de suma importância, reveladoras de todo o conhecimento humano. Esta Fraternidade nos ensina que nenhuma tarefa deveria ser apressada, bastante, e que tudo deve acontecer no seu devido tempo. Que a “simplicidade” é a chave para a verdade e a liberdade. Encorajam-nos para observarmos mais a Natureza do que os acontecimentos de mestres; a observarem e entenderem as leis da Natureza, a desenvolverem a intuição e a construir um poder pessoal a ser usado para se conduzir na vida com carinho e sem imposição da força.

Fraternidade dos Discípulos do Himalaia

Se fosse preciso reeducar as criaturas encarnadas, necessário também seria socorrer carrascos e supliciados, violentados e violentadores, que, abandonando a carne em tão difícil situação, permaneciam na Crosta da Terra, influenciando a Humanidade, para que provocasse outros desmandos. Procuram as entidades chamar esses Espíritos desviados para o caminho da verdade e do Amor Cristão, encaminhando-os ao lugar onde recebem o tratamento adequado para as suas angústias; assim, eles se preparam para novas reencarnações, nas quais procurarão aprender a amar uns aos outros em grupos familiares ou de ideal fraterno. Essa Fraternidade nos auxilia a entendermos e praticarmos as “Quatro Nobres Verdades”:

- 1. A Natureza do Sofrimento:** Esta é a nobre verdade do sofrimento: nascimento é sofrimento, envelhecimento é sofrimento, enfermidade é sofrimento, morte é sofrimento; tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero são sofrimentos; a união com aquilo que é desprazeroso é sofrimento; a separação daquilo que é prazeroso é sofrimento; não obter o que queremos é sofrimento; em resumo, os cinco agregados influenciados pelo apego são sofrimento.
- 2. Origem do Sofrimento:** Esta é a nobre verdade da origem do sofrimento: é este desejo que conduz a uma renovada existência, acompanhado pela cobiça e pelo prazer, buscando o prazer aqui e ali; isto é, o desejo pelos prazeres sensuais, o desejo por ser/existir, o desejo por não ser/existir.
- 3. Cessação do Sofrimento:** Esta é a nobre verdade da cessação do sofrimento: é o desaparecimento e cessação sem deixar vestígios daquele mesmo desejo, o abandono e renúncia a ele, a libertação dele, a independência dele.
- 4. O Caminho para a Cessação do Sofrimento:** Esta é a nobre verdade do caminho que conduz à cessação do sofrimento: é este Nobre Caminho Óctuplo: entendimento correto, pensamento

correto, linguagem correta, ação correta, modo de vida correto, esforço correto, atenção plena correta, concentração correta.

Fraternidade dos Discípulos da Índia

Veio oferecer sua colaboração no desenvolvimento mediúnico, de modo a auxiliar os sofredores, mostrando-lhes que a mediunidade é a faculdade que ajuda as criaturas que andam em busca do Criador e só poderão encontrá-lo, quando desenvolverem o sentimento da compreensão e do entendimento, conquistando a paz para os próprios corações.

Esta Fraternidade nos ensina a meditarmos e orarmos a fim de viajarmos pelos reinos da consciência cósmica, a fim de brilhar o nosso consciencial, permitindo sermos tocados pelo Poder Supremo que a tudo permeia.

Fraternidade dos Discípulos do Nilo

Sabendo-se que grande parte das doenças tem origem no psiquismo, não poderia faltar à orientação segura para o desenvolvimento das faculdades mediúnicas, a fim de atuar com eficiência no atendimento às pessoas aflitas. Para isto, apresentou-se a Fraternidade dos Discípulos do Nilo, que tem trabalhadores capazes de auxiliar nesse desenvolvimento, fortalecendo o psiquismo dos médiuns, a fim de guardar-lhes o equilíbrio.

Essa Fraternidade vem se dedicando ao encaminhamento dos médiuns, para que não lhes faltassem ajuda e equilíbrio nas tarefas, bem como a fé inabalável no Divino Criador. Nos auxiliam a entender que todos devemos coexistir em harmonia sem nos destruir e procurando viver em harmonia; que na realidade, não existe nenhuma ruptura entre o aparente e o oculto. Que todos os homens são iguais perante Deus, e que devemos, juntos, nos auxiliar a nos aproximar da fonte divina.

Fraternidade dos Discípulos do Deserto

É uma das Fraternidades mais dedicadas ao acompanhamento das servidoras da Mãe Maria Santíssima e à proteção daqueles que buscam socorro, vítimas da aflição. Atualmente, buscam nas Casas pautadas nos ensinamentos crísticos, as vibrações condensadas de paz, emitidas pelos corações unidos a Jesus, para a vigilância e ao atendimento às vítimas dos desacertos do Oriente.

São servidores fortes, enérgicos, sempre prontos ao auxílio fraterno. Deslocam-se com facilidade de um continente ao outro, sempre como mensageiros da ordem e cumpridores de seus deveres.

Fraternidade da Cruz e do Triângulo

Existe no plano espiritual, uma congregação denominada: "Fraternidade do Triângulo e da Cruz", que faz parte da Confraria dos Magos Brancos do Oriente. Um de seus dirigentes, Ramatis, é um dos instrutores da Umbanda.

Na dimensão espiritual, Ramatis exerce uma forte atuação junto à Fraternidade da Cruz e do Triângulo e se empenha em divulgar os ensinamentos de Jesus Cristo. Paralelamente, ensina a atuar segundo a antiga tradição espiritualista do Oriente, estabelecendo assim um intercâmbio entre as correntes espiritualistas do Ocidente e do Oriente.

Segundo relatos de vários espiritualistas, no final do século XIX, no Oriente, houve uma fusão entre duas importantes fraternidades. Tratava-se da Fraternidade da Cruz, que divulga os ensinamentos de Jesus, e a Fraternidade do Triângulo, ligada à tradição espiritual oriental.

Após essa união, as duas fraternidades – consideradas Fraternidades Brancas – consolidaram uma série de práticas e trabalhos espirituais que resultaram na formação da Fraternidade da Cruz e do Triângulo. Seus membros usam vestes brancas com cintos e emblemas de tonalidade azul-clara esverdeada.

Sobre o peito, trazem suspensa uma corrente com um triângulo luminoso, no qual se encontra uma cruz, símbolo que exalta a obra de Jesus e da mística oriental.

O que os mentores informam é que todos os discípulos da Fraternidade que se encontram reencarnados na Terra são profundamente devotados às duas correntes espiritualistas.

Os discípulos dessa ordem cultuam os ensinamentos de Jesus, que foi o elo definitivo entre todos os instrutores terráqueos, assim como a sabedoria e o trabalho espiritual dos grandes Mestres do Oriente. Esse é um dos motivos pelos quais os seguidores de Ramatis na Terra – embora profundamente devotados ao pensamento cristão – também têm profundo respeito pela espiritualidade do Oriente.

Para entendermos bem o trabalho dos nossos irmãos da Linha do Oriente, leiam com atenção o que nos diz o Guia Espiritual Jimbaruê de Aruanda:

“Para se atenuar à miséria humana é necessário reconhecer e sanar a saúde moral, antes de ser atacado e enigma doloroso e transcendental das enfermidades físicas do homem. Assim, irmãos, usai a moral com esforço e estofo, para melhores jornadas. O Pai ensina-vos no progresso espiritual, trilhando este caminho deixado, pelo grande luminar deste planeta, o Mestre Jesus”. Jimbaruê de Aruanda

Sarava a Linha do Oriente.

OS GUIAS ESPIRITUAIS E SEUS AUXILIARES, OS PROTETORES ESPIRITUAIS

Depois de entendermos o que são as Corporações Orixás, podemos fazer uma breve dissertação sobre a apresentação dos Guias Espirituais, os Espíritos Tutelares e seus auxiliares, os Protetores Espirituais militantes na Umbanda, a fim de entendermos seus trabalhos e podermos clamá-los, honrá-los e solicitar suas presenças e suas intercessões.

Os Guias Espirituais (Caboclos da Mata, Pretos Velhos, Crianças, Linha do Oriente e Curadores), e seus auxiliares, os Protetores Espirituais (Baianos, Caboclos Sertanejos, Caboclos D'Água e Ciganos) militantes na Umbanda, por afinidade, trabalham ligados e integrados em uma ou mais das vibrações/Corporações Orixás.

Antes de falarmos sobre os Guias Espirituais e seus auxiliares, os Protetores Espirituais na Umbanda, vamos entender a visão umbandista sobre o Espírito Santo, pois está intimamente ligado aos Guias Espirituais (Os Espíritos Tutelares). Observem, que os dons enumerados pelo apóstolo Paulo para quem “recebe” o Espírito Santo, e mesmo suas atuações nos diversos trechos do Evangelho, nos remetem a dizer certamente, que são a presença dos Espíritos Guias Espirituais atuantes na mediunidade redentora.



Na Bíblia hebraica (Antigo Testamento), o termo hebraico “*Ruach HaKodesh*” é usado muitas vezes; ele é traduzido literalmente como “Espírito Santo”. No Antigo Testamento, ele se refere à presença de Deus na forma experimentada por um ser humano somente, mas, nunca como a presença do próprio Deus. Em contradição ao Antigo Testamento, a maioria dos cristãos considera o “Espírito Santo” como o próprio Deus, parte da Trindade. Ve-se, portanto, que é coisa de idiosincrasia, a maneira particular de cada religioso entender, e não a verdade absoluta.

Dons do Espírito Santo

Dons do Espírito Santo, segundo a Carta de São Paulo, são atributos proporcionados sobrenaturalmente aos cristãos pelo Espírito Santo. Segundo o texto bíblico da 1ª carta de Paulo aos Coríntios, existem sete diferentes e principais dons possíveis de serem alcançados pelos cristãos. Estes dons são postos em prática em comunidades cristãs, independentemente de sua razão confessional, por pessoas reconhecidamente cristãs em sua fé e prática. Foram bastante importantes na igreja cristã primitiva para a evangelização do mundo então conhecido. Dons do Espírito Santo são as benesses entregues aos cristãos para o trabalho caritativo e redentor (fora da caridade não há salvação).

É uma expressão estudada na teologia cristã. Segundo o autor da Primeira Epístola aos Coríntios, seria doado para o que fosse útil (12:7), e repartido a cada um segundo a vontade do Espírito Santo (12:11); existindo diferentes tipos de dons. A Primeira Epístola aos Coríntios enumera alguns dons (I Co 12:8-10):

<p>1) Palavra da sabedoria; 2) Palavra do conhecimento; 3) Fé; 4) Dons de curar;</p>	<p>5) Oração de Maravilhas; 6) Profecia; e, 7) Interpretação de línguas</p>
---	---

Os sete dons principais se entrecruzam, surgindo outros. Paulo enumera alguns outros dons na Epístola aos Romanos, fazendo aqui uma relação entre um dom e outro dom, relação de dom e o exercício individual do dom, relação entre dom e a sua dedicação, relação do dom e a liberalidade de alguns em exercerem seus dons.

“... tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada: se profecia, seja segundo a proporção da fé; se ministério, dediquemo-nos ao ministério; ou o que ensina esmere-se no fazê-lo; ou o que exorta faça-o com dedicação; o que contribui, com liberalidade; o que preside, com diligência; quem exerce misericórdia, com alegria”. (Romanos 12.6-8).

No trecho acima, São Paulo nos exorta a praticarmos a mediunidade que temos da melhor forma possível e com esmero, sem nos preocupar-mos com os dons mediunicos do próximo.

O Espírito Santo, a terceira Pessoa da Trindade, é nas Sagradas Escrituras, denominado “o Espírito”, “o Santo Espírito”, “o Espírito de Deus”, “o Espírito do Filho de Deus”, e o “Consolador”. Por várias vezes é citado nos Evangelhos:

- **No Novo Testamento:** O Espírito Santo se manifesta no batismo de Jesus (Mt 3.16; Mc 1.10), e na tentação (Mt 4.1; Mc 1.12; Lc 4.1); imediatamente depois da tentação (Lc 4.14); e na ocasião em que Jesus, falando em Nazaré, recorda a promessa messiânica de Is 61.1,2 (cp. com 42.1-4). Do mesmo modo fala o Santo Espírito ao velho Simeão dirigindo-o nos seus passos e pensamentos (Lc 2.25-27). O dom do Espírito Santo é de uma maneira determinada, prometido pelo nosso Salvador (Lc 11.13).
- **No Evangelho de João:** O ensino de Jesus quanto à obra do Espírito é mais preciso. “Deus é Espírito”, com respeito à Sua natureza. A não ser que o homem novamente nasça “da água e do Espírito”, ele não pode entrar no Reino de Deus (Jo 3.5). O Espírito é dado sem medidas ao Messias (3.34). Referindo-se Jesus às promessas messiânicas (Is 44.3; Jl 2.28) falou do Espírito que haviam de receber os que nele cressem (7.39); porquanto, ainda não tinha sido dado (7.39); mas, na qualidade de consolador, Paracleto, Advogado (14.16,26; 15.26; 16.7; Jo 2.1); Espírito da verdade, por quem a verdade se expressa e é trazida ao homem (15.26; 16.13). Ele havia de ser dado aos crentes pelo Pai (14.16), habitando neles e glorificando o Filho (16.14), pelo conhecimento que Dele dava. Em 1Jo 3.24 a 4.13 esta presença íntima do Espírito é um dos dois sinais ou característicos da união com Cristo; e o Espírito, que é a verdade, dá testemunho do Filho (1Jo 5.6).
- **Nos Atos:** A manifestação do Espírito é feita no dia de Pentecostes, e o fato acha-se identificado com o que foi anunciado pelo profeta (2,4,17,18); Ananias e Safira “tentam” o Espírito, pondo à prova a Sua presença na igreja (5.9); o Espírito expressamente dirige a ação dos apóstolos e evangelistas (1.2; 8.29,39; 10.19; 11.12; 16.7; 21.4); e inspira Ágabo (11.28).
- **Nas Epístolas de Paulo:** A presença do Espírito Santo está claramente determinada (Rm 8.11; 1Co 3.16; 6.17-19). É ele o autor da fé (1Co 12.3; cp. com 2Co 4.13); no Espírito vivem os homens (Gl 5.25), por Ele são ajudados nas suas fraquezas (Rm 8.26,27), fortalecidos por Ele (Ef 3.16), recebendo Dele dons espirituais (1Co 12), e produzindo frutos como resultado da Sua presença (Gl 5.22). Por meio Dele há a ressurreição dos que creem em Cristo (Rm 8.11).
- **Pedro:** (1Pe 1.2) escreve acerca da santificação, como sendo obra do Espírito Santo.

- **No Apocalipse:** Se vê que João conscientemente é influenciado pelo Espírito (1.10; 4.2); e a mensagem dirigida a sete igrejas é a mensagem do Espírito (2.7,11,17,29). O Espírito Santo é uma pessoa da Santíssima Trindade, e não simplesmente um método de ação Divina (vejam-se especialmente as palavras de Jesus: Jo 14.16,17; 15.26; 16.7,8; Mt 12.31,32; At 5.3,9; 7.51; Rm 8.14; 1Co 2.10; Hb 3.7). O Espírito procede do Pai e do Filho (Gl 4.6; 1Pe 1.11). É Ele tanto “o Espírito de Deus” como “o Espírito de Cristo” (Rm 8.9). E assim nos mistérios da redenção, e de uma nova vida, na regeneração, na santificação, e na união com Cristo, é uma Pessoa que, na Sua operação, como auxiliador do homem, é ainda Aquele que pode ser negado, entristecido e apagado (Ef 4.30; 1Ts 5.19).

VISÃO UMBANDISTA SOBRE O ESPÍRITO SANTO

Os cristãos usam a pomba como símbolo e a presença do Espírito Santo. No mundo antigo, a pomba era conhecida entre outras coisas como o pássaro dos deuses, especialmente a fêmea.

Características da pomba usadas para representar o Espírito Santo:

- 1ª) Simboliza a simplicidade – pode ser traduzido como não misturado, puro, sem mistura com o mal. (Mat. 10:16).
- 2ª) Universalmente, a pomba é frequentemente representada como a paz.
- 3ª) Outros aspectos que a pomba pode representar apropriadamente são gentileza e amor.
- 4ª) A pomba vive em monogamia estrita e nunca abandona seu companheiro(a). Esta característica de constância identifica-a como um exemplo a ser seguido.
- 5ª) A pomba não se perde e possui um senso de orientação aliado a uma memória geográfica muito desenvolvida, o que lhe proporciona a capacidade de sempre achar o caminho de volta para um local que já esteve. Descobriram que essas aves possuem pequenos ímãs intracelulares no bico, e lhes orienta com o norte magnético, orientando-os de forma geral. Uma ave que não se perde deve ter suscitado curiosidade e admiração por parte dos homens que a observavam durante a antiguidade. A associação foi feita então a partir dessa capacidade de sentido e orientação, uma espécie de mensageiro do Céu, algo que sempre se encontra ou encontra o seu destino, o verdadeiro Espírito Santo.

Vamos elucidar o porquê a Umbanda não usa qualquer tipo de pássaro, aqui em específico a pomba, como símbolo lírico da religião, mas somente como emblema designativo do que explanamos acima.

DORISMO E IONISMO

Para elucidar o simbolismo da pomba, vamos dar uma brevíssima explicação das Ordens Esotéricas “Dórica” e “Iônica”. O primeiro termo é derivado de uma região da antiga Grécia, ao sul da Tessália, chamado Dorida. É desse lugar que teve origem, no Oriente, a Ordem arquitetônica chamada Dórica, implantada pelo patriarca Rama que, sem dúvida, a recebeu por tradição, dos Atlantes, pois os Templos desenterrados ali, no México, no Peru, na Oceania e na Caldéia, confirmam, exuberantemente, a existência dessa primitiva Ordem.



Rama e Sita

“Rama é considerado pelos hindus uma das encarnações de Vishnu, um avatar (encarnação divina), assim como Jesus para os cristãos e Buda para os budistas. Para os hindus, de tempos em tempos, nasce um ser iluminado na Terra (um avatar), cada um com uma missão a cumprir como foi com Jesus, Buda, Krishna...”

Cerca de três mil anos antes de Cristo, viveu na Terra, Rama Chandra, como é também conhecido, Rama. Sua história é maravilhosamente retratada na epopeia “Ramayana”. A vida e a jornada do príncipe Rama é baseada no perfeito cumprimento do Dharma.

Ele foi um perfeito filho, um perfeito irmão, um perfeito marido, um perfeito amigo e um perfeito governante no reino de Ayodha (Índia). Depois de conquistar em uma árdua disputa a princesa Sita, que já o queria como esposo, Rama pela honra de seu pai, teve que abandonar seu reino e se exilar com Sita durante 14 anos em uma floresta. Lá ela caiu em uma cilada e foi sequestrada pelo rei demônio do Sri Lanka, Ravana, que a tinha perdido na disputa com Rama. Com a ajuda de Hanuman, Rama partiu para uma enorme batalha até vencer todo o exército de Ravana e, por fim, o próprio Ravana.

Para entender a grandiosidade de Rama e Sita, o verdadeiro cumprimento do Dharmam, temos que ler a escritura sagrada “Ramayana”, a epopéia que conta em detalhes o que e manter um ser que atingiu a perfeição. São maravilhosos exemplos de conduta, ética e moral para iluminar corações e mentes de qualquer ser humano, mesmo quem não seja hindu”.

(<http://tv.globo.com/novelas/caminho-das-indias/voce-sabia/platb/2009/07/21/quem-foi-rama/>)

ORDEM DÓRICA E ORDEM IÔNICA

Mas, como uma Ordem arquetônica não se cria como cogumelo, da noite para o dia, segue-se que, nessa época, deviam existir sérias academias. A prova é que os doutos modernos, apesar da evolução da arte das casas e arranha céus, ainda não conseguiram criar mais outra, além das cinco clássicas. O próprio módulo, por exemplo, cuja origem científica ainda é desconhecida pelas academias, era tirado de regras musicais, e de acordo com essas regras é que se construía os Templos, seus vasos, seus vitrais, etc., e baseavam sua liturgia.

Essas regras estão claramente indicadas na Bíblia por Moisés, Ezequiel e outros, quando, por ordem de Jheová, tiveram de construir o Templo. Cada medida ali indicada corresponde exatamente a nota musical de acordo tomado por base. Cada nota possui um número certo de vibrações facilmente verificável com as placas vibrantes dos nossos laboratórios de física, e estas é que estabeleciam o desenho da ordem, do estilo, o formato dos vasos, dos vitrais, etc. Esta descoberta foi feita por Saint Yves e magistralmente descrita por Ch. Gougy, arquiteto de Paris.

Séculos depois de instituída a Ordem Dórica, isto é, cerca de 8.500 anos antes da nossa era, é que se deu na Índia o citado Schisma (Cisma) de Irschu. (*Nota do Autor: Novo Dicionário Aurélio – 1ª edição – 9ª impressão.... Cisma: 1. Separação do corpo e da comunhão de uma religião. 2. Dissidência de opiniões.*)

Tendo este revolucionário (príncipe Irschu, na Índia), ambicioso por uma coroa, constituído suas hostes para propaganda das ideias naturalistas e feministas (Ordem Iônica), compôs um estandarte com fundo vermelho, tendo ao centro uma pomba branca, símbolo da mulher. A pomba, em sânscrito, traduz-se por Ionah. Daí o Ionismo. O estandarte de Semírames, rainha da Babilônia, tinha como emblema a pomba vermelha, em fundo branco, tendo-se essa rainha passado para o Ionismo, tal como seu falecido marido – Ninus – o terrível e sanguinário imperador da Assíria.

Deste termo Ionah é que se originou, por inversão, o de João, o Batista, “Io-han-lo-nah”. Lucas 1, 13, 60 a 63, esclarece bastante a respeito. É a pomba que João diz ter visto descer sobre Jesus, por ocasião do seu batismo. Puro simbolismo, como simbólico também é o Sol que Jesus teria encarado nessa ocasião, figurando a dinastia solar, a Ordem Dórica, a religião de Rama. (...)

(...) Dorismo e Ionismo representam, igualmente, a fonte do patriarcado e do matriarcado, largamente desenvolvido por Saint Yves. O patriarcado tinha relação com o sacerdócio do Deus masculino, simbolizado no disco solar, e o matriarcado com o deus feminino, simbolizado pela lua. A Ordem Dórica, a patriarcal de Rama, foi a Ordem teocrática, a Ordem Arbitral. A Ordem Iônica, filha de um Schisma, foi a Ordem Militar, a Ordem Arbitrária.

(*Jesus e Sua Doutrina – A. Leterre – Livraria da Federação Espírita Brasileira – 1934*).

Existiram no mundo, vários Cismas ocorridos através dos tempos, sendo o mais recente na Índia, através do príncipe Irschú, o qual defendia a Ordem Iônica, ou aquela que tinha os princípios naturais ou femininos como geradora de todo o poder. Essa Ordem era essencialmente militarista, autoritária, anárquica e visava principalmente o poder temporal. Este sistema ou Ordem Iônica, combatendo a ferro e fogo, conseguiu sobrepujar a Ordem Dórica, através do poder militar, perseguindo e destruindo santuários, ordens ou academias,

Templos e sacerdotes, só escapando o célebre Melchisedequi o qual o nome, em sentido esotérico, tem como significado “Rei da Milícia Celeste”. Foi ele o último sacerdote a pontificar a Ordem de Rama, a qual tinha como princípio, os fundamentos da Ordem Dórica. A Ordem Dórica tinha como princípio gerador o Poder Espiritual, sem autoritarismo ou militarismo e pregava a síntese do conhecimento humano, ou seja, a união das religiões a ciência, a filosofia e as artes. Era um sistema essencialmente sinárquico. Este é o verdadeiro sistema da real e verdadeira Umbanda. (Francisco Rivas Neto)

Por isso a Umbanda não usa qualquer tipo de pássaro (inclusive a pomba) como símbolo religioso e nem como símbolo que a represente, seja externo ou interno, ou mesmo impresso em uma bandeira que simboliza a religião. Reparem que todas as religiões ou mesmo países que têm como símbolo um pássaro, são arbitrarias, egocêntricas, militaristas, autoritárias, ditatoriais e só procuram o poder temporal, ou seja, somente o poder calcado na ilusão de qualquer tipo de bem terreno; por isso, inconscientemente, usam um símbolo representativo que denota sua filiação ao Ionismo.

O SÍMBOLO QUE VERDADEIRAMENTE REPRESENTA A RELIGIÃO DE UMBANDA



FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver Caridade, sou como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine.

Mesmo que eu tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência; mesmo que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver Caridade, não sou nada.

Ainda que distribuísse todos os meus bens em sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver Caridade, de nada valeria!

A Caridade é paciente, a caridade é bondosa. Não tem inveja. A Caridade não é orgulhosa. Não é arrogante.

Nem escandalosa. Não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade.

Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

A Caridade jamais acabará. As profecias desaparecerão, o dom das línguas cessará, o dom da ciência findará.

A nossa ciência é parcial, a nossa profecia é imperfeita.

Quando chegar o que é perfeito, o imperfeito desaparecerá.

Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Desde que me tornei homem, eliminei as coisas de criança.

Hoje vemos como por um espelho, confusamente; mas então veremos face a face. Hoje conheço em parte; mas então conhecerei totalmente, como eu sou conhecido.

Por ora subsistem a Fé, a Esperança e a Caridade – as três. Porém, a maior delas é a Caridade”.

(São Paulo – 1 Coríntios 13:1-13)

- **Fé:** Representada pela cruz: Formada pela intersecção de dois segmentos retos, um vertical e o outro horizontal, a cruz representa o quaternário espiritual e neutro. Aqui, o Princípio Divino e a Terra estão combinados em harmonia. A cruz representa os 04 elementos primordiais da Natureza: Terra, Ar, Fogo e Água. É o centro do mundo e por isso o ponto de comunicação entre o Céu e a Terra. É também um símbolo do homem universal, arquetípico, capaz de harmoniosas e infinitas expansões tanto no plano vertical quanto no horizontal; a linha vertical é celestial, espiritual e intelectual, positiva, ativa e masculina enquanto a horizontal é o mundano, racional, passivo, negativo e feminino, culminando na cruz inteira que forma o andrógino primordial. Em termos cristãos, é a salvação através do sacrifício de Jesus; redenção; expiação, renovação, perdão e fé. A cruz também representa a aceitação da morte ou sofrimento e sacrifício. Ela é mais do que uma figura de Jesus, ela se identifica com sua história humana, com a sua pessoa. Apontando para os quatro pontos cardeais, a cruz é a base de todos os símbolos de orientação, nos diversos níveis de existência do homem. A cruz é o mais totalizante dos símbolos. A cruz é, então, o símbolo da glória eterna, da glória conquistada pelo sacrifício e culminando em uma felicidade extática.
- **Esperança:** Representando pela âncora. A âncora é considerada um símbolo de firmeza, esperança, tranquilidade, salvação, estabilidade, boa sorte, segurança e fidelidade. Representa a parte estável do nosso ser, aquela que, em meio a tempestades, é capaz de manter a firmeza.
- **Caridade:** Representando pelo coração. O coração é o lugar do ser físico e espiritual e representa a “sabedoria central do sentimento” em oposição à “sabedoria-cabeça da razão”. É compaixão, caridade, compreensão e dádiva. É o símbolo para o amor, conhecido como o assento das emoções e sinônimo das afeições.

Todos os umbandistas deveriam ter esse símbolo bordado em seus uniformes, pois caracteriza o que é a Umbanda em sua essência e na realidade do seu dia-a-dia. Representa tudo o que os Guias Espirituais nos trazem em suas manifestações mediúnicas: Fé, Esperança e Caridade. Inclusive, somos da opinião, que se fosse feita uma “Bandeira” para representar a Umbanda, deveria ter esse símbolo no centro.

É O ESPÍRITO SANTO O CONSOLADOR?

Se o Espírito Santo é Deus, é também eterno. Por que será, então, que não se fala nele como “Deus” no Velho Testamento? E por que, também, somente a partir do Século III, é que Ele começa a ser conhecido (como na feição atual) entre os ditos cristãos? Quando se iniciou a divinização de Jesus, a partir do Concílio de Nicéia (ano de 325), ele também surgiu juntamente com a Santíssima Trindade. No Velho Testamento, ele é um Espírito Santo de alguém: “*O Senhor suscitou o Espírito Santo de um moço chamado Daniel*” (Daniel 13, 45).

(...) Os gregos sempre estudaram a Bíblia em Grego, enquanto a Igreja Romana adotava-a em Latim, ou seja, a Vulgata. Isso pode ser um dos fatores causadores das constantes divergências teológicas entre os teólogos de Roma e os gregos, e que culminaram com a fundação da Igreja Ortodoxa Grega, em 1054.

Uma das polêmicas mais conhecidas entre ambas as Igrejas é a do “Filioque” (e do Filho). Isso, em síntese, quer dizer o seguinte: Para a Igreja Romana, o Espírito Santo procede do Pai e do Filho. Para a Igreja Ortodoxa Grega, procede só do Pai, o que diminui a importância de Jesus.

Se o Espírito Santo fosse Deus mesmo, falaria por si mesmo, não precisando dizer o que ouvira de Jesus, como lemos em São João 16, 13 e 14, pois Deus já sabe tudo, desde todas as eternidades. E quem envia é superior ao enviado. Como poderia Jesus nos enviar Deus? E Santo significa universal (*nota do autor: no cristianismo primitivo, “Santo” era o designativo para todo cristão. Posteriormente, “Santo” foi adotado somente para designar todos os cristãos que fossem martirizados. E, hoje, Santo é designativo de religiosos justos e virtuosos, canonizados pela Igreja Católica*). Podemos dizer, então, que o Espírito Santo é uma espécie de coletivo de todos os Espíritos encarnados e desencarnados, o que nos coloca fazendo parte da Santíssima Trindade. E de fato, a frase “o Verbo se encarnou entre nós” deve ser como está nos originais, “o Verbo se encarnou em nós – em hemin (em Grego) e in nobis (em Latim).

Se fosse sempre o tal de Espírito Santo que se manifestasse, para que São Paulo e São João nos falam em discernimento dos Espíritos que se manifestam em profecias, como acontece com o tipo de profeta Nabi, em Hebraico, do Velho Testamento? São Paulo nos diz, igualmente, que somos templos de “um” Espírito Santo. Ora, se “um” Espírito for evoluído, sendo, portanto, um Espírito da verdade, por que ele não nos poderia ser enviado, depois que deixa o corpo, transmitindo-nos o que ouviu e aprendeu do nosso Maior Mestre, se temos exemplos disso na Bíblia, e se o Espírito de Santa Mônica se comunicou com seu filho Santo Agostinho, como lemos na sua monumental obra “Confissões”? Esse assunto é como um iceberg, e vimos apenas a sua ponta!

(José Reis Chaves)

Segundo a Doutrina Umbandista, o termo “Espírito Santo” apresenta uma conotação bastante diferente da apresentada por outras religiões. Para algumas Igrejas (principalmente a Católica, as Protestantes, as Pentecostais e as Néo-Pentecostais), o Espírito Santo é dogma, e faz parte da Trindade Divina, sendo uma “entidade à parte” de Deus. Para compreender, é necessária uma análise dos textos evangélicos originais (Novo Testamento), os quais foram escritos em um tipo de grego denominado Koiné, ou seja, popular, diferentemente do grego clássico. Esta língua não possuía artigos indefinidos (UM, UMA, UNS, UMAS). Logo, quando a palavra era determinada, sempre se usava artigos definidos (O, A, OS, AS), e sendo indeterminada, pressupunha-se sempre o uso dos artigos indefinidos. Segundo Carlos Torres Pastorino, estudioso do Novo Testamento que traduziu o texto evangélico do original em grego, não há a expressão “O Espírito Santo”, mas em todas as ocasiões lê-se “Um Espírito Santo”, como nos trechos abaixo:

No caso do filho de Zacarias e Isabel (João Batista): “Luc.1:15 *...porque ele será grande diante do Senhor e não beberá vinho nem bebida forte; já desde o ventre de sua mãe será cheio de um Espírito Santo,...*”. No caso de Jesus, filho de Maria: “Luc.1:35 Respondeu-lhe o Anjo: *“Um Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo te envolverá com sua sombra; e por isso o nascituro será chamado Santo, Filho de Deus”*”.

Em ambos os casos, Isabel e Maria receberam por via mediúnica a revelação de que dariam à luz filhos que eram Espíritos já santificados, ou seja, com um grau evolutivo moral acima da média (João) ou pleno (Jesus, por isto chamado de Filho de Deus). Logo, o ato de receber um Espírito Santo, significaria dar condições para a reencarnação de um Espírito bom, missionário, nestes casos de gravidez/nascimento. Nas ocasiões em que homens ou outras pessoas “recebessem” ou “ficassem cheios” de um Espírito Santo, a Umbanda interpreta como a “mediunismo” de um Espírito mensageiro cuja elevação moral e boas intenções emprestariam a ele o título de Santo. O Pai é o nosso Deus Criador, O Filho é nosso Mestre Jesus Cristo que constitui para a Terra a mais perfeita personificação de um Espírito, e o Espírito Santo que é a legião de Espíritos redimidos e santificados que cooperam com o Divino Mestre, desde os tempos iniciais da formação da Terra, na elevação espiritual deste nosso orbe.

Portanto, na Umbanda, temos o Espírito Santo com designativo dos Guias Espirituais, que atuam na prática do bem e da caridade, em nome da Espiritualidade Superior, nos trazendo as mensagens de Deus. Portanto, quando clamamos pelo Espírito Santo, estamos invocando os Guias Espirituais, as Santas Almas Benditas, os Espíritos Tutelares.

“Segundo alguns historiadores o topo culminante que assinala, o ponto de partida do cristianismo é o Monte das Oliveiras. Foi ali que Jesus Cristo o Nazareno, cerca do ano 30 da nossa era, ministrou seus últimos ensinamentos a cerca de 500 discípulos, antes de ascender ao Céu, dos quais 120 permaneceram até o dia dos pentecostes. No dia de Pentecostes o Espírito Santo desceu sobre aqueles 120 irmãos reunidos, estando ali também os 12 apóstolos, os quais sendo cheio do Espírito Santo, proclamaram oficialmente a boa nova do Cristianismo e deram impulso a este movimento começado por Cristo”.

(www.jamespinheiro.com.br/historiacristianismo.html)

“Quando chegou o dia de Pentecostes, todos os seguidores de Jesus estavam reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do Céu um barulho que parecia o de um vento soprando muito forte e esse barulho encheu toda a casa onde estavam sentados. Então todos viram umas coisas parecidas com chamas, que se espalharam como línguas de fogo; e cada pessoa foi tocada por uma dessas línguas. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, de acordo com o poder que o Espírito dava a cada pessoa.” (Atos 2.1-4). “Foi às nove da manhã que, pela primeira vez, o Espírito Santo foi derramado sobre os discípulos reunidos” (cf. At 2,1-4).



Os apóstolos em Pentecostes receberam “Uns Espíritos Santos”, visualizados como “labaredas de fogo” em suas cabeças, e a partir daí, passaram a falar em outras línguas (xenoglossia), e a efetuar diversas curas e conversões. Não estaria ali, sendo efetuada uma “Sessão Mediúnica” com a presença de Guias Espirituais?

Em Sessões Mediúnicas na Umbanda, observamos ocorrer o mesmo fenômeno, onde, no momento da mediunização, em médiuns cômicos em equilíbrio e concentração, acima de sua cabeça surgir uma luz, como “uma labareda de fogo”, atestando a presença de um Espírito Santo de Deus.

As Santas Almas Benditas na Umbanda – Os Espíritos Tutelares – Os Espíritos Santos de Deus

Santas Almas Benditas/Espíritos Tutelares (o mesmo que Espíritos Santos) é um termo usado na Umbanda para designar os os Guias Espirituais, que são os Espíritos desencarnados iluminados, magos brancos que vibram e trabalham para a evangelização, os ensinamentos crísticos, e a cura de doenças materiais e espirituais, bem como o combate do mal em todas as suas manifestações. Produzem fluidos que são transmitidos de várias formas. É constituída não só dos Pretos Velhos (que por alguns são chamados de “Linha das Almas”), mas igualmente dos Caboclos da Mata, que militam em trabalhos caritativos na Umbanda.

O ESPÍRITO SANTO TEM TODOS OS ATRIBUTOS DE UMA PESSOA, SEGUNDO O EVANGELHO

A) Ele pensa: (*I Coríntios 2:10-11; Atos 15:28*)

B) Ele sente:

1. Ele pode ser entristecido (*Efésios 4:30*)
2. Ele pode ser contristado (*Isaías 63:10*)
3. Ele ama (*Romanos 15:30*). Podemos mencionar aqui que é impossível entristecermos a uma pessoa que não nos ama.

C) Ele exercita volição: (*I Coríntios 12:11*)

D) Ele age:

1. Ele inspirou as Escrituras (*II Pedro 1:21*)
2. Ele ensina (*João 14:26*)
3. Ele guia (*Romanos 8:4*)
4. Ele fala (*Atos 8:29; 13:2*)
5. Ele convence (*João 16:8-11*)

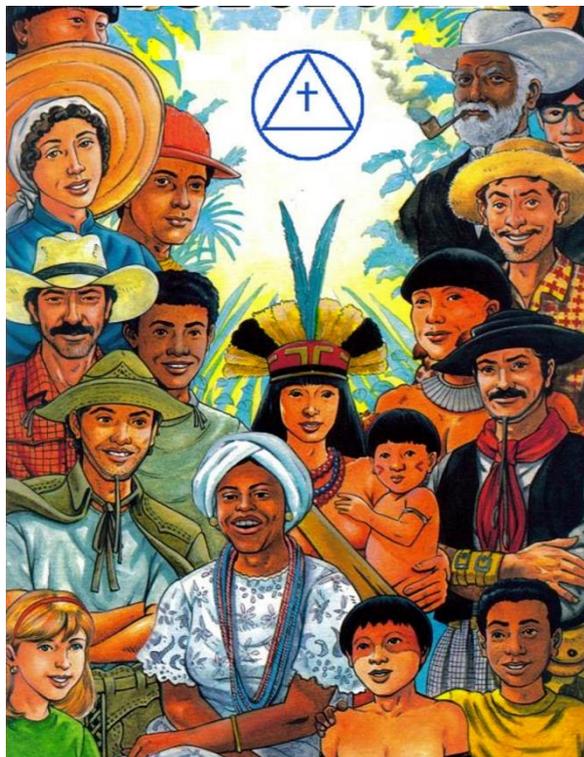
6. Ele regenera (*João 3:5*)
7. Ele conforta (*João 14:16*)
8. Ele testifica (*João 15:26*)
9. Ele intercede (*Romanos 8:26*)
10. Ele chama para o ministério (*Atos 13:2; 20:28*)
11. Ele cria (*Jô 33:4*)

(www.guia.heu.nom.br/espírito_santo.htm)

Porventura não são os atributos dos Guias Espirituais (Pretos-Velhos e Caboclos da Mata) manifestantes num Terreiro de Umbanda onde existem médiuns responsáveis, devotados, amorosos, caridosos e cômico de seus deveres???

Portanto, reafirmando, os Guias Espirituais são os Espíritos Tutelares, as Santas Almas Benditas, os Espíritos Santos de Deus, tendo como auxiliares, os Protetores Espirituais.

A CONGREGAÇÃO DE TRABALHOS ESPIRITUAIS DE ARUANDA



- Quando utilizarmos o termo: “Guias Espirituais”, reportamo-nos aos Espíritos Elevados, os Pretos-Velhos, os Caboclos da Mata, os Espíritos da Linha dos Curadores, os Espíritos da Linha do Oriente e os Espíritos Crianças. Em atendimentos fraternos temos somente os Guias Espirituais Pretos-Velhos e Guias Espirituais Caboclos. Os Guias Espirituais da Linha do Oriente atuam em atendimentos, somente no que tange à sua Linha Auxiliar, a “Linha dos Curadores”, em processos de cura. Os Guias Espirituais Crianças somente manifestam-se em congraçamentos.
- Quando utilizamos o termo: “Protetores Espirituais”, reportamo-nos aos auxiliares dos Guias Espirituais, que os ajudam em seus afazeres caritativos. São os Caboclos Sertanejos, os Caboclos D’Água, os Baianos e os Ciganos, mas, não tem como trabalho precípua, atendimentos fraternos.

Os Guias Espirituais são de uma simplicidade, abnegação, carinho e amor impressionantes, contagiando a tudo e a todos que deles se acercam. Sapientíssimos, mas humildes ao extremo, galgaram raciocínio consciencial e espiritual através de muitas vivências, alguns dentro de extremo sofrimento e outros dentro do sacerdócio e/ou da mediunidade redentora.

Alguns Guias Espirituais Caboclos da Mata e Pretos-Velhos podem não serem civilizados (*processo de aquisição de valores culturais, sociais e tecnológicos*), mas possuem uma moral irrepreensível, e se diplomaram na vida nos ensinamentos e vivências eternos da humildade, misericórdia, compaixão, desapego, perdão, fé, perseverança e amor.

Com suas presenças, nos incitam que a vida é bela, mesmo estando numa situação não tão agradável, e que podemos tirar proveito de tudo e que Deus em Sua infinita misericórdia permite, pois só quer a nossa felicidade. São grandes sábios em tudo que se propõem fazer. Manipulam energias etéreas e físicas com uma maestria impressionante. Sempre dão um jeitinho em tudo. Sempre encontram uma saída feliz.

Vivem numa harmonia impressionante. Quando eles vêm em missão de socorro ao plano terreno é uma alegria só, pois sempre se sentem realizados com a oportunidade de estarem na presença dos filhos encarnados, podendo passar toda a sua experiência de vida para nós.

Muitos mantêm a aparência de anciões e outros a aparência mais jovial, mas, quando entram em contato conosco, assumem a postura de toda a sua experiência espiritual; nos sentimos na presença de nossos avós, pais, mães, tios e professores; nos passam toda a sabedoria adquirida através das experiências de vida que tiveram.

Os Guias Espirituais sempre estão dispostos a nos auxiliarem, não medindo esforços para soerguer a quem quer que seja. Basta orar e pedir que ali estarão presentes, com sua luz, seu carinho, seu amor. Possuem uma vivenciação e uma experiência muito grande nas lides com as artimanhas dos Espíritos do Reino da Kimbanda, e, com uma maestria estupenda, diluem os fluidos deletérios enfermícios, bem como desmantelando qualquer tipo de ação maléfica. Socorrem com presteza todos os que estão perdidos na sombra das viciações, unindo as famílias, trazendo o filho rebelde de volta ao lar, promovendo a paz entre os cônjuges, protegem os Templos religiosos pautados nos ensinamentos crísticos, auxiliam imensamente aos que se predispõem a prática da mediunidade caritativa. Fazem incursões diárias no Umbral, resgatando Espíritos necessitados de auxílio, bem como dando seu amor, orientações seguras, aos que ainda se encontram presos nas amarras da ignorância e da maldade.

Em especial, os Guias Espirituais são especializados em trabalhos socorristas no Reino da Kimbanda, acudindo, amando e curando àqueles que necessitam, principalmente retirando do atoleiro da maldade os Espíritos que já se encontram em condições de se libertarem de suas mazelas, encaminhando-os para as Escolas de Amor.

Os Guias Espirituais são profundos conhecedores de toda temática praticada pelo mal, e por isso vão diariamente em missões caritativas, seja na Terra ou nas Trevas, socorrer quem necessita, bem como amparando os merecedores de proteção contra as investidas do mal.

São “expert” em obsessões complexas, ligações negativas com cordões energéticos, acoplamentos de ovoides, enxertos de energias ectofiloplasmáticas agressivas, larvas astrais e mentais negativas, auto-enfeitiçamentos, enfeitiçamentos verbais, mentais e físicos, fluidos deprimentes e ofensivos, e toda sorte de magnetismos mentais, naturais e artificiais envenenadores. Atuam magistralmente com energias providas da Mãe Natureza, com extensas ligações positivas com os Reinos dos Elementais.

Quando em incursões no plano terreno, manipulam energias da Mãe Natureza com maestria, a fim de beneficiar aos necessitados, recuperando sua saúde, seu humor, suas energias, a fim de que possam continuar suas caminhadas com dignidade. Procuram por todos os meios nos alertar da importância da oração, da reforma íntima, da mudança de hábitos infelizes, calcados nos ensinamentos crísticos e no Evangelho Redentor.

Na Religião de Umbanda trabalham centenas de Espíritos de ex-escravos (Pretos-Velhos), índios (Caboclos da Mata), e seus auxiliares: cafuzos (Caboclos Sertanejos), mamelucos (Caboclos D’Água), mulatos (Baianos), ciganos (zíngaros), onde muitos ainda mantêm a aparência de sua última encarnação.

Os Guias Espirituais são Espíritos que tiveram algumas vivenciações terrenas na simplicidade, honestidade, trabalho, orações, mas, principalmente na fé que remove montanhas, nunca esmorecendo perante qualquer problema na vida, pois calcaram sua caminhada na luz do Cristo Jesus e no amor a Mãe Maria Santíssima.

Para os Guias Espirituais não existem preferências religiosas ou particularizações doutrinárias. Para eles, os Terreiros de Umbanda são apenas símbolos de um esforço louvável, gerados por simpatias, gostos e entendimentos pessoais na direção de um só objetivo – Deus. São universalistas e estão preocupados tão somente em servir, auxiliar, desoprimir; só querem amar e trabalhar. Para eles só existe o amor.

A PRESENÇA MEDIÚNICA DAS SANTAS ALMAS BENDITAS

Como explanado no capítulo anterior, as Santas Almas Benditas é um termo usado na Umbanda para designar os Espíritos desencarnados iluminados, os Espíritos Santos de Deus, Espíritos Tutelares, Guias Espirituais, Magos Brancos que vibram e trabalham caritativamente na Umbanda. No entendimento da Umbanda Crística, os Guias Espirituais utilizam denominações arquetípicas regionais próprias, que bem entendidas, traduzem seus trabalhos e suas atuações.

Na Umbanda, os Guias Espirituais e seus auxiliares, os Protetores Espirituais reúnem-se numa Congregação subdividida em: 02 (duas) Linhas Mestras; 02 (duas) Linhas Sublimes; 05 (cinco) Linhas Auxiliares; 01 (uma) Linha Secundária; 01 (uma) Fraternidade, 02 (duas) Correntes, 02 (duas) Irmandades e 01 (uma) Falange de Trabalhos Espirituais.

O Domínio Místico, mais o Domínio Evolucionar, manifestando-se do Domínio da Compaixão, disciplinando o Domínio da Materialização, formam as hierarquias da “Congregação de Trabalhos Espirituais de Aruanda”, povoada de Espíritos seareiros da luz, que militam mediunicamente em trabalhos caritativos na Umbanda.

Na Umbanda Crística, somente são considerados Espíritos Elevados, os Guias Espirituais da Linha Mestre dos Caboclos da Mata, os Guias Espirituais da Linha Mestre dos Pretos-Velhos, os Guias Espirituais da Linha Sublime dos Magos Brancos do Oriente, e os Guias Espirituais da Linha Sublime das Crianças (também nominados como: “Espíritos Tutelares”, “Espíritos Santos de Deus”, e, “Santas Almas Benditas”).

Com certeza, todos, são evangelizadores, orientadores, verdadeiros magos da luz, recrutados pela Cúpula Astral de Umbanda, e em suas comunicações evangélicas só nos dão exemplos da Espiritualidade Maior, nos incitando em nossa necessária reforma íntima, orações, ao necessário perdão, nos livrando dos cultos externos desgastantes, dos rituais exóticos, das vulgarizações das obrigações, da profusão de oferendas, despachos, entregas e magias a torto e a direito, nos tirando do ostracismo da ignorância, e principalmente, nos tornando pessoas melhores, e quando necessário, utilizando o grande arsenal naturalista da Umbanda (magias), com parcimônia.

Os Protetores Espirituais, que ainda não são Espíritos Elevados (Caboclos Sertanejos, Caboclos D’Água, Baianos e Ciganos), são tão somente auxiliares dos Guias Espirituais, atuando sob ordem destes.

Nas manifestações mediúnicas, na Umbanda Crística, seguimos a regra evangélica que diz: *“Amados, não creiais a todo Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.”* (1 João, 4:1). Cada médium tem em sua volta Espíritos que se sintonizam com sua conduta moral e padrão vibratório; mas, isto não quer dizer que são Espíritos trabalhadores da Umbanda.

Os Guias Espirituais em suas manifestações fluídicas mediúnicas só conservam trejeitos regionais para caracterizarem um arquétipo necessário para serem compreendidos, mas sem exageros. Aliás, eles não têm vaidade alguma.

A Umbanda a princípio se exteriorizou através de três vibrações espirituais distintas, o Domínio Místico, ou três formas arquetípicas ordenadas pela Cúpula Astral de Umbanda, que são: Guias Espirituais Caboclos da Mata, Guias Espirituais Pretos-Velhos e Guias Espirituais Crianças. Com o passar dos anos, em trabalhos caritativos e demandatórios, foram sendo agregados Espíritos que estavam em franca evolução, pois já haviam se distanciados das práticas negativas quando eram servidores do Reino da Kimbanda; estes foram dispostos em Linhas Auxiliares (Caboclos Sertanejos, Caboclo D’Água e Baianos) e os Espíritos de mediana evolução, a Linha Secundária (Ciganos), todos nominados como: Protetores Espirituais.

As Linhas Auxiliares e a Linha Secundária, os Protetores Espirituais, são os trabalhadores da última hora, aqueles que por último atendem a voz do Mestre Jesus, sendo chamados, pois a separação do joio e trigo já se inicia (final dos tempos). Cabe aos trabalhadores da última hora utilizar seus talentos, dons e conhecimentos, exatamente com o propósito de servir, auxiliar e ajudar, buscando e ensinando a reforma moral interior. Os próprios trabalhadores da última hora não estão livres do suor, do cansaço, do desgaste e dos testemunhos da fé; no entanto, chegará o momento da serenidade se tiverem honrado com empenho a obra de Deus.

Após ter dado o início vibratório inicial, criando o Domínio Místico, a Cúpula Astral de Umbanda formou o que chamamos de Domínio Evolucionar, pois para o místico se completar plenamente no meio humano, teria que haver a complementação com as emanções míticas. E para isso, agregou Espíritos batalhadores, formando as Linhas Auxiliares e Linha Secundária de Trabalhos Espirituais, agregando trabalhadores auxiliares para incrementar os sentimentos positivos humanos necessários à nossa formação interior, preparando-nos e auxiliando-nos em nossa caminhada rumo ao Divino Criador. O Domínio Evolucionar foi humanizado então pelas cinco formas fluídicas arquetípicas (tipos) regionais simbólicas de apresentação, ordenadas pela Cúpula Astral de Umbanda que são os Protetores Espirituais, as Linhas Auxiliares de Trabalhos Espirituais dos: Baianos, Caboclos Sertanejos, Caboclos D’Água, e a Linha Secundária de Trabalhos Espirituais dos Ciganos.

Estes trabalhadores nada mais são do que os Espíritos que foram sendo agregados e doutrinados segundo a Lei de Umbanda, e com suas maneiras particulares de ser, mas, integrados à caridade, foram sendo incorporados como auxiliares das Linhas Mestras de Trabalhos Espirituais. Essas agregações foram ocorrendo com o tempo.

No início da Umbanda só encontraremos alguns desses agregados manifestando-se mediunicamente como auxiliares das Linhas Mestras de Trabalhos Espirituais, não identificando-se particularmente como uma Linha distinta, mas, manifestando-se em meio aos Guias Espirituais Caboclos da Mata e dos Guias Espirituais Pretos-Velhos, quando de suas necessidades.

Na Tenda Espírita São Jorge, uma das sete Tendias fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, em 1939 o seu dirigente, senhor João Severino Ramos, já incorporava um Protetor Espiritual chamado: “Seu Baiano”, que com certeza vinha integrado na Linha Mestre dos Pretos-Velhos, cujo ponto cantado era: “*Ele é Baiano, ele é Baiano de Terreiro; ele é Baiano, ele é Baiano feiticeiro; com a sua faca na cintura desafia; com seu balaio pra salvar todos seus filhos*”. É a primeira manifestação documentada de um Espírito trabalhador da “Linha Mestre de Trabalhos Espirituais dos Baianos”.

Alguns Guias Espirituais Pretos-Velhos empregavam nomes simbólicos que identificam, que quando encarnados, estiveram em Bahia, tais como: Tia Maria da Bahia, Pai Baiano, Vovó Maria da Bahia, Pai Cipriano Baiano, Tio Antônio da Bahia, etc., e, utilizavam “pontos cantados”, que, hoje, são confundidos como sendo cânticos de invocação da Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Baianos; estes pontos cantados são entoados na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, desde 1908, até hoje.

<p>Estava na Bahia Mandaram me chamar Me deram de presente Uma pemba e um gongá</p> <p>*****//*****</p> <p>Sou baiano de mussanga Samba aqui, samba acolá Eh, eh, ah, ah Se tu és filha de mesa Minha filha Ninguém pode te levar Se tu és filha de mesa Samba aqui, samba acolá Eh, eh, ah, ah Deixa ver a tua guia minha filha Ai deixa ver o seu congá</p>	<p>Na Bahia Ninguém pode com baiano Quebra coco Arrebeta sapucaia Vamos todos saravá</p> <p>*****//*****</p> <p>Pai Antônio quando vem da Bahia Ele traz Estrela Guia no peito Quem deu, quem deu Quem deu, quem dará Foi nosso Pai Oxalá</p>
---	---

Assim, como as Linhas Mestras e as Linhas Excelsas de Trabalhos Espirituais, quatro Domínios Evolucionais tiveram suas roupagens fluídicas adaptadas para Baianos, Caboclos Sertanejos, Caboclos D’Água e Ciganos, pelo fato de serem culturas enraizadas, respeitadas, admiradas e muitas vezes preconceituadas e perseguidas pelos nossos antepassados, assim como são até hoje. São roupagens fluídicas arquetípicas regionais, organizadas em Linhas Auxiliares e Linha Secundária de Trabalhos Espirituais. Também existe a temática crida, que a existência dessas vibrações de atuação espiritual na Umbanda deveu-se ao fato de serem arquétipos mais próximos das grandes massas, trazendo em suas atuações toda uma espiritualidade, falando a todos com simplicidade, bem como utilizando formas de apresentações humildes, fazendo com que todos se sentissem bem com suas presenças, pois sempre ouviram que eram ignorantes e não poderiam ter acesso à estudos aprofundados bem como a assistência espiritual de seres elevados. Assim sendo, devido à aceitação geral de manifestações de Espíritos possuindo arquétipos parecidos com a população, a espiritualidade aproveitando-se do fato, formou Linhas Mestras, Linhas Sublimes, Linhas Auxiliares, Linha Secundária de Trabalhos Espirituais, que trouxeram uma aproximação para com a espiritualidade de maneira simples e objetiva, assim como o fazem até hoje. Não nos esqueçamos que os Espíritos trabalhadores dessas Linhas não são necessariamente o que a Linha representa arquetipicamente, ou seja, jamais saberemos se o Espírito, quando em vida, foi um ex-escravo, um índio, um nordestino, um cigano, um caçara, um marujo, etc. Os Espíritos Guias e Protetores na Umbanda manifestam-se arquetipicamente, em tipos regionais brasileiros.

São Espíritos simples, manifestando a simplicidade Divina, nos passando que absolutamente todos tem acesso a Espiritualidade Superior. Possivelmente com isso, os médiuns provenientes das camadas sociais mais simples sentiram-se bem com as manifestações de Espíritos os quais já mantinham uma estreita relação ancestral, devido ao arquétipo regional brasileiro. Com tudo isso, a espiritualidade revelou-se de maneira humilde para os simplórios, mas com certeza tinha que ser assim, pois tudo já estava previsto. Enfim, foram-se criados arquétipos regionais (tipos) humanos para as manifestações desses Espíritos na Umbanda, arquétipos esses, geralmente

renegados em vários setores da sociedade. Inclusive até hoje, temos vários Terreiros Umbandistas que ainda se negam a aceitar a manifestação de algumas dessas Linhas de Trabalhos Espirituais, talvez por falta de conhecimento.

Só devemos atentar que: Na Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas as Linhas Auxiliares e Secundária de Trabalhos Espirituais não trabalhavam como hoje se fazem na maioria esmagadora dos Terreiros, em Linhas distintas, mas sim, agregadas às Linhas Mestras (Caboclos da Mata e Pretos-Velhos) como auxiliares e secundários, não sendo identificados como tais, manifestando-se praticamente em descarregos, desoprimindo, desafogando, limpando e encaminhando. Atuando em atendimentos fraternos, com competência para tal, somente operam os Espíritos Elevados, as Linhas Mestras de Trabalhos Espirituais dos Caboclos da Mata e dos Pretos Velhos.

A Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Curadores, por natureza, já tem certa admiração de todos, por ser composta de Espíritos curadores, mas, também utilizando roupagens fluídicas simbólicas de apresentação mediúnica. Muitos a conhecem como: “Corrente da Medicina do Espaço”; evitamos utilizar esse termo, pela simples razão de que estaríamos imaginando estarmos trabalhando somente como “médicos desencarnados”, o que sabemos não ser verdade; temos vários Espíritos especializados na lida da cura material ou espiritual, sem nunca terem sido médicos formados em plano terreno; curadores se encaixam melhor nesse perfil. Embora nomeemos essa Linha Espiritual de “Auxiliar”, não é composta de “agregados” (Protetores), mas sim de Espíritos Guias Espirituais.

Estamos vivendo o humanismo evolucionar, portanto necessitaremos “viver a vida”; com tudo o que Deus nos proporcionou, com disciplina. Para isso, o Domínio Evolucionar veio nos auxiliar. O Domínio Místico aliado ao Domínio Evolucionar, ao Domínio da Universalização, disciplinando o Domínio da Materialização, completou o ciclo de manifestações mediúnicas na Umbanda. Tudo o que vier após isso fará parte integrante dos personagens já criado, não havendo a necessidade e muito menos a possibilidade de se identificarem como outros personagens em linhas distintas do que já está fundamentado.

Vamos entender melhor o que significam as vibrações arquetípicas que os Guias Espirituais e Protetores da Umbanda nos trazem, principalmente em suas manifestações mediúnicas, esforçando-se para que seus pupilos interiorizem esses arquétipos, integrando-os em suas vidas. Essas vivenciações são emanadas da espiritualidade, e não absorvidas pelo fato de o Espírito estar manifestado mediunicamente; portanto, não achemos que pelo fato de um Espírito estar “incorporado”, essas emanações são vivenciadas pelo medianoiro:

O DOMÍNIO MÍSTICO – O PRINCÍPIO DEVOCIONAL

Domínio: “*Capacidade de dominar. Poder de controlar*”.

- 1) **Crianças:** O princípio da singeleza (*excessivamente simples; sem ornamentação; sem complicações; fácil; que não sofreu influência ou não foi corrompido; que não possui malícia; ingênuo*): que nega o vício, o egoísmo e a ambição.
- 2) **Caboclos da Mata:** O princípio da simplicidade e da Esperança: que é o oposto da vaidade, do luxo e da ostentação.
- 3) **Pretos-Velhos:** O princípio da sabedoria e da humildade: que encerra os princípios do sacrifício, da paciência, ou seja, a negação do poder temporal.

Essas três formas de apresentação, Crianças, Caboclos da Mata e Pretos-Velhos, correspondem a arquétipos do inconsciente coletivo nos trazendo as virtudes a serem conquistadas. Assim:

- 1) As Crianças representam o início de todo o ciclo, a pureza e a inocência.
- 2) Os Caboclos da Mata representam o meio, a forma adulta, nos honrando com a simplicidade e a esperança.
- 3) Os Pretos-Velhos representam o final, a fase senil, identificando-se com a sabedoria e a humildade.

Para adentrarmos na Espiritualidade Superior, necessitaremos vivenciar em nossos íntimos estes três Domínios Místicos, que são a porta da nossa evolução maior. Agora, se não vivenciarmos o Domínio Evolucionar, as experiências humanas em nossas vidas, não conseguiremos galgar a evolução necessária, a fim de nos libertarmos das amarras da matéria.

O DOMÍNIO EVOLUCIONAL – O PRINCÍPIO DA EVOLUÇÃO HUMANA

- 1) **Baianos (roupagem arquetípica de nordestinos – mulatos):** O princípio da crença e da fé: que nos mantém “vivos” para a vida, pois cremos em Deus, em Suas Hierarquias e em nós mesmos.
- 2) **Caboclos Sertanejos (roupagem arquetípica do povo do sertão – cafuzos):** O princípio da determinação e da coragem: necessárias a nossa evolução, a fim de cumprirmos nossas metas.
- 3) **Caboclos D’Água (roupagem arquetípica das populações ribeirinhas – mamelucos):** O princípio do equilíbrio: que nos torna capazes de vivenciar tudo com disciplina.
- 4) **Ciganos (roupagem arquetípica de zingaros (povo nômade, que possui cultura, ética e comportamento próprios):** O princípio da liberdade e do livre arbítrio: que nos faz seres viventes, firmes nos propósitos do dia a dia, sem interferências, para que possamos utilizar bem o nosso livre-arbítrio.
- 5) **Curadores (roupagem arquetípica de terapeutas):** O princípio da emoção e dos sentimentos, que nos torna capazes de nos libertar das amarras das falsas crenças limitantes, que promovem o cativeiro mental e psicológico formadores de doenças físicas, emocionais e espirituais.

Essas cinco formas evolucionais: Baianos, Caboclos Sertanejos, Caboclos D’Água, Ciganos e Curadores, correspondem a arquétipos do inconsciente coletivo, e espiritualmente nos trazem tudo o que o ser humano necessita para bem viver a vida, e ainda traduzem o meio necessário para que alcancemos uma espiritualidade maior, sem, contudo, abandonarmos o nosso humanismo, pois somos seres viventes.

É o Domínio Evolucionar que nos dá a sustentação necessária para vivenciarmos a vida material com disciplina, ou seja, viver plenamente a hierarquia humanista evolucionar.

Com todo o sistema hierárquico já montado, ainda falta algo, pois já temos o Domínio Místico, e o Domínio Evolucionar. Como tudo isso se manifestaria em benefício da humanidade? Como se efetuaria o trabalho de divulgação doutrinária? Como poderia a espiritualidade se manifestar na Terra? Como se processaria eficientemente a caridade, o amor, o perdão, a benevolência, etc.? Somente através do Domínio da Compaixão, ou seja, o Domínio da manifestação da divulgação doutrinária, do perdão e do amor através da caridade.

O DOMÍNIO DA COMPAIXÃO – O PRINCÍPIO DA MANIFESTAÇÃO DO PERDÃO, DO AMOR, DA CARIDADE, E DA DIVULGAÇÃO DOUTRINÁRIA

- 1) **Linha Sublime de Trabalhos Espirituais dos Magos Brancos do Oriente (roupagem arquetípica de populações de países orientais (conhecida popularmente como: Linha do Oriente):** A Manifestação da divulgação doutrinária na Umbanda e a prática da compaixão, através da caridade desmedida. São os grandes condutores e orientadores da Umbanda, apoiando, sustentado e amparando com seus conhecimentos e experiências milenares, todo o desenrolar do desenvolvimento da Umbanda na Terra.

A Linha Sublime de Trabalhos Espirituais dos Magos Brancos do Oriente nos trouxe todos os conhecimentos milenares, que capacitaria os médiuns no desenvolvimento de suas faculdades interiores, mostrando-nos que a mediunidade é a faculdade que ajuda as criaturas que andam em busca do Divino Criador e só poderão encontrá-lo, quando desenvolverem o sentimento da compreensão e do entendimento, conquistando a paz para os próprios corações, nos orientando na prática e na execução dos dons divinos. São especialistas na prática da espiritualidade superior.

Os trabalhadores desta Linha Sublime, em particular, manifestam-se na Umbanda através da imposição de mãos, orientações coletivas e principalmente pontificando os trabalhos de cura. Não trabalham em atendimentos fraternos corriqueiros.

Na Umbanda Crística, manifestam-se através do Araporã. Araporã é uma palavra do idioma Tupí que quer dizer: **Ara:** dia, luz, tempo, clima, nuvem, hora, nascer. **Porã:** bonito. Literalmente, Araporã quer dizer: “**Luz Bonita**”. A Luz de Deus, das Santas Almas Benditas e da Mãe Natureza que é emanada pelo nosso amor através das nossas mãos (sem manifestação mediúnica psicomotora) para o auxílio ao próximo. O Araporã é um veículo da manifestação do amor de Deus, dos Sagrados Orixás e de Jesus, onde através da “Luz Divina” e da captação e emanção de prana, proporciona o equilíbrio físico-mental-espiritual. É o sistema de imposição de mãos da Umbanda Crística. O Araporã é a presença da Linha Excelsa de Trabalhos Espirituais dos Magos Brancos do Oriente em trabalho ostensivo mediúnico, por irradiação, em aplicações fluidoterapêuticas mistas.

Agora, para que se uni o plano espiritual com o plano material, ou mundo das formas, o Domínio Místico ainda agregou em suas fileiras de trabalhadores, os Tarefeiros, fazendo assim com que surgisse o Domínio da evolução e involução, luz e obscuridade e do que nasce, do que morre. Os Tarefeiros são os que conhecemos como o

princípio da materialização, onde teremos o grande caminho de aprendermos a lidar com os poderes das ilusões, utilizando-o para as práticas caritativas. Surge assim, a Falange de Trabalhos Espirituais dos Tarefeiros da Umbanda.

A Falange de Trabalhos Espirituais dos Tarefeiros da Umbanda não é comandada e nem coordenada por Guardiões e Amparadores, mas sim, pelas Linhas Sublimes e Mestras, sob mando e supervisão de Santo Antônio de Pádua; seres abnegados que sacrificam seus estados em planos superiores para auxiliarem seus irmãos em estado evolutivo.

Alguns Espíritos recém-egressos do Reino da Kimbanda, após terem sido doutrinados pela Fraternidade do Sagrado Coração de Maria, foram agregados como Falanges da Umbanda, e hoje, encontram-se integrados nas hostes trabalhadoras do bem, como “Tarefeiros”. Eles formam o que chamamos de Tarefeiros pelo fato de serem trabalhadores capacitados a serviço dos Espíritos da Luz, nas trevas humanas.

DOMÍNIO DA MATERIALIZAÇÃO – OS TAREFEIROS DA UMBANDA

Tarefeiro: “Aquele que trabalha por tarefa; pequeno empreiteiro que realiza os trabalhos unicamente com auxílio de sua família, ou ajudado por outros trabalhadores”.

Os Tarefeiros estão divididos em:

- **Amparadores e Guardiões:** São Tarefeiros que militam sob as ordens diretas das Linhas Sublimes e Mestras. Com seus magnetismos atuam eficientemente em trabalhos de defesa, proteção, desmanches de magias negras, resgates e principalmente nos auxiliando no fator “ilusões masculinas”.
- **Amparadoras e Guardiãs:** São Tarefeiras que militam sob as ordens diretas das Linhas Sublimes e Mestras. Com seus magnetismos atuam eficientemente em trabalhos de defesa, proteção, desmanches de magias negras, resgates e principalmente nos auxiliando no fator “ilusões femininas”.

Como Guardiões temos os Espíritos no grau de chefia; estes não costumam trabalhar diretamente no trato direto com os assistidos, pois militam coordenando e ordenando falanges de trabalhos. Os Amparadores são os que já militam diretamente no trato com os assistidos e na proteção direta dos Terreiros e dos médiuns.

Na Umbanda Crística, os Guardiões e Amparadores não têm autonomia irrestrita para realizarem tarefas, pois não são conhecedores das causas e efeitos dos problemas, mas sim, cumprem tarefas específicas determinadas pelas Linhas Sublimes e Linhas Mestras de Trabalhos Espirituais, que possuem sabedoria das causas e efeitos das mazelas humanas.

Os Tarefeiros da Umbanda são a concretização das tarefas emanadas dos Espíritos da Luz na vida material, a fim de nos dar auxiliar a realizarmos as vivenciações humanas necessárias à nossa evolução, pois está carregado de energia ilusória que ajudará com que vivamos as ilusões humanas com sabedoria e tenhamos a vida espiritual em ação concretizadora na Terra, nos defendendo, protegendo e auxiliando.

A Umbanda Crística nomina de Tarefeiros (Guardiões e Amparadores), os Espíritos recém egressos do Reino da Kimbanda (Exus e Pombas-Gira Pagãos), recrutados, e que já estão totalmente integrados na Lei de Umbanda em trabalhos caritativos de toda ordem. Deixamos de usar os termos “Exu e Pomba-Gira” pelo fato de serem nomes que infelizmente, como o passar do tempo tomaram conotação muito negativa, sendo, pela maioria da população brasileira reconhecidos como: baderneiros, demônios, feiticeiros, arruaceiros, drogados, beberões, prostitutas, imorais etc. Tanto é verdade que quando umbandistas cômicos querem se referir aos falangeiros integrados à Lei da Umbanda, não falam só: Exus e Pombas-Gira, mas sim: Exus e Pombas-Gira da Lei de Umbanda, por falta de uma outra nomenclatura.

Sintetizando:

- **O Domínio Místico é o caminho para a espiritualidade.**
- **O Domínio Evolucionar é o caminho da vivenciação humana disciplinada.**
- **O Domínio da Compaixão é o caminho da evolução através do amor “Fora do amor não há salvação”. A caridade é a maior expressão de amor existente.**
- **O Domínio da Materialização. Os Tarefeiros da Umbanda são a concretização das tarefas emanadas dos Espíritos da Luz na vida material, a fim de nos dar auxiliar a realizarmos as vivenciações humanas necessárias à nossa evolução, pois está carregado de energia ilusória que ajudará com que vivamos as ilusões humanas com sabedoria e tenhamos a vida espiritual em ação concretizadora na Terra.**

Creemos que a manifestação de Espíritos hierarquizados na mediunidade fechou o seu ciclo de implantação na Umbanda, não havendo necessidade e nem o porquê de manifestarem-se outras Linhas de Trabalhos Espirituais com várias denominações.

Na Umbanda Crística, somente 02 (duas) Linhas Mestras de Trabalhos Espirituais (Guias Espirituais Caboclos da Mata e Guias Espirituais Pretos-Velhos), como trabalho precípua, procedem a atendimentos fraternos. 01 (uma) Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais (Guias Espirituais Curadores) procedem a atendimentos fraternos específicos no trato de enfermidades. 03 (três) Linhas Auxiliares de Trabalhos Espirituais (Protetores Baianos, Protetores Caboclos Sertanejos, Protetores Caboclos D'Água), e 01 (uma) Linha Secundária de Trabalho Espiritual (Ciganos), militam como auxiliares dos Guias Espirituais, em aporte, mas, não tendo como trabalho prescindível os atendimentos fraternos.

Vamos dar um exemplo prático para entendermos a posição hierárquica de cada grupamento de Espíritos na Umbanda: Os Orixás Mediadores são os Mestres Universitários. Os Guias Espirituais Caboclos da Mata, Pretos-Velhos, Crianças e os da Linha do Oriente, são os professores do ensino médio e alunos do ensino superior. Os Protetores Caboclos Sertanejos, Caboclos D'Água e Baianos, são os professores do ensino fundamental, e, alunos do ensino médio. Os Ciganos são os professores do ensino básico, e, alunos do ensino fundamental. Os Tarefaíros são os alunos do ensino básico.

Daí, entenderemos que os pós-graduados, com gabarito para entenderem a profundidade de toda a vivência humana, são os Orixás Mediadores. Os bacharéis formados com capacidade de atuação em diversos setores da humanidade são os Guias Espirituais Caboclos da Mata, Pretos-Velhos, Linha do Oriente, capacitados em atendimentos fraternos pelas suas formações elevadas; os Guias Espirituais Crianças (não procedem a atendimentos fraternos complexos) são os capacitados para elevar nosso tônus vibratório, nos trazendo alegria, e nos incitando a sermos singelos. Os demais (Caboclos Sertanejos, Caboclos D'Água, Baianos e Ciganos), por suas elevações medianas, são auxiliares dos bacharéis, em todos os setores. Os Tarefaíros, ainda presos a materialidade, só cumprem as tarefas determinadas, não tendo autonomia para agirem a bel prazer.

Se porventura, surgir algum arquétipo de trabalho espiritual caritativo na Umbanda, este, com certeza, se fará agregado a alguma Linha Auxiliar, Linha Secundária ou Falange de Trabalhos Espirituais já instaladas e fixas na Umbanda, não havendo à necessidade de se criar novas denominações. Infelizmente, o que observamos é o surgimento de Espíritos formando pretensos grupamentos de trabalhos independentes das Linhas Mestras, das Linhas Sublimes, das Linhas Auxiliares, da Linha Secundária, das Correntes, da Fraternidade, das Irmandades e das Falanges de Trabalhos Espirituais, com várias denominações, algumas fantasiosas e outras absurdas.

A Umbanda e suas características fluídicas arquetípicas regionais de apresentação mediúnica é Lei regida por princípios sagrados, e sua harmonia não deve ser alterada pelo simples “querer ou vontade própria”. Não podemos tão somente achar que pelo simples fato de se manifestar num Terreiro algum Espírito que quando encarnado foi um alfaiate, ou mesmo um carteiro, que, imediatamente vamos formar uma “Linha Espiritual de Alfaiates”, ou mesmo uma “Linha Espiritual dos Carteiros”.

Hoje, observamos em muitos Terreiros, segundo seus seguidores em redes sociais, a hipotética manifestação de Espíritos agregando-se em linhas de trabalho com nomações específicas, fugindo totalmente ao que foi preconizado pelo fundador da Umbanda, o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Isso é afrontar a sistemática de apresentações fluídicas arquetípicas regionais instituídas pela Cúpula Astral de Umbanda em manifestações mediúnicas, pois a partir daí não estaríamos mais praticando Umbanda, mas sim, um culto particularizado, idiossincrásico, com manifestações mediúnicas de Espíritos aleatórios sem doutrina alguma, fazendo que lhes bem aprouver. Isso seria tão somente mediunismo e não prática religiosa ordenada, disciplinada e hierarquizada de Umbanda.

Creemos que uma horda de Espíritos classificados como imperfeitos (os impuros, os levianos, os pseudossábios, os neutros e os perturbadores), aproveitando-se da fraqueza de caráter, da falta de moral (*aqui, como moral, temos: O conjunto de todas as qualidades (virtudes) essenciais que constituem o homem de bem*), e a necessidade de ídolos humanos, estão se valendo de pseudo-personagens, e se aproximando dos médiuns incautos das mais diversas maneiras e conquistando-lhes o louvor por uma ajudazinha ali, outra ali, de modo que logo se tornam “importantes figuras” nos Terreiros, e, se aproveitando ainda mais da imprudência, se autoproclamando de: “novas linhas de trabalhos espirituais”. Devemos tomar todos os cuidados, pois possivelmente são manifestações de Espíritos imperfeitos, que vieram através da mediunidade de médiuns improvidentes, para destruir os postulados da Umbanda.

Entendamos que isso é tão somente um arquétipo coletivo manifestado na psique humana, e é refletido nas manifestações mediúnicas a título de animismo misturado com uma efetiva e verdadeira manifestação mediúnica psicomotora de obsessores kiumbas empreiteiros ou soldados do mal, bem como de Exus e Pombas-Gira Pagãos. Nesse momento, a psique do médium se põe na frente da manifestação mediúnica, havendo uma simbiose onde o que se reflete é tão somente simulacro. Também pode ser o caso do fruto de um psiquismo frágil por parte dos médiuns, carente de novos heróis que criam, eles mesmos, essas “entidades” que podemos chamá-las de: “eu mesmo”, puro animismo vicioso. Igualmente também pode ocorrer o fato de existirem

“médiuns” desajustados, inventivos, despreparados ou mesmo espertalhões, que querem a todo custo convencer e plantar mais um grupamento de trabalho espiritual criado tão somente em suas mentes doentias.

E com essas e outras, lá vai a Umbanda descendo ladeira abaixo. Para alguns médiuns, Caboclo da Mata e Preto-Velho não tem mais graça, pois com eles o trabalho é muito sério, sem dançarias, sem festas, sem fofocas, sem jogar conversa fora, sem bebedeiras, sem travestirem-se, sem despachos e sem entregas a torto e direito, e só “vem em terra” para ensinar ou para trabalhos caritativos em atendimentos fraternos e nada mais.

A Umbanda Crística segue rigorosamente o ensinamento evangélico que diz: *“Amados; não creiais a todo Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo”*. (João, 4:1). Também seguimos com rigor, os ensinamentos de Kardec, em o “Livro dos Médiuns”, no capítulo: “GUIA DOS MÉDIUNS EVOCADORES”. Para sabermos se estamos diante de um Espírito da Luz, seguimos tais conceitos, que se forem seguidos, com certeza, identificará a presença de um Espírito da luz, capacitado para trabalhos caritativos em Atendimentos Fraternos (Leia neste mesmo livro, logo abaixo, o texto: “Reconhecendo as qualidades dos Espíritos”).

Para um melhor entendimento de quem são os Espíritos imperfeitos a que nos referimos, e para podermos identificá-los, bem como a problemática de permitirmos a aproximação deles em nossas mediunidades, lancemos mão da orientação dos Espíritos Superiores na Codificação Kardeciana:

TERCEIRA ORDEM: ESPÍRITOS IMPERFEITOS

101. Caracteres gerais. Predominância da matéria sobre o Espírito. Propensão ao mal. Ignorância, orgulho, egoísmo, e todas as más paixões que lhes seguem. Têm a intuição de Deus, mas não o compreendem.

Nem todos são essencialmente maus; em alguns, há mais leviandade. Uns não fazem o bem, nem o mal; mas pelo simples fato de não fazerem o bem, revelam a sua inferioridade. Outros, pelo contrário, se comprazem no mal e ficam satisfeitos quando encontram ocasião de praticá-lo.

Podem aliar a inteligência à maldade ou à malícia; mas, qualquer que seja o seu desenvolvimento intelectual, suas ideias são pouco elevadas e os seus sentimentos mais ou menos abjetos.

Os seus conhecimentos sobre as coisas do mundo espírita são limitados, e o pouco que sabem a respeito se confunde com as ideias e os preconceitos da vida corpórea. Não podem dar-nos mais do que noções falsas e incompletas daquele mundo; mas o observador atento encontra frequentemente, nas suas comunicações, mesmo imperfeitas, a confirmação das grandes verdades ensinadas pelos Espíritos superiores.

O caráter desses Espíritos se revela na sua linguagem. Todo Espírito que, nas suas comunicações, trai um pensamento mau, pode ser colocado na terceira ordem; por conseguinte, todo mau pensamento que nos for sugerido provém de um Espírito dessa ordem.

Veem a felicidade dos bons, e essa visão é para eles um tormento incessante, porque lhes faz provar as angústias da inveja e do ciúme.

Conservam a lembrança e a percepção dos sofrimentos da vida corpórea, e essa impressão é frequentemente mais penosa que a realidade. Sofrem, portanto, verdadeiramente, pelos males que suportaram e pelos que acarretaram aos outros; e como sofrem por muito tempo, julgam sofrer para sempre. Deus, para os punir, quer que eles assim pensem.

Podemos dividi-los em cinco classes principais.

102. Décima classe. Espíritos Impuros – São inclinados ao mal e o fazem objeto de suas preocupações. Como Espíritos, dão conselhos pérfidos, insuflam a discórdia e a desconfiança, e usam todos os disfarces, para melhor enganar.

Apegam-se às pessoas de caráter bastante fraco para cederem às suas sugestões, a fim de as levar à perda, satisfeitos de poderem retardar o seu adiantamento, ao fazê-las sucumbir ante as provas que sofrem.

Nas manifestações, reconhecem-se esses Espíritos pela linguagem: a trivialidade e a grosseria das expressões, entre os Espíritos como entre os homens, e sempre um índice de inferioridade moral, senão mesmo intelectual. Suas comunicações revelam a baixeza de suas inclinações e, se eles tentam enganar, talando de maneira sensata, não podem sustentar o papel por muito tempo e acabam sempre por trair a sua origem.

Alguns povos os transformaram em divindades malfazejas; outros os designam como demônios, gênios maus, Espíritos do mal.

Quando encarnados, inclinam-se a todos os vícios que as paixões vis e degradantes engendram: a sensualidade, a crueldade, a felonía, a hipocrisia cupidez e a avareza sórdida. Fazem o mal pelo prazer de fazê-lo, no mais das vezes sem motivo, e, por ódio ao bem, quase sempre escolhem suas vítimas entre as pessoas honestas. Constituem verdadeiros flagelos para a humanidade seja qual for a posição que ocupem, e o verniz da civilização não os livra do opróbrio e da ignomínia.

103. Nona classe. Espíritos Levianos – São ignorantes, malignos inconsequentes e zombeteiros. Metem-se em tudo e a tudo respondem sem se importarem com a verdade. Gostam de causar pequenas contrariedades e pequenas alegrias, de fazer intrigas, de induzir maliciosamente ao erro por meio de mistificações e de espertezas. A esta classe pertencem os Espíritos vulgarmente designados pelos nomes de duendes, diabretes, gnomos, tragos. Estão sob a dependência de Espíritos superiores, que deles se servem muitas vezes, como fazemos com os criados.

Nas suas comunicações com os homens, a sua linguagem é, muitas vezes espirituosa e alegre, mas quase sempre sem profundidade; apanham as esquisitices e os ridículos humanos, que interpretam de maneira mordaz e satírica. Se tomam nomes supostos, é mais por malícia do que por maldade

104. Oitava classe. Espíritos Pseudossábios – Seus conhecimentos são bastante amplos, mas julgam saber mais do que realmente sabem. Tendo realizado alguns progressos em diversos sentidos, sua linguagem tem um caráter sério, que pode iludir quanto à sua capacidade e às suas luzes. Mas isso frequentemente, não é mais do que um reflexo dos preconceitos e das ideias sistemáticas que tiveram na vida terrena. Sua linguagem é uma mistura de algumas verdades com os erros mais absurdos, entre os quais repontam a presunção, o orgulho, a inveja e a teimosia, de que não puderam despir-se

105. Sétima classe. Espíritos Neutros – Nem são bastante bons para fazerem o bem, nem bastante maus para fazerem o mal; tendem tanto para um como para outro, e não se elevam sobre a condição vulgar da humanidade, quer pela moral ou pela inteligência. Apegam-se às coisas deste mundo, saudosos de suas grosseiras alegrias.

106. Sexta classe. Espíritos Batedores e Perturbadores – Estes Espíritos não formam, propriamente falando, uma classe distinta quanto às suas qualidades pessoais, e podem pertencer a todas as classes da terceira ordem. Manifestam frequentemente sua presença por efeitos sensíveis e físicos, como golpes, movimento e deslocamento anormal de corpos sólidos, agitação do ar etc. Parece que estão mais apegados à matéria do que os outros, sendo os agentes principais das vicissitudes dos elementos do globo, quer pela sua ação sobre o ar, a água, o fogo, os corpos sólidos ou nas entranhas da terra. Reconhece-se que esses fenômenos não são devidos a uma causa fortuita e física, quando têm um caráter intencional e inteligente. Todos os Espíritos podem produzir esses fenômenos, mas os Espíritos elevados os deixam, em geral, a cargo dos Espíritos subalternos, mais aptos para as coisas materiais que para as inteligentes. Quando julgam que as manifestações desse gênero são úteis, servem-se desses espíritos como auxiliares.

(Trecho extraído de: “O Livro dos Espíritos”, do capítulo: “Escala dos Espíritos”)

Como podemos aceitar como Espíritos trabalhadores da Umbanda em atendimentos fraternos grupamentos de Espíritos que nos remetem a estarmos diante de seres desequilibrados, sofredores, deformados, abusados, ignorantes, que vivem de expedientes, madraços, mandriões, beberrões, fanfarrões, etc.? Como podemos entrar num Templo Religioso, dedicado à caridade, orações, orientações precisas calcadas no evangelho redentor, ou seja, reformar a vida dos que frequentam esse Terreiro, aconselhando-se com Espíritos ainda imensamente presos à materialidade, com conceitos e orientações deturpadas e totalmente inversas aos ensinamentos crísticos? Um Espírito Guia ou Protetor Espiritual, com certeza, para nos dar um exemplo de vida nos contaria suas peripécias negativas quando encarnados, mas tão somente para nos alertar do que não devemos fazer na vida. Jamais esse Espírito se comprazeria com alegria, sempre nos dizendo que brigava e dava murro e tapas pra todo lado; que chegou até a matar algum desafeto (e ainda por cima dizendo isso com satisfação, como se fosse a coisa mais maravilhosa do mundo); que era alcoólatra; que era mulherengo; que vivia na zona meretrícia; que vivia de malandragem, de roubar, de enrolar os outros; que vivia na jogatina; que era feiticeiro e ai por fora. Se fosse um Espírito Guia ou Protetor Espiritual, sentiria vergonha de ter praticado tais atos. Se fosse um Espírito da luz faria de tudo para nos demover de tais atos; nos convenceria a viver a vida calcada no Evangelho Redentor. Agora, o que observamos, são Espíritos levianos, viciados, que só querem beber, brincar, dançar, e não se preocupam com a nossa libertação interior, jamais nos incitando a reforma íntima.

Imaginem só, vocês médiuns, levando seus filhos para participarem no Terreiro, em Sessões Mediúnicas, onde estão esses tais Espíritos levianos com toda sua gama de disparates. Vejam que coisa linda seus filhos irão aprender com esses marginais:

- Que ingerir bebidas alcoólicas abundantemente é normal, pois aprenderam vendo um “Espírito” que eles respeitam como um ícone, fazendo isso. Com certeza quanto começaram a ingerir bebidas alcoólicas vão achar supernormal, pois a espiritualidade também o faz.
- Que falar palavrões é bonito, pois esses tais “Espíritos” os falam abundantemente e todos à volta acham lindo e até dão gargalhadas.
- Vão achar normal se vingarem de tudo e de todos, pois observam esses “Espíritos” sempre fazerem despachos contra desafetos.
- Vão achar normal tomarem atitudes vergonhosas na vida, pois ouviram desses “Espíritos”, ensinamentos de como “enrolarem” os outros.
- Observam os tais “Espíritos” se portarem de maneira indecorosa e com certeza vão repetir tais atos no seu cotidiano.
- Vão achar normal se fazerem oferendas, entregas, despachos matanças de animais, tudo disparatado, para conquistarem o que desejam, pois veem esses “Espíritos” sempre pedindo tudo isso pra resolverem tudo na vida.
- Vão achar normal travestirem-se com roupas espalhafatosas para poderem entrar em contato com a espiritualidade, pois observaram estes Espíritos fazerem questão de vestuários e adereços indispensáveis em suas apresentações.

Isso é Espiritualidade? Isso é educação? Isso é um Guia ou Protetor Espiritual? Isso é um Tarefairo? Isso é Umbanda??? Analisem bem, e veja a gravidade de certos médiuns incautos ou mesmos Espíritos embusteiros “inventarem” grupamento de entidades, povoados de Espíritos vadios, ou mesmo abrirem a sua mediunidade para a manifestação de kiumbas e/ou Exus e Pombas-Gira Pagãos que se aproveitam da ignorância espiritual e material de alguns médiuns para assim poderem desqualificar uma Congregação religiosa como a Umbanda. A coisa é grave. A Umbanda ainda é um celeiro fértil para que pessoas inescrupulosas, psicóticas e despreparadas possam aqui externar os seus íntimos doentios, atulhados somente de desencontros, maldades, ignorância, debilidades, egocentrismos, egolatrias, etc. Não existe uma fiscalização material efetiva. Mas, confiamos na espiritualidade superior que a tudo vê, pois como Jesus disse: *“A sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória, e quem colhe é Deus Pai Todo Poderoso”*. O tempo é o melhor juiz de todas as coisas, e colocará todos de frente com a verdade nua e crua.

Perguntamos a Espiritualidade o porquê de permitirem tais manifestações ou mesmo a presença de indivíduos inescrupulosos na Umbanda, e nos responderem que existe a lei do livre arbítrio, ou seja, cada um pode fazer o que quiser, e outros podem seguir o que aqueles estão fazendo, pois, todos recebemos todo tipo de influências, mas, a decisão de segui-las é sempre nossa; mas, a espiritualidade superior a tudo vê e a tudo permite. O mais grave é que esses “médiuns” quando desencarnarem clamarão pela Justiça Divina e por Jesus, mas Este lhes dirá: *“Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no Reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade do meu Pai, que está no Céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor; porventura, não temos nós profetizado em Teu nome, e em Teu nome não expelimos demônios, e em Teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi, explicitamente: Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim os que praticais a iniquidade”*. (Mat. 7.21-23)

Relembrando: Já existem 17 (dezesete) agremiações espirituais plantadas pela Cúpula Astra de Umbanda em trabalhos ostensivos mediúnicos. 02 (duas) Linhas Mestras em atendimentos fraternos; 05 (cinco) Linhas Auxiliares e 01 (uma) Linha Secundária de Trabalhos Espirituais em auxílio aos Guias. 02 (duas) Linhas Sublimes de Trabalhos Espirituais em congraçamentos, passes, curas e orientações coletivas. 01 (uma) Fraternidade de Trabalhos Espirituais em combate e resgate aos maiores das Trevas. 02 (duas) Correntes de Trabalhos Espirituais em desagregações. 02 (duas) Irmandades de Trabalhos Espirituais em evangelização e sustentação vibratória. 02 (duas) Falanges de Trabalhos Espirituais em defesa, proteção e processos demandatórios.

Será que muitos médiuns não se contentam em trabalhar efetivamente com estas agremiações espirituais que nos trazem os poderes místicos, evolutivos, compassivos e o domínio da materialização para as nossas vidas? Será que necessitam inventar mais e mais linhas de trabalhos espirituais para satisfazerem seus egos, pois não conseguem absorver a espiritualidade superior, e por isso plasmam em suas mentes equivocadas, linhas de trabalhos absurdas, calcadas na ignorância e na inobservância dos ensinamentos crísticos?

Se em muitos Terreiros realizarem-se Sessões de Caridades semanais em atendimentos fraternos, e a cada semana utilizarem uma Linha Mestra, Auxiliar e/ou Secundária distintivamente, repetir-se-ia a mesma Linha somente 07 (sete) semanas após. Não é o suficiente? Será que, por vaidade, tem-se que ter mais e mais grupamentos diferentes de Espíritos? Se não tomarmos cuidados, certamente teremos 48 grupamentos, e em todas as semanas do ano não repetiríamos nenhuma.

Analisem conosco: Se em muitas umbandas afora estão surgindo novos grupamentos de Espíritos, com denominações próprias, porque será então que não foram aceitos pelo que já existia, ou seja, pelas Linhas Mestras, pelas Linhas Sublimes e nem pelas Linhas Auxiliares ou Secundária? Interessante né? Ou será que é pelo fato de que é muito difícil de se trabalhar com Linhas Mestras, Linhas Sublimes e Linhas Auxiliares e Secundária de Trabalhos Espirituais que só nos orientam à reforma íntima, à evangelização, perdão, rezas, orações, educação, posturas, moral, ou seja, nos evangelizar? Será que não estão optando por trabalhar com Espíritos sem cultura espiritual evangélica alguma, e por isso, fazem o que pedimos, ou mesmo nos apoiam em nossos defeitos e incompetências durante a vida, procurando através de pretensas magias, sejam elas quais forem ajeitar vidas?

Lembre-se: “médiuns incorporados” que se atêm tão somente em magias, oferendas, entregas, despachos, simpatias, rituais, beberagem, danças, fantasias, roupagens coloridas, fofocas, falatórios impróprios, etc., são medíocres, manifestados com Espíritos hipócritas, pois ainda não obtiveram a sabedoria do conhecimento crístico plantado em seus íntimos, e não conseguem orientar a quem quer que seja. O médium equilibrado, com a mente ilibada, santidade das intenções, é aquele que quando está manifestado espiritualmente, o assistido sai do atendimento fraterno reconfortado, esperançoso, e com vontade de reformar a sua vida, pois recebeu orientações calcadas nos ensinamentos crísticos, no Evangelho do Mestre Jesus, na razão e no bom senso.

Os Guias Espirituais na Umbanda, em atendimentos fraternos, nos dão os preciosos ensinamentos crísticos, indo ao cerne do problema, procurando de forma simples e objetiva nos influenciar para melhor. Os Guias Espirituais na Umbanda interferem em nossas vidas incisivamente, pois, além de nos tratarem com carinho, também nos dão bons puxões de orelha, intervindo de modo a nos demover de nossas imperfeições, assim como fazem nossos pais. Com a característica peculiar de atender fraternalmente um por um, ouvindo e orientando, ensinam-nos a viver. Os Guias Espirituais na Umbanda não doutrinam os assistidos, mas, simplesmente, lhes dá noções precisas de como viver melhor, pautados nos ensinamentos crísticos. A missão de doutrinair filosoficamente é da competência do Espiritismo, pautado na Codificação Kardeciana (não confundir com a religião kardecista).

De nada adianta somente dar de comer e beber as pessoas (assistencialismo social); somente realizar magias e descarregos, achando que com isso vai-se libertar, ou mesmo modificar pessoas ou situações. Com assistencialismo social, magias e descarregos, vamos amainar problemas imediatos, mas, não os resolver. Não se muda vidas com isso.

Aproveitando, vamos disponibilizar um trecho elucidativo do que estamos querendo dizer, recebido por Chico Xavier.

LIÇÃO DAS TREVAS

No vale das trevas, delirava a legião de Espíritos infelizes.

Rixas, obscenidades, doestos, baldões.

Planejavam-se assaltos, maquinavam-se crimes.

O Espírito benfeitor penetrou a caverna, apaziguando e abençoando.

Aqui, abraçava um desventurado, apartando-o da malta, de modo a entregá-lo mais tarde a equipes socorristas; mais adiante, aliviava com suave magnetismo a cabeça atormentada de entidades em desvarios.

O serviço assistencial seguia difícil quando enfurecido mandante da crueldade, ao descobri-lo, se aquietou em súbita acalmia e, impondo respeitosa serenidade à chusma de loucos, declinou-se a nobre condição. Que os companheiros rebelados se acomodassem, deixando livre passagem àquele que reconhecia por missionário do Bem.

– Conheces-me? – interrogou o recém-chegado, entre espantado e agradecido.

– Sim – disse o rude empreiteiro da sombra –, eu era um doente na Terra e curaste meu corpo que a moléstia desfigurava. Lembro-me perfeitamente de ter cuidado ao lavar-me as feridas.

Os circunstantes entraram na conversação de improviso e um deles, de dura carranca, apontou o visitante e clamou para o amigo:

– Que mais te fez esse homem no mundo para que sejamos forçados à deferência?

– Deu-me teto e agasalho.

Outro inquiriu:

– Que mais?

– Supriu minha casa de pão e roupa, libertando-nos, a mim e a família, da nudez e da fome.

Outro ainda perguntou com ironia:

– Mais nada?

– Muitas vezes, dividia comigo o que trazia na bolsa, entregando-me abençoado dinheiro para que a penúria não me arrasasse.

Estabelecido o silêncio, o Espírito benfeitor, encorajado pelo que ouvia, indagou com humildade:

– Meu irmão; nada fiz senão cumprir o dever que a fraternidade me impunha; entretanto, se te mostras tão generoso para comigo em tuas manifestações de reconhecimento e de amor, que reconhecimento são merecer, por que te entregas assim à obsessão e à delinquência?

O interpelado pareceu sensibilizar-se, meneou tristemente a cabeça e explicou:

– Em verdade, és bom e amparaste a minha vida; mas não me ensinaste a viver. (...)

(Mensagem de Humberto de Campos, psicografada por Francisco Cândido Xavier e publicada na revista “O Reformador”, de julho de 1965)

Mais uma vez vamos nos recordar do que nos disse Saulo de Tarso no Evangelho: “*A religião verdadeira é aquela que enternece os corações, fala às almas, orienta-as, infunde coragem e jamais atemoriza. Deve dar liberdade de fé e de raciocínio, pois onde há liberdade, aí reina o Espírito do Senhor*”. (Paulo, apóstolo, II aos Coríntios, 3:7)

Pedimos encarecidamente aos médiuns e Espíritos que deturpam as diretrizes da Umbanda que se instalem em suas fronteiras, e deixem-na para ser praticada por quem realmente é umbandista de direito e de fato.

Para entendermos bem, e avaliarmos se estamos diante de um famigerado Kiumba ou mesmo um Exu ou Pomba-Gira Pagão, leiam no livro: “COLETÂNEA UMBANDA – A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE – A FALANGE DE TRABALHOS ESPIRITUAIS DOS TAREFEIROS DA UMBANDA”, No capítulo: “CLASSIFICAÇÃO DOS TAREFEIROS DA UMBANDA”, e no subtítulo: “O QUE É UM OBSESSOR KIUMBA”, de nossa autoria.

LINHAS MESTRAS, SUBLIMES, AUXILIARES E SECUNDÁRIA DE TRABALHOS ESPIRITUAIS

Segundo o dicionário Aurélio, “Linha” significa: “*Série de pessoas ou de objetos dispostos numa mesma direção*” – “*Orientação teórica adotada por um grupo*”.

As Linhas de Caboclos se manifestam na Umbanda, com a roupagem fluídica arquetípica regional de indígenas (Caboclos da Mata), bem como também, seus auxiliares, nas roupagens fluídicas arquetípicas regionalizadas de mestiços, os Caboclos Sertanejos (cafuzos) e os Caboclos D’Água (mamelucos).

Sobre a denominação “Caboclo”, o viajante inglês Henry Koster, em 1810, afirma: “*(...) o nome que se dá, aqui (Maranhão) e em Pernambuco, a todos os índios selvagens é Tapuia, e Caboclo é aplicado ao índio domesticado*”. Eis aí a razão de também chamarmos os Guias Espirituais “indígenas” e seus descendentes “Caboclos”. Aqui, no caso, não nos referimos ao indígena domesticado, mas tão somente ao indígena evangelizado. “Caboclo” também é designativo do resultado da mistura de índios com outras raças, surgindo os Caboclos Sertanejos, e os Caboclos D’Água, pois formam os arquétipos dos remanescentes mamelucos e cafuzos do sertão, da Amazônia, do pantanal, caiçaras, populações ribeirinhas, etc., descendentes das raças mestiças entre brancos/negros/índios, formadoras do nosso país.

Com o tempo, erroneamente, os umbandistas nominaram de “Santas Almas Benditas” ou mesmo “Linha das Almas” tão somente os Pretos-Velhos. As Santas Almas Benditas não são somente os Pretos Velhos, mas todos os Espíritos de e da Luz que militam em trabalhos caritativos na Umbanda. São os Espíritos Santos de Deus.

Para compreendermos as atuações mediúnicas dos Guias e Protetores Espirituais militantes na Umbanda, temos que estudar e entender a presença dos arquétipos em nossas vidas. De posse desse estudo, uma luz se acenderá em nosso íntimo, e as manifestações mediúnicas se darão de forma positiva, harmoniosa e controlada.

No estudo de alguns arquétipos, vamos encontrar atitudes, trejeitos e vivências observadas quando nos encontramos mediunizados pelos Guias Espirituais.

No astral, foram divididas agremiações de trabalho para que as entidades pudessem auxiliar o nosso crescimento e também para que pudessem crescer perante o Pai, trabalhando pelo bem do ser humano, muitas dos quais são pessoas muito queridas e com quem já convivemos por várias encarnações. Houve então uma divisão para que melhor pudessem trabalhar segundo suas áreas de atuação, as chamadas Sete Linhas da Umbanda.

Assim, utilizando as qualidades representadas por determinados grupos sociais para criar as agremiações de trabalhos espirituais, foi decidido utilizar os arquétipos que representassem esses grupos, bem como a simpatia que nos traziam, pois foram os formadores da sociedade brasileira (a grande maioria dos brasileiros, possuem como ancestrais componentes destes grupos) e, utilizar as qualidades, atributos e atribuições positivas. Foram, então, criados os arquétipos, ou figuras (tipos) que possuem as qualidades básicas representativas de cada um deles.

Para entender melhor o “tipo”; vejamos, por exemplo, um professor: ele representa um “tipo”, isto é, uma classe social que ensina e passa o conhecimento, e representa também a figura do educador, do orientador e da pessoa que tem ou pode ter as respostas para as dúvidas daquilo que queremos saber.

Dentro das classes sociais representadas pelas “figuras arquetípicas” das entidades espirituais, as qualidades principais pertencentes a cada uma seriam incorporadas e incentivadas como um exemplo a ser seguido pelos seres encarnados, assim como pelos desencarnados em ascensão e evolução.

Também existe o fato de que na presença de arquétipos já conhecidos pela nossa sociedade, falando e agindo de uma forma já conhecida, todos nós, principalmente os mais simples, sentir-se-iam à vontade e consolados por saberem que também podem se espiritualizar dentro de suas condições terrenas, pois estão na presença de Espírito da luz simples, nos mostrando que ser alguém espiritualizado não é bicho de sete cabeças. Falando e agindo de maneira simples chega-se com mais eficiência aos simplórios aos incultos e igualmente aos cultos. Devemos aceitar incluir e exaltar esses arquétipos em nossas mentes e em nossos corações, pois são eles que nos darão a chave mestra para conhecermos o Reino de Deus dentro de nós mesmos.

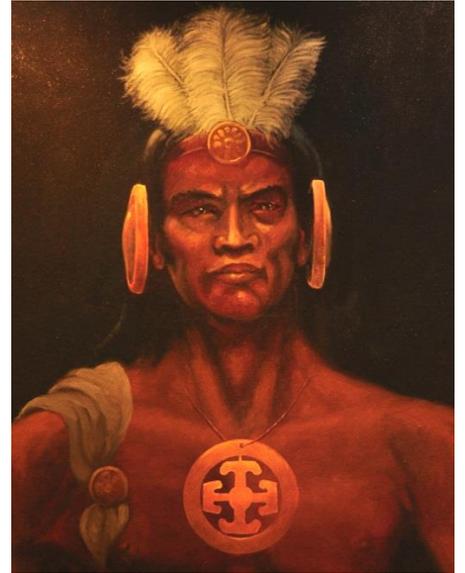
Muitos Espíritos Elevados se utilizam das formas arquetípicas de índios e ex-escravos, sem nunca o terem sido em suas encarnações. Exemplo: observamos um Guia Espiritual trabalhador de uma Linha de Trabalho Espiritual como Caboclo da Mata utilizando o nome simbólico de “Pai Cobra Coral”; quando o inquirimos sobre sua vida pregressa como silvícola, nos disse que nunca tinha sido índio em terras brasileiras, mas, trabalhava usando essa roupagem arquetípica, integrado por afinidades na “Corporação Oxossi”. Por isso, particularmente se apresentava como “Pai Cobra Coral”, e não como “Caboclo Cobra Coral”.

Hoje, aceitamos e entendemos esses arquétipos através dos Guias Espirituais que vem até nós a fim de nos infundir as verdades eternas, mas através de manifestações humanas exteriorizadas. Futuramente, com certeza, não haverá mais a necessidade de se apresentarem utilizando roupagens fluídicas de Caboclos da Mata, Pretos-Velhos, Caboclos Sertanejos, Baianos etc., pois teremos absorvidos seus arquétipos e os estaremos vivenciando em toda a sua plenitude.

Os Espíritos que se apresentam na Umbanda, na mediunidade, sem utilizarem roupagem arquetípica, são os das Sereias, dos Tritões e das Yaras.

Vamos a um breve estudo das formas fluídicas utilizadas pelos Espíritos Obreiros do Bem, utilizando arquétipos regionais brasileiro, em trabalhos caritativos na Umbanda, em suas agremiações:

Linha Mestra de Trabalhos Espirituais dos Guias Caboclos da Mata. Roupagem arquetípica regional de silvícolas.



São Caboclos da Mata, pelo fato de que “Mata” tem o sentido hermético de ser um lugar de testes, um reino inexplorado que sustenta os segredos da Mãe Natureza, onde os homens devem penetrar para encontrar os seus significados. São Entidades Espirituais gabaritadas com ordens e direitos de até reescreverem uma vida. A Linha Mestra de Trabalhos Espirituais dos Caboclos da Mata é composta por Espíritos doutrinadores.

Os Guias Espirituais Caboclos(as) da Mata Demandadores:

Muitos dos Guias Caboclos(as) da Mata, trabalham por afinidades na irradiação das Corporações Orixás Oxossi, Ogum, Xangô, Yansã, trabalhadores da Umbanda, conhecidos como “Demandadores” (*Demanda, ao contrário de ser entendida como somente sendo um mal feito, na realidade significa: “Ação judicial; causa; disputa, combate, guerra, peleja; à procura de; à cata de; em busca de”*), o são, pelas formas particulares como lidam com desobsessões, desmanches de magias negras, combatendo o mal, aplicando a Lei e a Justiça Divina.

Muitos dos Guias Caboclos(as) Demandadores são particularmente identificados por muitos umbandistas como: “Caboclos(as) Africanos(as)”, por plasmarem mediunicamente a forma de um silvícola africano; mas, nesta Linha Espiritual encontram-se Espíritos, que quando encarnados, pertenceram a várias plagas.



Na Umbanda, os Caboclos Africanos não existem como Linha especial de Trabalho Espiritual em particular e não devem ser tratados como tal, mas, estão integrados, incorporando, trabalhando e sendo identificados como Caboclos da Mata; não nos esqueçamos: Linha de Trabalho Espiritual é composta por arquétipos sociais e não raciais.

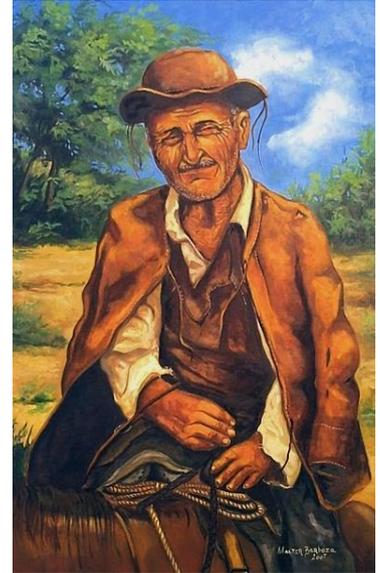
Na Umbanda, os que tiveram encarnações em solo africano, ou mesmo nos aparecem fluidicamente como negros africanos, não gostam, e raramente se identificam como sendo “Caboclos(as) Africanos(as)”, mas tão somente como “Caboclos(as) da Mata”. Alguns dos servidores dessa Linha Trabalhos Espirituais, além de trabalharem normalmente num Terreiro em atendimentos fraternos, são os incansáveis e abnegados Guias Espirituais especialistas em processos de Descarregos (desobsessões), bem como nos desmanches de magias negras e feitiçarias. Recebem o subtítulo de: “Caboclos Demandadores”, mas só como identificação de ofício. Em suas manifestações mediúnicas utilizam a roupagem fluídica arquetípica regional de apresentação mediúnica, apresentando-se como quaisquer Caboclos da Mata.

Trabalham integrados com a “Irmandade dos Vigilantes da Lei” (*Esta Irmandade Espiritual de Aruanda, comandada pelo Pai Ogum de Lei, é toda dedicada ao ensino e a doutrina dos Espíritos trevosos*), bem como com a “Escola de Santo Agostinho” (*é uma das mais antigas Fraternidades Espirituais de auxílio à obsessores e portadores de doenças kármicas em serviço na crosta terrestre*). Também trabalham interligados com a “Fraternidade do Sagrado Coração de Maria”.

Os Guias Espirituais Caboclos(as) da Mata formam o modelo da população indígena.

A Linha Mestre de Trabalho Espiritual dos Guias Caboclos da Mata tem como Linhas Auxiliares de Trabalhos Espirituais, Espíritos, usando a roupagem fluídica de Caboclos Sertanejos e Caboclos D’Água:

Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Protetores Caboclos Sertanejos (*Sertão: “Região agreste; interior do país”*). **Roupagem arquetípica regional de Boiadeiros e Rendeiras.**



Tem o real sentido de sertanejos; pessoas simples, desbravadores, persistentes, de fé inquebrantável. O arquétipo “Boiadeiro” é essencialmente masculino; portanto, não existe “Boiadeira”; a contraparte feminina dos Caboclos Boiadeiros são as Caboclas Rendeiras. A Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Protetores Caboclos Sertanejos é composta por Espíritos que “caçam” as almas perdidas que estão no Umbral, reconduzindo-as para tratamento nas casas de caridade. As Rendeiras são os arquétipos das bravas mulheres sertanejas de mãos calejadas e pele queimada de sol, criadoras de homens, firmes nos propósitos de vida, crentes em fé inquebrantável. São grandes batalhadoras, destemidas, benzedeiras, rezadeiras, e, manipulam com maestria a magia do sertão. Os Protetores Espirituais Caboclos Sertanejos formam o modelo da população cafuza: descendentes de negros com índios.

Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Protetores Caboclos D'Água. Roupagem arquetípica regional de Marinheiros, Marujos, Pescadores, Caiçaras, Barqueiros, Jangadeiros, Canoeiros e Lavadeiras).



São denominados Caboclos D'Água no sentido de serem versados na magia aquática. O arquétipo marinheiro é essencialmente masculino; não existe "Marinheira"; a contraparte feminina dos Marinheiros são as Caboclas Lavadeiras. Muitos umbandistas não entenderam a representação arquetípica desta Linha, e usam mediunicamente somente a roupa de "Marinheiros de Guerra". Isso deu-se pelo fato do próprio termo – "Marinheiro" (*"Profissionais das marinhas de comércio e pesca; militares da marinha de guerra, e profissionais da náutica, de recreio"*) – como a se referir a profissionais fardados de navios.

Em tempos idos e acertadamente eram denominados de: "Marujos". (*"Todo aquele que pertence ao mar e utiliza dele por meio de embarcações; pescador, e similares"*).

Essa Linha Auxiliar de Espíritos que em vida pertenceram à populações ribeirinhas (*Povos ribeirinhos é uma população tradicional que residem nas proximidades dos rios e mares*), utilizam a roupa arquetípica de Caiçaras, Pescadores, Barqueiros, Jangadeiros e Lavadeiras; gente simples, humilde, e de fé, sendo que somente alguns, e não todos, utilizam a roupa fluídica de apresentação mediúnica na forma de um "profissional da marinha", que também são Caboclos.

A Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Protetores Caboclos D'Água é composta por Espíritos "pescadores" de homens e de almas, trabalhando na purificação dos nossos sofrimentos.

As Lavadeiras são os arquétipos das determinadas mulheres ribeirinhas (que vivem e se criam à beira dos grandes rios brasileiros), e/ou mulheres caiçaras (que viveram e se criaram à beira do mar). São dedicadas, amorosas, destemidas, sentimentais, benzedoras, rezadeiras, e, manipulam com maestria a magia aquática.

Os Protetores Espirituais Caboclos D'Água formam o modelo da população mameluca: descendentes de índios com brancos.

Não existem Caboclas Boiadeiras, Caboclas Marinheiras, Caboclas Caiçaras, Caboclas Pescadoras, Caboclas Barqueiras, Caboclas Jangadeiras, pois são essencialmente arquétipos regionais masculinos. Observem que, na antiguidade, não se encontram mulheres perfazendo esses tipos de trabalhos, que são de características masculinas, pela rudeza da tarefa.

Não nos esqueçamos: São Linhas arquetípicas de Trabalhos Espirituais, e não “pessoas que foram isso em vida”.

Linha Mestra de Trabalhos Espirituais dos Guias Pretos-Velhos. Roupagem arquetípica regional de ex-escravos.



Os Guias Espirituais Pretos-Velhos são a presença viva de Jesus e do Evangelho Redentor na Umbanda. São os pacificadores; nossos pais, mestres e educadores.

A Linha Mestra de Trabalhos Espirituais dos Guias Pretos-Velhos é composta por Espíritos psiquiatras das almas.

Os Pretos-Velhos formam o modelo da população negra escrava.

A Linha Auxiliar de Trabalho Espiritual dos Guias Pretos-Velhos tem como Linha Auxiliar de Trabalho Espiritual, Espíritos, usando a roupagem fluídica de Nordestinos (Baianos):

Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Protetores Baianos. Roupagem arquetípica regional de nordestinos.



Em grande parte, é composta por Espíritos que quando encarnados eram médiuns trabalhadores dos cultos afros e da Umbanda, do Culto da Jurema e do Catimbó, e pelo amor, fé, e caridade com que trabalharam em vida, galgaram o merecimento de estarem conosco como Guias Espirituais. A Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Protetores Baianos é composta por Espíritos de grandes conhecedores da magia dos Orixás. São os especialistas da crença e da fé, nos incitando a vivência evangélica. Os Protetores Espirituais Baianos formam o modelo da população mulata: descendentes de brancos com negros.

Linha Sublime de Trabalhos Espirituais dos Guias Crianças. Roupagem arquetípica infantil



Os dirigentes da Linha Sublime de Trabalhos Espirituais das Crianças são Espíritos especializados no trato infantil, dignos, de singeleza e moral ímpares, grandes sábios. São os que os Guias Crianças se referem como titia fulana, titio fulano, vovó beltrana e vovô beltrano como seus tutores, quando em comunicação conosco.

Os obreiros que se manifestam mediunicamente como Guias Espirituais Crianças em congraçamentos (*harmonizar, reconciliar, confraternizar*), segundo a espiritualidade, são Espíritos infantilizados (*de feições infantis; tornados infantis*), incorruptíveis, de grande moral, que conservam aspectos, ações, e pensamentos singelos e cândidos. Com certeza, pelo fato de terem a capacidade de se manifestarem mediunicamente num Terreiro de Umbanda, nos influenciando e nos incitando a sermos singelos, termos candura, termos moral, a sermos simples, sem complicações, sem malícia, ingênuos e incorruptíveis, aliviando os corações, gabaritaram-se a serem Guias Espirituais.

Esses Espíritos “infantilizados”, o são, alguns, por opção; outros, por ainda não quererem sair dessa condição, sendo úteis como são recrutados pela Cúpula Astral de Umbanda como trabalhadores a nos auxiliarem com suas especialidades. Não nos esqueçamos que o livre arbítrio é respeitado, e, os Espíritos Superiores nada exigem, mas, aguardam pacientemente que cada ser se eleve consciencialmente pelos próprios méritos, somente intervindo quando percebem o mal uso de suas aptidões.

A Umbanda, com responsabilidade, procurou recrutar para as suas fileiras esses Espíritos, para que pudessem, às suas maneiras, contribuir para auxiliar ao próximo, e igualmente evoluírem. Um Guia Espiritual Criança jamais poderia ser o de uma criança desencarnada com estado psíquico banal (fútil). O que uma criança recém-desencarnada assim poderia nos oferecer ou influenciar na singeleza, sendo que é tão somente um Espírito em estado infantil, mas que ainda guarda dentro do si a futilidade de uma criança trivial?

Os Guias Espirituais Crianças que se manifestam em Umbanda, encontram-se num estado muito grande de moral, singeleza e candura, podendo nos influenciar positivamente nesse sentido. Se a crença na manifestação mediúnica de Espíritos de crianças recém-desencarnadas com suas futilidades persistir, corremos o risco de sempre presenciar um trabalho espiritual banal, vulgar, ordinário, sem nexos, com brincadeiras de mal gosto, sem proveito nenhum a não ser dar boas risadas das palhaçadas presenciadas. Com certeza nesse momento estará “incorporado” a criança “eu mesmo”, pois o médium anímicamente exteriorizara sua criança interior, atulhada de mal gosto, má-criação, esparrames, sujeiras, vulgaridades, mediocridades, o que até nossos filhinhos encarnados não fazem, pois com certeza são mais ordeiros, ajuizados e educados.

Obviamente, todos os Guias Espirituais Crianças tiveram encarnação terrena, mas como já explicamos acima, uns optam por ficarem nessa situação, outros não querem, ainda, saírem dessa condição, mas, com certeza, são Espíritos muito simples e refletem ingenuidade, moral e candura, sem quaisquer tipos de corrupção. Os modos de se portar e as brincadeiras peculiares dos Guias Espirituais Crianças quando manifestados mediunicamente, são ordeiras, harmoniosas, sem desmandos, sem fantasias, sem trajes especiais, sem caracterizações exageradas, sem teatralizações estapafúrdias; se acontecer, é exteriorização do médium.

Para entendermos um pouco melhor a questão da manifestação de Guias Espirituais Crianças na Umbanda, e estes mesmos Espíritos não serem crianças recém-desencarnadas com estados psíquicos fúteis, lançamos mão do Livro dos Espíritos, bem como os relatos de Espíritos e médiuns de renome.

Por morte de criança, readquiri o Espírito, imediatamente, o seu precedente vigor? *“Assim tem que ser, pois que se vê desembaraçado de seu invólucro corporal. Entretanto, não readquire a anterior lucidez, senão quando se tenha completamente separado daquele envoltório, isto é, quando mais nenhum laço exista entre eles e o corpo. Esse desligamento será tanto mais rápido quanto mais elevado for o grau evolutivo do Espírito em questão”.* (Questão 381, de O Livro dos Espíritos)

“(…) Nas crianças, o seu Perispírito reflete o estado psíquico em que se encontram. A infância não é só um estado físico – ou, antes, perispiritual – é um estado espiritual de perturbação, muitas vezes de semiconsciência do Espírito. Quando o Espírito infante desencarna, logicamente leva consigo a perturbação que trouxe de sua infância, permanecendo no Plano Espiritual, agindo algum tempo como criança realmente (…)”. (Pedro Viera)

No livro “Materializações Luminosas”, de Rafael Ranieri, este discorre sobre diversas reuniões de materializações de que participou, inclusive com a presença de Chico Xavier, nas quais o Espírito Araci, Guia Espiritual do médium Francisco Peixoto Lins (Peixotinho), materializa-se sob a aparência de uma criança de aproximadamente três anos de idade. Assim também, para sua surpresa e satisfação, descobre que a dirigente espiritual daqueles trabalhos de alta importância era exatamente sua filha Heleninha, desencarnada com apenas um ano e oito meses. Por vezes, ela se apresentava na forma infantil: noutras ocasiões, mostrava-se sob aparência adotada em encarnação anterior, demonstrando grande domínio sobre seu Perispírito.

André Luiz, em sua obra intitulada “Entre o Céu e a Terra”, psicografada por Chico Xavier, nos conta que, em determinado momento no Plano Espiritual, ouve uma suave melodia, ao se aproximar percebe que a música era entoada por um coro de crianças felizes e sorridentes, em meio a paisagens de rara beleza. Ele se encontrava no “Lar da Benção” – um misto de escola de preparação para a maternidade e abrigo para Espíritos que haviam desencarnado na infância. André Luiz, então, fascinado com o que via, questiona se haverá ali cursos primários de alfabetização; a dirigente do educandário responde afirmativamente, pois se tratava de um “verdadeiro estabelecimento de ensino do além”, que abrigava, na época, cerca de dois mil Espíritos desencarnados e tenra idade, que já permaneciam até reunir condições para retornar ao plano físico, o que se dava, na maioria das vezes, antes que o Espírito retomasse sua compleição adulta.

Encontramos na obra “Estamos no Além”, no relato mediúnico de Sandra Regina Camargo, desencarnada aos nove anos de idade após ter padecido durante três anos em virtude de leucemia.

Menos de quatro anos após seu desencarne, na noite de 17 de janeiro de 1981, ela se comunicaria com seus entes queridos, através de Chico Xavier, declarando: *“Saibam também que cresci. Isso aconteceu na medida de meu desejo de me fazer pessoa grande”.* Assim também se deu com Upton, desencarnado com apenas três meses de vida. Em carta psicografada por Chico Xavier e publicada na obra “Reencontros”, dizia ter recobrado sua maturidade espiritual em poucos anos de regresso à Vida Maior. Há, portanto, Espíritos que, tendo desencarnado na infância, em retorno ao Plano Espiritual reassumem, em curtíssimo prazo, a forma adulta que tinham antes de reencarnar ou outra apresentação perispiritual, sempre de acordo com suas potencialidades anímicas.

O Espírito André Luiz, ainda na obra “Entre o Céu e a Terra”, nos afirma que essas são exceções, pois a maioria dos seres que estagiam no Planeta Terra necessitam de longo espaço de tempo e total amparo da Espiritualidade para se desvencilharem dos impositivos da forma infantil a que se encontram mentalmente fixados. Também são em grande número aqueles que, ao desencarnarem precocemente, adentram o Plano Espiritual em extremo desequilíbrio, razão pela qual são recolhidos em alas isoladas para receberem cuidados especiais.

Diz o mito Guarani, que quando toda a Natureza foi formada no plano terreno, ali estavam “as crianças” com toda a sua pureza e inocência, auxiliando na formação de tudo o que existe na Terra. O índios creem que o Espírito da Criança está presente nas pedras, nas águas, nas matas, nas montanhas, enfim, em toda a Natureza.

A Linha Sublime de Trabalho Espirituais das Crianças, pela falta de conhecimento de muitos umbandistas, ainda é de difícil compreensão. Como já explicamos, esses Espíritos, apesar de se apresentarem como Crianças, nos trazem moral, singeleza, candura, e a alegria contagiante. Os Guias Espirituais Crianças têm uma noção de justiça diferente da nossa e não sofrem as influências emocionais que nós sofremos ao fazer qualquer julgamento. Por serem singelas e cândidas, e sua justiça é também inocente.

Para alcançarmos a nossa espiritualização, o ápice da nossa evolução, devemos ter em nossas mentes e em nossos corações a moral e singeleza necessária para que consigamos conhecer no Reino de Deus dentro de nós mesmos. Jesus no-lo disse: *“Bem-aventurados os que têm puro o coração, porquanto verão a Deus”*. (Mateus, cap. V, v. 8.). *“Apresentaram-lhe então algumas crianças, a fim de que ele as tocasse, e, como seus discípulos afastassem com palavras ásperas os que lhas apresentavam, Jesus, vendo isso, zangou-se e lhes disse: “Deixai que venham a mim as criancinhas e não as impeçais, porquanto o reino dos céus é para os que se lhes assemelham. - Digo-vos, em verdade, que aquele que não receber o reino de Deus como uma criança, nele não entrará.” - E, depois de as abraçar, abençoou-as, impondo-lhes as mãos”*. (Marcos, cap. X, vv. 13 a 16.)

Somente o dia que conseguimos ser singelos (*simples, sem complicações, incorruptíveis, sem malícia, ingênuos*) e cândidos, como a vivência e a influência que nos é passada pelos Guias Espirituais Crianças, conseguiremos conhecer o Reino de Deus dentro nós. Para isso, a Linha Sublime de Trabalhos Espirituais das Crianças se faz presente, a fim de nos auxiliar na concretização da espiritualização em nossas vidas. Essa Linha Espiritual é composta por Espíritos mestres da alegria da candura e da singeleza, qualidades fundamentais para quem deseja conhecer o Reino de Deus dentro de si.

Vamos a um relato interessante, onde observaremos a presença e a atuação de um Guia Espiritual Criança. É assim que agem na Umbanda. Nos congraçamentos, num afetuoso e verdadeiro abraço (não procedem a consultas com orientações complexas), nos curam e restauram a nossa dignidade:

EM VISITA À FAZENDA DO PAI

Em 1946, adocece de novo, gravemente. Gastara demais o corpo. Achava-se esgotadíssimo, fraco, febril. Os médicos, consultados, dão-no como tuberculoso. E, em certa manhã ensolarada, vendo-o sentado, muito triste, à porta da casa, Emmanuel, seu dedicado Guia, põe-lhe a mão no ombro e lhe diz: *Chico, procure reagir, senão você falirá. Sua enfermidade é tanto do corpo como do Espírito. Mas não desanime. Vai ficar bom, se Deus quiser*. E, depois de lhe dar uma bela aula sobre os males do desânimo, da tristeza e das mágoas recolhidas, ampliadas pelo nosso pessimismo, diz-lhe: *Logo, ao dormir, lembre-se de mim. Vou levar seu Espírito a um lugar muito lindo e onde será medicado*.

De fato, ao dormir, Chico lembra-se do convite de Emmanuel, e, depois de orar, dorme antegozando o auspicioso passeio. Em Espírito, vê-se junto ao seu Guia, e, com ele, caminha por um vergel esmeraldado de trevos viçosos, floridos, como jamais vira na Terra. Ao fim, sentado num banco envolto em luz alaranjada, está um menino delicado, belo. Emmanuel apresenta-o ao Chico, e, sob a surpresa do médium, o menino, com rara facilidade, como quem pega outra criança, segura-o e o põe ao colo. Passa as mãos pequenas e luminosas sobre o corpo do Chico. Afaga-o amorosamente, estreitando-o ao peito, e diz-lhe sorrindo: *Pronto, está medicado*. Chico despede-se do lindo irmãozinho.

E já quase a chegar em casa e enclausurar-se, de novo, no corpo e acordar para a realidade da Terra, Emmanuel, abraçando-o, afirma satisfeito: — Chico, você recebeu hoje um remédio de que necessitava: uma transfusão de fluidos. Vai acordar, amanhã, melhorado, sem cansaço, sem febre e mais forte, graças a Deus! No dia seguinte, Chico acordou diferente. Ressoava-lhe aos ouvidos o que ouvira. O coração, agradecido ao Senhor guardava a grande Graça. E sentia que tudo desaparecera: cansaço, tristeza, mágoa, medo, febre, tudo. Sim, tudo, porque bem traduzia o que ganhara. Agora teria de dar também tudo, como está dando, a bem da Grande Causa, que a todos nos irmana e iguala na Fazenda do Pai, que é Deus!

(Trecho extraído do livro: “Lindos Casos de Chico Xavier”, de Ramiro Gama – Lake Editora – 2009)

É certo que as Colônias Espirituais, possuem Espíritos especializados tanto no tratamento psicológico quanto no tratamento fluídico de crianças desencarnadas. Com essa ajuda, as crianças vão retornando, lentamente, consciência de si mesmas, saindo do estado infantil que não é mais útil no Plano Espiritual, já que se encontram fora da carne. O crescimento das crianças no Plano Espiritual está atrelado à retomada de consciência por parte do Espírito desencarnado. O que lhe permitirá plasmar as modificações necessárias em seu corpo fluídico.

Em Aruanda existem espaços reservados a abrigarem os Guias Espirituais Crianças, sendo tutelados por Espíritos especializados no trato infantil. Esses espaços não são reservados aos Espíritos de crianças recém-desencarnadas, mas, sim, para aquelas que já se encontram em condições de emanarem singeleza e candura a todos que deles se aproximam. Com certeza, Chico Xavier foi levado até Aruanda, nos braços de um Guia Espiritual Criança.

Para compreendermos um pouco melhor a atuação dos Guias Espirituais Crianças na Umbanda, vamos entender o que é ser uma criança:

SER CRIANÇA É:

É aceitar o novo e desejar o máximo.

É acreditar no momento presente com tudo o que oferece.

É aprender a existir, é se sentir amada, pertencente, é poder acreditar que há futuro.

É aventura, é desafio.

É conseguir perdoar muito mais fácil do que brigar.

É esquecer um pouco das responsabilidades sem, contudo, ser irresponsável.

É inventar novas formas de ser criança.

É nascer de novo a cada dia.

É rir e brincar.

É sempre sorrir, e sempre estar aberto para o novo ser criança.

É ser artista.

É ser conquistador.

É ser herói.

É ser inesquecivelmente feliz com muito pouco.

É ser o sonho, o futuro e a esperança.

É ter coragem de não ter medo.

É ter pouca paciência e muita pressa.

É tornar-se gigante, diante de gigantescos pequenos obstáculos.

É viver intensamente o presente, não viver condicionado ao futuro nem ruminando o passado.

É achar que o mundo é feito de fantasias, sorrisos e brincadeiras.

É acreditar num mundo cor de rosa, cheio de pipocas.

É acreditar que tudo é possível.

É adorar deitar-se na grama, ver figuras nas nuvens e criar histórias.

É aventura, é desafio.

É estar em constante estágio de aprendizado, é querer buscar e descobrir verdades sem a armadura da dúvida.

É fazer amigos antes mesmo de saber o nome deles.

É gostar da brincadeira, do sonho, do impossível.

É gostar de fantasias e acreditar nelas.

É gostar de sentar-se na janela e detestar a hora de ir para a cama.

É gostar do aconchego de um colo de mãe.

É habitar no país da fantasia, viver rodeado de personagens imaginários.

É cantar fora do tom e dar risadas se alguém corrige.

É chorar sem saber por quê.

É começar a viver.

É estar de mãos dadas com a vida na melhor das intenções.

É olhar e não ver o perigo.

É pedir com os olhos.

É perseguir a felicidade sem se importar com a idade.

É querer ser feliz.

É saber embrulhar desapontamentos e abrir caixinhas de surpresas.

É saber nada e poder tudo.

É ser capaz de perdoar e anestesiá-la dor com uma dose de sabedoria genuína e peculiar.

É sorrir e fazer sorrir.

É ter o dia mais feliz da vida, todos os dias.

É ter sempre uma pergunta na ponta da língua e querer muito todas as respostas.

Isso é o que um Guia Espiritual Criança vem nos ensinar com suas presenças, suas brincadeiras, suas noções de vida.

Muitos erroneamente confundem a Linha das Crianças, nominando-os como Erês. Vamos entender:

ERÊ

No Candomblé, Erê é o intermediário entre a pessoa e o seu Orixá, é o aflorar da criança que cada um guarda dentro de si; reside no ponto exato entre a consciência da pessoa e a inconsciência do Orixá.

É por meio do Erê que o Orixá expressa a sua vontade, que o noviço aprende as coisas fundamentais do Candomblé, como as danças e os ritos específicos do seu Orixá.

A palavra Erê vem do yorubá, "iré", que significa "brincadeira, divertimento". Daí a expressão siré que significa "fazer brincadeiras". O Erê (não confundir com criança que em yorubá é omodé) aparece instantaneamente logo após o transe do Orixá, ou seja, o Erê é o intermediário entre o iniciado e o orixá. Durante o ritual de iniciação no Candomblé, o Erê é de suma importância, pois, é o Erê que muitas das vezes trará as várias mensagens do Orixá do recém-iniciado. O Erê às vezes confundido com Ibeji, na verdade é a inconsciência do novo omon-orixá, pois o Erê é o responsável por muita coisa e ritos passados durante o período de reclusão. O Erê conhece todas as preocupações do iyawo (filho), também, aí chamado de omon-tú ou "criança-nova".

O comportamento do iniciado em estado de “Erê” é mais influenciado por certos aspectos da sua personalidade, que pelo caráter rígido e convencional atribuído ao seu Orixá. Após o ritual do orúko, ou seja, nome de iyawo segue-se um novo ritual, ou o reaprendizado das coisas chamado Apanan.

A confusão entre Ibeji e Erê é muito frequente, ao ponto que em algumas Casas de Candomblé e Batuque, Ibeji é referido como Erê (criança) que se manifesta após a chegada do Orixá; em outras são cultuados como Xangô e ou Oxum crianças.

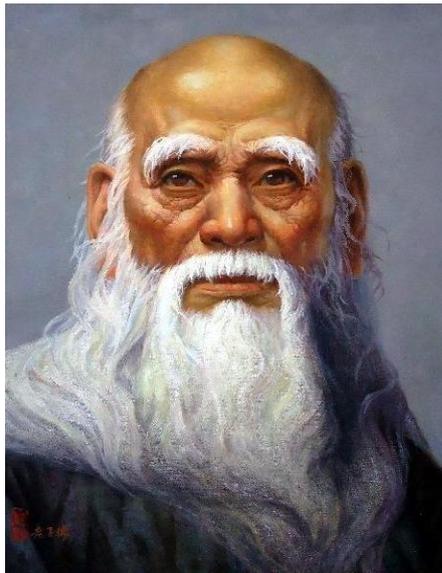
Porém na verdade Ibeji é um Orixá independente dos Erês. Dado o fato conhecido e recorrente de que muita gente transita entre o Candomblé e a Umbanda, é também natural que esta confusão se acentue, dados os conceitos e entendimentos diferentes que existem nas duas religiões e que muitas vezes as pessoas não conseguem diferenciar.

Na Umbanda, Ibejada, Dois-Dois, Crianças, ou Ibejis são entidades de caráter infantil, que simbolizam pureza, inocência e singeleza e se entregam a brincadeiras e divertimentos (...).

(...) São tidos como mensageiro dos Orixás, respeitados pelos Caboclos e Pretos-Velhos. Geralmente, são agrupados em uma Linha própria, chamada de “Linha das Crianças”, “Linha de Yori” ou “Linha de Ibeji”. Costumam ter nomes típicos de crianças brasileiras, como Rosinha, Mariazinha, Ritinha, Pedrinho, Paulinho e Cosminho. Seus líderes de falange incluem Cosme e Damião. Comem bolos, balas, refrigerantes, normalmente guaraná e frutas.

(<https://ocandomble.wordpress.com/2008/09/22/ere/>)

Linha Sublime de Trabalhos Espirituais dos Guias Magos Brancos do Oriente – Popularmente conhecida como “Linha do Oriente”. Roupagem arquetípica de orientais.



Com grande atuação em trabalhos mediúnicos caritativos de cura, passes e orientações coletivas; agregam e lideram os Espíritos que militam em trabalho de cura na Umbanda. Não atuam em consultas corriqueiras. Muitos Espíritos Guias da Linha do Oriente estão militando na roupagem arquetípica de Caboclos da Mata e Pretos-Velhos na Umbanda. A Linha Sublime de Trabalhos Espirituais dos Magos Brancos do Oriente é composta por Espíritos Mestres do conhecimento. Esta Linha Sublime forma o modelo da população oriental.

A Linha Sublime de Trabalho Espiritual dos Magos Brancos do Oriente tem uma Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Curadores, usando a roupagem fluídica arquetípica de terapeutas:

Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Guias Curadores. Roupagem arquetípica de terapeutas.



Popularmente conhecida como: “Corrente da Medicina do Espaço”. Todos os Espíritos militantes em trabalhos de cura, sejam quais forem ou de onde vieram, pertencem à Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Guias Curadores.

Esta Linha é composta por Espíritos especialistas em processos de curas em todos os níveis. Os Guias Curadores formam o modelo de terapeutas.

A Linha de Trabalhos Espirituais dos Protetores Ciganos trabalha secundando a Linhas Mestras, prontamente, quando necessário.

Linha Secundária de Trabalhos Espirituais dos Protetores Ciganos. Roupagem arquetípica de zíngaros.



Essa Linha de Trabalho Espiritual é considerada secundária, pois é composta por muitos Espíritos que ainda se encontram presos aos seus egos, portanto, externando grandemente suas materialidades, mas, já se gabaritam em trabalhos caritativos.

É uma Linha de Trabalho independente (como muitos pensam, não são integrados à Linha do Oriente), não sendo auxiliar de nenhuma outra, mas, trabalham sob a coordenação e supervisão direta das Linhas Mestras de Trabalhos Espirituais dos Guias Caboclos da Mata e dos Guias Espirituais Pretos-Velhos. Atuam grandemente no modo de viver. Uma de suas principais tarefas é nos ensinar o desapego da materialidade, mas sem deixar de contemplar as belezas do mundo. A Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Protetores Ciganos é composta por Espíritos especialistas em felicidade. Os Protetores Ciganos formam o modelo de zíngaros. *(povo nômade, que possui cultura, ética e comportamento próprios)*

As Linhas Mestras são as que se manifestam mediunicamente trabalhando em atendimentos fraternos com orientações pessoais, sendo assessorados pelas Linhas Auxiliares e pela Linha Secundária de Trabalhos Espirituais.

As Linhas Sublimas de Trabalhos Espirituais manifestam-se escassamente, e quando o fazem é para orientações coletivas (Linha do Oriente), e/ou conagração (Linha das Crianças).

CORRENTES DE TRABALHOS ESPIRITUAIS

Segundo o dicionário Corrente significa: *“Diz-se das águas que correm, que não se acham estagnadas” – “Deslocamento orientado das águas do mar: correntes marinhas”.*

Corrente de Trabalhos Espirituais das Sereias e dos Tritões



São Espíritos ligados ao magnetismo do Mar que manifestam-se em grupo ou isoladamente, procedendo a descarregos e desagregações mais pesadas. Não se comunicam de forma alguma; portanto, não procedem a nenhum tipo de consulta. Alguns, somente emitem um som melodioso e intermitente, um mantra poderoso desagregador.

Os Tritões são a contraparte masculina das Sereias. As Sereias e os Tritões vêm por ordem da Corporação Yemanjá.

Corrente de Trabalhos Espirituais das Yaras

São Espíritos ligados ao magnetismo dos rios. São também conhecidas como “ninfas da água – sereias dos rios”.

Manifestam-se em grupo ou isoladamente, procedendo a descarregos e desagregações em processos psicológicos de toda ordem. Não se comunicam de forma alguma; portanto, não procedem a nenhum tipo de consulta.

Somente emitem um som melodioso e intermitente, um mantra poderoso de limpeza psicológica. As Yaras vêm por ordem da Corporação Oxossi.



As “Correntes de Trabalhos Espirituais” são as que se manifestam mediunicamente em descarregos e desagregações, mas não procedem a consultas. Não são Espíritos de elementais. Não utilizam roupagem arquetípica. Credo ou não, são sereias e tritões mesmo.

ESPÍRITOS DE SEREIAS E TRITÕES – QUEM SÃO?

Assunto controverso, conhecido por todos, aceito por uns, refutado por muitos, e defendido por alguns. Quem seriam? O que seriam? Como seriam? Já existem vários estudos sobre esse assunto, alguns sérios, filmagens sérias e outras claramente fajutas. Vamos a um breve estudo sobre esse tema:

Não escreveremos sobre as dezenas de lendas e relatos existentes; se pesquisarem verão muita coisa. Mas, temos que atentar que toda lenda tem um fundo de verdade.

“A visão limitada do ser humano cerra seus olhos e os limites dos nossos sentidos não nos permite ir além. Se observarmos em nossa volta com a mente aberta sem as amarras materialistas, concluiremos que alcançamos uma pequena parcela da realidade do que vemos. Nossos olhos estão preparados para serem sensibilizados por um reduzidíssimo estado vibratório da matéria densa, correspondente ao espectro do arco-íris, ou seja, só podemos ver cores que estão entre o vermelho e o violeta; não captamos cores do infravermelho e ultravioleta. Também só podemos ouvir sons, cujas vibrações que estão entre 20 Hz e 20.000Hz, é uma faixa muito estreita relativamente ao imenso mundo sonoro que nos cerca”. (Prof. David Cajueiro)

Os Guias Espirituais nos alertaram sobre a existência desses seres, igualmente inteligentes viventes no Planeta, muito antes do surgimento do homem, pois, na criação, há tantas formas de vida que não devemos nos surpreender com nenhuma delas, e sim, entendê-las. Também nos disseram que somos muito egoístas por acharmos que somente nós habitamos a Terra. Aliás, cremos que são extremamente inteligentes, pois se achegarem-se aos homens, serão escravizados, usados como armas, usados para adquirir riquezas, ou mesmo dizimados.

No processo evolucionar terreno, muitos seres emergiram das águas, e com o passar dos milênios se adaptaram, perdendo suas “barbatanas”, evoluindo para pernas. A Convergência Evolutiva explica:

CONVERGÊNCIA EVOLUTIVA

“Convergência evolutiva ou evolução convergente é um fenômeno evolutivo observado em seres vivos quando estes desenvolvem características semelhantes de origens diferentes. Ou seja, é quando um caráter semelhante evolui independentemente em duas espécies, não sendo encontrado no ancestral comum delas. Este fenômeno ocorre devido à seleção natural, que seleciona positivamente aquelas mutações que geram adaptações morfológicas, fisiológicas e até comportamentais mais adequadas para um determinado ambiente. A seleção natural também irá atuar, selecionando negativamente, aquelas mutações que não forem adaptativas, reduzindo assim o valor adaptativo do organismo. Com isso, aqueles organismos que vivem em habitat ou possuem hábitos de vida semelhante, irão compartilhar características análogas semelhantes, que os tornam capazes de sobreviver àquelas condições.

Características resultantes de evolução convergente são chamadas de estruturas análogas, já aquelas características semelhantes que não evoluíram independentemente são chamadas de homólogas. Homologias apresentam a mesma origem ontogenética e filogenética, já as analogias apresentam a mesma função, mas, não estão relacionadas evolutivamente.

Um exemplo famoso de convergência evolutiva é a forma do corpo de golfinhos, ictiossauros e peixes. Todos são animais marinhos dotados de nadadeiras e barbatanas. Porém, os golfinhos são mamíferos, cujo ancestral direto era dotado de membros adaptados ao meio terrestre, os ictiossauros são descendentes de répteis Diápsidas, enquanto os peixes possuem ancestrais marinhos, cujas nadadeiras são fruto de um longo processo de construção a partir de um modelo de corpo vermiforme sem membros articulados. Portanto, apesar de apresentarem estruturas semelhantes, elas tiveram origens muito diferentes, e foram selecionadas por serem formas muito apropriadas à natação (...).

(...) Isso ocorre geralmente quando uma espécie ocupa um novo nicho ecológico, com isso a seleção natural irá atuar fortemente sobre a população, aumentando a frequência de mudanças adaptativas. Diferentes adaptações irão surgir na população, que no princípio mal podem ser percebidos, mas com o passar do tempo, vão se tornando nítidas. Essas diferenças adaptativas irão gerar diferentes subespécies daquela espécie ancestral, até que finalmente, com o passar do tempo, novas espécies terão sido formadas a partir de uma única espécie. Esse é o Princípio da Divergência dos Caracteres, proposto por Charles Darwin”.

(https://pt.wikipedia.org/wiki/Converg%C3%Aancia_evolutiva)

Daí pode-se pensar que seres que sempre viveram sobre as águas, receberam de Deus tudo de que precisavam para se adaptar ao meio destinado a eles.

“Não se trata de fenômenos; são seres que tenho certeza que existem na mesma data que existimos! As pessoas não vão entrar em pânico por essa descoberta, porque somos violentos e predadores natos caçamos matamos por maldade. Quem tem que entrar em pânico devem ser esses seres que vivem a milhares de anos a escondida e correm o risco de serem caçados e extintos da face da Terra, assim como tantos outros animais se foram. Tomará mesmo que os governantes abafem e esqueçam esses seres; assim eles poderão viver suas vidas com menos esse problema de serem caçados, pesquisados e explorados de forma cruel, porque é o que o homem sabe fazer de melhor. São poucos os que ainda tentam proteger o nosso Planeta e tudo o que há nele”. (Osanete Mesquita)

Dentre os umbandistas, é consenso comum a manifestação de Espíritos de Sereias e Tritões em processos de descarregos em desagregações é indiscutivelmente eficaz, infalível e certa, não tendo nas Linhas, e Falanges de Trabalhos Espirituais, outros com a inigualável e mesma eficiência. Estes Espíritos com outro sistema de vida e evolução são possuidores de formidáveis capacidades, que são colocados em nosso auxílio, muito nos auxilia.

Alguns umbandistas, por desconhecimento ou mesmo ceticismo, cerceiam estas manifestações mediúnicas, preferindo não opinar sobre sua existência. Será que milhares de médiuns estão tendo alucinações ou mesmo manifestando seus mentais atulhados de controvérsias???

Se cremos que as presenças mediúnicas dos Espíritos de Sereias e Tritões são manifestações anímicas, onde médiuns acreditam estar manifestando com tais seres, externando captações mentais sensíveis da Natureza ou mesmo das Corporações Orixás, agindo de forma condicionada, pois já presenciou isso em quase todos os Terreiros, como explicarmos então que após tais “manifestações” a paz retorna no ambiente, onde absolutamente todos os médiuns (inclusive os assistidos que nada sabem ou entendem dessas manifestações ou suas emanações) se sentem descarregados, revitalizados, higienizados, felizes, emocionalmente equilibrados, com o tônus vital refeito???? Autossugestão? Se pensarmos ser tão somente auto influência, essa é tão poderosa que modifica até o padrão vibratório do local.

Se igualmente cremos que um Guia Espiritual, diante da ignorância de médiuns, fica manipulando energias das manifestações anímicas onde creem estar “tomados” por entidades imaginárias, para prover limpezas astrais e desequilíbrios emocionais, podemos afirmar que este mesmo Guia Espiritual é um engodo, pois poderia facilmente orientar seguramente seu grupo mediúnico da problemática a que estão se expondo.

A Umbanda vai além da manifestação de Espíritos humanos desencarnados, atuando e interagindo com realidades da vida muitas vezes incompreensíveis pelos encarnados.

Os Espíritos das Sereias, dos Tritões, das Yaras, são um bom exemplo; por determinação de Hierarquias Superiores, manifestam-se mediunicamente em fabulosos trabalhos de higienizações e dissoluções de energias negativas, equilíbrios emocionais, sejam eles quais forem.

Em suas manifestações fluídicas arquetípicas mediúnicas de apresentação (posturas/dramatização), alguns desses Espíritos se apresentam deitados, estirados sobre o chão, com as mãos estiradas para frente. Outros ficam sentados como que de lado. Outros ficam de pé. Todos, invariavelmente arfam com o tronco e com as mãos em movimentos concêntricos, como se estivessem sob as águas movendo-se ao sabor das correntes marinhas. Os que ficam em pé, geralmente, movem-se com passos numa linda e harmoniosa coreografia. Com seus movimentos posturais (dramatização), vão recolhendo todas as cargas energéticas negativas dos seus médiuns, dos assistidos e do ambiente.

Só demos tomar cuidado para não exteriorizar um arquétipo deturpado, onde o médium fica no chão batendo as pernas e os braços espalhafatosamente, se arrastando e rolando desordenadamente pra todo lado batendo em todo mundo, no afã de estar externando um rabo de peixe se debatendo fora da água. Prevalece de um modo geral, a vontade do Espírito manifestante no médium no instante da mediunização. Cabe ao dirigente do Terreiro e aos médiuns mais experientes auxiliarem o iniciante a coibir as manifestações bizarras nacedoura no inconsciente do medianeiro. O mais importante numa manifestação mediúnica é o trabalho, a mensagem que o Espírito traz, e não o nome ou os gestos que ele faz.

Os Espíritos das Sereias e dos Tritões não interagem com a assistência. Apenas manipulam as energias do ambiente, atraindo para o mar as vibrações mais pesadas. Estes Espíritos não atuam como mentores ou guias de médium nenhum; atuam, quando necessário e quando clamadas, coletivamente (nunca vem sozinhos) nos Terreiros. Suas manifestações mediúnicas são exclusivamente para “lavagem” dos excessos negativos de energias que desequilibram o médium e o ambiente de trabalho. O trabalho dos Espíritos das Sereias e dos Tritões são somente com os médiuns em quem elas incorporam, e com o Terreiro (local de trabalho), e nunca para a assistência ou mesmo em descarregos particulares.

“(...) É trabalhar em parceria com os amigos do lado de cá para o bem de todos, apenas isso. Vocês complicam muito as coisas. Na verdade, tudo é muito simples. Pense na manifestação de uma Sereia, emanando e curando. Existe algo mais simples e de mais grandiosidade que a manifestação de uma Sereia? Parem de julgar a manifestação mediúnica ou a experiência do outro (...)”. (Pérolas de um Preto-Velho)

Devemos estudar mais antes de emitirmos opiniões que acabam por se tornar achismos, pois estarão calcadas somente na idiossincrasia. Se de chofre opinarem sobre a não existência desses seres como vidas inteligentes presentes na Terra, e que após desencarnarem estão em trabalhos caritativos na Umbanda, igualmente poderíamos afirmar a não existência de Espíritos comunicantes na mediunidade, pois, segundo a ciência oficial, não se tem como provar suas existências, ficando tudo no campo da crença e da fé.

Alguns dizem que as Sereias e os Tritões são Espíritos Elementais da Natureza. Outros dizem que são seres dimensionais, encantados, que nunca encarnaram na Terra. Discordamos de tal assertiva, pois manifestam-se mediunicamente, e sabemos que manifestações mediúnicas psicomotoras se dá de Perispírito para Perispírito.

Explica Herculano Pires, no livro “MEDIUNIDADE”, cap.V “O Ato Mediúnico”, parágrafo primeiro: *“O ato mediúnico é o momento em que o Espírito comunicante e o médium se fundem na unidade psicoafetiva da comunicação. O Espírito aproxima-se do médium e o envolve nas suas vibrações espirituais. Essas vibrações irradiam-se do seu corpo espiritual atingindo o corpo espiritual do médium. A esse toque vibratório, semelhante ao de um brando choque elétrico, reage o perispírito do médium. Realiza-se a fusão fluídica. Há uma simultânea alteração no psiquismo de ambos. Cada um assimila um pouco do outro”.*

Mas, o que seria Perispírito? Mais acima, no capítulo “A Colônia Aruanda”, no subtítulo: “Noções sobre o Perispírito e suas Delicadas Funções”, estamos esclarecendo o que seria. Quem tem Perispírito formado, com certeza, é um Espírito inteligente, que raciocina, e se está na Terra, tem pé de igualdade evolucionar com os humanos.

Somos sabedores que o Perispírito é o envoltório do Espírito para que possa se manifestar na vida terrena. Portanto, fica claro que se num processo mediúnico a ligação se dá de Perispírito para Perispírito, as Sereias e os Tritões não poderiam serem seres Elementares, e muito menos Elementais. Se eles possuem um corpo Perispiritual para se manifestarem mediunicamente, seria obvio então que igualmente são Espíritos em igualdade a dos humanos, somente diferindo em forma, vivência e evolução.

Espíritos Elementais (ou Elementares) não se incorporam. É impossível isso. Eles ainda não possuem a intrincada condição espiritual (não são individualidades como Espírito) para que ocorra manifestações mediúnicas para se manifestarem. Eles ainda estão em formação para futuramente adquirirem um Perispírito e poderem iniciar suas encarnações como humanos.

Espíritos Elementais ou dos elementos da Natureza, divididos, desde a antiguidade, de acordo com os elementos: gnomos, ondinas, silfos, salamandras, fadas, duendes, sátiros, faunos, silvanos, elfos, anões, etc. Excetuando-se seus chefes e guias, não encarnaram como homens, preparando-se para isso por seus contatos com o gênero humano. Embora possuam forças psíquicas, estas não se desenvolveram, ainda, como “Espíritos” (individualidades) e por isso só possuem (como os animais) o raciocínio concreto, não utilizando ainda a palavra como meio de expressão de seus pensamentos. Sob o comando de Espíritos Elevados, participam nas Sessões de Umbanda, e podem obedecer a ordens de criaturas treinadas (boas ou más), para operar o bem ou o mal, que ainda não distinguem. A responsabilidade, pois, recai toda sobre os que emitem as ordens.

Vamos complementar o assunto “Elementais”, para podermos entender que as Sereias e os Tritões não seriam essa classe de Espíritos:

ESPÍRITOS ELEMENTARES

(...) São aqueles que estagiam na Natureza, em vários aspectos, preparando sua constituição astral para que lhes seja propiciada e concedida sua primeira encarnação afeita ao sistema evolutivo do planeta Terra. Esses Espíritos Elementares, na verdade, estão agregando ou imantando sobre si, com o auxílio dos técnicos do astral especializados nesse mister, vários elementos da Mãe Natureza. Assim é que iniciam pelos processos de agregação, desde os mais simples aos mais complexos, através da passagem pelo reino mineral em seus diversos graus evolutivos. Esse processo, em geral, é feito em zonas sub-crostais relativamente superficiais; após esse período variável, esses Espíritos imantam sobre si os elementos vitais e vegetativos dos vegetais, também obedecendo a escala evolutiva do reino vegetal. Passam-se milênios até o Espírito Elementar conseguir estagiar e imantar os elementos vitais do reino animal. Quando aí estagiam, também vão impregnando-se de experiências e vivências dos vários filos animais, até atingirem os mais complexos. Nessa fase já têm corpos astrais, embora mal caracterizados e rústicos, como formas básicas já delimitadas. Têm sensibilidade, instinto e todos os demais atributos minero-vegeto-animais.

Nesse período, duas etapas podem ser seguidas. A primeira etapa é a de estagiarem em sítios sagrados e elevados da Natureza, onde se aperfeiçoarão e darão formas belas e humanas aos seus corpos astrais, até então rústicos e mal delimitados. Quando dizemos mal delimitados é porque, dependendo do estágio evolutivo desses Espíritos Elementares, estarão eles com seus corpos astrais mais parecidos com “homem pedra”, com “homem-árvore” ou com “homem animal”.

Tanto isso é verdade que vários mitos de muitos povos guardam esses espécimes como monstros ou como divindades do mal. Em verdade não são nem uma coisa nem outra; são apenas Seres Espirituais afetos à órbita gravitacional cármica do Planeta que estão aguardando ajuste definitivo em sua matriz perispirítica (1º corpo astral). Bem, dizíamos que podiam eles evoluir em sítios sagrados e realmente evoluíam, sendo nesta fase chamados de Elementares Superiores, que em verdade se agrupam em 4 classes, quais sejam: da terra, da água, do ar e do fogo. Antes de continuarmos, queremos afirmar que esses ditos Elementares não habitam a pedra, não habitam o vegetal e nem o animal, como muitos querem doutrinar. Embora respeitemos quem assim doutrina, a Corrente Astral de Umbanda, doutrina que esses Espíritos “haurem” do mineral, do vegetal e do animal elementos necessários às suas próprias experiências e necessidades, mas não que fiquem dormitando na pedra, respirando em ritmo vegetativo nos vegetais ou que adquirem instinto, pois habitam ou são o próprio animal. Veja bem, Filho de Fé, passar pelos reinos da Natureza quer dizer imantar elementos desses reinos, e não ser elementos desses reinos, certo?

Já com seus corpos astrais puros e bem formados, esses Elementares estagiam nas matas, nos mares ou praias, nas montanhas, rios, cachoeiras e em reinos pré-hominiais, antes de encarnarem pela 1ª vez, aqui em nosso Planeta, é claro. São da terra quando habitam ou estão estagiando nos elementos sólidos; são da água quando estão estagiando no conhecimento dos vários líquidos (...), são do ar quando estagiam no conhecimento de certos processos vitais e expansivos, e são do fogo quando ficam sob os Senhores dos Éteres (*Senhores das Forças Sutis — Orixás*), que lhes dão forma final em seus corpos astrais.

A par dessa classificação, todos podem ser evocados em favor de benefícios vários, pois são puros e seus auras vitalizarão positivamente as pessoas submetidas às suas vibrações, ao mesmo tempo que eles mesmos vão adquirindo um carma positivo. Eis um dos motivos pelos quais, muitas vezes, os evocamos em certos trabalhos, principalmente nas oferendas, onde eles se achegam, tomam ciência do preceito e pedidos, e só pela sua presença vitalizam potentemente a aura das pessoas participantes do trabalho. Temos assim o Elementar Superior, que é conhecedor da Natureza e ajuda várias Entidades Espirituais na manutenção energética de seus aparelhos, utilizando-se até mesmo de certa gama de raios ultravioleta, que queimam certas larvas de ordem mental, astral e física. Se há o Elementar Superior, que alcançou os níveis superiores, já com um carma ativo em positividade, há também os inferiores, que nem alcançaram os reinos de aperfeiçoamento em sítios sagrados da Natureza, sendo perigosíssimos em virtude de terem sido usados e viciados, segundo o livre-arbítrio, por portentosos Filhos das Trevas, que os usam para os mais baixos e torpes objetivos.

Esses Elementares realmente ainda continuam com seus corpos astrais grosseiros e desconhecidos, com formas atormentadas, sem o mínimo requinte da estética; são completamente anômalos em suas formas, e muitos, devido aos seus mentais hipnotizados, se encontram como verdadeiros monstros ou pobres duendes, já com pesados fardos e doloroso carma passivo (negativo) a ser resgatado.

São esses Espíritos Elementares inferiores que em verdade poderiam ser chamados de súcubos e incubos, ou Espíritos vampiros, que habitam as encruzilhadas de ruas, os cemitérios, os locais onde há muita profusão de álcool, matadouros, prostíbulos etc.

Esses Espíritos são sedentos do desejo de encarnar, querem sentir o sangue, o esperma, o sexo etc. Aí está o perigo de manipular esses Espíritos sem se ter o devido conhecimento ou outorga, e mesmo aqueles que desconheçam sua existência, que deixem de alimentar as encruzilhadas de ruas e os cemitérios, principalmente com sangue, carnes sangrentas, álcool, outras bebidas alcoólicas (...).

Antes de encerrarmos o conceito simples e básico sobre os Elementares, queremos deixar registrado que esses Elementares Inferiores são fontes constantes de larvas vorazes, que abaixam o teor vibratório dos atingidos, causando-lhes transtornos imensuráveis, mas sem dúvida profundamente danosos ao atingido (...).

(...) São esses Espíritos Elementares Inferiores que muitos videntes sem nenhuma orientação, quando veem, dizem logo serem Exus (...).

(...) Mas, para encerrarmos, precisamos deixar claro que esses Espíritos não são da Natureza; não e não. Outros dizem que não têm vida própria, sendo comandados por outras mentes, e que são apenas matéria dinamizada, sendo destruídos quando terminam ou deixam de alimentá-los. Muito ao contrário, esses Elementares são Espíritos indestrutíveis, portanto não foram criados por natureza nenhuma; estagiam sim, na Natureza.

Confundem Elementais, que são formas-pensamento, ou seja, a matéria astral, que como é muito plástica pode ser transformada e dela fazer-se como se fosse um Ser com vida própria, não passando de um manequim ou boneco de matéria astral, sendo esses sim, destrutíveis, pois existem enquanto o mago, em geral negro, o

alimentar com suas correntes de pensamentos, sendo logo a seguir destruído, e seus resquícios queimados pelos lixeiros do astral. Portanto, não confundamos Elementais, que são formas pensamento sem vida própria, com os Elementares, que são Espíritos no início de sua fase evolutiva; por isso mesmo são chamados de Elementares, ou seja, básicos dentro da hierarquia espiritual planetária.

Esses Elementares atendem a certos sinais da Lei de Pemba, bem como a sons básicos da própria Natureza. Os sinais a que obedecem são os da Geometria Astral, pois é como se eles se alimentassem vibratoriamente de suas formas, que movimentam certos clichês e, esses, certas Linhas de Força, as quais eles imantam em seus corpos astrais (...).

(Trecho extraído do livro: “Umbanda – A Proto Síntese Cósmica”, de Yaminiiddha Arhapiagha – Editora Pensamento)

OS ESPÍRITOS ELEMENTARES NA UMBANDA

Para que os Espíritos encarnassem no Planeta, foi necessário que tivesse o veículo apropriado. Esse veículo apropriado é o corpo astral (*nota do autor: também conhecido como Perispírito*) que serve como uma espécie de “molde” para o corpo físico. Para a constituição e organização deste corpo, foi necessário passar por adaptações e preparo com a natureza eletromagnética da Terra. Este preparo foi feito através dos reinos mineral, vegetal, animal, e daí até o reino hominal.

Enquanto cumprem essa preparação, são chamados “Espírito Elementares”, também conhecidos como “Espírito da Natureza”.

Em alguns segmentos são chamados Espíritos Elementais, em uma referência aos elementos (Ar, Fogo, Terra, Ar). Em outros, como na Umbanda Esotérica, são chamados de Espíritos Elementares, pois a palavra Elementar expressa àquilo que denominamos de básico, já que estão em seus primeiros estágios no Planeta. Ainda não participaram de nenhuma encarnação; são Espíritos cumprindo ciclos de evolução e preparação.

Para a Umbanda Esotérica, Elementais não são Espíritos reais; são formas pensamentos, ou seja, são vibrações do pensamento que se atraem, tomando determinadas formas, constituídos pela qualidade dos pensamentos emitidos.

Independente do nome com que são conhecidos, os Elementares são seres sempre presentes na Natureza. Sua existência é constatada por muitos e ignorada pela maioria.

O homem não percebe a dimensão existencial destes seres porque seus sentidos, sua percepção física é insuficiente, não adequada a outra realidade, que não a realidade física.

Encontramos referência aos Espíritos Elementares na Wicca, no Martinismo, na Teosofia, na Sociedade Rosa Cruz, nas literaturas de Papus, Eliphas Levi, Paracelso, etc. Também encontramos o seguinte texto no Livro dos Espíritos: *“Compreendemos então que existem “princípios inteligentes” que auxiliam no controle dos fenômenos da Natureza, sob a supervisão de Espíritos mais elevados. Na escala da evolução eles estariam entre a fase animal e a hominal”*.

Os Espíritos Elementares vivem da natureza astral até se ligarem à condição humana, sendo Espíritos, em essência, como nós, eternos, faltando-lhes somente a experiência no mundo humano. Isso implica dizer que grande parte da humanidade já foi um dia um Espírito Elementar, pois antes da chegada ao estágio atual, foi necessário o ingresso no sistema evolutivo do Planeta, através desses reinos, a fim de que houvesse a adequada imantação dos elementos vibratórios e propriedades dos minerais, vegetais e animais a fim de formar suas linhas de força, os chacras e o próprio corpo astral, pois sem esse, não seria possível a encarnação.

Neste estágio de adaptações e preparo para a constituição e organização do corpo astral, o Espírito já tinha os primeiros elementos simples dos canais de sua inteligência e de suas primeiras sensações, surgindo o corpo mental. Este corpo mental recebeu as impressões do Espírito e se tornou o veículo de propagação para toda natureza exterior. Dessa fase é que passou para a propagação do pensamento.

Ao longo dos milênios o Espírito foi agregando sobre si mesmo, vários elementos da Natureza. Ao estagias no reino mineral, imantou os processos coesivos e estruturais e os elementos necessários à constituição do sistema ósseo. Ele não incorporou os elementos formativos próprios que se densificam, endurecem ou cristalizam como rocha ou pedra, cristal ou diamante ou outro mineral qualquer. Apenas sorveu, aspirou os elementos desses reinos, sem com isso ser o próprio elemento.

No reino vegetal imantou os elementos necessários à formação da sensibilidade e funções importantes para a futura organização física.

No reino animal agrega as funções instintivas automáticas e mecânicas. Absorve as experiências dos vários filões animais, dos mais simples aos mais complexos.

Certamente ele não encarnou em cada animal, pedra ou árvore, e nem sequer ficou a seu lado. Imantou dos reinos os elementos necessários às suas próprias experiências e necessidades, ou seja, se apropriou da energia peculiar a cada um desses reinos, passando a sentir em torno de si e aglutinação de certos elementos que começam a lhe dar forma e certos contornos, produzindo nele uma série de sensações e também vibrando segundo suas próprias impressões.

Participa indiretamente da vida instintiva dos animais, através das ondulações vibratórias de suas sensações, das correntes eletromagnéticas que lhes mantém a vida orgânica.

Na espécie animal de pelo, por via de contato vibratório, como o elemento sanguíneo, passa por todas as sensações instintivas.

Na passagem pelos reinos, principalmente no reino animal, o Espírito demora muito tempo, por essa razão é que a idade de certos animais é longa, justamente para dar o tempo necessário ao Espírito, no aprimoramento ou na manifestação de certa classe de sensações em relação com o elemento sanguíneo.

Nesta fase possui o corpo astral já bastante adiantado, porém necessitando complementá-lo ainda mais, sensibilizando seus chacras, especialmente o laríngeo, o qual comanda as cordas vocais, é então encaminhado à espécie animal de pena, como a última etapa de sua passagem por esse reino animal.

O chacra laríngeo dos animais de pelo não passou pela fase rudimentar em que se encontra até hoje, por essa razão os sons que emitem são grosseiros, primam pela falta de variação e de harmonia.

Nos animais de pena quase todos apresentam uma variação infinita de sons, ricos de harmonia, melodia e beleza, sinal de que o chacra laríngeo neles já se encontra adiantadíssimo, quase pronto para os primeiros ensaios no setor do som articulado, ou seja, da palavra. Exemplo disso é o papagaio, que consegue formular palavras e até frases, quando ensinados pelos humanos.

Nessa altura, já possui um corpo astral melhor delineado, embora rústico, e impregnado de vibrações e sensações variadas e confusas. Já possui sensibilidade e instinto, sendo necessário proceder sobre ele a revitalização, o equilíbrio e aprimoramento do seu sistema de chacras.

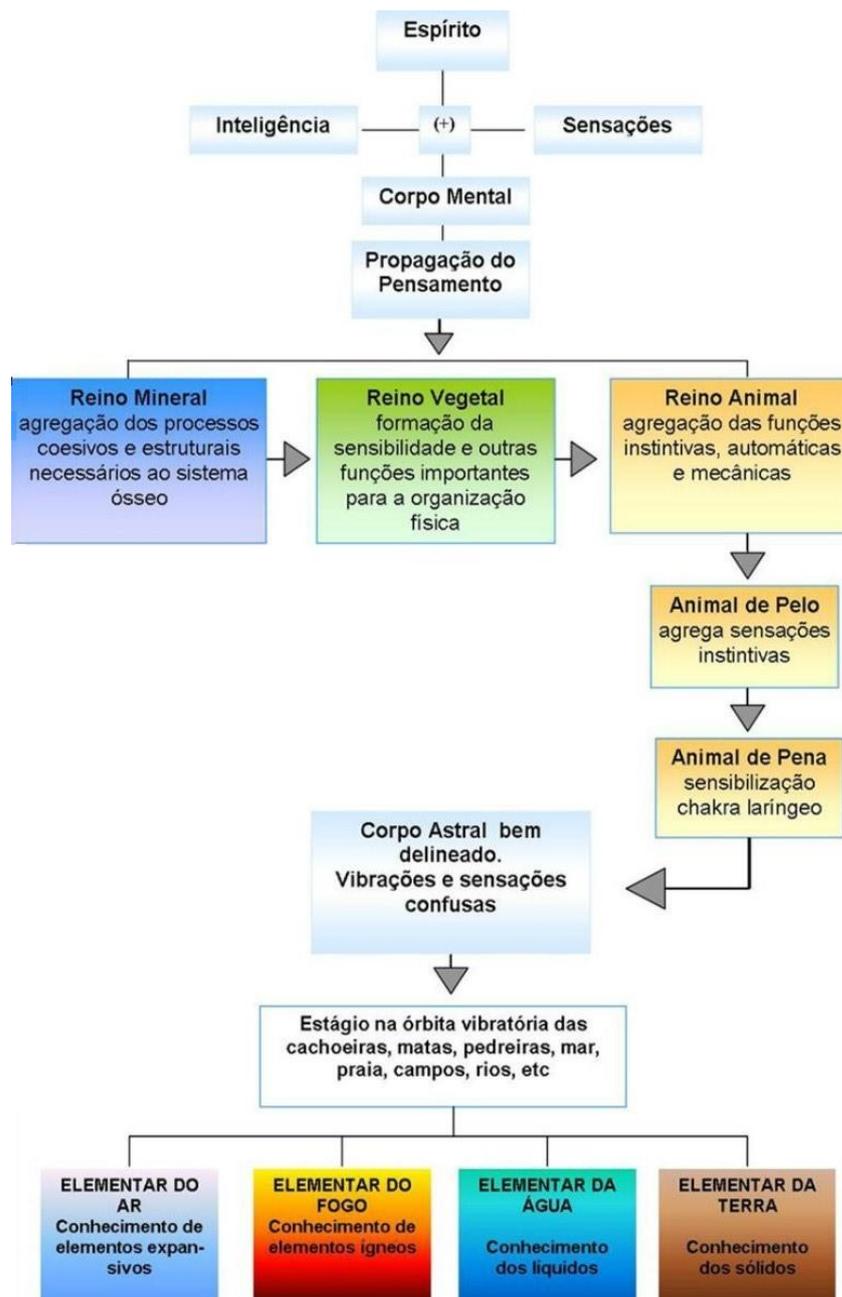
Nessa fase iniciam o último estágio com as forças da Natureza situadas na órbita vibratória das cachoeiras, matas, pedreiras, mares, praia, campos, rios, etc., onde aperfeiçoarão e darão formas belas e humanas aos seus corpos astrais.

Nesta fase são chamados de Elementares Superiores, agrupando-se em quatro classes, de acordo com os campos magnéticos em que limitam, adquirindo dessas mesmas vibrações, as qualidades que os caracterizam, como sejam:

- Elementares do Ar: quando estagiarem no conhecimento de certos elementos expansivos.
- Elementares do Fogo: quando estagiarem no conhecimento dos elementos ígneos.
- Elementares da Água: quando estagiarem no conhecimento dos líquidos.
- Elementares da Terra: quando estagiarem no conhecimento dos elementos sólidos.

Os Espíritos Elementares formam-se em coletividades dentro de seus vários estágios de evolução e tudo fazem para constituir um carma próprio.

Eles se integram no movimento mágico da Corrente Astral de Umbanda, por lhes oferecer amplos meios de contato e trabalho nessa trajetória evolutiva, pois entram em constante relação com o elemento humano, e isso para eles é de vital importância.



Na Umbanda, através de certas operações da magia branca, é facultada aos Espíritos Elementares, intensa atividade que lhes traz benefícios diversos.

Eles atendem a certos sinais da Lei de Pemba, bem como a sons básicos da própria Natureza, que devem ser movimentados por quem saiba fazê-lo.

“Vemos a forma progredir em os instintos até a inteligência e a beleza, são os esforços da Luz atraída pelos atrativos do Espírito, é o mistério da geração progressiva e universal” (Matta e Silva)

(Trecho de: Yacyamara (Neta de: Wilson Woodorn da Matta e Silva))

IRMANDADES DE TRABALHOS ESPIRITUAIS

Segundo o dicionário, Irmandade significa: “Associação de caráter religioso”.

Irmandade de Trabalhos Espirituais dos Semiombas (Santos (as), padres, freiras, Mestres Ascensionados e todos os Espíritos cujas vidas foram e são devotadas a evangelização, rezas, orações e práticas caritativas)



Também, na Irmandade de Trabalhos Espirituais dos Semiombas, encontram-se os Mestres Ascensionados, e todos os Espíritos abnegados que seguem os preceitos universais crísticos, principalmente de Jesus, semeando a evangelização, o amor, a caridade, a união, a fraternidade, a esperança, o perdão e a oração. Todos são Semiombas. São os Mestres da evangelização, da reforma íntima e da caridade.

No “SANSKRIT-ENGLISH DICTIONARY”, de Sir M. Monier-Williams, Oxford, London, foi encontrado uma palavra composta em sânscrito, que se aproxima do termo Semiomba, ou melhor, da variante Simiomba também utilizado por muitos, a saber:

शिमिराम्भ ॥

“SHIMIRĀMBHA”

SHIMI = trabalho, esforço, labor + **RĀMBHA** = que dá sustentação.

Fica muito difícil expor na escrita, a sonoridade de uma palavra em Sânscrito. Nesse caso, o “shi” não é pronunciado como “x”. No “sh”, o “s” é proeminente, e o “h”, após o “s”, é levemente pronunciado em conjunto. Portanto, o “shi” seria pronunciado como se levemente tivesse um “h” no meio, e o “i” no final, aproximado a sonorização de um “e”. O mesmo acontece com o “RĀMBHA”; o som é parecido com “romba”. Deste modo, aproximadamente teremos a seguinte tradução: SHIMIRĀMBHA = “O trabalho e o labor de sustentação”, que aportuguesado aproxima-se de Semiomba. Semiomba seria então, o labor de Espíritos Sublimes, que através da Evangelização e da prática diária de rezas e orações, dão sustentação para que possamos nos aprimorar, a fim de nos tornarmos bons servidores da Espiritualidade Maior.

Irmandade de Trabalhos Espirituais dos Sakáangás (benzedoras, benzedores, rezadeiras, rezadeiros e parteiras)



Os Sakáangás são Espíritos que atuam concomitantemente com as rezas e orações, de onde utilizam suas poderosas energias mentais para seus trabalhos de descarregos e principalmente para que possam auxiliar os Espíritos perturbadores de toda ordem. A Irmandade de Trabalhos Espirituais dos Sakáangás é composta por Espíritos Mestres da magia mental, rezas, orações e benzeções.

Em tempos passados, quando se invocava a Irmandade de Trabalho Espiritual Sakáangá, pelo fato da regionalização do termo, muitos umbandistas chamavam-nos de:

- **Sacanga:** encontramos esse termo na língua tupi, que quer dizer: “galho seco”.
- **Saracanga:** encontramos esse termo da língua Yorubá, que quer dizer: “formas pensamentos idealizadas pela energia mental para a proteção do Terreiro, que após o término da sessão, eram dissolvidos”.
- **Sakáangá:** Segundo o “Dicionário de Umbanda e Outros Assuntos” – Erlon Dutra – 1957: “Espíritos que tem como missão a destruição de trabalhos de Magia negra, além de efetuarem outros trabalhos astrais em benefício dos encarnados, dos Espíritos atrasados e dos obsessores. Trabalham na linha das almas. Vêm para desfazer o mal e destruir malefícios enterrados. Praticam também, operações invisíveis”. Encontramos a mesma explicação no “Dicionário da Umbanda – Altair Pinto – Editora Eco – 1975”.

A que mais se aproxima da realidade dessa Irmandade de Trabalho Espiritual, encontramos na língua kimbundo (Angola): Do “kimbundo” – **Saka:** Quem administra um sacramento; quem abençoa, quem cura; Do “quicongo”: sacudir, agitar (para expulsar, exorcizar). Do kimbundo – **Angá:** Alma; Espírito; **Uangá:** feitiço. Portanto, temos uma tradução aproximada: Sakáangá: Almas (Espíritos) que nos abençoam, nos benzem nos curam e expulsam os malefícios/feitiços.

Os Espíritos quando em trabalho nas “Irmandades de Trabalhos Espirituais dos Semiombas e dos Sakáangás” não atuam na fase mediúnica psicomotora. Só nos dão sustentação vibratória e se fazem presentes quando se realiza evangelização, perdão, reforma íntima, rezas, orações, benzimentos e principalmente no Ritual do Rosário das Santas Almas Benditas.

Maiores informações sobre os Semiombas e os Sakáangás, leiam no livro: “O Ritual do Rosário das Santas Almas Benditas”, disponibilizado em nosso site: www.umbanda.com.br.

FRATERNIDADE DE TRABALHOS ESPIRITUAIS

Segundo o dicionário, Fraternidade significa: *“Laço de solidariedade e de amizade entre homens, entre membros de uma sociedade”*.

Os Caboclos da Mata e Pretos-Velhos trabalhadores da Umbanda que intitulamos de “Lanceiros”, nada mais são que entidades espirituais experimentadas, Espíritos magistas gabaritados na lida caritativa, controlando, resgatando e combatendo os maiorais do Reino da Kimbanda (Senhores das Trevas), segundo a Lei e a Justiça Divina. Não usam arquétipos. São o que são.

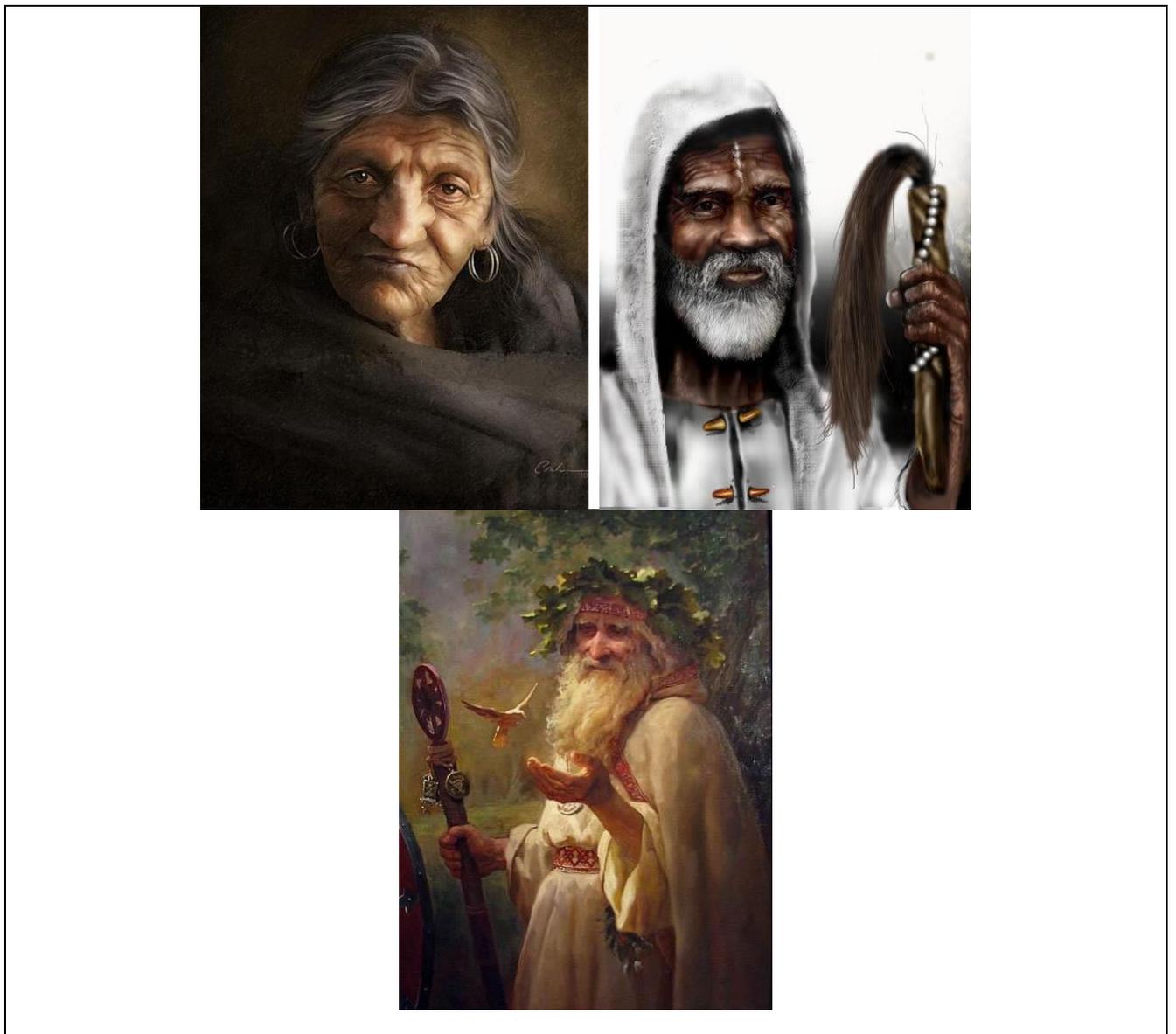
Fraternidade de Trabalhos Espirituais dos Caboclos da Mata e dos Pretos-Velhos Lanceiros da Umbanda.

Lanceiro: *“Soldado de cavalaria armado de lança”*.

É a presença dos Patriarcas e Matriarcas Ancestrais, os velhos Xamãs. Patriarca (pai) – Matriarca (mãe) de uma família ou tribo na Antiguidade. Ancestrais: *“Que diz respeito aos antepassados; antigo”*.

Xamã ou shaman: é um termo usado para designar antigos sacerdotes e curandeiros tribais, pessoas dotadas de poderes especiais, capazes de entrar facilmente em estado alterado de consciência. É o mediador entre o mundo espiritual e o mundo dos homens, capaz de transitar por esses dois universos e ter acesso e contato com seus aliados – animais, vegetais, minerais etc., seres de outras dimensões e os Espíritos Ancestrais.





Para sustentar a densidade energética de certas práticas de cultos com seus rituais primitivos, sacrifícios de animais etc., que naturalmente se formou em solo brasileiro, os Tarefeiros (Exus e Pombas-Gira da Lei) da Umbanda foram enquadrados na nova tarefa. Os que estão no grau de Guardiões conseguiram, por ordem superior e com êxito, desoprimir o carma negativo de muitos Espíritos que aqui encarnaram para o então resgate e, com isso, foram adquirindo méritos perante à Lei de Deus, pois em algum tempo no passado, tiveram seus negativos ajustados por outros Guardiões e agora devolviam ao mundo o mesmo amparo que haviam recebido.

Aos resgatados, apesar de toda proteção, ficava constantemente a impressão de que alguém os incomodava ou atrapalhava, o que na verdade era uma forma de obsessor kiumba se aproximar do encarnado e ser, cedo ou tarde, arrebanhado pelas Falanges dos Tarefeiros da Umbanda para abandonar o caos, integrando-se novamente à Lei Divina.

Nas Américas, o mesmo já ocorria num tempo até mais antigo e perdurou até a chegada dos “brancos colonizadores”. Lá, do mesmo modo que se notava uma incrível evolução em alguns aspectos tecnológicos (em termos de contatos extras dimensionais) e compreensão sobre coisas do mundo, rituais com sacrifícios humanos eram exercidos quase que inconscientemente para suprir dívidas cármicas para com determinados aspectos da Natureza. E como não se podem eliminar dívidas cármicas através de um processo gerador de mais dívidas (no caso dívidas irreversíveis, pois eram com humanos os sacrifícios), o Reino da Kimbanda foi preenchido e/ou repleto com milhares de Espíritos que encarnaram e compactuaram nessas comunidades.

Porém, os Tarefeiros da Umbanda, por determinação maior, atuam na desopressão desses Espíritos. Atuam também, por tarefas, na recondução, proteção e abertura ou fechamento de vias nos caminhos evolutivos. Mas todo o processo de Kimbanda é complexo e envolve embates que podem ser nocivos aos próprios Tarefeiros da Umbanda.

Os Tarefeiros da Umbanda não possuem a “Mão de Pemba” (por questões de proteção dos próprios), mas tão somente alguns aspectos desta Lei são abertos, para trabalhos caritativos, sendo esta Lei uma atribuição de

somente alguns Espíritos elevados, Guias Espirituais da Umbanda gabaritados, e a nenhum ser encarnado. Também é verdade, que os Tarefeiros não são conhecedores das “causas carmáticas”, que cada ser carrega, atuando em trabalhos caritativos tão somente por tarefas, não possuindo autonomia para agirem por conta própria.

Para identificar e embater alguns denominados “Senhores da Escuridão”, poderemos ter muitos tipos de Guias Espirituais, mas qualidade, condição, vibração adequada e permissão para decidir o que fazer com eles, somente os chamados “Caboclos da Mata e Pretos-Velhos Lanceiros da Umbanda” é que podem.

Por serem os nossos Ancestrais, velhos xamãs guardiões das forças e mistérios terrenos mais velados das Corporações Orixás, possuem o conhecimento da Lei de Pemba específica (a totalidade do conhecimento da Lei de Pemba só pertence a Cúpula Astral de Umbanda, não sendo revelada a nenhum dos seus trabalhadores terra-a-terra), tendo permissão inclusive a levar alguém ao desencarne se necessário for.

São Espíritos que atuam caritativamente infiltrados no Reino da Kimbanda, Trabalham em consonância com os Tarefeiros no grau de “Guardiões”, com qualidades, condições e vibração adequada, mas, diferem-se dos mesmos por possuírem permissão para decisão. Profundos conhecedores da magia negra não existem uma sequer que não possam eliminar.

A Fraternidade de Trabalhos Espirituais dos Guias Caboclos a Mata e Guias Pretos Velhos Lanceiros da Umbanda é formada por Espíritos magos gabaritados que trabalham nas trevas a serviço total da luz, e não quase que total, como é o caso dos Tarefeiros da Umbanda. É formado por milhares de seletos Espíritos, quase todos advindos dos “Povos da Terra”, ou seja, de antigos xamãs tribais do mundo todo, e prezam pela alta moral, não apreciando brincadeiras ou distrações.

Numa certa ocasião, um Tarefeiro de Umbanda, Sr. Ganga, assim nos disse: *“Se onde uma criança brinca, Exu não gargalha; onde um Lanceiro de Umbanda trabalha, nenhuma criança brinca”*.

Enquanto os Tarefeiros da Umbanda “levam ou trazem” obsessores kiumbas e sofredores com grandes vicissitudes de colônias de Kimbanda para as Escolas do Amor, os Lanceiros “levam ou trazem” Espíritos trevosos ou alguns Exus ou Pombas Gira Pagãos que sofreram quedas em suas condições, aderindo a vícios, sendo conduzidos de dimensões veladas, às dimensões veladas também.

Os Guias Caboclos da Mata e Guias Pretos-Velhos Lanceiros da Umbanda, são os únicos que de fato podem, através de suas forças, conhecimentos mágicos e ritualísticos, destruir não só a ação malévola, mas também paralisar o autor da maldade, apoderando-se dele e reconduzindo-o a quem de direito para um recomeço.

Os Guias Caboclos da Mata e Guias Pretos-Velhos Lanceiros da Umbanda trazem a força primaz da Terra em seus inúmeros níveis, e a força xamânica em seu mais alto grau, em benefício direto da causa Divina. Eles vêm com todos os seus conhecimentos da magia da Terra dar sustentação vibratória à Umbanda. Trazem um cabedal de conhecimento fantástico das magias etérea/física mais densas do nosso planeta, atuando de forma incisiva, amparados pela Lei e a Justiça de Deus, na recondução, proteção e abertura ou fechamento de vias nos caminhos da Kimbanda. Identificam e combatem ferozmente os denominados “seres infernais”, com condições, qualidade e vibração adequada e permissão para decidir o que fazer com esses seres maléficos.

Estão integrados e apresentam-se mediunicamente na Umbanda, com roupagem fluídica somente de Caboclos da Mata e Pretos-Velhos, mas são raríssimas e jamais procedem a atendimentos fraternos. Só se manifestam mesmo quando da real necessidade de se proceder a descarregos fluídicos ligados às atuações do Reino da Kimbanda, quando estes invadem negativamente o livre arbítrio de pessoas inocentes ou mesmo das instituições voltadas para o bem.

Quando estão “incorporados” é somente para a resolução de algo de grande importância, que envolve forças da Mãe Natureza contra as magias negras, feitiçarias, perseguições e principalmente atuações dos senhores do Reino da Kimbanda. Vem para resolver “o caso” e logo vão embora. Somente “incorporam” em médiuns com condições vibratórias excelentes, pois carregam muita força natural “bruta” e não apreciam médiuns falsos, dissimulados, preguiçosos, indolentes, maledicentes, ingratos, vaidosos e maldosos. Jamais admitem cobranças pelos seus trabalhos; ai dos médiuns que receberem dinheiro ou presentes pelos trabalhos efetuados por eles. Lembre-se que esses Espíritos não usam arquétipos regionais fluídicos de apresentação mediúnica; são o que são – os genuínos patriarcas xamãs – Espíritos humanos com grande senso de disciplina, rigor, lealdade, fidelidade e verdade. São extremamente desconfiados e não é bom abusar da sua aparente bondade.

O que devemos atentar é que: Um Lanceiro da Umbanda não faz parte efetiva da mediunidade individual de médium nenhum; somente atuam em nível de Terreiro e comunidade. Portanto não queiram a torto e a direita acharem que estão incorporados com um Lanceiro da Umbanda para fins particulares e egoísticos; o resultado será por demais doloroso. Os Lanceiros da Umbanda ocultam-se da vidência, bem como costumam atuar

intuitivamente. Sempre são chamados em socorro pela Cúpula Astral de Umbanda, àqueles que realmente necessitam. Fazem suas moradas em Aruanda, geralmente isolados, distantes dos outros grupamentos.

Em tempos idos, os umbandistas identificavam erroneamente os Caboclos da Mata e Pretos-Velhos Lanceiros da Umbanda como: “Caboclos ou Pretos-Velhos Kimbandedeiros”, tendo inclusive vários “pontos cantados” exaltando esse aspecto.

Observem que na acepção da palavra ser kimbandedeiro é praticar a kimbanda, portanto, pela lógica, é fazer parte efetiva dos trabalhadores do Reino das Trevas. Portanto, não devemos mais tachá-los de “kimbandedeiros”, mas sim de “Lanceiros” e principalmente entender seus trabalhos caritativos infiltrados no Reino da Kimbanda.

Sobre o Reino da Kimbanda, leiam, no LIVRO: “A FALANGE DE TRABALHOS ESPIRITUAIS DOS TAREFEIROS UMBANDA”, de nossa autoria.

Repetindo: “... não existem Espíritos “da” Umbanda. Deste lado existem trabalhadores que atendem às necessidades dos filhos da Terra, independentemente de religião ou crença. Quando conseguimos compreender que o caminho que leva ao Pai é um só, não rotulamos mais nada nem ninguém, apenas trabalhamos. O amor é o único ingrediente...” (Trecho extraído do livro: “Causos de Umbanda – A psicologia dos Pretos-Velhos” – pelo Espírito de Vovó Benta, psicografado pela médium Leni W. Savicki).

Creemos que existem Espíritos que por temperamento, escolhas, dever ou mesmo missão, estão integrados nos trabalhos umbandísticos, só que, para se trabalhar na Umbanda, antes, se especializam através de profundos estudos na temática religiosa umbandista em Aruanda. Agora, seja na Umbanda ou em outra religião qualquer, também creemos que existam Espíritos, encarnados e desencarnados, ainda presos em seus egos, que creem que a religião que atuam se constitui na verdade derradeira.

Um Guia Espiritual é um Espírito elevado, um Espírito “da luz”, que já alcançou um grau de pureza bem superior que seu pupilo, sendo por isso capaz de auxiliá-lo no caminho espiritual da atual encarnação.

Pai João da Caridade, nosso mentor, nos disse uma vez: “Filho; eu não sou um Espírito de luz; quem dera; Espírito “de” luz é Jesus, Mãe Maria Santíssima, o Arcanjo Miguel; eu sou tão somente um Espírito “da” luz, labutando na seara umbandista a fim de aprender um pouco mais com todos vocês. Só isso. Afinal, a ordem nos foi passada pelo Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas: “De quem sabe aprenderemos; aos que nada sabem ensinaremos e a ninguém negaremos auxílio, pois essa é a vontade do Pai”.

E quando um Espírito se apresenta como sendo de “Xangô, de “Oxossi, de Yemanjá, etc.?

Os Espíritos que pertencem a grupos determinados por afinidade, é o que denominamos serem Caboclos de Oxossi, Caboclos de Xangô, etc. Por isso também dizemos que são Espíritos da vibração de Yemanjá, da vibração de Oxum, da vibração de Ogum, etc. Exemplo: Um Caboclo de Oxossi é assim chamado, pelo fato do Espírito trabalhar por afinidades na Corporação “Oxossi”, e não por ser “filho” de Oxossi, como já explicamos anteriormente; por tendências naturais, esse Espírito tem um talento nato, em tudo o que representa a energia de Oxossi (fauna terrena).

Ele é perito naturalmente em tudo o que se refere ao elemento animal, manipulando-o sem muitas delongas. Mas, para manipular outros elementos naturais (pertencentes às outras Corporações, as “forças” de outros Orixás), vai fazê-lo com maestria, mas necessitando de recursos chamados por nós de “arsenal da Umbanda”, tais como: entregas, cânticos, pontos riscados, velas, ervas etc., o que não necessita quando o elemento a ser utilizado é o que ele tem por tendência natural, ou seja, afinidades.

No caso de um atendimento fraterno, um Guia Espiritual Preto-Velho pode estar consultando um assistido e verificar a necessidade de usar a energia superior da Natureza, conhecida por nós como Oxum. Este determinado Guia Preto-Velho não tem a tendência natural (afinidade fluídica) com essa força; daí, o Guia Preto-Velho, através do arsenal de Umbanda vai invocar a energia superior Oxum e não uma divindade Oxum. Se esse Guia Preto-Velho vibra-se particularmente, por afinidade fluídica, o Poder Reinante Oxum do Divino Criador, com certeza não precisaria utilizar nada, pois naturalmente realizaria o trabalho.

É importante aqui entender que trabalhar com energias superiores da Natureza é uma coisa, e postura de Espírito é outra coisa. As Corporações Orixás comandam faixas energéticas superiores da Natureza; já os Espíritos militantes no movimento umbandista, é uma postura usada para trabalhos mediúnicos. Os Guias Espirituais são trabalhadores da Umbanda e não de determinados Orixás. Trabalham na irradiação Orixá, por tendências naturais (afinidades).

Sabendo de tudo isso não vamos mais falar de que todos os Espíritos que se manifestam como Caboclos são de Oxossi, Xangô, Ogum; que os Pretos-Velhos são de Obaluaíê, Omulú ou mesmo de Nanã Buruquê; que os Baianos são de Oxalá ou Yansã; que os Caboclos Sertanejos são de Xangô, Yansã, etc., mas, simplesmente

trabalham integrados na energia superior do Poder Reinante Orixá do Divino Criador que lhe é mais afim por simbiose fluidica energética, por tendências naturais, e manipulam as outras vibrações magnéticas superiores através do arsenal de Umbanda.

Vamos entender o que seria o “Arsenal da Umbanda”. Para explanarmos sobre assunto tão controverso que é o uso das forças primárias da Natureza, bem como os materiais utilizados em aporte a ritualística da Umbanda, lançamos mão da opinião tão bem explanada pelo venerável Espírito de Ramatis:

ARSENAL DA UMBANDA

- **Que representa esse arsenal do culto religioso da Umbanda?**

O arsenal a que nos referimos varia na sua nomenclatura e quantidade, conforme o próprio grau evolutivo dos adeptos dos vários Terreiros, assim como a natureza do trabalho a ser feito e o tipo das Linhas ou Falanges no intercâmbio mediúnico. Mas, em geral, no culto (...) de Umbanda aos elementos da Natureza, além de ritos e cerimônias de praxe, festividades de Ogum, Yemanjá ou Xangô, oferendas à beira dos rios, do mar, nos campos e nas matas, banhos de descarga com ervas odorantes e “limpa corpo”, defumadores, pontos cantados e riscados, ainda se usa uma série de objetos e coisas que firmam os preceitos da magia africana tradicional. São altares, imagens de Santos católicos, pombas, ponteiros, fundanga, velas, charutos, pitos de barro, guias, patuás, talismãs, enfeites e as principais bebidas como marafa, sangue de Cristo (*nota do autor: vinho*), marambaia (*nota do autor: cerveja*), água de açúcar (*nota do autor: licor*), branco de anjo (*nota do autor: batida de coco*), e, ultimamente, lágrima de Yemanjá e espuma do mar (*nota do autor: sidra*), conforme a linguagem pitoresca dos Pais de Terreiro.

Sem dúvida, há Terreiros onde medra o exagero de objetos e práticas fetichistas, que não tem significação alguma no campo da magia africana, mais por culpa da ignorância ou vaidade dos cavalos e cambonos.

- **O que se entende pelo uso exagerado do arsenal de Umbanda?**

Justifica-se, nas práticas devocionais de Umbanda, o uso de certo arsenal de objetos e coisas imprescindíveis, para o seu fundamental de magia, principalmente quando se trata de autênticos trabalhos de “desmancho” ou de “demanda” com as falanges primitivas do Além!

Mas pode ser dispensável a cerimônia exaustiva, o excesso de material fetichista e a multiplicidade de pontos riscados, quando os Pretos-Velhos e Caboclos comparecem aos Terreiros apenas com a finalidade de “conversar”, consolar ou receitar junto aos filhos do Terreiro.

Nota de Hercílio Maes: Cremos que Ramatis tem razão, pois há trabalhos em que os seus aficionados puxam dezenas de pontos cantados e povoam o assoalho de pontos riscados, acendem dezenas de velas por todos os cantos do Terreiro sob rituais longos e cansativos, movimentam paus e pedras, enquanto os Caboclos e Pretos Velhos “baixam” apenas para um “reco-reco”, ou prosa afetuosa com os filhos. Ademais, ainda persiste na mente da maioria dos umbandistas, que cumprir a “Lei de Umbanda” é penetrar noite adentro ao som dos atabaques e tambores, palmas, sapateado e o clamor do vozerio que perturba a vizinhança.

Umbanda também pode ser “festa espiritual” de conagração entre os filhos menores e maiores, entre os velhos adversários e novos amigos! Nesse caso, basta manter-se as características próprias do ambiente eletivo a Pretos e Caboclos, com os pontos cantados tão significativos e às vezes comoventes e saudosos; a veste branca e limpa, as sandálias exclusivas do trabalho mediúnico, pois é sempre de boa ética espiritual os médiuns de Umbanda atenderem os consulentes depois do asseio do corpo e das vestes, deixando no limiar do Terreiro o traje empoeirado e suarento das atividades cotidianas, quase sempre impregnados de resíduos nocivos, substâncias químicas, fluidos e radiações inferiores.

Em tal caso, também se justifica a defumação, mas de odor agradável, principalmente derivada de incenso, mirra e benjoim, proporcionando aos presentes um estado de espírito propício aos bons pensamentos e melhores emoções (...).

Mas considerando-se que a liturgia tem por função precípua dinamizar o psiquismo humano das criaturas ainda incipientes da sua realidade espiritual, Umbanda pode ser um culto agradável e elevado, sob disciplinado intercâmbio mediúnico, eliminando-se as excrescências tolas e superstições primitivas, o que é próprio de certos cavalos preocupados em impressionar o público com ritos excêntricos e acontecimentos enigmáticos!

(Trecho extraído do livro: Missão do Espiritismo – Hercílio Maez – Editora Freitas Bastos)

Assim é a Umbanda. Um grupamento de Espíritos Guias e Protetores militando por afinidades em determinadas faixas de vibrações eletro/magnéticas superiores da Natureza (Corporações Orixás) e com determinadas posturas (roupagem fluidica regional de apresentação). Isso é o que acontece no plano astral, não importando as formas ou padrões que os seres humanos criam na Terra.

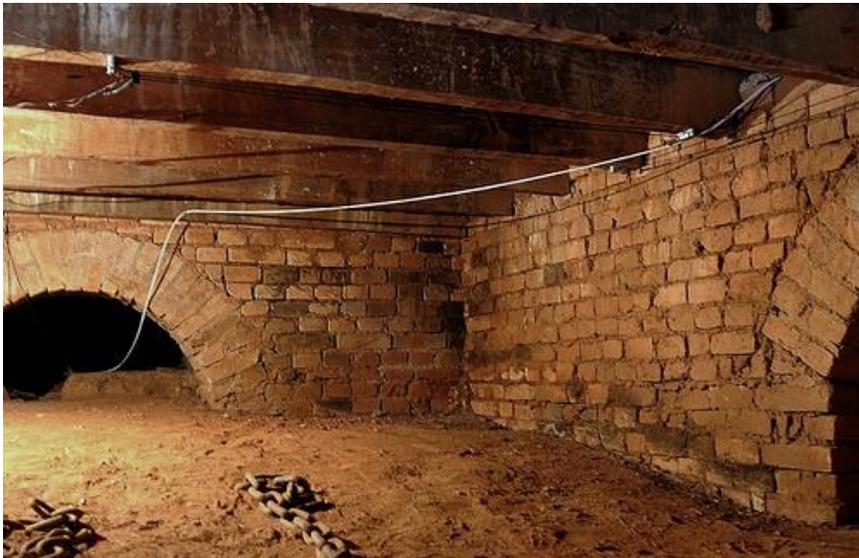
“Na parte ritual da Umbanda não se aceita a manifestação de desencarnados. Só “personagens” podem incorporar: os Pretos-Velhos, os Índios, as Crianças etc. Se o seu pai desencarnado quer se manifestar em um trabalho de Umbanda, ele não pode. Mas um Pai Joaquim pode. Os Espíritos tomam posturas materiais para participar do “teatro” da Umbanda”. (Pai Joaquim de Aruanda – através do médium: Firmino José Leite)

Os Guias Espirituais de Umbanda trabalham com determinadas faixas magnéticas superiores, por tendências naturais (afinidades) ou definidas pela Espiritualidade Maior. Essa é a essência da Umbanda.

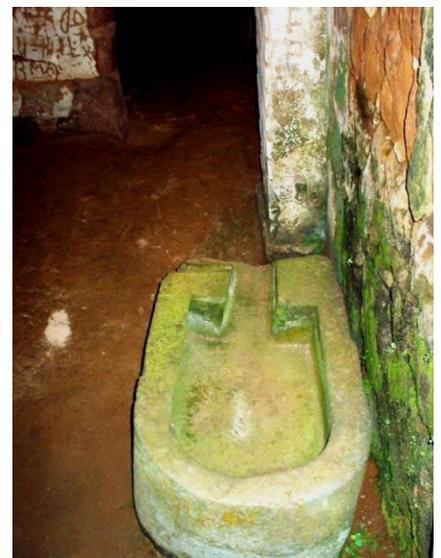
Como no mundo humano tudo somente é entendido sendo “dramatizado” (só entendemos o que os cinco sentidos captam: audição, visão, tato, paladar e olfato), os Espíritos da Umbanda utilizam de roupagens e posturas simbólicas fluídicas arquetípicas regionais em suas apresentações, para serem compreendidos, porque o que importa para os Espíritos é a essência e não a aparência.

Raciocinemos: Os Espíritos da luz integrantes da Linha Mestra de Trabalhos Espirituais dos Guias Pretos-Velhos. Todos foram realmente negros, escravos e desencarnaram com a idade avançada? Será que isso é certo? Pode até ser que um ou outro chegou à idade avançada, mas, todos?

Vejam que em época colonial, os escravos trabalhavam aproximadamente de 12 a 16 horas por dia e dormiam em acomodações coletivas chamadas senzala, geralmente localizadas nos porões da casa grande, em esteiras diretamente acomodadas no chão. A alimentação era basicamente feita de farinha de mandioca, aipim, banana e feijão, toda depositada em “cochos” para que todos comessem com as mãos coletivamente, com total falta de higiene.



Senzala de uma velha fazenda (porão)



Local onde era colocado a comida. Praticamente um cocho

No Brasil colônia, a vida útil de um homem branco que vivia uma vida modesta era de aproximadamente 40 anos. Se o homem branco vivendo modestamente ou fartamente durava tão pouco, como poderiam milhares de escravos chegarem a serem idosos? Segundo os historiadores, a vida útil de um escravo era de 10 a 15 anos no máximo. Raciocinando, chegamos a uma só conclusão: Com milhares de médiuns umbandistas espalhados por esse Brasil afora, todos trabalhando mediunicamente, como poderiam manifestar mediunicamente Pretos-Velhos anciões, se não fosse pela plausível explicação dos arquétipos regionais simbólicos de apresentação mediúnica? A forma espiritual plasmada é de um ancião negro, mas, a realidade do Espírito é essa?

Vamos esclarecer uma questão de suma importância: As exteriorizações mediúnicas de roupagens fluídicas arquetípicas regionais de apresentação dos Guias Espirituais na Umbanda. Os Guias Espirituais utilizam de roupagens arquetípicas em suas apresentações mediúnicas, muitas vezes mal compreendidas ou mesmo exageradas. Precisamos entender que essas roupagens fluídicas nada mais são que arquétipos regionais, ou seja, tipos sociais utilizados pelos Guias Espirituais, para serem compreendidos e aceitos mais facilmente em suas comunicações. Os Guias Espirituais nos trazem esses arquétipos regionais, que já são do nosso conhecimento, e servem para margear o que seria estar manifestando um tipo social brasileiro.

Já temos plantado dentro do nosso íntimo, a exteriorização arquetípica, ou seja, a maneira de se portar, falar e agir dos tipos sociais brasileiros (baianos, sertanejos, populações ribeirinhas, ciganos, índios, velhos escravos) que os Espíritos teatralizam em suas manifestações mediúnicas na Umbanda. As maneiras de se apresentarem não significam, na acepção da palavra, que são ou foram daquelas maneiras quando em vida. Como representam setores da sociedade, utilizam os arquétipos que já estão plantados na mente do mediano, procurando

exteriorizar tudo, de forma equilibrada e harmoniosa. Os excessos nas “teatralizações” são dos médiuns e não dos Espíritos.

Muitos Guias Espirituais utilizam roupagens fluídicas do que realmente foram em vidas, mas não estão apegados nessa imagem representativa. Os Espíritos que fazem questão de afirmarem suas condições terrenas com veemência, ainda se encontram presos ao seu ego (*Experiência que o indivíduo possui de si mesmo, ou concepção que faz de sua personalidade*); com isso não estamos querendo dizer que não poderiam estar presente na mediunidade em trabalhos caritativos, mas, tão somente, que são Espíritos que ainda acham seguir normalmente sua vida, sentindo ainda serem o que foram quando encarnados.

Agora, se algum Espírito faz questão de roupagens extravagantes, adereços, apetrechos estranhos, uso indevido de alcoólicos, portando-se inconvenientemente, com esgares, com certeza encontram-se presos ao superego (excesso), portanto, não poderiam compor a Congregação de Espíritos elevados, que permeiam os atendimentos fraternos em trabalhos caritativos na Umbanda, como Guias Espirituais Caboclos e Pretos-Velhos).

Uma coisa é certa: Os Guias Espirituais Caboclo da Mata e Pretos-Velhos manifestam-se fluidicamente com roupagens regionais, mas, nunca saberemos na certeza que estamos diante de um Espírito que quando encarnado é àquilo que representa ser.

Uma boa parte dos Protetores Espirituais em suas apresentações mediúnicas conservam na roupagem fluídica o que foram em última encarnação.

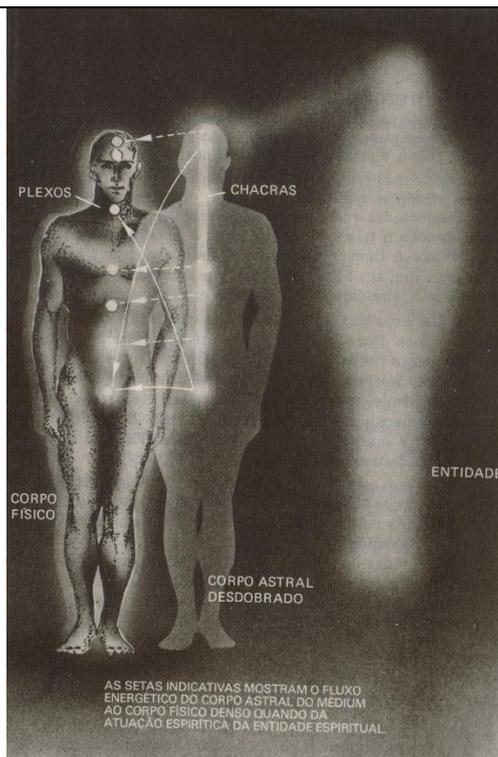
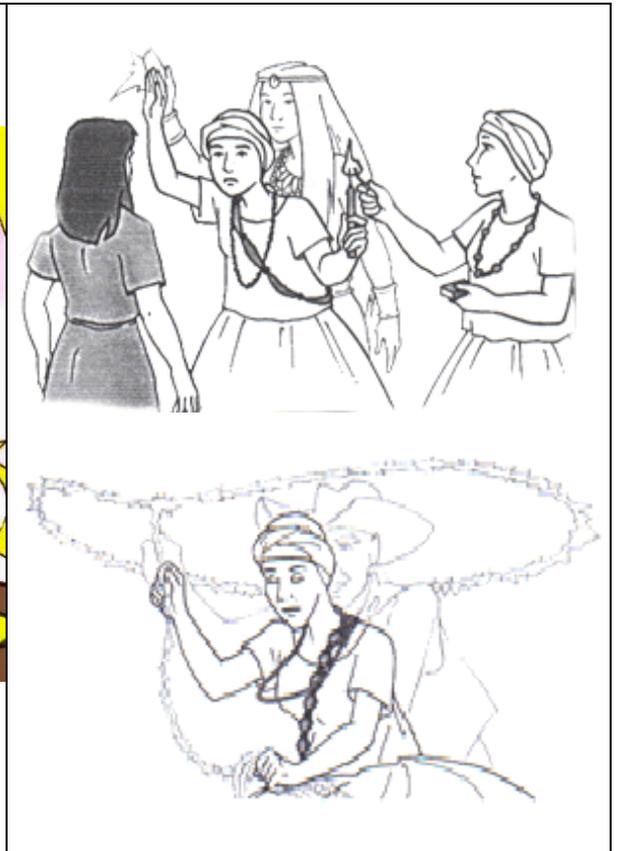
Os Tarefaíros, na realidade, deviam apresentarem-se como foram em última encarnação, mas, pela visão deturpada de muitos médiuns, a maioria masculina (Exus) apresenta-se com arquétipos demoníacos, e a maioria feminina (Pombas-Gira) com arquétipos de mulheres de má vida e de má fama; todos com trejeitos avacalhados.

Os Guias Espirituais Caboclos da Mata e Pretos-Velhos têm facilidade de moldar seu corpo astral e não interessa a eles mostrarem-se como realmente são, pois sua humildade e sabedoria não permitem.

Quando da manifestação mediúnica na fase semiconsciente, o corpo astral do médium sofre um pequeno deslocamento, e o Guia ou Protetor Espiritual com suas mãos, atuará nesse corpo, infundindo ideias, mensagens, posturas e orientações, mas, como já dissemos, conseguem manipular o médium com influências somente de 10% aos raríssimos 60% do que gostariam de passar; a grande maioria dos médiuns são manipulados em meros 10%; o resto é o animismo do mediano que entra em ação.

O Guia ou Protetor Espiritual fica ao lado ou por traz do médium, numa concentração tenaz, esforçando-se para que o mediano consiga receber seus influxos mentais.

Sabedores disso, poderemos perceber que quando exteriorizamos de forma harmoniosa os trejeitos, modos de se portar e falar dos Guias e Protetores da Umbanda, é tão somente nossa percepção mental que já é sabedora de como tudo acontece e simplesmente assumimos as posturas; se essas exteriorizações forem de forma estapafúrdia, é somente do nosso animismo, que exagera os estereótipos, nos passando ser o Espírito um indivíduo com tendências materialistas, preso ao ego, portando-se como se estivesse encarnado, manifestando seus defeitos, aleijões e vícios.



EM LINHAS GERAIS, COMO SE DÁ A INCORPORAÇÃO?

Os dicionários trazem, como um dos significados do termo “incorporar”, a seguinte definição: *“Entrar na composição de algum corpo ou nele se meter”*.

A palavra “incorporar” nos induz a pensar que o Espírito que se manifesta, se “incorpora” ao médium, ou seja, “se apropria” do corpo do médium, ou “ocupa” o corpo do médium, para se comunicar. Mas não é absolutamente isso o que acontece.

“(...) Um Espírito não pode tomar temporariamente o invólucro corporal de uma pessoa viva, isto é, introduzir-se num corpo animado e obrar em lugar do outro que se acha encarnado neste corpo. O Espírito não entra em um corpo como entra numa casa. Identifica-se com um Espírito encarnado, cujos defeitos e qualidades sejam os mesmos que os seus, a fim de obrar conjuntamente com ele. Mas, o encarnado é sempre quem atua, conforme quer, sobre a matéria de que se acha revestido. Um Espírito não pode substituir-se ao que está encarnado, por isso que este terá que permanecer ligado ao seu corpo até ao termo fixado para sua existência material (...)”. (“O Livro dos Espíritos” – página 250, questão 473)

Os fenômenos espíritas não derogam as leis da física, portanto dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo. Assim sendo, o Espírito comunicante não “ocupa” o corpo do médium ao se manifestar. O processo se dá através de sintonia psíquica, e o fenômeno é sempre de Corpo Astral a Corpo Astral (conhecido no meio espírita como: Perispírito)

Difundiu-se erroneamente, o termo “psicofonia”, para definir o fenômeno igualmente incorreto, “incorporar”.

Psicofonia (*do grego psyké: Espírito e phoné: som, voz*), de acordo com a Doutrina Espírita, é o fenômeno mediúnico pelo qual o médium empresta seu aparelho fonador (cordas vocais, boca etc.) para emitir as frases que o Espírito deseja. O contato é telepático, entre a mente do Espírito e a mente do médium, através dos corpos astrais de ambos. Geralmente se exprime sem ter consciência do que diz e muitas vezes diz coisas completamente estranhas às suas ideias habituais. Alguns há que têm a intuição do que dizem no momento mesmo em que pronunciam as palavras. Este é um procedimento clássico utilizado nas Casas Kardecistas, onde os Espíritos se manifestam tão somente através da fala, sem utilizarem nenhum tipo de movimento motor.

Creemos que pelo fato de, em época de Kardec, não se dar destaque a um tipo de manifestação mediúnica onde os Espíritos influíssem não só no núcleo vocal, mas em toda função estabelecida pelos nervos do corpo, não “criou-se” uma denominação para esse tipo de atuação.

Por isso, vimos a necessidade de se ter um termo que bem definisse esse tipo de manifestação mediúnica, já que “incorporação” e “psicofonia” são termos incorretos para se referirem a esse tipo de manifestação mediúnica.

Alguns teóricos espíritas criaram o termo “psicopraxia” para se referir a este tipo de manifestação mediúnica, termo de pouco uso e que significa o mesmo que “incorporação”, a ação de um Espírito através do corpo de um médium. “Praxia” é uma palavra com origem no termo em grego “práxis”, que significa: conduta ou ação. Corresponde a uma atividade prática em oposição à teoria. Acharmos ser um termo interessante, mas, não nos soou bem, pois seria uma mediunidade de conduta e ação; ficou genérico.

Optamos por utilizar o termo: “Mediunidade Psicomotora”. (*Que se refere à integração das funções motoras e psíquicas. Diz-se das partes do cérebro que presidem as relações com os movimentos dos músculos (centros psicomotores). Fem.: psicomotora e psicomotriz*), por ser um termo mais específico.

Portanto, a Mediunidade Psicomotora é a manifestação mediúnica estabelecida à integração das funções motoras e psíquicas, onde as influências do Espírito comunicante se fazem em partes do cérebro que presidem as relações com os movimentos dos músculos (centros psicomotores).

É subdividida em: Mediunidade Psicomotora Inconsciente, e Mediunidade Psicomotora com estados de Semiconsciência, que variam de 10 aos raros 60%. Não consideramos a fase Consciente como Mediunidade Psicomotora como mediunidade, pois nesse caso não há manifestação motora.

Os médiuns psicomotores, em ação, são praticamente “tomados” pela entidade espiritual que se manifesta. Os sintomas variam de acordo com o Espírito comunicante. Trata-se de um transe global, quando todo o aparato motor corporal do médium está sendo utilizado. O médium consegue reproduzir o modo de ser do Espírito comunicante em seus gestos e expressões faciais, o que não acontece no fenômeno da psicofonia isolado.

Esta categoria de mediunidade conduz em si recursos de grande valor para a produção mediúnica. Através do fenômeno, pode-se observar a natureza e o estado psicológico do Espírito que se manifesta, pela mímica que se dá nos mínimos gestos do médium, gestos de alegria, tristeza, mau humor, raiva, dor, frio, descontentamento, etc.

Eis a diferença entre as manifestações mediúnicas preferenciais ocorridas numa Casa Kardecista e numa Casa Umbandista. Nas Casas Kardecistas dá-se ênfase às manifestações espirituais onde os Espíritos se utilizam tão somente do sistema vocal do mediano (Mediunidade Psicofonica). Nas Casas Umbandistas dá-se ênfase às manifestações espirituais onde os Espíritos se utilizam de todo o sistema motor do mediano, onde verificamos o médium manifestado falar e se movimentar de acordo com as influências do Espírito comunicante (Mediunidade Psicomotora).

Portanto, não devemos mais dizer: “sou médium de incorporação”, mas sim: “sou médium Psicomotor”.

COMO SE DÁ A LIGAÇÃO MEDIÚNICA?

O Corpo Astral é uma espécie de segundo corpo que o encarnado possui, e que tem a mesma forma que o primeiro corpo, o chamado corpo físico; assim como o primeiro, o Corpo Astral também é constituído de matéria, só que de matéria mais sutil, fluídica e cujos átomos estão em outro nível vibratório

Após desencarnar, a alma (agora Espírito) perde os Corpos Físico e Duplo-Etérico, mas mantém o Corpo Astral.

Assim como o som necessita de um meio material (ar ou água) para sua transmissão, a comunicação do pensamento usa os Corpos Astrais dos envolvidos, no caso, o do médium e o do Espírito comunicante.

Como o contato telepático não é visível aos espectadores, é claro que, dependendo do caráter ético do médium, esse pode estar tendo uma sessão psicomotora, como pode estar simulando uma fraude.

Em resumo: A Mediunidade Psicomotora existe. Quando ocorre o fenômeno psicomotor, o contato é via telepatia, entre ambas as mentes, e o meio de transmissão do pensamento é fornecido pela atmosfera fluídica, de matéria sutil, de que são formados os Copos Astrais, do transmissor e do receptor da comunicação.

A manifestação normalmente é telepática, porém como se dá as manifestações onde há mudanças de fisionomia do médium e trejeitos. Como é explicado este fenômeno?

O fenômeno chama-se transfiguração. Abaixo transcrevemos as informações que podem ser obtidas em “O Livro dos Médiuns” (Cap. VII) sobre tal assunto:

Consiste na mudança do aspecto de um corpo vivo. Aqui está um fato dessa natureza cuja perfeita autenticidade podemos garantir, ocorrido durante os anos de 1858 e 1859, nos arredores de Saint-Etienne:

123. A transfiguração, em certos casos, pode originar-se de uma simples contração muscular, capaz de dar à fisionomia expressão muito diferente do habitual, ao ponto de tornar-se quase irreconhecível a pessoa.

Temo-lo observado frequentemente com alguns sonâmbulos; mas, nesse caso, a transformação não é radical. Uma mulher poderá parecer jovem ou velha, bela ou feia, mas será sempre uma mulher e, sobretudo, seu peso não aumentará, nem diminuirá. No fenômeno com que nos ocupamos, há mais alguma coisa. A teoria do Perispírito nos vai esclarecer.

Está, em princípio, admitido que o Espírito pode dar ao seu Perispírito todas as aparências; que, mediante uma modificação na disposição molecular, pode dar-lhe a visibilidade, a tangibilidade e, conseqüentemente, a opacidade; que o Perispírito de uma pessoa viva, isolado do corpo, é passível das mesmas transformações; que essa mudança de estado se opera pela combinação dos fluidos. Figuremos agora o Perispírito de uma pessoa viva, não isolado, mas irradiando-se em volta do corpo, de maneira a envolvê-lo numa espécie de vapor. Nesse estado, passível se torna das mesmas modificações de que o seria, se o corpo estivesse separado. Perdendo ele a sua transparência, o corpo pode desaparecer, tornar-se invisível, ficar velado, como se mergulhado numa bruma. Poderá então o Perispírito mudar de aspecto, fazer-se brilhante, se tal for a vontade do Espírito e se este dispuser de poder para tanto. Um outro Espírito, combinando seus fluidos com os do primeiro, poderá, a essa combinação de fluidos, impri-mir a aparência que lhe é própria, de tal sorte, que o corpo real desapareça sob o envoltório fluídico exterior, cuja aparência pode variar à vontade do Espírito. Esta parece ser a verdadeira causa do estranho fenômeno e raro, cumpra se diga, da transfiguração.

Quanto à diferença de peso, explica-se da mesma maneira porque se explica com relação aos corpos inertes. O peso intrínseco do corpo não variou, pois que não aumentou nele a quantidade de matéria. Sofreu, porém, a influência de um agente exterior, que lhe pode aumentar ou diminuir o peso relativo. Provável é, portanto, que, se a transformação se produzir, tomando a pessoa o aspecto de uma criança, o peso diminua proporcionalmente.

124. Concebe-se que o corpo possa tomar outra aparência de dimensão igual ou maior do que a que lhe é própria. Como, porém, lhe será possível tomar uma de dimensão menor, a de uma criança, conforme acabamos de dizer? Neste caso, não será de prever que o corpo real ultrapasse os limites do corpo aparente? Por isso mesmo que tal se pode dar, não dizemos que o fato se tenha produzido. Apenas, reportando-nos à teoria do peso específico, quisemos fazer sentir que o peso aparente houvera podido diminuir. Quanto ao fenômeno em si, não afirmamos nem a sua possibilidade, nem a sua impossibilidade. Dado, entretanto, que ocorra, a circunstância de se lhe não oferecer uma solução satisfatória de nenhum modo o infirmaria. Importa se não esqueça que nós achamos nos primórdios da ciência e que ela está longe de haver dito a última palavra sobre esse ponto, como sobre muitos outros. Aliás, as partes excedentes poderiam ser perfeitamente tornadas invisíveis.

A SINTONIA

Para melhor compreender o termo “padrão vibratório”, pensemos nas ondas do rádio: quando uma determinada música toca em uma estação, os aparelhos sincronizados com aquela estação escutarão a mesma música.

A ligação que se processa nas comunicações mediúnicas, é uma ligação fluídica, onde os dois, Espírito e médium, encontram-se no mesmo padrão vibratório e podem comungar das mesmas sensações ou pensamentos.

Mas essa sintonia se dá de Corpo Astral a Corpo Astral. Explica Herculano Pires, no livro “MEDIUNIDADE”, cap.V, “O Ato Mediúnico”, parágrafo primeiro: *“O ato mediúnico é o momento em que o Espírito comunicante e o médium se fundem na unidade psicoafetiva da comunicação. O Espírito aproxima-se do médium e o envolve nas suas vibrações espirituais. Essas vibrações irradiam-se do seu corpo espiritual atingindo o corpo espiritual do médium. A esse toque vibratório, semelhante ao de um brando choque elétrico, reage o Perispírito do médium. Realiza-se a fusão fluídica. Há uma simultânea alteração no psiquismo de ambos. Cada um assimila um pouco do outro”.*

E, mais adiante, diz Herculano: *“O que se dá não é uma incorporação, mas uma interpenetração psíquica, como a luz atravessando uma vidraça”.*

SEMPRE A MENTE, NUNCA O CORPO

É através da ligação psíquica que os Espíritos nos transmitem suas sensações e pensamentos, seja nos casos de manifestações mediúnicas, seja nos casos de obsessão.

Os Espíritos se ligam aos encarnados através da afinidade de interesses, gostos, pensamentos e ações. É o que chamamos de “sintonia”.

Assim sendo, no caso das obsessões, fica claro perceber que os Espíritos obsessores atuam sobre os encarnados através de uma ligação psíquica, onde mentes afins comungam dos mesmos sentimentos. Por isso se recomendam orações, nos tratamentos de descarregos (desobsessão), pois é através da evangelização de ambos (encarnado e desencarnado) que o padrão mental se eleva, e a sintonia psíquica se dissolve.

No ato Mediúnico Psicomotor, o médium empresta seu sistema motor ao Espírito, que lhe transmite seus pensamentos e também sensações, através da ligação fluídica entre o seu Corpo Astral, e o Corpo Astral do médium. É um ato de amor e de caridade, e o médium psicomotor deve compreender a importância de sua comunhão momentânea com os Espíritos elevados, que vem nos trazer conforto e ensinamentos.

Os médiuns com possibilidade de grande expansão de energias do Corpo Astral. são mais flexíveis, e sentem com maior intensidade a troca fluídica que se opera entre o Corpo Astral do médium e o Corpo Astral do Espírito comunicante. Daí o médium sentir vontade de chorar, quando está ligado a um Espírito em sofrimento; ou sentir raiva e revolta, se está ligado a um Espírito violento; de sentir o corpo ereto e vibrante na presença de um Caboclo; de sentir o peso da idade na presença de um Preto-Velho. Mas, salvo nos casos de mediunidade inconsciente, nas Sessões de Descarrego (desobsessões) o médium deve manter o autocontrole, e conter a manifestação do Espírito, não cedendo a impulsos de grosseria, esgares, desarmonias, excentricidades, estertores exagerados ou quaisquer atos que viriam a tumultuar o ambiente. Nos casos das manifestações de Guias, Protetores e Tarefeiros Espirituais, o médium, em seu animismo, deve ater-se a exteriorização dos arquétipos regionais de forma harmoniosa, sem exageros nas dramatizações, pois pode correr o risco de externar excentricidades desnecessárias, o que com certeza é de fundo emocional do mediano, configurando atuação circense. Isto não é tarefa fácil, especialmente para um médium em desenvolvimento.

Cabe ao médium ser fiel ao transmitir o pensamento do Espírito comunicante, ou mesmo traduzir os seus sentimentos, mas jamais permitir o descontrole ou excentricidades, e cabe aos dirigentes umbandistas orientar e acompanhar o desenvolvimento mediúnico dos médiuns, para que eles possam ter domínio sobre suas faculdades, e exercer a mediunidade da maneira mais proveitosa possível.

Devemos atentar que as posturas regionais dos Espíritos, seus modos de ser, de se comunicar, são tão somente para a Umbanda. Costumamos dizer que as posturas arquetípicas num Terreiro é “umbandês”. São arquétipos utilizados na Umbanda, e se não for assim, irá descaracterizá-la. Um Guia ou Protetor Espiritual, utilizando uma roupagem fluídica, gestos, falas e trejeitos regionalistas, puros arquétipos, por traz (nos bastidores), trabalha com determinadas energias superiores da Natureza. A postura arquetípica regional do Espírito, externada em trabalhos mediúnicos é simbólica, é do corpo; somente é usada para satisfazer o nosso ego; não é a postura real do Espírito. Só devemos atentar que esses arquétipos são harmoniosos, sem exageros, sem absurdos.

Muitos Espíritos, antes de iniciarem seus trabalhos mediúnicos, vão a Terreiros para estagiarem, ou seja, vão para aprender como deverão se portar, falar, agir, a fim de se integrarem aos trabalhos mediúnicos com as roupagens arquetípicas regionais de apresentação, sem ferir a “dramatização” necessária para satisfazer o ego dos frequentadores, pois se não externarem essa forma particular de apresentação, não serão bem-vistos.

As apresentações arquetípicas regionais fluídicas que os Guias Espirituais utilizam na Umbanda é uma postura (tipo/personagem) que o Espírito toma. Tudo o que os médiuns e a assistência veem é o que o ego decodifica, pois a imagem verdadeira está no Espírito. As formas fluídicas de apresentações regionais simbólicas dos Espíritos na Umbanda são criadas para o ego das pessoas e não são posturas internas deste Espírito. Podemos dizer que os Guias Espirituais na Umbanda, na mediunização, utilizam uma roupagem e postura fluídica arquetípica simbólica regional de representação; o verdadeiro trabalho ocorre nos bastidores onde ninguém vê. Os Guias Espirituais se comunicam com um linguajar regional, simples, desprovidos de pompas.

“Porventura, Jesus não foi o Príncipe de Luz, que deixou o Paraíso para habitar a Terra, viver entre as falanges de criaturas pecadoras? Sem dúvida, manifesto na Terra como um homem simples, filho de um carpinteiro, também era um “Pai de Segredo”, um anjo disfarçado sob a vestimenta rude e compacta do ser humano, falando aos filhos do mundo numa linguagem compreensiva e objetiva. Em vez de condenar os homens malfeitores ou atemorizá-los pela refulgência de sua luz sideral, o Amado Mestre preferiu habitar entre eles e fazê-los entender o convite para a sua própria Felicidade! Antes de impressioná-los por uma linguagem afetada ou científica, procurou ensiná-los através da singeleza das parábolas e de historietas simples, consolando-os pela força amorosa das bem-aventuranças do Sermão do Monte!” (Ramatis)

Observe que seja em qual Terreiro umbandista for, do Oiapoque ao Chuí, os Guias Espirituais da Umbanda manifestam-se, falam, agem, todos em uníssono, sem um médium ter contato com outro. A isso chamamos de sincretismo regional, posturas utilizadas pelos Espíritos, e não realidade desse Espírito.

Como os Espíritos na Umbanda se utilizam de simbolismos regionais, trejeitos, linguagens, etc., em suas manifestações mediúnicas, não querem dizer que quando em vida tenham sido àquilo que sugerem ser quando incorporados.

Embora, em Aruanda, existam Espíritos presos ao ego, e mesmo no mundo espiritual acreditam serem ciganos, nordestinos, sertanejos, ribeirinhos etc., vivendo em aldeias plasmadas no astral, ainda necessitam de formas materiais. São Espíritos que ainda sentem necessidade dessa realidade, das formas criadas pelo ego, das sensações, das percepções etc. Com a luta diária no processo de reforma íntima, esses Espíritos também vão se libertar de seus egos para enxergar a essência por trás das aparências. Enquanto assim procedem, vão trabalhando mediunicamente, contribuindo com tudo de bom que tem, desinteressadamente, evangelizando, na prática da caridade desmedida, enquanto aguardam a sua evolução. Como exemplificou o Espírito de André Luiz: *“Enquanto aguardam a resolução dos seus problemas, vão fazendo algo de bom pra alguém”*.

Quando nos preparamos para dar passividade mediúnica a um Guia ou Protetor Espiritual, forma-se primeiramente uma imagem em nosso inconsciente do que ocorrerá. Logo em seguida, nossa mente já condicionada com a imagem do tipo social invocado, toma automaticamente os trejeitos, modo de falar, etc., ocorrendo então às manifestações arquetípicas.

Na Umbanda ocorre o fato curioso de que o médium na realidade sofre uma “manifestação mediúnica psicomotora” efetiva, mas não do Espírito que somente atua delicadamente no corpo astral do mediano, mas sim, do arquétipo regional com seus fatores positivos (humildade, sabedoria, paz, compaixão, coragem, liberdade, simplicidade, etc.), fazendo que com o tempo e constância nos trabalhos caritativos, o médium vai paulatinamente, absorvendo em seu íntimo, as qualidades emanadas dos Espíritos trabalhadores.

Em geral, os modelos arquetípicos regionais utilizados pelos Espíritos na Umbanda seguem um padrão fixado, mas, somente na identificação de que “tipo social” está presente.

Muitos autores umbandistas referem-se às particularidades de apresentações mediúnicas de cada Guia ou Protetor Espiritual, estereotipando as formas, numa alusão a todas, serem iguais em todos, exagerando nos modelos.

Ensinam que Caboclos “de” Oxossi, todos, tem uma forma particular de apresentação, onde as mãos ficam geladas, o peito estufa, um pé fica levemente levantado etc. Que Caboclos de Xangô, todos, em suas manifestações, a respiração fica ofegante, as veias do pescoço inflam, as mãos tremem etc.

A título de exemplo, encontramos em vários sites algumas informações de como alguns umbandistas veem e creem como sejam as manifestações e maneiras de trabalhos de Caboclos e Pretos-Velhos na Umbanda:

Caboclos de Oxum: Geralmente são suaves e costumam rodar; a incorporação acontece principalmente através do chacra cardíaco. Trabalham mais para ajuda de doenças psíquicas, como: depressão, desânimo entre outras. Dão bastante passe tanto de dispersão quanto de energização. Aconselham muito, tendem a dar consultas que façam pensar. Seus passes quase sempre são de alívio emocional.

Caboclos de Ogum: Sua incorporação é mais rápida e mais compactada ao chão, não rodam. Consultas diretas, geralmente gostam de trabalhos de ajuda profissional. Seus passes são na maioria das vezes para doar força física, para dar ânimo.

Caboclos de Yemanjá: Incorporam de forma suave, porém mais rápidos do que os de Oxum, rodam muito, chegando a deixar o médium tonto. Trabalham geralmente para desmanchar trabalhos, com passes, limpeza espiritual, conduzindo essa energia para o mar.

Caboclos de Xangô: São guias de incorporações rápidas e contidas, geralmente arriando o médium no chão. Trabalham para: emprego; causas na justiça; imóvel e realização profissional. Dão também muitos passes de dispersão. São diretos para falar.

Caboclos de Nana: Assim como os Pretos-Velhos são mais raros, mas geralmente trabalham aconselhando, mostrando o karma e como ter resignação. Dão passes onde levam eguns que estão próximos. Sua incorporação igualmente é contida; pouco dançam.

Caboclos de Yansã: São rápidos e deslocam muito o médium. São diretos para falar e rápidos também; muitas das vezes pegam a pessoa de surpresa. Geralmente trabalham para empregos e assuntos de prosperidade, pois Yansã tem grande ligação com Xangô. No entanto sua maior função é o passe de dispersão (descarrego). Podem ainda trabalhar para várias finalidades, dependendo da necessidade.

Caboclos de Oxalá: Quase não trabalham dando consultas; geralmente dão passe de energização. São “compactados” para incorporar e se mantém localizado em um ponto do Terreiro sem deslocar-se muito. Sua principal função é dirigir e instruir os demais Caboclos.

Caboclos de Oxossi: São os que mais se locomovem; são rápidos e dançam muito. Trabalham com banhos e defumadores; não possuem trabalhos definidos; podem trabalhar para diversas finalidades. Esses Caboclos geralmente são chefes de linha.

Caboclos de Obaluaê: São Espíritos dos antigos “pajés” das tribos indígenas. Raramente trabalham incorporados, e quando o fazem, escolhem médiuns que tenham Obaluaíê como primeiro Orixá. Sua incorporação parece um Preto-velho; em algumas casas locomovem-se apoiados em cajados. Movimentam-se pouco. Fazem trabalhos de magia, para vários fins.

A incorporação na linha de Pretos Velhos é mais calma, dependendo das entidades não dançam nem cantam muito. O médium quando “incorpora”, sente a vibração dessa linha como um “peso” nas costas, ao qual se inclina na parte da frente. Os Pretos e Pretas Velhas quando incorporados em seus “cavalos”, não se movimentam muito e quando o fazem é para saudar o atabaque, saudar o congá, dançar etc. Com certeza encontramos alguns que ficam de pé e que gostam de dançar; isto depende muito da vibração do médium e a necessidade de cada entidade. Geralmente os Pretos-Velhos ficam sentados fazendo a caridade e trazendo muita paz e alegria as pessoas do Terreiro. Nossos vovôs e vovós geralmente usam palavras simples e rebuscadas. Cada Preta e Preto-Velho é irradiado por um Orixá e isso é muito evidente na maneira como trabalham nos Terreiros de Umbanda. Abaixo alguns exemplos, segundo a irradiação de cada Orixá:

Pretos-Velhos de Ogum: São muito diretos na sua maneira de falar, não gostam muito de “rodeios”; as vezes são um pouco rudes com as pessoas que estão cambonando ou até mesmo com quem está consultando. Quando falam não medem muito as palavras e também não são muito de enfeitar a mensagem que querem passar. Quem não tem muito conhecimento, acha que estão bravos, mas sabemos que no fundo são entidades de muita luz e muito bondosos. A especialidade dessas entidades é encorajar e passar seguranças as pessoas, pois como são mensageiros do Orixá Ogum, suas principais características são a segurança e a força.

Pretos-Velhos de Oxum: São mais lentos na forma de incorporar e até falar. Passam para o médium uma serenidade inconfundível. Não são tão diretos para falar; enfeitam o máximo a conversa para que uma verdade dolorosa possa ser escutada de forma mais amena, pois a finalidade não é “chocar” e sim, fazer com que a pessoa reflita sobre o assunto que está sendo falado. São especialistas em reflexão; nunca se sai de uma consulta de um Preto-Velho de Oxum sem um minuto que seja de pensamento interior. Às vezes é comum sair até mais confuso do que quando entrou, mas é necessário para a evolução daquela pessoa.

Pretos-Velhos de Xangô: Sua incorporação é rápida como as de Ogum. Assim como os Caboclos de Xangô, trabalham para causas de prosperidade sólida, bens como casa própria, processo na justiça e realizações profissionais. Passam seriedade em cada palavra dita. Cobram bastante de seus médiuns e consulentes.

Pretos-Velhos de Yansã: São rápidos na sua forma de incorporar e falar. Assim como os de Ogum, não possuem também muita paciência para com as pessoas. Essa rapidez é facilmente entendida, pela força da natureza que os rege, e é essa mesma força lhes permite uma grande variedade de assuntos com os quais ele trata, devido a diversidade que existe dentro desse único Orixá. Geralmente suas consultas são de impacto, trazendo mudança rápida de pensamento para a pessoa. São especialistas também em ensinar diretrizes para alcançar objetivos, seja pessoal, profissional ou até espiritual.

Entretanto, é bom lembrar que sua maior função é o descarrego. É limpar o ambiente, o consulente e demais médiuns do Terreiro, de eguns ou Espíritos de parentes e amigos que já se foram, e que ainda não se conformaram com a partida permanecendo muito próximos dessas pessoas.

Pretos-Velhos de Oxossi: São os mais brincalhões; suas incorporações são alegres e um pouco rápidas. Esses Pretos-Velhos geralmente falam com várias pessoas ao mesmo tempo. Possuem uma especialidade: a de receitar remédios naturais, para o corpo e a alma, assim como emplastos, banhos e compressas, defumadores, chás etc. São verdadeiros químicos em seus tocos. Afinal não podiam ser diferentes, pois são alunos do maior “químico”: Oxossi.

Pretos-Velhos de Nanã: São raros; sua maneira de incorporação é de forma mais envelhecida ainda. Lenta e muito pesada, enfatizando ainda mais a idade avançada.

Falam rígido, com seriedade profunda. Não brincam nas suas consultas e prezam sempre o respeito, tanto do médium quanto do consulente, e pessoas a volta como: camponos e pessoas do Terreiro em geral e principalmente do pai ou da mãe de santo. Cobram muito do seu médium; não admitem roupas curtas ou transparentes. Seu julgamento é severo.

Não admite injustiça. Costumam se afastar dos médiuns que consideram de “moral fraca”, mas prezam demais a gratidão, de uma forma geral. Podem optar por ficar numa casa; se seu médium quiser sair, se julgar que a casa é boa, digna e honrada. É difícil a relação com esses guias, principalmente quanto há discordância, ou seja, não são muito abertos a negociação no momento da consulta. São especialistas em conselhos que formem moral, e entendimento do nosso karma, pois isso sem dúvida é a sua função. Atuam também como os de Yansã e Obaluaíê, conduzindo Eguns.

Pretos-Velhos de Obaluaê: São simples em sua forma de incorporar e falar. Exigem muito de seus médiuns, tanto na postura quanto na moral. Defendem quem é certo ou quem está certo, independente de quem seja, mesmo que para isso ganhem a antipatia dos outros. Agarram-se a seus “filhos” com total dedicação e carinho, não deixando, no entanto, de cobrar e corrigir também, pois entendem que a correção é uma forma de amar. Devido à elevação e a antiguidade do Orixá para o qual eles trabalham, acabam transformando suas consultas em conselhos totalmente diferenciados dos demais Pretos-Velhos, ou seja, se adaptam a qualquer assunto e falam deles exatamente com a precisão do momento. Como trabalha para Obaluaê, e este é o “dono das almas”. Esses Pretos-Velhos são geralmente chefes de linha e assim explica-se a facilidade para trabalhar para vários assuntos. Sua “visão” é de longo alcance para diversos assuntos, tornando-os capazes de traçar projetos distantes e longos para seus consulentes, tanto pessoal como profissional e até espiritual. Assim, exigem também fiel cumprimento de suas normas, para que seus projetos não saiam errado; para tanto, os filhos que os seguem, devem fazer passo a passo tudo que lhes for pedido, apenas confiando nesses Pretos-Velhos. Gostam de contar histórias para enriquecer de conhecimento o médium e as pessoas à volta.

Pretos-Velhos de Yemanjá: São belos em suas incorporações, contudo mantendo uma enorme simplicidade. Sua fala é doce e meiga. Sua especialidade maior é sem dúvida os conselhos sobre laços espirituais e familiares. Gostam também de trabalhar para fertilidade de um modo geral, e especialmente para as mulheres que desejam engravidar. Utilizando o movimento das ondas do mar, são excelentes para descarregos e passes.

Pretos-Velhos de Oxalá: São bastante lentos na forma de incorporar; tornam-se belos principalmente pela simplicidade contida em seus gestos. Raramente dão consulta; sua maior especialidade é dirigir e instruir os demais Pretos-Velhos. Cobram bastante de seus médiuns, principalmente no que diz respeito à prática da caridade, bom comportamento moral dentro e fora do Terreiro, ausência de vícios, humildade; enfim o cultivo das virtudes mais elevadas.

Então, cada Guia ou Protetor, de cada Linha de Trabalho, manifestam-se, todos, exatamente com as mesmas características físicas, posturais, fonéticas, energéticas e psíquicas: cada grupo é limitado com uma especialidade específica, sem fazer mais nada do que sua característica permite? Nos passam Guias e Protetores com imperfeições, Espíritos mal-ajambrados, alguns com vícios de caráter, alguns mal-educados, alguns ranzinhas, outros não curtem dar atendimentos fraternos, outros gostam de mandar, e ai por fora. Meu Deus. Será que é assim? Temos a certeza absoluta que não.

Os Guias Espirituais, entre os Espíritos da Linha Sublime das Crianças, os Espíritos da Linha Sublime dos Magos Brancos do Oriente, os Espíritos da Linha Mestra Caboclos da Mata e dos Pretos-Velhos, os Espíritos da Linha Auxiliar dos Curadores, dentre os quais, por compaixão e sacrifício, encontramos alguns Espíritos Superiores.

Os Espíritos Elevados e/ou Superiores que atuam como “Guias Espirituais” são mestres na alta magia, com centenas de reencarnações, e, com conhecimentos seguros, lições e experiências em vários setores da vida humana, principalmente das leis kármicas; muitos são de grandes conhecimentos e capacidade magística em manipulações energéticas. Os Guias Espirituais, imediatamente eminentes a nós, são os que nos orientam, com competência para nos cuidar.

Os Protetores Espirituais, entre os Caboclos Sertanejos, os Caboclos D’Água, os Baianos e os Ciganos, auxiliares dos Guias Espirituais, trabalhando em conjunto com os mesmos, são Espíritos em franca evolução, com conhecimentos sobre vários aspectos da vida. Foram grandes rezadores, benzedores, curandeiros, em suas sucessivas reencarnações.

Se crermos estarmos manifestando Espíritos com os atributos, atribuições e maneiras de ser como foi colocado nas opiniões encontradas em sites (como acima descritos), nos recusamos a recebê-los, pois se portam e agem com uma inferioridade gritante. Se fossem assim, teríamos a certeza de estarmos trabalhando mediunicamente com Espíritos imperfeitos, enganadores, hipócritas, orgulhosos e pseudossábios.

Sabemos que as apresentações arquetípicas regionais se dão de forma harmoniosa, somente caracterizando estar presente um índio, um ex-escravo, um nordestino, um cigano etc., mas, sem “forçar” a pantomima, sem impor ou normatizar os gestos e as atitudes, fazendo com que os médiuns ajam como marionetes; isso seria manifestar somente animismo e não uma entidade da luz. Cada Espírito é uma personalidade em si, com suas maneiras particulares de ser e agir.

Muitos escritos referem-se a particularidades de apresentação mediúnica de cada Guia ou Protetor Espiritual, estereotipando as formas, numa alusão a todas, serem iguais em todos, exagerando nos modelos.

Na fase inicial da Umbanda, muitos Espíritos manifestavam-se utilizando aparências, posturas, trejeitos e fonemas do que realmente foram em última encarnação, com características de índios, caboclos e velhos ex-escravos. Os médiuns posteriores foram observando as maneiras peculiares de cada Guia ou Protetor Espiritual, criando em sua mente as particularidades de apresentação de cada um, ligando-os ao que já conhecia pela presença do tipo regional brasileiro, armazenando inconscientemente os arquétipos em seus íntimos, externando-os automaticamente todas as vezes que fossem entrar em atividade mediúnica.

As posturas, trejeitos e fonemas “peculiares” utilizados pelos Espíritos são características arquetípicas modeladas estabelecidas para a manifestação mediúnica umbandista, e os médiuns as exterioriza, pois é conhecedor desses arquétipos que fazem parte da regionalidade brasileira. É a teatralização necessária caracterizante da Umbanda que se externa de forma harmoniosa, moderada, sem desmandos. Essa exteriorização se dá somente nas características posturais, trejeitos e fonemas, e em nada mais.

Os excessos aparatosos nos vestuários e adereços regionais é tão somente da vontade do médium. Os únicos apetrechos que observamos serem utilizados pelos Espíritos em suas representações arquetípicas são, a modesta bengala utilizada por alguns Pretos-Velhos (não todos), e a saia branca simples, sem rendas, sem enfeites, utilizadas pelas Pretas-Velhas, por caracterizar a presença de anciãs recatadas. Hoje, pela praticidade, as saias das Pretas-Velhas estão sendo substituídas pelo uso de um pano branco longo por sobre as pernas do médium incorporado, ou por um avental branco longo, que o médium prende à cintura um pouco antes do processo de mediunização. Não nos esqueçamos: Espíritos Elevados não tem vaidade.

Agora tem um porém: se retirarem as formas harmoniosas arquetípicas regionais de apresentação, com suas apazíveis posturas, trejeitos e fonemas “peculiares” utilizados pelos Espíritos, estarão descaracterizando a Umbanda, portanto, praticando qualquer outro tido de culto, ou mesmo exercendo tão somente mediunismo. Um Espírito quando se encontra pronto para atuar nas lides umbandistas, vai ao(s) Terreiro(s) para fazer uma espécie de estágio, a fim de aprender como vai ter que se portar perante a comunidade, quando de sua manifestação mediúnica. Os característicos regionais observados nas manifestações mediúnicas são particularidades estabelecidas tão somente para satisfazer o nosso ego, como já explicamos anteriormente. Os Espíritos, na Umbanda, se utilizam somente de roupagens e posturas fluídicas arquetípicas de apresentação, ou seja, uma “postura” simbólica, representativa.

Relembrando: *“Na parte ritual da Umbanda não se aceita a manifestação de desencarnados. Só “personagens” podem incorporar: os Pretos-Velhos, os Índios, as Crianças etc. Se o seu pai desencarnado quer se manifestar em um trabalho de Umbanda, ele não pode. Mas um Pai Joaquim pode. Os Espíritos tomam posturas materiais para participar do “teatro” da Umbanda”.* (Pai Joaquim de Aruanda – através do médium: Firmino José Leite)

Cada Guia ou Protetor apresenta-se com características próprios, de fácil identificação pelos adeptos, seja em que Terreiro for.

São patentes as manifestações fluídicas arquetípicas regionais de apresentação, ou seja, a necessária “teatralização” na Umbanda, assim como é em todas as religiões quando estão em contato humano, para que o ego das pessoas identifique o que está acontecendo. Agora, o que não podemos fazer de maneira nenhuma, são espetáculos circenses, com exteriorizações estapafúrdias e mirabolantes. Vamos realizar o “teatro” necessário, mas nunca, fazer circo.

O perigo é o médium trazer para dentro de um trabalho espiritual, a exteriorização arquetípica do saudosismo, ou mesmo a vivência lírica da vida no campo, na lida com o gado, a vida no mar, o acampamento cigano, os festejos nordestinos, etc., numa alusão a estarem manifestando Espíritos que externizam suas últimas encarnações, e estacionaram engessados nos devaneios de ainda estão encarnados e por isso, através de um médium, podem novamente personificar suas vidas, trejeitos, maneirismos, folclores, crenças, adereços, exatamente como eram. Isso é fantasia, ilusão, personificação fantasiosa da própria alma, e não a presença de uma Linha de Trabalho Espiritual.

O que não admitimos é querer classificar as posturas dos Espíritos em manifestações mediúnicas na Umbanda de modo caricato, cômico, com expressões burlescas e grotescas, que para um estudioso representa estar manifestando um estado de auto hipnose, onde o “médium” externa para o consciente, as emoções ou sentimentos reprimidos no seu próprio inconsciente.

Para entendermos bem como funciona essa questão da apresentação arquetípica regional dos Guias e Protetores Espirituais na Umbanda, dentro dos aspectos funcionais, normais e harmônicos, sem os exageros exacerbados particulares, mais uma vez vamos usar como exemplo a Corporação da Polícia Militar:

Na Polícia Militar trabalham milhares de homens e mulheres, todos integrados às ordens, hierarquias e disciplinas. Todos usam fardamentos diferenciados, a fim de que cada um seja reconhecido quando visto. Existe um cumprimento (continência) disciplinado e ordeiro, que todos fazem quando se encontram.

Cada um tem uma ordem específica de trabalho e são supervisionados pelos superiores. Mesmo assim, cada componente da Corporação tem sua maneira particular e peculiar de ser, pois são individualidades em si; são seres humanos diferenciados, com educação, conhecimento, cultura, manias, crenças diferentes, mas trabalhando numa agremiação com disciplina e hierarquia.

Assim é com os Espíritos trabalhadores da Umbanda. Cada um usa uma roupagem diferente do outro, usam um cumprimento peculiar. Cada um tem um serviço específico a realizar e igualmente são supervisionados pelos Espíritos mais elevados; trabalham em uníssono, com hierarquia e disciplina. Mas, cada um é diferente do outro; cada um tem sua maneira particular de ser e agir, cada um tem sua evolução, conhecimento e cultura. Todos trabalham para a caridade incondicional; só querem servir, amar e ensinar.

Os que no momento de um atendimento fraterno não dominam o assunto, imediatamente (mentalmente) pedem socorro aos mais elevados e esperam a resposta; se esta não vir, reconhecem o desconhecimento, e humildemente dizem ao assistido que não sabem, e que vão procurar se informar, e em outra oportunidade, trarão uma resposta satisfatória. Uma coisa é certa: Os Espíritos Elevados (Guias Espirituais), incondicionalmente, são humildes, serviciais, sérios, de moral irrepreensível, e tem como prioridade o atendimento fraterno, onde, por compaixão, atendem a todos com carinho, dando orientações precisas, pautadas nos conhecimentos crísticos, auxiliando os assistidos a saírem dos atendimentos reconfortados, com esperanças na vida, modificando-se para melhor.

Não podemos crer que todos os Caboclos que militam na irradiação de Ogum sejam compactados, irritadiços, mandões, caras fechadas etc.; que os Caboclos que militam na irradiação de Xangô sejam pesados, arriam o médium no chão, são fechados, carrancudos etc.

Agindo assim não estão criando um arquétipo de apresentação, mas sim, um arquétipo de comportamento, o que cremos ser absurdo, pois estão tentando fazer com que os Espíritos humanos se portem, ajam e falem de uma maneira padronizada, caricata e excêntrica.

Em Umbanda, os Espíritos obreiros não se utilizam de manifestações arquetípicas comportamentais em suas exteriorizações mediúnicas, muito menos as impostas pelos médiuns.

Temos que atentar para isso, pois com certeza, se impormos comportamentos aos Espíritos estaremos tão somente exteriorizando nossas mentes atulhadas de desencontros e fantasias, externando mediunicamente pura teatralização ridícula e totalmente dispensável.

Mais uma vez reiteramos: Guias e Protetores Espirituais são Espíritos de humanos melhores que nós, e portam-se normalmente como qualquer humano educado, competente, harmonioso, culto, espiritualizado.

As manifestações mediúnicas dos Guias e Protetores da Umbanda são de uma suavidade vibrante, indicando entusiasmo e emoção, denotando a suavidade dos Espíritos bons, mas nunca rudes, desabridos. Os exageros e as distorções partem do animismo vicioso do medianeiro, ou mesmo, a presença de Espíritos imperfeitos. Num geral, todos os Guias Espirituais Umbanda quando incorporados se portam harmoniosamente. Seus semblantes são calmos, mas, ao mesmo tempo sério. Em muito se assemelham aos nossos professores. Tem muita firmeza em tudo o que fazem. São extremamente bondosos, caridosos, atenciosos; infundem o amor, a fé, a crença e o perdão em todos os atendimentos fraternos. Suas orientações são diretas e objetivas, sem ferir a sensibilidade dos assistidos, procurando por todos os meios fazê-los sentir-se bem, com a fé a crença e as atitudes renovadas. São decididos, firmes, e suas consultas sempre nos incitam ao perdão e a renovação em nossa fé.

São extremamente sérios e compenetrados no que dizem e no que fazem. Seus linguajares são simples, com trejeitos regionais, mas sem serem truncados e incompreensíveis. São pacientes e tolerantes, mas no tocante a disciplina moral e mediúnica é rígida. São portentosos no desmanche de magias negras. São grandes doutrinadores, neutralizando as correntes deletérias que assolam o planeta, como também as pessoas. Atuam manipulando o reino elemental, liberando as mazelas que se assentam nos corpos astrais ou físicos dos assistidos. Liberam as energias pesadas e grosseiras, ativando o intelecto. São mestres na arte da botânica oculta, liberando efetivamente o prâna contido nas ervas através de banhos e defumações, liberando os filhos de fé do desânimo e da doença.

Guias Espirituais militantes na Umbanda somente utilizam de arquétipos regionais pré-determinados em suas formas fluídicas de apresentação mediúnica e nada mais; esses arquétipos obedecem a uma forma simples, harmoniosa, recatada e humilde. Não se utilizam de nenhum tipo de luxo, adereços, enfeites ou roupas especiais. Os Guias Espirituais da Umbanda são de uma singeleza impressionante. Só utilizam a roupa branca niveladora social, totalmente simples, de algodão. Tudo o que fugir da simplicidade, ou é a presença de um Espírito imperfeito ou o animismo vicioso do medianeiro.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas já orientava como tinha que ser: *“Capacetes, espadas, adornos, vestimentas de cores, rendas e lamês não são aceitos nos Templos que seguem a sua orientação* (nota do autor: Caboclo das Sete Encruzilhadas). *O uniforme é branco, de tecido simples”*. *“Aqui, em meu Terreiro, se usa roupa simples de algodão e sapato de corda ou descalço. Não tem seda e nem luxo”*. (Zélio de Moraes)

Encontramos em sites de Umbanda, algumas explicações sobre certas peculiaridades dos Guias e Protetores Espirituais, em momento da manifestação mediúnica, bem como no atendimento fraterno. As opiniões recolhidas em sites estarão em itálico e dentro de uma tabela, e abaixo estarão as nossas considerações:

Alguns dizem:

- *O bater no peito tem como efeito a ativação do chacra cardíaco no médium, melhorando assim a sintonia guia/aparelho.*
- *O brado pode tanto ter a função de ativação de energias e chakras do médium para seu reequilíbrio energético ou emocional, como pode ser usado para impor respeito a espíritos levianos, os quais ficam paralisados ao ouvir o som emitido.*
- *Os assovios têm como efeito impulsionar o campo energético dos médiuns e consulentes de acordo com a energia a ser trabalhada, sintonizando-os com as energias da Natureza, equilibrando-os e liberando-os de cargas negativas, miasmas e larvas astrais.*

Vamos analisar tudo isso com a razão e o bom senso deixando de lado as complicações metafísicas por quisermos encontrar explicações complexas onde tudo é muito simples:

Nas manifestações mediúnicas na Umbanda, os Guias e Protetores Espirituais, geralmente, no ato da manifestação mediúnica estremecem o médium, sacolejando-o moderadamente. Isso se dá pelo fato de que está retirando materiais ectoplasmáticos residuais e certas larvas astrais, jogando para fora a “poeira” indesejável, para que a sua manifestação se estabeleça condizentemente.

Muitos Guias Caboclos da Mata, quando incorporados, batem moderadamente no peito com a mão (aberta ou fechada), emitindo um clamor (*Fazer pedidos e/ou súplicas; pedir insistentemente; implorar*) vibrante (*não é bradar (ato ou efeito de gritar, de berrar)*) vociferando, como muitos fazem, incomodando grandemente quem está do lado; se assim acontecer, com certeza é coisa do médium). Alguns, ao invés do clamor, emitem um assovio, geralmente longo, que tem o mesmo efeito.

Os clamores bem como os assovios, não são sons mantrâmicos imitativos da Natureza como muitos pensam, mas somente códigos pré-estabelecidos com seus companheiros de trabalho que estão na contraparte espiritual aguardando o momento certo de virem, convocando-os para o trabalho ativo, pois já “firmou” bem seu aparelho (médium), e as energias estão fluindo satisfatoriamente. Portanto, quando a manifestação mediúnica está efetiva e firme, muitos Guias Caboclos da Mata emitem um clamor ou um assovio, avisando seus companheiros de trabalho que tudo está pronto.

Impõe-se respeito a Espíritos menos esclarecidos com moral elevada, santidade das intenções e mente ilibada, e não com gritos ou brados.

Muita gente acredita que Guias Espirituais na Umbanda batem no peito, estalam dedos e outras coisas mais, numa alusão a estarem “abrindo”, “equilibrando” ou mesmo “limpando” os chacras. Ledo engano. Somos sabedores que os chacras se localizam no corpo astral e não no corpo físico; no corpo físico somente identificamos a localização dos chacras que estão no corpo astral, refletido no duplo etérico.

Portanto de nada adiantaria ficar batendo a mão ou estalando os dedos no físico que, diretamente, não são os chacras que estão sendo manipulados. Chacras são equilibrados através de bem viver, mente equilibrada, reforma íntima, emanção de fluidos vivificadores, com o uso de passes, da energia fitoectoplasmática, das energias das pedras, das águas, do ar, ou seja, somente através de emanações fluidoterápicas provindas do poder cósmico, do poder da Natureza e do poder prânico vital de cada ser humano; essas emanações fluídicas são conduzidas pelo pensamento.

Imagine só, acreditarmos que um Guia Espiritual Caboclo fica batendo a mão no peito para manipular o chacra cardíaco; porque então ele não bate a mão da mesma forma na cabeça (chacra coronário), no pescoço (chacra laríngeo), no baço (chacra esplênico), no umbigo (chacra umbilical) e na região sexual (chacra básico) para manipular os outros centros de força?

Porque será, então, que os Guias Pretos-Velhos bem como os Protetores (Baianos, Caboclos Sertanejos, Caboclos D'Água e Ciganos) também não batem no peito para regular ou ativar o chacra coronário? Estranho, não é?

Quando um Caboclo da Mata bate a mão (fechada ou aberta) no peito do médium no ato da manifestação mediúnica, está tão somente se utilizando de uma dramatização formalizada (postura arquetípica), indicando que ali está presente um ser portador de força, dignidade, caráter e seriedade. Somente isso. Não é regra geral; tantos que alguns Caboclos o fazem e outros não.

Quando alguns Caboclos da Mata ao receberem alguém batem a mão moderadamente no peito, simplesmente estão formalizando um “cumprimento” personalizado, e nada mais. É uma forma identificatória de que ali está presente o arquétipo de um Espírito de silvícola. Esta postura identificatória é pré-estabelecida para a Umbanda onde identificaremos estar presente, o “Espírito de um silvícola”. Nunca soubemos de algum índio brasileiro, em qualquer época, usar como cumprimento o “bater no peito” com a mão.

Com o tempo os umbandistas formalizaram por conta própria vários tipos de cumprimentos, cada um específico para cada Linha de Trabalho Espiritual, o que achamos totalmente dispensáveis, pelo fato de dificultarem para os assistidos que desconhecem esses atos de felicitações. Com isso, os assistidos confundem-se e o cumprimento torna-se caricato, desengonçados, provocando risos e chacotas.

Por ser simplesmente um cumprimento, no Templo da Estrela Azul, com anuência da direção espiritual do Terreiro, adotamos o cumprimento Anjali Mudra (vide o tópico: “OS GESTUAIS DE INCLINAÇÃO PARA DEUS E OS ORIXÁS NA UMBANDA CRÍSTICA”, no livro: “AS CORPORAÇÕES ORIXÁS”, de nossa autoria), para o Guias e Protetores, de médium para médium, e, para os assistidos em geral.

Alguns dizem: O estalar de dedos e o bater de pés e mãos, tem diversos significados energéticos, pois todos os nossos chacras se ligam a certos pontos das mãos e dos pés, assim ao estalar dos dedos o Caboclo pode estar tanto descarregando energias deletérias (negativas) do médium ou do consulente, quanto pode estar provocando descargas energéticas para o melhor funcionamento dos chacras no consulente ou no médium.

Mais uma vez, muitos creem que estalar dedos, bater os pés e as mãos no chão, estão ativando ou limpando chacras. Reiteramos: Chacras não se localizam no corpo físico; emanam a partir do corpo astral.

Primeiramente, em nosso conhecimento, expliquemos a questão dos núcleos sensoriais palmar e da ponta dos dedos:

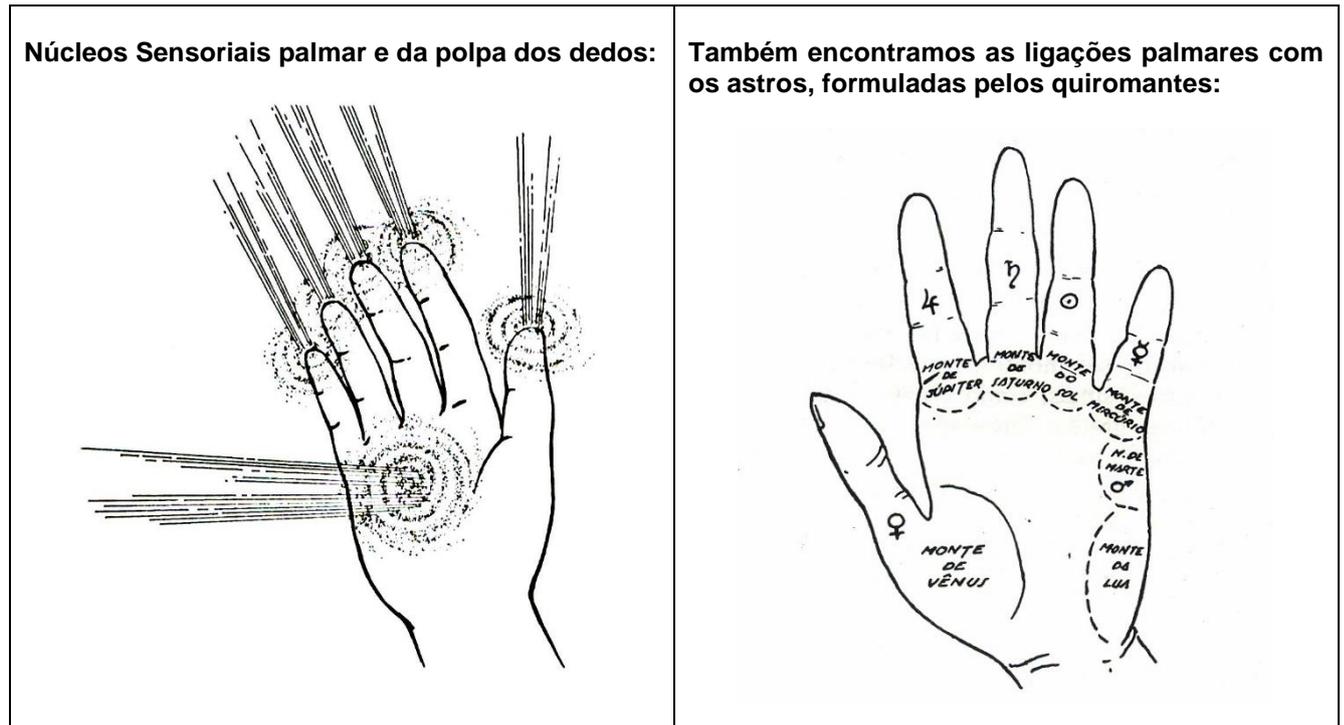
Na parte central de nossas mãos e na ponta dos dedos existem núcleos sensoriais, erroneamente chamados de “chacras” ou “mini chacras”, que emitem e recebem todos os tipos de energias. É o acionamento desses núcleos que aguçam a sensibilidade das nossas mãos.

Quanto mais estes núcleos estiverem ativos, mais facilmente essas energias fluirão através deles, nos dois sentidos; é isso que significa ter mãos sensíveis.

Por cada um desses núcleos vertem energias, que são determinados pelo nosso viver, e por nossa vontade.

Todos os núcleos sensoriais no corpo humano, de um modo ou de outro, sofrem influências dos chacras magnos.

Mas, não é o fato de ativarmos ou mesmo manipularmos um núcleo sensorial que vamos fazer ativações ou mesmo energizações num chacra magno. Além dos dedos, temos outros dois núcleos sensoriais palmares que muitos ligam aos chacras.



Muitos se apegam as ligações quiromânticas para formularem teorias que dizem que, Guias Espirituais, ao estalarem os dedos, batem no Monte de Vênus, ocasionando uma retomada na rotação e frequência do corpo astral, descarregando energias negativas, além de certas condições psíquicas particulares, que ativam faculdades propiciatórias à magia e à mecânica de ordem astral. Não cremos que assim seja por motivos já expostos acima.

Os núcleos sensoriais palmar e da polpa dos dedos são captadores e, potencialmente irradiadores de energias. Algumas propriedades magnéticas dos chacras magnos se manifestam nas extremidades dos núcleos sensoriais palmares e da ponta dos dedos. Quando desejamos lançar fluidos, é através das mãos que o fazemos, saindo principalmente pela ponta dos dedos.

As técnicas são úteis pelo que precisa serem estudadas; só não se deve elevá-las acima dos valores psíquicos e morais. Em Umbanda, utilizam-se dois tipos desse procedimento:

1º) Estalada (som de coisa que estala)

Posição: o dedo polegar fica pressionado no dedo médio, e este, escorrega rapidamente, batendo fortemente na eminência tênar (é a porção muscular na palma da mão, logo abaixo do polegar).

A Estalada, nada mais seria que impulsos energéticos ritmados que produzem oscilações de altíssima frequência, que expressam as manifestações da vontade do Guia ou Protetor Espiritual em desagregar, através da força do pensamento, aliado a um direcionamento conduzido, movimentando certos níveis de energias estagnadas através da irradiação sonora que veicula a força de pensamento. Na estalada dos dedos, é produzida uma energia sonora pulsante que, através da vontade, movimenta alguns tipos de concentrações

ectoplasmáticas estagnadas (bloqueios energéticos), dissociando-as para que os fluxos dos canais de energia possam fluir normalmente. Muito usado para promover uma varredura dispersiva localizada.

2º) Estrugir (vibrar fortemente)

Posição: O dedo médio fica seguro pelo polegar, fazendo com que o dedo indicador bata vibrantemente no dedo médio, produzindo um som vibratório forte.

O estrugir é utilizado para quando é feita uma varredura dispersiva geral. Certos tipos de “sujeiras etéricas”, miasmas, larvas astrais e/ou larvas mentais, são arrastadas, grudando nas mãos do operador, sendo eficientemente deslocadas com esse tipo de estrugir de dedos, sendo “jogadas” para a terra.

Alguns dizem: O bater de pés e mãos no chão normalmente está associado ao descarrego de energias retiradas do consulente e dissipadas ao contato com o solo.

O bater de um pé ou de uma mão no chão, não significa estar “descarregando” algo ou alguém; não tem lógica nisso. Quando energias negativas são retiradas pelos Guias e Protetores da Umbanda através das mãos em passes, são imediatamente direcionados para a terra sem a necessidade de batê-las no chão. O ato de bater a mão ou o pé no chão por alguns Espíritos significa simplesmente que o mesmo está afirmando interiormente o ato realizado, ou seja, está sacralizando o que está fazendo, como se estivesse dizendo: “assim seja, assim será”. Este ato dá um efeito de certeza, pois, simbolicamente a terra tem um efeito de materialização, de realização de tudo.

Alguns dizem: O fazer gestos com os braços tem como objetivo lançar “flechas energéticas” em direção ao altar, ativando as energias dos pontos de firmeza do Congá, conforme a energia que o trabalho necessitar.

Achamos muito estranha e ilógica a concepção hipotética de que um Guia Caboclo da Mata faça um gesto imaginário de estar com um suposto arco na mão, atirando uma flecha fictícia em direção de algo, com o objetivo de lançar “setas energéticas” a fim de ativar alguma coisa. Já observamos alguns médiuns assim agirem no momento da manifestação de um Caboclo, e chegamos a conclusão que seria tão somente mais uma postura arquetípica identificatória (dramatização), de que ali está presente um silvícola, e nada mais.

Alguns dizem: O sopro é a manipulação do elemento ar e seus elementais, para a limpeza energética ou energização.

O sopro (é uma técnica antiga dividida entre: sopro frio e sopro quente), não é necessariamente uma paranormalidade e nem modalidade mediúnica, mas sim, uma técnica de cura onde, através da respiração, capta-se prâna vital, intensivando-o com a força mental e determinação para o que será efetuado, e, imediatamente, sem segurar a respiração, emanando-o para o local desejado, em benefício das pessoas. No momento do sopro, vai haver uma ionização de todo o processo, pois doaremos o fluido prâna vital puro.

Vamos a mais alguns processos simbólicos identificatórios que os Espíritos militantes na Umbanda utilizam em suas apresentações posturais arquetípicas, não nos esquecendo que são somente dramatizações e não tem nada de metafísico ou mágico.

Alguns Caboclos que por afinidade militam sob a irradiação Ogum, ao manifestarem mediunicamente, somente para identificação, postam o dedo indicador do médium em riste. Isso seria indicativo de ordenar (sempre que vamos chamar a atenção de alguém, ou vamos ordenar algo, apontamos com o dedo, que como o próprio nome diz: indicador), representado a força ordenadora de Ogum.

Alguns Caboclos que por afinidade militam sob a irradiação de Xangô, ao manifestarem mediunicamente, somente para identificação, mantêm as mãos fechadas. Isso seria indicativo de rigidez, racionalização, simbolizando que a justiça de Deus é firme e dura.

Os Pretos-Velhos, em suas manifestações mediúnicas, geralmente têm o corpo inclinado para frente; a cabeça ligeiramente inclinada para baixo. Apresentam-se como senhores de idade bem avançada, curvados pela idade, muitas vezes apoiados em bengalas, com passos lentos, mas firmes. Quando incorporados se apresentam como nossos avós. Alguns se sentam em banquinhos, outros no chão; raramente trabalham em pé.

Existem outras pequenas particularidades identificatórias arquetípicas de reconhecimento, que, com certeza, algum dia, um Guia Espiritual utilizou, ou mesmo um médium idealizou animicamente, sendo copiado pelos demais médiuns, e, posteriormente, acabou fazendo parte efetiva da peculiaridade de apresentação arquetípica, portanto, não sendo necessariamente pré-concebidas por Espíritos, mas sim, idealizadas inconscientemente pelos medianeiros pelo fato das concepções arquetípicas já plantadas em suas mentes.

O significado mais usado atualmente para arquétipo foi desenvolvido pelo psicólogo e psiquiatra suíço Carl Gustav Jung. Segundo ele, o arquétipo é um modelo de pensamento comum a toda a humanidade, um processo que estrutura símbolos e imagens em todas as culturas e parte integrante do que ele chamou de “inconsciente coletivo” (área da mente que contém memórias e impulsos comuns a toda a humanidade originárias na estrutura herdada do cérebro, na qual a experiência humana tem sido de alguma forma codificada e transferida de geração para geração). Os arquétipos determinam a forma das imagens e são evidenciados nos imaginários coletivos e individuais observados nas mitologias, religiões, sonhos e nas manifestações artísticas.

Portanto, arquétipos são padrões, protótipos, posturas psicológicas da vida das pessoas. Em Umbanda, nas exteriorizações mediúnicas, são utilizados arquétipos regionais simbólicos posturais, nas expressões exteriores, advindos do nosso inconsciente, e, se, estas manifestações forem simples e harmônicas, são aprovadas pela espiritualidade, como identificatórias do modo de ser e agir dos Espíritos nas lides umbandistas. Retirando-se tudo isso, descaracterizaria totalmente o reconhecimento modelar exterior das mediunizações da Umbanda.

Só devemos atentar que as manifestações regionais que os Espíritos utilizam na Umbanda são exteriorizações exotéricas (externas) e não esotéricas (internas). São simplesmente manifestações externas identificatórias. Repetindo: Um Guia Espiritual, utilizando uma roupagem fluídica, gestos, fonemas e trejeitos regionalistas, puros arquétipos, por traz (nos bastidores), trabalha com determinadas energias superiores da Natureza. A postura arquetípica regional do Espírito, externada em trabalhos mediúnicos é simbólica, é do corpo; somente é usada para satisfazer o nosso ego; não é a postura real do Espírito. Embora os Guias Espirituais se utilizem de formas fluídicas e posturas arquetípicas regionalizadas nas apresentações mediúnicas, são discretos, singelos, harmoniosos, recatados, humildes e modestos. As mudanças bruscas e espalhafatosas realizadas por médiuns nas simples e humildes peculiaridades das apresentações arquetípicas regionais mediúnicas dos Guias e Protetores da Umbanda são simplesmente personalismos do medianeiro, que muitas vezes externa excentricamente uma dramatização exagerada, com pitadas caricatas e burlescas, em nada se enquadrando na singeleza umbandista.

Reiterando: Os Espíritos elevados Guias Espirituais Caboclos da Mata e Guias Espirituais Pretos-Velhos, utilizam-se de roupagens fluídicas arquetípicas em suas apresentações mediúnicas. Muitos Protetores Caboclos Sertanejos, Caboclos D'Água, Baianos e Ciganos, em geral, utilizam-se de formas fluídicas de apresentação mediúnica do que realmente foram em vida, ou seja, são o que são; mas, mesmo assim, suas apresentações são ordeiras, sublimes, ordenadas, harmoniosas e disciplinadas; o que sai fora disso, com certeza, é fruto do animismo vicioso do médium.

Considerações da Umbanda Crística:

- Os Guias Espirituais Caboclos da Mata e Pretos-Velhos, e os Protetores Espirituais nos inspiram a utilizar os arquétipos singelos e harmônicos regionais que serão utilizados em mediunizações. Os médiuns já são conhecedores dessas “imagens regionais – os tipos sociais”, pela vivência, contato ou mesmo observando outros médiuns manifestados, imitando-os inconscientemente.
- As apresentações dos tipos sociais na Umbanda se dão de maneira harmoniosa, singela, sem excentricidades e sem desmandos. Se forem carregadas de excentricidades, com certeza, ou é fruto de um Espírito inferior, ou mesmo da ideação anímica exacerbada do medianeiro.
- Os Guias e Protetores Espirituais atuam no corpo astral parcialmente deslocado do médium, influenciando-o positivamente com trejeitos e fonemas regionais do conhecimento do médium, manifestando-se harmoniosamente sem desmandos, nos remetendo a estar diante de tipos sociais da nossa convivência.
- Nas exteriorizações mediúnicas, só se trabalha personagens, tipos sociais representativos da população regional brasileira.
- No caso dos Espíritos de Caboclos da Mata e Pretos-Velhos, não há certeza de que tenham sido encarnados, o que representam quando manifestados mediunicamente. Aliás, jamais saberemos ao certo se são ou não, pois os Espíritos elevados ocultam de nós sua verdadeira identidade; só querem servir e trabalhar.
- Um bom exemplo que a questão arquetípica em apresentações posturais mediúnicas na Umbanda é norma interna, ou seja, é como já dissemos “umbandês”, ou seja, é uma postura corporal, vocal, regional, já conhecida do médium. Se porventura invocar-se o Espírito de um polaco (nascido da Polônia), o

médium temerá, pois não saberá como o Espírito vai se portar, como vai falar, como vai agir, travando-se, dificultando a manifestação, pois, nunca viu um polaco e nem sabe como se portam arquetipicamente (seus costumes, trejeitos, maneira de falar, etc.).

- Os Guias e Protetores Espirituais, bem como os Tarefeiros, em Umbanda, nas manifestações mediúnicas são isentos de roupagens coloridas, rendas e lamês, panos de pescoço, ou qualquer tipo de adornos ou adereços regionais externos, tipo: balandraus, cocares, penas, chapéus, capacetes, coroas, espadas, arcos, tacapes, fuzis, maquiagens, tridentes, capas, cartolas, ternos, smoking, bijuterias, etc. O vestuário utilizado, tanto para homens como mulheres, é somente composto de jaleco e calça brancos, de tecido modesto e simples (algodão). Os calçados são de pano grosso (lona), com solado de corda (tipo Alpargata Rueda), ou descalço.
- Os Guias e Protetores Espirituais não se utilizam de parafernalias no vestuário. Guias Espirituais não tem vaidade de espécie alguma; portanto, quando em trabalhos espirituais, não usam qualquer tipo de trajes especiais, de adereços estrambóticos, numa alusão a fantasiar-se para serem reconhecidos, ou mesmo sentirem-se bem. Se um Espírito faz questão desse tipo de coisas, com certeza ainda está preso em seu ego, demonstrando não ser um Espírito elevado. Trajes especiais é tão somente coisa da vaidade/vontade do médium. Na Umbanda, quaisquer Guias e/ou Protetores Espirituais só utilizam roupas brancas, de tecidos simples, sem nenhum tipo de adorno. Não há necessidade de se trocar de roupa para manifestar um Guia ou Protetor Espiritual, pois correremos o risco de nos transformarmos em grupo folclórico ou mesmo em desfile carnavalesco. Todo o vestuário utilizado na Umbanda obedece a regras de simplicidade, razão e bom senso e nunca para vaidade. Os médiuns têm que ser orientados e controlados nas exteriorizações extravagantes. A vaidade é do médium e ponto final. Espíritos que fazem questão de adereços e trajes regionais, com certeza não são Guias e nem Protetores Espirituais; são somente Espíritos imperfeitos e galhofeiros, vaidosos e exigentes, que usam a mediunidade de incautos para exteriorizarem carnalmente suas futilidades; não são Espíritos da Umbanda. Relembrando a orientação evangélica: *“Amados, não deis crédito a todo o Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque há muitos falsos profetas que se têm levantado no mundo...”* (I João 4:1). Roupas extravagantes, coloridas, rendas, Richelieu, brocados, lantejoulas, lamês etc., dão a nítida impressão de que o Espírito que está manifestado aproveita a oportunidade para relembrar os tempos de encarnado, externando sua vaidade. Isso seria absurdo. Com certeza é fruto do animismo vicioso do médium, ou a presença de um Espírito imperfeito, materialista, vulgar.
- As guias (colares – objetos de poder) usadas são somente as que determinam o Guia Espiritual que se manifesta.

“A guia deve ser feita de acordo com os protetores que se manifestam. Para o Preto-Velho deve-se usar a guia de Preto-Velho, para o Caboclo a guia correspondente ao Caboclo. É o bastante. Não há necessidade de carregar cinco ou dez guias no pescoço. Não é a quantidade de guias que dá força ao médium” (Zélio de Moraes)

Não existe a necessidade de se comprar uma infinidade de guias para as Entidades Espirituais, pois não são elas que precisam da proteção, que estes colares oferecem, mas sim nós, os médiuns, pois é para nós e não para nossos mentores que as possíveis cargas negativas serão dirigidas. A proteção aqui, refere-se a cargas deletérias negativas que poderiam agregar-se na aura do médium; esses colares são devidamente carregados de energias da natureza, e, posteriormente dinamizados, para que rechacem muitos tipos de magnetismos enfermiços.

É preciso sempre esperar as que as Entidades Espirituais peçam ao médium a guia que este deve confeccionar e usar e nunca sair por aí, tresloucadamente comprando qualquer coisa apenas para “agradar” ao mentor. Por isso a confiança em nossos mentores é importante, pois estes saberão a forma mais correta de se preparar uma guia e com certeza não mandarão seus médiuns comprarem as “guias prontas” nas ditas lojas de artigos religiosos.

Já observamos médiuns darem uma guia de cristal caríssima de presente para um Preto-Velho, e este, humildemente agradecer; o primeiro assistido que foi atendido, saiu com a guia no pescoço, dada de presente pelo Preto-Velho. Com isso constituiu-se a humildade, pois o Preto-Velho não querendo ferir o ofertante, agradeceu-o, mas, sabedor na inocuidade do objeto, tendo somente valor figurativo e cromoterápico, deu-o de presente a um assistido.

Admitimos dois tipos de guias: as sugestivas e as naturais.

1ª) As guias sugestivas são feitas de materiais que não conduzem ou não absorvem energia nenhuma, servindo única e exclusivamente como elo mental entre o médium e sua entidade, e ainda, segundo suas cores (cromoterapia), tem a finalidade de elevar, rebaixar ou mesmo ajustar correntes de pensamentos, tanto dos médiuns quanto dos assistidos. São as confeccionadas com materiais que não são naturais (missanga, cristal de vidro, plástico, porcelana etc.).

2ª) As guias naturais são aquelas de elementos naturais, tais como sementes, pedras, ervas, conchas, etc.

- Rejeita-se cultos, festividades extravagantes ou homenagens a Orixás, Guias e Protetores Espirituais, Tarefeiros (Exus e Pombas-Gira da Lei) ou humanos (encarnados e/ou desencarnados), sejam eles internos, externos e/ou materiais. Só existe o Culto a Caridade. Como dizia o Pai Antônio manifestado em Zélio de Moraes: “Festa é fazer Caridade”. Em datas específicas, privadas, efetuamos “Sessões de Reverência” (“Respeito intenso por alguma coisa, por aquilo que é sagrado”) aos Poderes Reinantes Orixás do Divino Criador, ou datas comemorativas, públicas, em datas aprazadas, onde todos, irmanados, procedem às harmonizações fluídicas com as forças invocadas através da realização de orações e cânticos para o reverenciado, para logo após, se proceder aos atendimentos fraternos, normalmente.

“(…) sendo totalmente incabível o culto aos Orixás na Linha Branca de Umbanda e Demanda (Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas), uma vez que não é creditado a existência de deuses mitológicos africanos, o que por si só já anula a utilização de tradições e lendas, usados para compilar os ritos de matriz africana (…)”. (Pedro Kritski – médium da Tenda Espírita Santo Antônio, oriunda da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade)

- A ingestão de bebidas alcoólicas é totalmente excluída dos trabalhos espirituais, sejam em que circunstâncias forem. As cervejas, os vinhos, a cachaça, conservam-se apenas como elementos de firmezas, entregas magísticas conciliatórias, e possíveis despachos demandatórios ou ordenatórios.

Espíritos da luz não se manifestam para bebericar. Quando um Espírito se manifesta mediunicamente, por breves momentos sente-se como que “encarnado”, podendo até desejar sentir novamente as sensações provindas das bebidas, e se o faz com desmandos, com certeza é a presença de um Espírito inferior que quer se utilizar do medianeiro para satisfazer seus meros instintos; se comedido, não o descaracteriza como um obreiro do bem, mas, devemos coibir totalmente o uso de alcoólicos. Na maioria das vezes é o próprio médium que gosta de ingerir bebidas alcoólicas, e se utiliza do animismo, consciente ou inconscientemente para isso. A importância magística das bebidas é a manipulação dos elementos em fermentação (lúpulo, cevada, cana, uva, etc.) e não o álcool em si, encontradas nas cervejas, cachaças e cidra somente; não há senso comum em utilizar-se bebidas alcoólicas tais como: whisky, vodca, conhaque saquê, tequila, etc., que é tão somente gosto do médium, e não utilizados em processos magísticos. Não existe manipulação magística na ingestão de alcoólicos. Guias Espirituais, Espíritos Santos de Deus, Espíritos Tutelares não ingerem bebidas alcoólicas para se refestelarem, não fumam (não inalam a fumaça para os pulmões do médium; só fazem uso magístico do tabaco), não procedem a brincadeiras descabidas, não proferem palavras de baixo calão, não se portam de maneira inconveniente, não promovem e nem aceitam festas em suas homenagens, não são libertinos, não ficam sambando, rodando etc.

Observamos vários médiuns incorporados, fumando cigarros comuns, e chegamos a uma só conclusão: Um Guia Espiritual, Espírito Elevado (Caboclos da Mata e Pretos-Velhos) não tem nenhum tipo de vício carnal. O médium, fumante inveterado, utilizando de seu animismo, acaba por fazer uso de cigarro. Muitos podem questionar: mas um Guia Espiritual, sabedor dos malefícios do tragar a fumaça do tabaco para os pulmões não pode frustrar seu médium? Com certeza pode, mas, a abstinência da nicotina no médium pode causar diversos desconfortos, podendo atrapalhar a concentração; por isso, e por imperar a vontade do medianeiro (livre arbítrio), muitos Guias Espirituais permitem o uso do cigarro comum. Os Espíritos dizem que isso não prejudica um trabalho espiritual; só há um prejudicado, que é o médium, e esse está se valendo de sua vontade.

Para um melhor entendimento, lancemos mão da opinião do Espírito de Emmanuel e de Chico Xavier sobre o assunto:

“(…) Pergunta: Pesquisas médicas revelam que a dependência física dos fumantes costuma ser mais compulsiva que a dependência orgânica dos viciados em narcóticos. Isto é certo se o enfoque for do plano espiritual para o plano físico?

Emmanuel: *Acreditamos que ambos os tipos de dependência se equiparam na feição compulsiva com que se apresenta, cabendo-nos uma observação: é que o fumo prejudica, de modo especial, apenas ao seu consumidor, enquanto os narcóticos de variada natureza são suscetíveis de induzir seus usuários a perigosas alucinações que, por vezes, lhes situam a mente em graves delitos, comprometendo a vida comunitária.*

Pergunta: *Você teria alcançado condições de desempenho de seu mandato mediúnico, ao longo de décadas de trabalho incessante, se fosse um dependente da nicotina?*

Chico Xavier: *Creio que não, com referência ao tempo de trabalho, de vez que a ingestão de nicotina agravaria as doenças de que sou portador, mas não quanto a supostas qualidades espirituais para o mandato referido, de vez que considero o “hábito de cultivar pensamentos infelizes” uma condição pior que o uso ou o abuso da nicotina e, sinceramente, do “hábito de cultivar pensamentos infelizes” ainda não me livrei.”*

- A primazia dos atendimentos fraternos se dá com Guias Espirituais (Espíritos Elevados) Caboclos da Mata e Pretos-Velhos.

Os Protetores Espirituais (Caboclos Sertanejos, Caboclos D'Água, Baianos, Ciganos), trabalham auxiliando os Guias Espirituais, atuando mediunicamente, principalmente em trabalho de desopressão, integrados, e não em Linhas distintas, em dias especiais dedicados a eles. Não é primazia deles, o atendimento fraterno, só o realizando com a anuência de um Guia Espiritual.

Os Tarefairos (Exus e Pombas-Gira da Lei) não procedem de forma alguma a atendimentos fraternos.

- Os Guias e Protetores Espirituais trabalhadores da Umbanda dão ênfase aos Descarregos (desobsessões), presentes em todas as Sessões, principalmente as caritativas.

“Em nossas Sessões, temos a preocupação de curar os loucos (descarregos/desobsessões). Já foram curados muitos, que estavam em sanatórios e que eram de outras religiões. Eu trabalho com o Orixá Mallet, de Ogum, que foi trazido pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas para curar os loucos e obsedados”. (Zélio de Moraes)

“(...) O objetivo da Linha Branca de Umbanda e Demanda é a prática da Caridade, libertando de obsessões, curando as moléstias de origem ou ligação espiritual, desmanchando os trabalhos de Magia Negra, e preparando um ambiente favorável a operosidade de seus adeptos (...)”. (Trecho do livro: “O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda” – de Leal de Souza – 1933)

- Enfatiza-se a questão de que Guias e Protetores Espirituais não “vêm em terra” só para bebericar, dançar, cantar, rodopiar interminavelmente, jogar conversa fora, brincadeiras, demonstrações circenses, fortificar mediunidades ou quaisquer atitudes pueris. Somente manifestam-se espiritualmente para instruções doutrinárias, e/ou para práticas humanitárias.

“(...) o Chefe (nota do autor: Caboclo das Sete Encruzilhadas) acha que espiritismo não é pra perder tempo; que o Espírito baixa, é pra fazer caridade, ou pra ensinar; o Chefe não sai daí; ou pra ensinar, ou pra fazer caridade...” (Zélio de Moraes)

“(...) O Caboclo Sete Flechas não gosta desse negócio de dançar, dançar, dançar; Caboclo vem em terra para trabalhar (...)”. (Zélia de Moraes Lacerda – filha de Zélio de Moraes)

“(...) A presença dos Caboclos, nos Terreiros, deixou de objetivar exclusivamente a prática da caridade, para constituir uma reunião festiva, na qual os médiuns, incorporados ou não, dançam – não a dança sagrada que constituía parte dos cultos da antiguidade, mas a dança profana, sem significação nenhuma de religiosidade. (...)”. (Lília Ribeiro (1971), dirigente da Tenda Espírita Luz, Esperança, Fraternidade, nascida da Tenda Espírita São Jerônimo, uma das sete Tendias fundadas pelo senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas)

“(...) acho que Espírito não tem nada que dançar; ele vem para trabalhar. (...) Nós fomos numa festa de Ogum; os Caboclos dançaram duas horas; não deram passe em ninguém; pode ser uma Sessão Espírita? Guia descer para ficarem duas horas dançando? Não tinha ninguém manifestado; tava todo mundo dançando a toa lá. Que é isso? Isso eu não concordo não. Eu não tomei passe e nem cheguei perto de ninguém. Só dançaram; duas horas dançando. Não é possível. Os Guias vão deixar um espaço que eles têm tanto o que fazer; e todo dia é ávido de progresso; porque tem que fazer seu progresso e cada dia subir mais. Vão vir aqui nesse mundo horrível pra dançar? Não concordo com isso, não aprendi assim, não faço, não gosto e não concordo. (Relato fonográfico de Zélia de Moraes Lacerda (filha de Zélio de Moraes), na fita 46a em 10 minutos e 52 segundo, disponibilizada em nosso site junto deste livro)

- O Caboclo das Sete Encruzilhadas fazia questão absoluta em propagar que a Umbanda e seus trabalhadores desencarnados eram simples, humildes, amorosos, caridosos e desprovidos de vaidades, e que seus trabalhadores encarnados também o deveriam ser.

“Umbanda é humildade, amor e caridade – esta é a nossa bandeira”. (Caboclo das Sete Encruzilhadas)

(...) “Meus irmãos sejam humildes, tenham amor no coração, amor de irmão para irmão, porque vossas mediunidades ficarão mais puras, servindo aos Espíritos Superiores que venham a baixar entre vós” (...). (Caboclo das Sete Encruzilhadas)

“E que nome darão a essa Igreja? O Caboclo das Sete Encruzilhadas disse: Tenda Nossa Senhora da Piedade, pois da mesma forma que Maria ampara nos braços o filho querido, também serão amparados os que se socorrerem da Umbanda”. A denominação de “Tenda” foi justificada assim pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas: *Igreja, Templo, Loja, dão um aspecto de superioridade, enquanto Tenda lembra uma casa humilde”.*

(...) “O que ele deseja (Nota do autor: Caboclo das Sete Encruzilhadas), entretanto, é que este ritual de Umbanda, humilde, mas cheio de luz, seja nivelado ao ritual elevado das grandes religiões e isento de toda inferioridade e da prática de coisas inúteis e perniciosas”. (...) (Por José Álvares Pessoa (Capitão Pessoa), dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo – uma das 7 Tendias fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas – em reportagem no Jornal – “Semanário”, número 91 – ano III – página 15 – 1958)

Transcreveremos novamente o capítulo XXIII do livro: “O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda” – de Leal de Souza – 1933, no qual escreve sobre o Caboclo das Sete Encruzilhadas, Entidade a qual esteve ligado por muitos anos, a fim de lembrarmos e gravarmos em nossa mente, como era o instituidor da Umbanda:

“Se alguma vez tenho estado em contato consciente com algum Espírito de Luz é, sem dúvida, aquele que se apresenta sob o aspecto agreste, e sob o nome bárbaro de Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Sentindo-o ao nosso lado, pelo bem-estar espiritual que nos envolve e sensibiliza, pressentimos a grandeza infinita de Deus, e, guiados pela sua proteção, recebemos e suportamos os sofrimentos com uma serenidade quase ingênua, comparável ao enlevo das crianças nas estampas sacras, contemplados, da beira do abismo, sob as asas de um anjo, as estrelas do Céu.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas pertence à falange de Oxóssi, e sob a irradiação da Virgem Maria, desempenha uma missão ordenada por Jesus.

O seu ponto emblemático representa uma flecha atravessando um coração, de baixo para cima; a flecha significa direção, o coração o sentimento, e o conjunto orientação dos sentimentos para o alto, para Deus.

Estava esse Espírito no espaço, no ponto de intersecção de sete caminhos, chorando sem saber o rumo que tomava, quando lhe apareceu, na sua inefável doçura, Jesus, e mostrando-lhe, numa região da Terra, as tragédias da dor e os dramas da paixão humana, indicou-lhe o caminho a seguir, como missionário do consolo e da redenção. E em lembrança desse incomparável minuto de sua eternidade, e para se colocar no nível dos trabalhadores mais humildes, o mensageiro de Cristo tomou o seu nome dos caminhos que o desorientavam, e ficou sendo o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

E já vinte e três anos, baixando em uma casa pobre de um bairro paupérrimo, iniciou a sua cruzada, vencendo, na ordem material, obstáculos que se renovam quando vencidos e derrubados, e dos quais o maior é a qualidade das pedras com que deve construir o novo templo.

Entre a humildade e a doçura extremas, a sua piedade se derrama sobre quantos o procuram, e não poucas vezes, escorrendo pela face do médium, as suas lágrimas expressam a sua tristeza, diante dessas provas inevitáveis a que as criaturas não podem fugir.

A sua sabedoria se avizinha da onisciência. O seu profundíssimo conhecimento da Bíblia e das obras dos doutores da Igreja, autorizam a suposição de que ele, em alguma encarnação, tenha sido sacerdote, porém a medicina não lhe é mais estranha do que a Teologia.

Acidentalmente, o seu saber se revela. Uma ocasião, para justificar uma falta, por esquecimento, de um de seus auxiliares humanos, explicou, minucioso, o processo de renovação das células cerebrais, descreveu os instrumentos que servem para observá-las e contou numerosos casos de ferimentos que as atingiram, e como foram tratados na Grande Guerra deflagrada em 1914.

Também para fazer os seus discípulos compreenderem o mecanismo, se assim posso expressar-me, dos sentimentos, explicou a teoria das vibrações e a dos fluídos, e numa ascensão gradativa, na mais singela das linguagens ensinou a homens de cultura desigual as transcendentais Leis da Astronomia.

De outra feita, respondendo a consulta de um espírita que é capitalista em São Paulo e representa interesses europeus, produziu um estudo admirável da situação financeira criada para a França, pela quebra do padrão ouro na Inglaterra.

A linguagem do Caboclo das Sete Encruzilhadas varia, de acordo com a mentalidade de seus auditórios. Ora chã, ora simples, sem um atavio, ora fulgurante nos arrojos da alta eloquência, nunca desce tanto, que se abastarde, nem se eleva demais, que se torne inacessível.

A sua paciência de mestre é como sua tolerância de chefe, ilimitada. Leva anos a repetir, em todos os tons, através de parábolas, por meio de narrativas, o mesmo conselho, a mesma lição, até que o discípulo, depois de tê-la compreendido, comece a praticá-la.

A primeira vez em que os videntes o vislumbraram, no início de sua missão, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, se apresentou como um homem de meia idade, a pele bronzeada vestindo uma túnica branca, atravessada por uma faixa branca onde brilhava, em letras de luz, a palavra “Cáritas”. Depois de muito tempo, só se mostrava como Caboclo com tanga de plumas e mais atributos dos Pajés silvícolas.

Passou, mais tarde, a ser visível na alvura de sua túnica primitiva, mas, há anos acreditamos que só em algumas circunstâncias se reveste da forma corpórea, pois os videntes não o veem, e quando a nossa sensibilidade e os

outros Guias assinalam a sua presença, fulge no ar uma vibração azul e uma claridade dessa cor paira no ambiente.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas jorrava serenidade, doçura e principalmente Piedade. Aqueles que por Graça conheceram o Caboclo das Sete Encruzilhadas relatam que não era raro ver, durante as sessões, lágrimas escorrendo as faces de seu aparelho quando incorporado. Sua Misericórdia em ver seus pobres e amados filhos da Terra sofrendo o afligiam.

Este Espírito formidável e bem-aventurado nas Graças do Senhor, possuía todo tipo de conhecimento, nunca deixara uma pergunta sem uma resposta, poderíamos até afirmar que seu conhecimento era quase onisciente.

Possuía extraordinário conhecimento de medicina e teologia, com as quais deixava os doutos da Igreja e da área médica, estupefatos, pois, abordara assuntos que nem ao menos eles tinham conhecimento ou refletido sobre a causa para descobrir o efeito.

A sua linguagem e forma de se expressar variava, de acordo com a faixa intelectual de quem o abordava, para que fosse de fácil compreensão daqueles que o consultavam.

Em muitas ocasiões discursava em alta eloquência, dentro dos arrojados da língua, e quando compareciam pessoas com menor saber, descia mais seu vocabulário, para que todos ouvissem, entendessem e aprendessem. Passou todos os anos ensinando através de parábolas e ensinamentos, e sua paciência e tolerância nunca sumiu”.

(Texto de: Leal de Souza – 1933)

O Caboclo das Sete Encruzilhadas sempre exortou que nenhum médium deve ser o centro das atenções. Que não deve se dar destaque individual, pois todos trabalham para a coletividade, mesmo que isso venha a incomodar sua própria vida. Sempre concitou a todos a lutarem tenazmente contra a vaidade que destrói os médiuns, que deveriam ser desapegados e imparciais. Enfatizava a busca do conhecimento, da riqueza interior, deixando as aparências exteriores em segundo plano. Que devemos cultivar a humildade a caridade e o amor.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas disse: (...) *“Tenho uma coisa a vos pedir: se Jesus veio ao planeta Terra na humildade de uma manjedoura, não foi por acaso. Assim, o Pai determinou. Podia ter procurado a casa de um potentado da época, mas foi escolher aquela que havia de ser sua mãe, este Espírito que viria traçar à humanidade os passos para obter paz, saúde e felicidade”.* (...)

Observem que o Caboclo exalta a humildade de onde Jesus nasceu: uma manjedoura; Jesus viveu uma vida simples, honesta, sem luxo, sem suntuosidade; no meio de gente simples, morando em local simples, mas, realizou um trabalho majestoso, nos ensinando a nos libertar das nossas imperfeições. Jesus é o governador no nosso Planeta; na atual humanidade, é Espírito mais sublime que já esteve entre nós até agora.

Leal de Souza em 1933 nos diz: *“E já vinte e três anos, baixando (nota do autor: Caboclo das Sete Encruzilhadas) em uma casa pobre de um bairro paupérrimo”.*

Vejam bem: A Tenda Piedade era instalada há duas décadas (desde 1908) numa casa pobre num bairro paupérrimo. Observem que o Caboclo não fez questão de que a Umbanda fosse rica, opulenta, mais elevada que as demais, instalada em edificação pomposa, ostentando magnificências. O Caboclo nos quis dar o exemplo de como deve ser um Terreiro de Umbanda: locais simples, desprovidos de esplendores, luxos, suntuosidades, com ambiente sóbrio, sem excessos de ornamentações excêntricas, extravagantes, primitivas, mas, acolhedoras, belos, formosos, agradáveis, harmoniosos, limpos, ordeiros e disciplinados, onde se pratica e se dá ênfase à caridade, ao amor e a humildade, calcados nos ensinamentos crísticos. Até na denominação de um Terreiro o Caboclo se preocupou, pois, conforme o nome dado (Templo, Igreja, Loja, etc.) em época, poderia sugerir na cabeça dos frequentadores a questão de superioridade.

Hoje, pela aceitação da Umbanda pela sociedade, muitos Terreiros se intitulam de “Templo”, pelo simples fato de ter uma conotação positiva, como dizem os dicionários: *TEMPLO: “Edifício consagrado ao culto religioso; Nome de uma ordem religiosa. Fig. Lugar digno de respeito: seu lar é um templo”*, sem, contudo, perderem a simplicidade do local e de seus trabalhos.

Portanto, evitemos esforços para deixar de lado nossos caprichos, egolatrias, egocentrismos e preferências pessoais, pois com certeza o povo não é papalvo, aliás, se faz de sonso, e com o tempo toda a vaidade cai por terra e o médium (isso quando não a Umbanda), fica desacreditado.

Não nos esqueçamos que o mestre somente chega quando o discípulo está pronto; portanto, existem médiuns “prontos” para trabalharem com Espíritos elevados, como também existem médiuns ainda em estado de letargia espiritual, que necessitam Espíritos menos elevados, compatíveis com seu astral e conhecimento. Mais uma

coisa é certa: todos estão trabalhando com afinco, praticando suas caridades e aperfeiçoando-se a cada dia para crescerem perante a Espiritualidade Maior.

Existem Espíritos Superiores e Elevados em Aruanda que optam por utilizarem roupagens fluídicas regionais de Índios e Pretos-Velhos, pelo fato dessas formas terem sido de suma importância quando em vida, e por isso, conservam-nas para assim nos passarem as lições importantes de humildade, pois não é o fato de ter tido uma encarnação humilde que o ser não vá crescer espiritualmente.

Outras vezes, esses Espíritos utilizam formas terrenas pré-estabelecidas, para melhor serem entendidos e compreendidos pelos humanos (roupagem arquetípica simbólica regional de apresentação, o teatro formal necessário, para a satisfação dos nossos egos).

A Umbanda já não necessita de rituais bizarros, primitivos, totemismo (*crença nos totens*), e fetichismo (*culto dos fetiches, ou feitiços; veneração exagerada, supersticiosa, de objetos inanimados que se crê estarem ligados aos Espíritos e que, por isso, passam a representá-los simbolicamente*). Tudo isso é criado pelo e para o ego humano.

A UMBANDA E O FATOR SOCIAL

Observamos ao longo dos anos de trabalho mediúnico, que muitos dirigentes e médiuns arvoram-se em defensores ferrenhos da questão “racial e/ou étnica” dentro da religião de Umbanda. São médiuns preocupando-se em estudar a filosofia, costumes, religião, musicalidade, etc. dos ciganos, dos africanos, do oriente, do Nordeste e ai por fora, crendo que as Entidades Espirituais militantes no movimento umbandista quando manifestadas, tem que obrigatoriamente agirem segundo os costumes regionais.

Não devemos nos preocupar com que roupa temos que vestir para quando um Espírito vai se manifestar. Espíritos não têm vaidade; isso é coisa do humano; é da nossa vontade e não do Espírito; se um Espírito fizer questão de um vestuário excêntrico, ostentoso ou regional, com certeza está preso em seu ego. Os Espíritos da luz não estão preocupados em externarem em seus arquétipos fluídicos regionais mediúnicos, os trejeitos, costumes e tradições, do setor da sociedade que representam. Isso é coisa da matéria, do nosso ego.

Alguns dão ênfase ao fato de que o negro africano tocava atabaque, que o índio brasileiro tocava maracá, etc., e isso seria importante trazer para a religiosidade umbandista, pois os Espíritos que aqui militam curtem esse tipo de coisa e quando ouvem um cântico devocional, imediatamente são atraídos. Os Espíritos somente são atraídos ou repelidos pelo padrão de pensamento, pela moral, e não por cânticos e/ou instrumentos musicais. Espíritos que são atraídos por instrumentos musicais e/ou pelos cânticos, com certeza, ainda estão presos em seus egos.

Não nos esqueçamos: Os cânticos e os instrumentos musicais somente atuam a nível mental/psíquico, pelo vibrar que provocam no liquor envolvente da glândula pineal, provocando estados alterados da consciência, pois o ser se envolve emocionalmente com a musicalidade, deixando-se influenciar conforme o tipo de ritmo, atuando exteriormente em danças, frenesis, animismos e atavismos, influenciando ou não sua paranormalidade.

Vamos à opinião de um humilde Preto-Velho:

“... Usa-se música, cantada ou com atabaque, porque a música lhe deixa conhecer o ritmo da energia que está sendo trabalhada naquele momento. Por exemplo, uma música mais calma lhe sugere que você está se conectando com uma energia de determinada amplitude e velocidade; já uma música rápida, com uma outra energia. A música não é o som. A música não é a energia, mas ela pode lhe ajudar a compreender que energia está vibrando aqui, nesse exato momento. Uma música mais suave pode estar ligada a uma energia mais sentimental, enquanto uma música com atabaques, a uma energia mais voltada para a coragem, por exemplo. A música apenas marca um ritmo e ajuda você a se orientar por ela. Ela apenas dá o ritmo, mas você, se quiser, entra nele ou não. A música vai lhe sugerir um ritmo para você se coadunar com a energia que está aqui. Podemos dizer que a música é uma interpretação que o ego te fornece da energia que está vibrando agora no Centro. A música também não chama a entidade; ela apenas mostra a faixa de onda para os Espíritos.

A música mostra o padrão vibracional que está existindo agora. Por isso a música não chama, ela mostra o que está acontecendo. O Espírito pode até achar que ao tocar uma determinada música está na hora dele entrar. Ele pode até acreditar, mas não é isso que está acontecendo. Você é que não pode acreditar que ele está sendo chamado por causa da música.

Se ele se sente chamado, é criação do ego dele. Ele pode achar que aquele ponto é para chamá-lo, mas não é isso. Não podemos trabalhar a ilusão do outro como realidade para nós. Por exemplo, ninguém bate para chamar Joaquim de Aruanda, mas para mostrar uma energia. Eu sabendo que aquela é minha hora de entrar, entro. Só isso”.

(Pai Joaquim de Aruanda – através do médium: Firmino José Leite)

Não há porque se preocupar se o Espírito que usa a roupagem fluídica de um cigano ou mesmo de um índio irá se comunicar no idioma terreno que representa. No plano astral, na espiritualidade superior, não existe barreira de linguagem; aliás, para se comunicar, o Espírito se utiliza do mental do médium, e este, exterioriza o pensamento do Espírito em seu próprio idioma. Um Guia Espiritual até poderia fazer uso de uma língua nativa, desde que o médium tivesse o dom paranormal de xenoglossia (dom de falar em outras línguas), mas o faria para demonstrar aos incrédulos que ali está presente um Espírito de verdade.

Os Guias Espirituais da Umbanda utilizam de uma linguagem simples, desprovida de pompas, mas, entendida por todos; agora, com certeza, comunicam-se no idioma do medianeiro. Aliás, os trejeitos e a linguagem peculiar dos Guias Espirituais quando incorporados é coisa da Umbanda; é uma maneira de se falar própria para a Umbanda; não quer dizer que o Espírito vai falar ou se portar da mesma maneira quando estavam encarnados; como já dissemos: é umbandês.

Então, observamos que muitos umbandistas se preocupam com a questão racial, ou seja, a presença no negro, no índio, do oriental, do cigano, etc., seus costumes, linguagem, vestuários, modos de ser, esquecendo-se que os Espíritos, na Umbanda, se utilizam somente de roupagens e posturas fluídicas arquetípicas de apresentação, ou seja, uma “postura” simbólica, uma dramatização representativa. São simplesmente “Linhas de Trabalho Espiritual”, e não Linhas raciais, ou Linhas regionais.

O QUE SIGNIFICA RAÇA?

A origem da palavra “raça” é obscura. Alguns estudiosos entendem que a sua etimologia provém da palavra latina “radix”, que significa raiz ou tronco; enquanto outros acham que ela tem origem na palavra italiana “razza”, que significa linhagem ou criação. Seja qual for a sua origem, ela foi introduzida na literatura científica há cerca de 200 anos e desde então tem aparecido em tantos diferentes contextos que até hoje a palavra “raça” não teve o seu significado exatamente claro.

Ela tem sido usada para designar qualquer agregado de pessoas que podem ser identificados como pertencentes a um grupo. De acordo com este entendimento, as pessoas que possuem os mesmos ancestrais, ou compartilham com as mesmas crenças ou valores, mesma linguagem ou qualquer outro traço social ou cultural são considerados como uma raça. Por si mesmo, esta ampla definição talvez não seja de toda uma coisa má, contudo abre a porta para muitos e sérios desentendimentos sobre pessoas que a utilizam para caracterizar preconceito e discriminação (...).

Raça tem somente um significado científico e é biologicamente única. Refere-se a uma única subdivisão das espécies conhecidas, membros de uma herança física, a qual visa distinguir-se de outras populações da mesma espécie. Apesar desta definição ser precisa tanto quanto possível, os cientistas entendem que não existem claras subdivisões na única espécie chamada homem, isto é, o homo sapiens. A maior parte das pessoas pertencem a categorias entre subdivisões do que propriamente àquela da qual pertencem, ou de que um mesmo indivíduo pode ter características que o colocam em diversas categorias simultaneamente.

(<http://www.bahai.org.br/racial/Raca.htm>)

Os Guias Espirituais da Umbanda são os simples de coração, falando aos que estão na jornada evolutiva da vida, lutando contra o mal que existe dentro de cada um, nós, não simples, mas, simplórios.

Nas manifestações mediúnicas arquetípicas a Umbanda não faz uso da questão racial, mas simplesmente, dos fatores sociais da nossa sociedade, procurando assim, serem mais bem aceitos e compreendidos. Assim é a Umbanda: a religião dos simples que fala aos corações dos simplórios.

CURIOSIDADE ARQUETÍPICA

Muitos médiuns umbandistas têm uma crença arraigada de que todos os Guias Espirituais que militam na faixa vibratória de Ogum, invariavelmente, são soldados na acepção da palavra, guerreiros fardados, musculosos, com roupagens romanas etc. Até já presenciamos médiuns que diziam estar com um “Ogum”, posicionando o corpo de uma forma, imitando um halterofilista; outros, dava-nos a impressão de estarmos diante de um robô. Aliás, não vemos Ogum como um Orixá da guerra, mas sim, como Orixá da paz, pois onde há Lei, existe paz; é uma força de Deus que coloca paz no caos.

Não atentaram para o fato de que os Espíritos obreiros da Umbanda militam numa faixa vibratória Orixá por afinidades; os Guias Espirituais utilizam de roupagens e posturas fluídicas arquetípicas simbólicas de apresentação. Os Protetores Espirituais utilizam a roupagem de sua última encarnação, usando como arquétipo fatores regionais. Linha de trabalho espiritual determina somente posturas arquetípicas.

Apresentaremos dois Espíritos vibrados pelo Poder Reinante Ogum do Divino Criador. Vejam que eles se apresentam fluidicamente como orientais e não com arquétipos de soldados e/ou guerreiros.

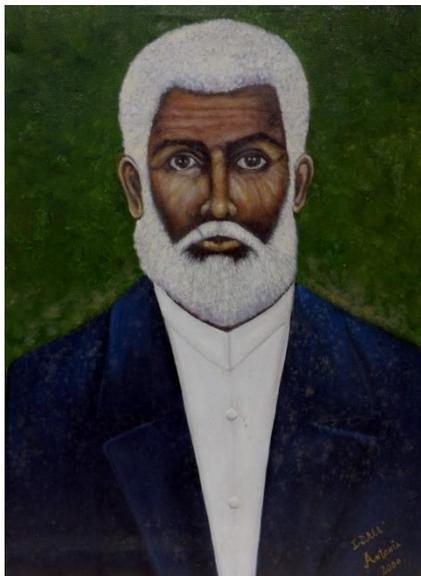
Também apresentaremos dois Espíritos Guias Caboclos da Mata Demandadores (Capitães de Demanda), vibrados pelo Poder Reinante Xangô do Divino Criador. Vejam que eles se apresentam fluidicamente como negros africanos; são Guias Caboclos da Mata, mas, não utilizam o arquétipo (forma) de apresentação de índios brasileiros como o nome sugere, mas sim, da Linha de Trabalho Espiritual.



O 1º Espírito da vibratória de Ogum que se tem notícia documentada, a se manifestar na Umbanda, foi o Sr. **Orixá Malett** (no grau de Orixá Mediador), em 1913 (foi um príncipe Malaio). Capitão de Demanda da “Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade”.



Ogum Timbiri, em 1935 (foi um Mestre Himalaico). Capitão de Demanda da “Tenda Espírita São Jorge”, uma das sete Tendias fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas.



Pai Caboclo. Nascido em África, trazido ao Brasil, mantido como escravo em Minas Gerais até sua desencarnação com 112 anos. Capitão de Demanda da “Casa de Caridade Pai Matheus” (de 1937 a 1993), atual “Templo da Estrela Azul – Casa de Caridade Umbandista”.



Pai Serra Brava, Mouro, nascido no norte da África. Quando encarnado foi um Imã muçulmano maliquita. Capitão de Demanda do “Templo da Estrela Azul – Casa de Caridade Umbandista”, a partir de 1993.

Importante: O Comando geral da Umbanda seja em nível da religião, Terreiros, ou mesmo o comando mediúnico de médiuns, é todo formado pelas Linhas Mestras de Trabalhos Espirituais dos Guias Caboclos da Mata e dos Guias Pretos-Velhos. Só eles assumem posição de comando em todos os setores da Umbanda.

As Linhas Auxiliares de Trabalhos Espirituais (Protetores Baianos, Protetores Caboclos Sertanejos, Protetores Caboclos D'Água e Protetores Ciganos) são coadjuvantes dos Guias Espirituais; somente realizam missões auxiliando os Guias Caboclos da Mata e os Guias Pretos-Velhos. Os Espíritos Tarefairos (Exus e Pombas-Gira da Lei) só atuam por empreitadas, não tendo autonomia irrestrita para atuarem.

Vamos a um trecho elucidativo e afirmativo do que dissemos, dito pelo Senhor José Álvares Pessoa (Capitão Pessoa), filho espiritual de Zélio de Moraes, dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo, uma das sete Tendências fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas: “... *O que ele deseja* (nota do autor: Caboclo das Sete Encruzilhadas), *entretanto, é que este ritual de Umbanda, humilde, mas cheio de luz, seja nivelado ao ritual elevado das grandes religiões e isento de toda inferioridade e da prática de coisas inúteis e perniciosas. O que deseja, sobretudo, é que este ritual seja praticado apenas por Guias autorizados, porque não são todos Espíritos que baixam nos Terreiros que se acham à altura de praticá-lo...*” (1942).

Observaram que o Capitão Pessoa disse: “...” *este ritual seja praticado apenas por Guias autorizados, porque não são todos Espíritos que baixam nos Terreiros que se acham à altura de praticá-lo...*”. Pela observação do Capitão Pessoa, é patente que já existiam atuações de outros Espíritos na Umbanda, dentre os quais, atualmente, nominamos de Linhas Auxiliares de Trabalhos Espirituais (Protetores Caboclos Sertanejos, Protetores Caboclo D'Água, Protetores Baianos, e Ciganos), mas, somente os Guias Caboclos da Mata e os Guias Pretos-Velhos são autorizados e tem o poder de comando na Umbanda em todos os sentidos.

Em época de Zélio de Moraes, em suas Tendências, somente atuavam mediunicamente em atendimentos fraternos, Guias Caboclos da Mata e Guias Pretos-Velhos e mais nenhum. Os Protetores Caboclos Sertanejos e os Protetores Caboclos D'Água trabalhavam integrados, juntamente com os Guias Caboclos da Mata; os Protetores Baianos trabalhavam integrados, juntamente com os Guias Pretos-Velhos, em desopressões, descarregos e processos demandatórios. Os Guias Curadores já existiam como “Corrente da Medicina do Espaço”. Os Protetores Ciganos integraram massivamente, em alguns Terreiros de Umbanda, a partir da década de 1990, embora já atuassem anteriormente. Temos, documentado, a participação dos Espíritos de Ciganos, já, na década de 1970; numa reportagem de Lilian Ribeiro em 1972, comprova isso; assim diz: “(...) *E, com o correr dos tempos, o conceito “daí de graça o que de graça recebestes”, foi esquecido naqueles locais, sendo substituído pelos cartazes que estipulam preço para “consultas” de Pretos-Velhos, de Exu e das “Ciganas” (...)*”.

“Linhas de Trabalhos Espirituais” são somente “*uma séria de pessoas dispostas à realização de atividades para alcançar um determinado fim ou propósito*”. Não quer dizer que são somente compostas por Espíritos que quando encarnados foram o que sugerem diretamente a “Linha”; São somente arquétipos. As Linhas de Trabalhos Espirituais realizam um labor específico perante a humanidade e é composta por Espíritos especializados em tais misteres. Protetores Caboclos Sertanejos, Protetores Caboclos D'Água, os Protetores Baianos e os Protetores Ciganos, mantêm em sua forma fluídica as características corporais de sua última encarnação, mas isso não quer dizer que foram o que sugere a Linha de Trabalho. Ex: Um Espírito Caboclo Sertanejo (Boiadeiro) em sua manifestação mediúnica se apresenta com a aparência que tinha em última encarnação, mas, não quer dizer que necessariamente teve como ofício ser um boiadeiro errante; entendamos que, nesse caso, “boiadeiro” é um arquétipo regional utilizado pela Umbanda como postura (dramatização) representativa.

Alguns Terreiros não têm Sessões exclusivas de Protetores Caboclos Sertanejos e de Protetores Caboclos D'Água, que trabalham integrados com os Guias Caboclos da Mata. O mesmo se aplica aos Protetores Baianos, que trabalham integrados aos Guias Pretos-Velhos. Muitos Terreiros não trabalham com a Linha Secundária dos Ciganos e nem dos Guias Curadores (atuando em trabalhos específicos de cura).

Na realidade, nem todos os médiuns trabalham com todas as Linhas Auxiliares (Caboclos Sertanejos, Caboclos D'Água e Baianos) ou secundária (Ciganos). É um grande erro quando dizem: “*eu incorporo todas as Linhas*”, ou, “*eu incorporo as 07 Linhas*”; isso é orgulho desnecessário; é equívoco. Quando, no Terreiro, invoca-se uma Linha Auxiliar e o médium que não tem esse Protetor Espiritual ligado em sua mediunidade, com certeza manifestará um Guia Espiritual da Linha Mestra que efetuará o trabalho normalmente. Isso não quer dizer que o médium que não possui um Protetor de alguma Linha Auxiliar em sua mediunidade encontra-se em defasagem ou incompleto; lego engano. Temos Espíritos nos auxiliando mediunicamente todos ligados à nossa evolução espiritual, bem como o trabalho que realizaremos, e é o que necessitamos. Se todos os médiuns acharem que tem que manifestarem em suas mediunidades todas as Linhas de Trabalhos Espirituais particularmente, podem incorrer no erro do animismo exacerbado ou mesmo mistificação. Acontece muito de o médium, por crença, achar que está com um Espírito de alguma Linha Auxiliar, e na verdade está com um Guia da Linha Mestra fazendo-se passar pelo da Linha Auxiliar, pela desinformação e incompreensão do mediano.

Devido à necessidade de trabalhos do Terreiro em si, geralmente, o médium dirigente manifesta particularmente todas as Linhas de Trabalhos Espirituais não como mérito ou evolução, mas somente pelo fato de “dirigir” um Templo e por necessidade das tarefas efetuadas.

Raciocinem conosco: Para que tantos Espíritos Guias e Protetores trabalhando num médium? Se tivéssemos um só Espírito Guia, com certeza, quando esse necessita-se de algo fora de suas atribuições, mentalmente ele pediria auxílio a algum entendido no assunto, e, ele mesmo nos daria a solução.

Pensando assim, podemos então atentar que a presença de vários Espíritos militando espiritualmente num médiano, é tão somente pelo fato da necessidade, devido aos trabalhos efetuados, e não somente porque o médium é evoluído e por isso tem que ter a assistência de vários Espíritos. Mais uma vez insistimos: Achar que tem que manifestar mediunicamente todas as Linhas de Trabalhos Espirituais, é orgulho; é empáfia; é soberbia; é presunção.

Vejam o médium Chico Xavier: Seu mentor era somente o Espírito de Emmanuel, mas, diversos outros Espíritos militavam em sua mediunidade com missões específicas, quando necessário, auxiliando o Espírito Guia do médium. Assim o é com o médium Divaldo Pereira Franco; sua mentora é somente a freira Joanna de Angelis.

Zélio Fernandino de Moraes tinha como mentor o Caboclo das Sete Encruzilhadas que trabalhava em atendimentos fraternos. Tinha Pai Antônio que trabalhava em processos de cura. Tinha o Orixá Mallet que trabalhava em descarregos e desmanches de magias negras, somente. Zélio de Moraes nunca manifestou um Tarefaíro e nem um Protetor Caboclo Sertanejo, Caboclo D'Água, Baiano ou Cigano.

A Mãe Alice, nossa avó materna, fundadora do “Templo da Estrela Azul – Casa de Caridade Umbandista” em 1937, tinha o dom paranormal da mediunidade inconsciente. Tinha como mentor um Guia Espiritual Preto-Velho. Em trabalhos de descarrego (desobsessão) tinha um Caboclo Demandador. Em trabalhos demandatórios e desmanche de magias negras tinha um “Caboclo da Mata Lanceiro da Umbanda”. Em trabalho de cura tinha um Guia Espiritual do Oriente. Manifestava um Guia Espiritual Criança e uma Tarefaíra. Jamais vimos manifestar na mediunidade de Mãe Alice um Protetor Caboclo Sertanejo, Caboclo D'Água, Baiano ou Cigano; estes atuavam nos bastidores, como auxiliares dos Guias Espirituais.

As Linhas Auxiliares e Secundária de Trabalhos Espirituais, e a Linha de Trabalhos Espirituais dos Curadores vêm para trabalharem num médium pela necessidade dos trabalhos efetuados e nunca por “evolução” do médiano.

Um umbandista trabalhando como médium ostensivo, tem em sua mediunidade a cobertura espiritual em trabalhos caritativos, a presença de um Guia Caboclo(a) da Mata, de um Guia Preto(a)-Velho(a), de um Guia Criança e de um Tarefaíro(a). Como Mentor Espiritual (o Espírito que o guiará em sua jornada mediúnica), terá, ou um Caboclo da Mata, ou um Preto-Velho; raramente terá como Mentor uma Guia da Linha do Oriente, e nunca terá como Mentor uma Criança, ou um Protetor (Baiano, Caboclo Sertanejo, Caboclo D'Água ou Cigano), e jamais terá, como mentor, um Tarefaíro.

Retirando o animismo, muitas vezes vicioso, qual parâmetro que temos para saber se estamos sendo médianos de reais Guias e Protetores Espirituais, os Mensageiros do Senhor, os Espíritos Tutelares, as Santas Almas Benditas, os Espíritos Santos de Deus? Fácil, Leiam com atenção a seguinte mensagem:

ESPÍRITOS DA LUZ

Parafrazeando a luminosa definição do apóstolo Paulo, em torno da caridade, no capítulo treze da primeira epístola aos coríntios, ousaremos aplicar os mesmos conceitos aos Espíritos benevolentes e sábios que nos tutelam a evolução.

Ainda que falássemos a linguagem das trevas e não possuíssemos leve raio de entendimento – não passaríamos para eles de pobres irmãos necessitados de luz.

Ainda que nos demorássemos na vocação do crime, caindo em todas as faltas e retendo todos os vícios, a ponto de arrojarem-se, por tempo indeterminado, nos últimos despenhadeiros do mal, para nosso próprio infortúnio – não seríamos para eles senão criaturas infelizes, carecentes de amor.

Ainda que dissipássemos todas as nossas forças no terreno da culpa e dedicássemos a vida ao exercício da crueldade, sem a mínima noção do próprio dever – isso seria para eles tão-somente motivo a maior compaixão.

Os Espíritos da Luz são pacientes.

Em todas as manifestações são benignos.

Não invejam.

Não se orgulham.

Não mostram leviandade.

Não se ensoberbecem.

Não se portam de maneira inconveniente.

Não se irritam.

Não são interesseiros.

Não guardam desconfiança.

Não folgam com a injustiça, mas rejubilam-se com a verdade.

Tudo suportam.

Tudo creem.

Tudo esperam.

Tudo sofrem.

A caridade deles nunca falha, enquanto para nós, um dia, as revelações gradativas terão fim, os fenômenos cessarão e as provas terminarão, por desnecessárias.

Por agora, de nós mesmos, conhecemos em parte e em parte imaginamos, entretanto, eles, os emissários do Eterno Bem, acompanham-nos com devotamento perfeito, sabendo que, em matéria de Espiritualidade, quase sempre ainda somos crianças, falamos como crianças, pensamos quais crianças e ajuizamos infantilmente.

Estão certos, porém, de que mais tarde, quando nos despojarmos das deficiências humanas, abandonaremos, então, tudo o que vem a ser pueril.

Verificaremos, assim, a grandeza deles, como a víssemos retratada em espelho, confrontando a estreiteza de nosso egoísmo com a imensurabilidade do amor com que nos assistem.

Conforta-nos, pois, reconhecer que, se ainda demonstramos fé vacilante, esperança imperfeita e caridade caprichosa, temos, junto de nós, a caridade dos mensageiros do Senhor, que é sempre maior, por não esmorecer em tempo algum.

(Trecho extraído do livro: Seara dos Médiuns – Chico Xavier, pelo Espírito de Emmanuel)

Após a mensagem, cremos ter vislumbrado tudo o que um Espírito da Luz faria e realizaria num Terreiro de Umbanda. Se sair do que foi dito, com certeza, estaremos diante do animismo ou mesmo de um Espírito imperfeito, impuro, leviano e perturbador, longe dos ensinamentos crísticos, portanto, não podendo ser um Guia ou Protetor Espiritual da Umbanda.

Vamos nos aprofundar um pouco mais sobre essa questão importantíssima, para que possamos nos vigiar, não achando que basta manifestar mediunicamente qualquer Espírito, que estamos acobertados, prontos para militar como umbandistas:

NÃO ACREDITEIS EM TODOS OS ESPÍRITOS



Diz o evangelho: *“Caríssimos, não acrediteis em todos os Espíritos, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque são muitos os falsos profetas, que se levantaram no mundo”*. (João, Epístola I, cap. IV: 1)

Essa é uma orientação segura e verdadeira, que se seguirmos não correremos o problema de aceitar como presença sagrada, os Espíritos de toda ordem, somente por serem Espíritos. Mormente na fenomenologia mediúnica umbandista, os médiuns que não estão acostumados a se doutrinarem evangelicamente, correrão um sério risco de terem como mentores e guias, Espíritos mal-intencionados, imperfeitos, galhofeiros, ignorantes, brincalhões, levianos, madraços, malandros, orgulhosos, etc. Como pode esses tipos de Espíritos serem os Espíritos Santos de Deus, os mensageiros da Espiritualidade Maior? Como poderão nos bem orientar na senda do bem? Sabemos também, que a maioria dos Espíritos militantes na Umbanda em atendimentos fraternos não são altamente evoluídos e muito menos Espíritos de luz vindo das esferas siderais. A maioria são, com certeza, Espíritos a trabalho da luz, seres que tiveram suas evoluções humanistas como nós, e hoje, estão na espiritualidade, e por amor e compaixão, voltam para nos orientar, nos auxiliar, pois muitos são nossos ancestrais consanguíneos, espirituais ou mesmo por afinidades e estão ligados a nós de uma ou outra forma.

Tornando a relembrar: o Guia Espiritual Pai João da Caridade, nosso mentor, nos disse uma vez: *“Filho; eu não sou um Espírito de luz; quem dera; Espírito “de” luz é Jesus, Mãe Maria Santíssima, o Arcanjo Miguel; eu sou tão somente um Espírito “da” luz, labutando na seara umbandista a fim de aprender um pouco mais com todos vocês. Só isso. Afinal, a ordem nos foi passada pelo Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas: “De quem sabe aprenderemos; aos que nada sabem ensinaremos e a ninguém negaremos auxílio, pois essa é a vontade do Pai”*.

Agora, um Espírito que se intitula Guia Espiritual, somente deve ser aceito como tal, se pautar toda sua doutrina, orientações e vivências, calcados nos ensinamentos crísticos. Guia Espiritual não pauta suas orientações na materialidade ilusória; Guia Espiritual não tem vaidade; Guia Espiritual não tem vícios; Guia Espiritual liberta, ama, perdoa, orienta, evangeliza.

Nós, médiuns umbandistas, devemos nos precaver contra uma classe perigosa de Espíritos; *“... É a dos Espíritos enganadores, hipócritas, orgulhosos e pseudossábios, que passaram da Terra para a erraticidade e se disfarçam com nomes veneráveis, para procurar, através da máscara que usam tornar aceitáveis as suas ideias, frequentemente as mais bizarras e absurdas. Antes que as relações mediúnicas fossem conhecidas, eles exerciam a sua ação de maneira mais ostensiva, pela inspiração, pela mediunidade inconsciente, auditiva ou de incorporação...”* (O Evangelho Segundo o Espiritismo - Capítulo 21)

A Umbanda nos oferece meios eficientes para reconhecer a presença de Espíritos menos esclarecidos manifestados num médium; características sempre morais e jamais materiais.

Um bom Espírito se reconhece pelos bons frutos que dele emanam: – *“Reconhece-se à árvore pelos seus frutos; uma boa árvore não pode dar maus frutos, e uma árvore má, não pode dar bons frutos”* (Mt 12:33). Julgam-se os Espíritos pela qualidade de suas obras, como a árvore pela qualidade de seus frutos.

Vamos às preciosas orientações colhidas em o “Livro dos Médiuns”, da Codificação Kardeciana, obra impar para a educação mediúnica; leitura e estudo obrigatório para todos os médiuns umbandistas:



Ao lermos as orientações do Pentateuco Kardeciano, dadas por Espíritos Superiores, devemos entendê-las à luz da razão, para podermos aplicá-las em nossa vida mediúnica. Temos que ter muito cuidado para não entendermos os ensinamentos tão somente nas idiossincrasias da nossa parca cultura, e julgarmos negativamente o escrito, entendendo-os como um “ataque” a nossa maneira particular de pensar e agir.

Analisemos tudo, e apliquemos, para podermos ter boas comunicações espirituais. Estas orientações precisam ser aplicadas incondicionalmente em qualquer sistema doutrinário, filosófico ou religioso mediúnico. Se não atentarmos para estes princípios, estaremos sujeitos a mistificações ou mesmo servirmos de repasto a Espíritos mal-intencionados.

Não nos esqueçamos que o Espiritismo não é religião; é uma Ciência do Espírito. A Umbanda é uma Modalidade de Espiritismo. Por isso, o Caboclo das Sete Encruzilhadas enfatizava o estudo sistemático do Pentateuco Kardeciano.

Parafrazeando Torres Pastorinho:

Para podermos interpretar com segurança um texto doutrinário, é mister:

- 1º) Isenção de preconceitos;
- 2º) Mente livre, não subordinada a dogmas;
- 3º) Inteligência humilde para entender o que realmente está escrito, e não querer impor ao escrito o que se tem em mente;
- 4º) Raciocínio perquiridor e sagaz;
- 5º) Cultura ampla e polimorfa, mas, sobretudo; e,
- 6º) Coração desprendido (puro) e unido a Deus.

RECONHECENDO AS QUALIDADES DOS ESPÍRITOS

Cap. 24 – IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

AS PROVAS POSSÍVEIS DE IDENTIDADE

COMO DISTINGUIR OS ESPÍRITOS BONS E MAUS

PERGUNTAS SOBRE A NATUREZA E A IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

AS PROVAS POSSÍVEIS

255. A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, mesmo entre os adeptos do Espiritismo. Porque os Espíritos de fato não trazem nenhum documento de identificação e sabe-se com que facilidade alguns deles usam nomes emprestados. Esta é, portanto, depois da obsessão, uma das maiores dificuldades da prática espírita. Mas em muitos casos a questão da identidade absoluta é secundária e desprovida de importância real.

A mais difícil de se constatar é a identidade de personagens antigas, que muitas vezes se torna mesmo impossível, reduzindo-se a uma possibilidade de apreciação puramente intelectual. Julgamos os Espíritos, como os homens, pela linguagem. Se um Espírito se apresenta, por exemplo, com o nome de Fénelon, dizendo trivialidades e puerilidades, é evidente que não pode ser ele. Mas se as coisas que diz são dignas do caráter de Fénelon e não o contradizem, temos uma prova, senão material, pelos menos de grande possibilidade moral de que seja ele. É, sobretudo, nesses casos, que a identidade real se torna uma questão secundária: desde que o Espírito só diz boas coisas, pouco importa o nome que esteja usando.

Há sem dúvida a objeção de que um Espírito que tomasse nome suposto, mesmo que só para o bem, não deixaria de cometer uma fraude e por isso não poderia ser bom. É neste ponto que surgem questões delicadas, difíceis de se compreender, e que vamos tentar desenvolver.

256. À medida que os Espíritos se purificam e se elevam na hierarquia, as características distintivas de sua personalidade desaparecem, de certa maneira, na uniformidade da perfeição, mas nem por isso deixam eles de conservar a sua individualidade. É o que se verifica com os Espíritos Superiores e os Espíritos Puros.

Nessa posição, o nome que tiveram na Terra, numa das mil existências corporais efêmeras por que passaram, nada mais significa. Notemos ainda que os Espíritos se atraem mutuamente pela semelhança de suas qualidades, constituindo grupos ou famílias simpáticas.

Se considerarmos, por outro lado, o número imenso de Espíritos que, desde a origem dos tempos, deve haver atingido os planos mais elevados, e se compararmos ao número tão restrito de homens que deixaram na Terra um grande nome, compreenderemos que entre os Espíritos Superiores que podem comunicar-se a maioria não deve ter nomes para nós. Mas, como precisamos de nomes para fixar as nossas ideias, eles podem tomar o de um personagem conhecido, cuja natureza mais se identifique com a deles.

É assim que os nossos anjos guardiões se fazem conhecer, na maioria das vezes, pelo nome de um santo que veneramos, escolhendo geralmente o do santo de nossa preferência. Dessa maneira, se o anjo guardião de uma pessoa dá o nome de São Pedro, por exemplo, não há nenhuma prova material de tratar-se do apóstolo. Tanto pode ser ele como um Espírito inteiramente desconhecido, pertencente à família de Espíritos a que São Pedro pertence. Acontece ainda que, seja qual for o nome pelo qual se invoque o anjo guardião, ele atenderá ao chamado porque é atraído pelo pensamento e o nome lhe é indiferente. (1)

O mesmo se verifica todas as vezes que um Espírito superior se comunica usando o nome de um personagem conhecido. Nada prova que seja precisamente o Espírito desse personagem. Mas se ele nada diz, no seu ditado espontâneo, que desminta a elevação espiritual do nome citado, existe a presunção de que seja ele. E em todos esses casos se pode dizer que, se não é ele, deve ser um Espírito do mesmo grau ou talvez mesmo um seu enviado. Em resumo: a questão do nome é secundária, podendo-se considerar o nome como simples indício do lugar que o Espírito ocupa na Escala Espírita. (Ver o nº 100 de O Livros dos Espíritos).

A situação é outra quando um Espírito de ordem inferior se enfeita com um nome respeitável para se fazer acreditar. E esse caso é tão comum que não seria demais manter-se em guarda contra esses embustes.

Porque é graças a nomes emprestados, e, sobretudo, com a ajuda da fascinação, que certos Espíritos sistemáticos, mais orgulhosos do que sábios, procuram impingir as ideias mais ridículas. (2)

Assim a questão da identidade, como dissemos, é mais ou menos indiferente quando se trata de instruções gerais, desde que os Espíritos mais elevados podem substituir-se mutuamente sem que isso acarrete consequências. Os Espíritos Superiores constituem, por assim dizer, uma coletividade, cujas individualidades nos são, com poucas exceções, completamente desconhecidas. O que nos interessa não são as pessoas, mas o ensino. Ora, se o ensino é bom, pouco importa que venha de Pedro ou de Paulo. Devemos julgá-lo pela qualidade e não pelo nome. Se um vinho é mau, não é a etiqueta que o faz melhor. Mas já é diferente nas comunicações íntimas, porque então é o indivíduo, ou sua pessoa mesma que nos interessa. É, pois, com razão que, nessa circunstância, se procure assegurar de que o Espírito manifestante é realmente o que se deseja.

257. A identidade é muito mais fácil de constatar quando se trata de Espíritos contemporâneos, cujos hábitos e caráter são conhecidos. Porque são precisamente esses hábitos, de que ainda não tiveram tempo de se livrar, que nos permitem reconhecê-los. E digamos logo que são eles um dos sinais mais certos de identidade. (3)

O Espírito pode, sem dúvida, dar suas provas através das perguntas que lhe fazem, mas isso quando lhe convém. Em geral o pedido nesse sentido o magoa, pelo que devemos evitar fazê-lo. Deixando o corpo o Espírito não se despoja da sua suscetibilidade. Toda pergunta para pô-lo à prova o aborrece.

Há perguntas que ninguém lhe faria em vida, com medo de faltar às conveniências. Por que tratá-lo com menos consideração após a morte? Se um homem se apresenta num salão declinando o seu nome, irá alguém lhe pedir documentos à queima roupa, sob o pretexto de que há impostores? Esse homem teria o direito de lembrar ao interrogante as regras de civilidade. É o que fazem os Espíritos que não respondem ou que se retiram.

Tomemos um exemplo, para comparação. Suponhamos que o astrônomo Arago, quando vivo, se apresentasse numa casa em que não o conheciam e fosse recebido assim: *“Dizeis que sois Arago, mas como não vos conhecemos, desejamos que o proveis respondendo às nossas perguntas: resolvei este problema de astronomia; dai-nos o vosso nome, prenome e os de vossos filhos; dizei o que fazeis em tal dia, há tal hora etc.”*. O que ele responderia? Pois bem, como Espírito fará o que faria quando vivo, e os outros Espíritos farão o mesmo.

258. Recusando-se a responder perguntas pueris e absurdas que não lhes fariam quando vivos, os Espíritos, entretanto, frequentemente dão provas espontâneas e irrecusáveis de sua identidade. Isso pela revelação do próprio caráter através da linguagem, pelo emprego de expressões que lhes eram familiares, pela referência a alguns fatos significativos e de particularidades de sua vida, às vezes desconhecidas dos assistentes, cuja veracidade se pode verificar.

As provas de identidade ressaltam ainda de muitas circunstâncias imprevistas que nem sempre surgem no primeiro momento, mas, na sequência das manifestações. É conveniente, pois, esperá-las ao invés de as provocar, observando-se cuidadosamente toda as que possam provir da natureza das comunicações.

259. Um meio às vezes usado com sucesso para assegurar a identidade, quando o Espírito se torna suspeito, é o de fazê-lo afirmar em nome de Deus todo poderoso que é ele mesmo. Acontece muitas vezes que o usurpador recua diante do sacrilégio. Depois de haver começado a escrever: *Afirmo em nome de...* para e risca encolerizados traços sem significação ou quebra o lápis. Sendo mais hipócrita, contorna o problema através de uma omissão, escrevendo, por exemplo: *Eu vos certifico que digo a verdade; ou ainda: Atesto, em nome e Deus, que sou eu mesmo quem vos falo etc.*

Mas há os que não são assim escrupulosos e juram por tudo o que se quiser. Um deles se comunicava com um médium dizendo-se o próprio Deus, e o médium, muito honrado com tão elevada graça, não hesitou em acreditar. Evocado por nós, não ousou sustentar a impostura e disse: *Eu não sou Deus, mas sou seu filho. – Então sois Jesus? Isso não é provável porque Jesus está muito elevado para empregar subterfúgios. Ousais afirmar, em nome de Deus, que és o Cristo? – Eu não disse que sou Jesus, disse que sou filho de Deus, porque sou uma das suas criaturas.*

Deve-se concluir disso que a recusa de um Espírito em afirmar a sua identidade em nome de Deus é sempre uma prova de que usa de impostura, mas que a afirmação nos dá apenas uma presunção e não uma prova da identidade.

260. Pode-se também colocar entre as provas de identidade a semelhança de caligrafia e de assinatura. Mas além de não ser dado a todos os médiuns obter esse resultado, ele nem sempre representa uma garantia suficiente. Há falsários no mundo dos Espíritos, como no nosso. Essa semelhança não representa mais do que uma presunção de identidade, que só adquire valor dentro das circunstâncias em que se produziu.

O mesmo se dá com todos os sinais materiais que alguns dão como talismãs inimitáveis pelos Espíritos mentirosos.

Para aqueles que ousam perjurar em nome de Deus ou imitar uma assinatura, nenhum signo material pode representar obstáculo maior. A melhor de todas as provas de identidade está na linguagem e nas circunstâncias imprevistas.

261. Certamente se dirá que se um Espírito pode imitar uma assinatura, pode também imitar a linguagem. É verdade. Temos visto os que tomam afrontosamente o nome do Cristo e para melhor enganar imitam o estilo evangélico excedendo-se nas expressões mais conhecidas: *Em verdade vos digo*. Mas quando se estuda o texto sem se deixar influenciar, perscrutando o fundo dos pensamentos e o alcance das expressões, vendo-se ao lado das belas máximas de caridade recomendações pueris e ridículas, seria preciso que se esteja fascinado para se enganar. Sim, certos aspectos formais da linguagem podem ser imitados, mas não o pensamento. A ignorância jamais imitará o verdadeiro saber, como jamais o vício imitará a verdadeira virtude. Sempre aparecerá de algum lado a ponta da orelha.

É então que o médium e o evocador devem usar de toda a sua perspicácia e raciocínio para separar a verdade da mentira. Deve persuadir-se de que os Espíritos perversos são capazes de todas as trapaças e de que, quanto mais elevado for o nome usado, mais desconfiança deve provocar. Quantos médiuns têm recebido comunicações apócrifas assinadas por Jesus, Maria ou algum santo venerado! (4)

DISTINÇÃO ENTRE OS ESPÍRITOS BONS E MAUS

262. Se a perfeita identificação dos Espíritos é, em muitos casos, uma questão secundária, sem importância, não se dá o mesmo com a distinção entre os Espíritos bons e maus. Sua individualidade pode ser-nos indiferente, mas a sua qualidade jamais.

Em todas as comunicações instrutivas é sobre esse ponto que devemos concentrar nossa atenção, pois só ele pode nos dar a medida da confiança que podemos ter no Espírito manifestante, seja qual for o nome com que se apresente. O Espírito que se manifesta é bom ou mau? A que grau da escala espírita pertence? Essa a questão capital. (Ver Escala Espírita abaixo)

263. Julgamos os Espíritos, já o dissemos, pela linguagem, como julgamos os homens. Suponhamos que um homem receba vinte cartas de pessoas que não conhece. Pelo estilo, pelas ideias, por numerosos indícios julgará quais são as instruídas e quais as ignorantes, educadas ou sem educação, profundas, frívolas, orgulhosas, sérias, levianas, sentimentais etc. Acontece o mesmo com os Espíritos. Devem considerá-los como correspondentes que nunca vimos e perguntar o que pensaríamos da cultura e do caráter de um homem que dissesse ou escrevesse aquelas coisas. Podemos tomar como regra invariável e sem exceção que a linguagem dos Espíritos corresponde sempre ao seu grau de elevação.

Os Espíritos realmente superiores não se limitam apenas a dizer boas coisas, mas as dizem em termos que excluem absolutamente qualquer trivialidade. Por melhores que sejam essas coisas, se forem manchadas por única expressão de baixaza temos um sinal indubitável de inferioridade. E com mais forte razão se o conjunto da comunicação ferir as conveniências por sua grosseria.

A linguagem revela sempre a sua origem, seja pelo pensamento ou pela forma. Assim, mesmo que um Espírito quisesse enganar-nos com a sua pretensa superioridade, bastaria conversarmos algum tempo com ele para o julgarmos.

264. A bondade e a afabilidade são também atributos essenciais dos Espíritos depurados. Eles não alimentam ódio nem para com os homens nem para com os demais Espíritos. Lamentam as fraquezas e criticam os erros, mas sempre com moderação, sem amarguras nem animosidades. Se admitirmos que os Espíritos verdadeiramente bons só podem querer o bem e dizer boas coisas, concluiremos que tudo o que, na linguagem dos Espíritos, denote falta de bondade e afabilidade não pode provir de um Espírito bom.

265. A inteligência está longe de ser um sinal seguro de superioridade, porque a inteligência e a moral nem sempre andam juntas. Um Espírito pode ser bom, afável e ter conhecimentos limitados, enquanto um Espírito inteligente e instruído pode ser moralmente bastante inferior. (5)

Geralmente se pensa que interrogando o Espírito de um homem que foi sábio na Terra, em certa especialidade, obtém-se a verdade com mais segurança. Isso é lógico, e não obstante nem sempre é certo. A experiência demonstra que os sábios, tanto quanto os outros homens, sobretudo os que deixaram a Terra há pouco, estão ainda sob o domínio dos preconceitos da vida corpórea, não se livrando imediatamente do espírito de sistema. Pode assim acontecer que, influenciados pelas ideias que alimentaram em vida e que lhes deram a glória, vejam com menos clareza do que supomos. Não damos este princípio como regra. Longe disso. Advertimos apenas que isso acontece e que, por conseguinte, sua sabedoria humana nem sempre é uma garantia de sua infalibilidade como Espíritos.

266. Submetendo-se todas as comunicações a rigoroso exame, sondando e analisando suas ideias e expressões, como se faz ao julgar uma obra literária – e rejeitando sem hesitação tudo o que for contrário à lógica e ao bom senso, tudo o que desmente o caráter do Espírito que se pensa estar manifestando, — consegue-se desencorajar os Espíritos mistificadores que acabam por se afastar, desde que se convençam de que não podem nos enganar.

Repetimos que este é o único meio, mas é infalível porque não existe comunicação má que resista a uma crítica rigorosa. (6) Os Espíritos bons jamais se ofendem, pois eles mesmos nos aconselham a proceder assim e nada têm a temer do exame. Somente os maus se melindram e procuram dissuadir-nos, porque têm tudo a perder. E por essa mesma atitude provam o que são.

Eis o conselho dado por São Luís a respeito: *“Por mais legítima confiança que vos inspirem os Espíritos dirigentes de vossos trabalhos, há uma recomendação que nunca seria demais repetir e que deveis ter sempre em mente aos vos entregar aos estudos: a de pensar e analisar, submetendo ao mais rigoroso controle da razão todas as*

comunicações que receberdes; a de não negligenciar, desde que algo vos pareça suspeito, duvidoso ou obscuro, de pedir as explicações necessárias para formar a vossa opinião”.

267. Podemos resumir os meios de reconhecer a qualidade dos Espíritos nos seguintes princípios:

- 1) Não há outro critério para se discernir o valor dos Espíritos senão o bom senso. Qualquer fórmula dada pelos próprios Espíritos, com esse fim, é absurda e não pode provir de Espíritos Superiores.
- 2) Julgamos os Espíritos pela sua linguagem e as suas ações. As ações dos Espíritos são os sentimentos que eles inspiram e os conselhos que dão.
- 3) Admitido que os Espíritos bons só podem dizer e fazer o bem, tudo o que é mau não pode provir de um Espírito bom.
- 4) A linguagem dos Espíritos Superiores é sempre digna, elevada, nobre, sem qualquer mistura de trivialidade. Eles dizem tudo com simplicidade e modéstia, nunca se vangloriam, não fazem jamais exibição do seu saber nem de sua posição entre os demais. A linguagem dos Espíritos inferiores ou vulgares é sempre algum reflexo das paixões humanas. Toda expressão que revele baixaza, autossuficiência, arrogância, fanfarronice, mordacidade é sinal característico de inferioridade. E de mistificação, se o Espírito se apresenta com um nome respeitável e venerado.
- 5) Não devemos julgar os Espíritos pelo aspecto formal e a correção do seu estilo, mas sondar-lhes o íntimo, analisar suas palavras, pesá-las friamente, maduramente e sem prevenção. Toda falta de lógica, de razão e de prudência não pode deixar dúvida quanto à sua origem, qualquer que seja o nome de que o Espírito se enfeite.
- 6) A linguagem dos Espíritos elevados é sempre idêntica, se não quanto à forma, pelo menos quanto à substância. As ideias são as mesmas, sejam quais forem o tempo e o lugar. Podem ser mais ou menos desenvolvidas segundo as circunstâncias, as dificuldades ou facilidade de se comunicar, mas não serão contraditórias. Se duas comunicações com o mesmo nome se contradizem, uma das duas é evidentemente apócrifa. A verdadeira será aquela que nada desminta o caráter conhecido do personagem. Entre duas comunicações assinadas, por exemplo, por São Vicente de Paulo, uma pregando a união e a caridade e outra tendendo a semear a discórdia, não há pessoa sensata que possa enganar-se.
- 7) Os Espíritos bons só dizem o que sabem, calando-se ou confessando a sua ignorância sobre o que não sabem. Os maus falam de tudo com segurança, sem se importar com a verdade. Toda heresia científica notória, todo princípio que choque o bom senso revela a fraude, se o Espírito se apresenta como esclarecido.
- 8) Os Espíritos levianos são ainda reconhecidos pela facilidade com que predizem o futuro e se referem com precisão a fatos materiais que não podemos conhecer. Os Espíritos bons podem fazer-nos pressentir as coisas futuras, quando esse conhecimento for útil, mas jamais precisam as datas. Todo anúncio de acontecimentos para uma época certa é indício de mistificação.(7)
- 9) Os Espíritos Superiores se exprimem de maneira simples, sem prolixidade. Seu estilo é conciso, sem excluir a poesia das ideias e das expressões, claro, inteligível a todos, não exigindo esforço para a compreensão. Eles possuem a arte de dizer muito em poucas palavras, porque cada palavra tem o seu justo emprego. Os Espíritos inferiores ou pseudossábios escondem sob frases empolgadas o vazio das ideias. Sua linguagem é frequentemente pretenciosa, ridícula ou ainda obscura, a pretexto de parecer profunda.
- 10) Os Espíritos bons jamais dão ordens: não querem impor-se, apenas aconselham e se não forem ouvidos se retiram. Os maus são autoritários, dão ordens, querem ser obedecidos e não se afastam facilmente. Todo Espírito que se impõe trai a sua condição. São exclusivistas e absolutos nas suas opiniões e pretendem possuir o privilégio da verdade. Exigem a crença cega e nunca apelam para a razão, pois sabem que a razão lhes tiraria a máscara.
- 11) Os Espíritos bons não fazem lisonjas. Aprovam o bem que se faz, mas sempre de maneira prudente. Os maus exageram nos elogios, excitam o orgulho e a vaidade, embora pregando a humildade, e procuram exaltar a importância pessoal daqueles que desejam conquistar.
- 12) Os Espíritos Superiores mantêm-se, em todas as coisas, acima das puerilidades formais. Os Espíritos vulgares são os únicos que podem dar importância a detalhes mesquinhos, incompatíveis com as ideias verdadeiramente elevadas. Toda prescrição meticulosa é sinal certo de inferioridade e mistificação de parte de um Espírito que toma um nome pomposo.

- 13) Devemos desconfiar dos nomes bizarros e ridículos usados por certos Espíritos que desejam impor-se à credulidade. Seria extremamente absurdo tomar esses nomes a sério.
- 14) Devemos igualmente desconfiar dos Espíritos que se apresentam com muita facilidade usando nomes bastante venerados, e só com muita reserva aceitar o que dizem. Nesses casos, sobretudo, é que um controle se torna indispensável. Porque é frequentemente a máscara que usam para levar-nos a crer em pretensas relações íntimas com Espíritos excelsos. Dessa maneira eles lisonjeiam a vaidade do médium e se aproveitam dela para o induzirem a atos lamentáveis e ridículos.
- 15) Os Espíritos bons são muito escrupulosos no tocante às providências que podem aconselhar. Em todos os casos têm apenas em vista um fim sério e eminentemente útil. Devemos, pois, encarar como suspeitas todas aquelas que não tenham esse caráter ou sejam condenáveis pela razão, refletindo maduramente antes de adotá-las, pois do contrário nos exporemos a mistificações desagradáveis.
- 16) Os Espíritos bons são também reconhecíveis pela sua prudente reserva no tocante às coisas que possam comprometer-nos. Repugna-lhes desvendar o mal. Os Espíritos levianos ou malfazejos gostam de expô-lo. Enquanto os bons procuram abrandar os erros e pregam a indulgência, os maus os exageram e sopram a discórdia por meio de pérfidas insinuações.
- 17) Os Espíritos bons só ensinam o bem. Toda máxima, todo conselho que não for estritamente conforme a mais pura caridade evangélica não pode provir de Espíritos bons.
- 18) Os Espíritos bons só dão conselhos perfeitamente racionais. Toda recomendação que se afaste da linha reta do bom senso ou das leis imutáveis da Natureza acusa a presença de um Espírito estrito e, portanto, pouco digno de confiança.
- 19) Os Espíritos maus ou simplesmente imperfeitos ainda se revelam por sinais materiais que a ninguém poderão enganar. A ação que exercem sobre o médium é às vezes violenta, provocando movimentos bruscos e sacudidos, uma agitação febril e convulsiva que contrasta com a calma e a suavidade dos Espíritos bons.

(Nota do autor: aqui, Kardec se refere aos movimentos efetuados durante as manifestações dos Espíritos, no caso, bruscos, sacudidos em agitação febril, ou seja, exteriorizações burlescas e grotescas. Em Umbanda existem as peculiaridades nas exteriorizações mediúnicas, mas, todas, harmoniosas, sem serem caricatas e estrambóticas, caracterizando a manifestação mediúnica umbandista. As manifestações mediúnicas na Umbanda são de uma suavidade vibrante, denotando entusiasmo e emoção, mas nunca rudes, com ares de primitivismo. Os exageros e as distorções partem do animismo vicioso do medianeiro, ou mesmo, a presença de Espíritos imperfeitos)

- 20) Os Espíritos imperfeitos aproveitam-se frequentemente dos meios de comunicação de que dispõem para dar maus conselhos. Excitam a desconfiança e a animosidade entre os que lhes são antipáticos. Principalmente as pessoas que podem desmascarar a sua impostura são visadas pela sua maldade. As criaturas fracas, impressionáveis, tornam-se alvo do seu esforço para levá-las ao mal. Usam sucessivamente os sofismas, os sarcasmos, as injúrias e até as provas materiais do seu poder oculto para melhor convencê-las, empenhando-se em desviá-las do caminho da verdade.
- 21) Os Espíritos dos que tiveram, na Terra, umas preocupações exclusivas, materiais ou morais, se ainda não conseguiram libertar-se da influência da matéria continuam dominados pelas ideias terrenas. Carregam parte dos preconceitos, das predileções e até mesmo das manias que tiveram aqui. Isso é fácil de se reconhecer pela sua linguagem.
- 22) Os conhecimentos de que certos Espíritos muitas vezes se enfeitam, com uma espécie de ostentação, não são nenhuns sinais de superioridade. A verdadeira pedra de toque para se verificar essa superioridade é a pureza inalterável dos sentimentos morais.
- 23) Não basta interrogar um Espírito para se conhecer a verdade. Devemos, antes de tudo, saber a quem nos dirige. Porque os Espíritos inferiores, pela sua própria ignorância, tratam com leviandade as mais sérias questões. Também não basta que um Espírito tenha sido na Terra um grande homem para possuir no mundo espírita a soberana ciência. Só a virtude pode, purificando-o, aproximá-lo de Deus e ampliar os seus conhecimentos.
- 24) Os gracejos dos Espíritos Superiores são muitas vezes sutis e picantes, mas nunca banais. Entre os Espíritos zombeteiros, mas que não são grosseiros, a sátira mordaz é feita quase sempre muito a propósito.
- 25) Estudando-se com atenção o caráter dos Espíritos que se manifestam, sobretudo sob o aspecto moral, reconhece-se a sua condição e o grau de confiança que devem merecer. O bom senso não se enganará.

26) Para julgar os Espíritos, como para julgar os homens, é necessário antes saber julgar-se a si mesmo. Há infelizmente muita gente que toma a sua própria opinião por medida exclusiva do bem e do mal, do verdadeiro e do falso. Tudo o que contradiz a sua maneira de ver, as suas ideias, o sistema que inventaram ou adotaram é mau aos seus olhos. Falta a essas criaturas, evidentemente, a primeira condição para uma reta apreciação: a retidão do juízo. Mas elas nem o percebem. Esse o defeito que mais enganos produz. (8)

Todas estas instruções decorrem da experiência e do ensino dos Espíritos. Completamo-las com as próprias respostas dadas por eles a respeito dos pontos mais importantes. (9)

PERGUNTAS SOBRE A NATUREZA E A IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

(Perg.268.)

1 – Por que sinais podemos reconhecer a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos?

— Pela sua linguagem, como distingues um estouvado de um homem sensato. Já dissemos que os Espíritos Superiores nunca se contradizem e só tratam de boas coisas. Só querem o bem. Essa é a sua preocupação.

— Os Espíritos inferiores estão ainda dominados pelas ideias materiais. Suas manifestações se ressentem da sua ignorância e da sua imperfeição. Só aos Espíritos Superiores é dado conhecer todas as coisas e julgá-las em paixão.

2. O conhecimento científico de um Espírito é sempre uma prova da sua elevação?

— Não, porque se ainda estivesse sob a influência da matéria pode ter os vossos vícios e preconceitos. Há pessoas que são no vosso mundo excessivamente invejosas e orgulhosas. Pensas que ao deixá-lo perdem esses defeitos? Resta-lhes, depois que partem daí, principalmente às que alimentam fortes paixões, uma espécie de atmosfera que as envolve e conserva todas essas coisas más.

— Esses Espíritos semi-imperfeitos são mais temíveis que os Espíritos maus, porque, na sua maioria, juntam a astúcia e o orgulho à inteligência. Pelo seu pretensão saber eles se impõem às pessoas simples e ignorantes, que aceitam sem exame as suas teorias absurdas e mentirosas. Embora essas teorias não possam prevalecer contra a verdade, não deixam de produzir um mal momentâneo porque entravam a marcha do Espiritismo e porque os médiuns se enganam ingenuamente quanto ao mérito das comunicações que recebem. Este o ponto que requer grande estudo de parte dos espíritos esclarecidos e dos médiuns. Para distinguir o verdadeiro do falso é que devemos convergir toda a nossa atenção. (10)

3. Muitos Espíritos protetores se apresentam com nomes de santos ou de personagens conhecidos. O que devemos pensar disso?

— Todos os nomes de santos e de personagens conhecidos não bastariam pra designar o protetor de cada criatura. São poucos os Espíritos de nomes conhecidos na Terra. É por isso que quase sempre não dão os seus nomes. Mas na maioria das vezes quereis um nome. Então, para vos satisfazer eles usam o de um homem que conheceis e que respeitais.

4. Esse empréstimo de nome não pode ser considerado uma fraude?

— Seria uma fraude se feito por um Espírito mau que desejasse enganar. Mas sendo para o bem, Deus permite que assim se faça entre os Espíritos da mesma ordem, pois entre eles existe solidariedade e similitude de pensamentos.

5. Assim, quando um Espírito protetor se apresenta como São Paulo, por exemplo, não é certo que seja o Espírito ou a alma do apóstolo desse nome?

— De maneira alguma, pois se encontram milhares de pessoas às quais disseram que têm São Paulo como anjo guardião, ou outro santo. Mas que importa, se o Espírito que vos protege é da mesma elevação do apóstolo Paulo? Já vos disse: precisais de um nome e eles se servem de um para que os chameis e os reconheçais. É como fazeis com os nomes de batismo para vos distinguir dos demais membros da família. Eles podem também tomar os nomes dos arcanjos Rafael, Miguel etc., sem que isso traga consequências.

— Aliás, quanto mais um Espírito é elevado, mais se multiplica o seu poder de irradiação. Sabei que um Espírito protetor de ordem superior pode tutelar centenas de encarnados. Entre vós, na Terra, tendes os notários que se encarregam dos negócios de cem ou duzentas famílias. Porque haveríamos de ser menos aptos, espiritualmente falando, na direção moral dos homens, do que aqueles na direção material de seus interesses?

6. Por que os Espíritos comunicantes tomam com tanta frequência nomes de santos?

— Identifica-se com os hábitos daqueles a quem dirigem-se. Tomam os nomes mais aptos a melhor impressionar o homem, de acordo com as crenças deste.

7. Certos Espíritos Superiores que se costumam evocar atendem sempre em pessoa? Ou, como pensam alguns mandatários para transmitir o seu pensamento?

— Porque não atenderiam em pessoa, se o podem? Mas se o Espírito não puder atender, em seu nome falará forçosamente um mandatário.

8. O mandatário é sempre suficientemente esclarecido para responder como o faria o próprio Espírito?

— Os Espíritos Superiores sabem a quem confiam o encargo de os substituir. Aliás, quanto mais elevados são os Espíritos, mais se harmonizam num pensamento comum, de tal maneira que para eles a personalidade é diferente, como deve ser também para vós. Pensais então que no mundo dos Espíritos Superiores só existem aqueles que conhecestes na Terra como capazes de vos instruir? Sois de tal modo levados a vos tomar por tipos universais que acreditais nada haver além do vosso mundo. Assemelhai-vos de fato aos selvagens que nunca saíram de sua ilha e pensam que o mundo não vai além dela.

9. Compreendemos que seja assim quando se trata de ensinamento sério. Mas como os Espíritos elevados permitem a Espíritos de baixa classe usarem nomes respeitáveis para semear o erro através de máximas muitas vezes perversas?

— Não é com a sua permissão que o fazem. Isso não acontece também entre vós? Os que assim enganam serão punidos, estai certos disso, e a punição será proporcional à gravidade da impostura. Aliás, se não fôsseis imperfeitos só teríeis Espíritos bons ao vosso redor. Se sois enganados, não o deveis senão a vós mesmos. Deus o permite para provar a vossa perseverança e o vosso discernimento, para vos ensinar a distinguir a verdade do erro. Se não o fazeis é porque não estais suficientemente elevados e necessitais ainda das lições da experiência.

10. Espíritos pouco adiantados, mas animados de boas intenções e do desejo de progredir não são às vezes incumbidos de substituir um Espírito superior para se exercitarem na prática do ensino?

— Jamais nos Centros importantes. Quero dizer nos Centros sérios e para um ensino de ordem geral. (11) Os que o fazem é por sua própria conta e, como dizem, para se exercitarem. É por isso que as suas comunicações, embora boas, trazem sempre a marca da sua inferioridade. Recebem essa incumbência apenas para as comunicações de segunda importância e para as que podemos chamar de pessoais.

11. As comunicações espíritas ridículas são às vezes entremeadas de boas máximas. Como resolver essa anomalia, que parece indicar a presença simultânea de Espíritos bons e maus?

— Os Espíritos maus ou levianos se metem também a sentenciar, mas sem perceberem bem o alcance ou a significação do que dizem. Todos os que o fazem entre vós são homens superiores? Não, os Espíritos bons e maus não se misturam. É pela constante uniforme das boas comunicações que reconheceréis a presença dos Espíritos bons.

12. Os Espíritos que induzem ao erro estão sempre conscientes do que fazem?

— Não. Há Espíritos bons, mas ignorantes, podem enganar-se de boa fé. Quando tomam consciência da sua falta de capacidade eles a reconhecem e só dizem o que sabem.

13. Ao dar uma falsa comunicação, o Espírito sempre o faz com má intenção?

— Não. Se for um Espírito leviano apenas se diverte a mistificar, sem outra finalidade.

14. Desde que certos Espíritos podem enganar pela linguagem, podem tomar também uma falsa aparência para os médiuns videntes?

— Isso acontece, mas é mais difícil. Em todos os casos isso somente se dá com uma finalidade que os próprios Espíritos maus desconhecem, pois servem de instrumentos para uma lição. O médium vidente pode ver os Espíritos levianos e mentirosos como os outros médiuns podem ouvi-los ou escrever sob sua influência. Os Espíritos levianos podem aproveitar-se da faculdade do médium para o enganar com uma falsa aparência. Isso depende das qualidades do próprio Espírito do médium. (12)

15. É suficiente a boa intenção para não ser enganado, e nesse caso os homens realmente sérios, que não mesclam de curiosidade leviana os seus estudos, também estariam expostos à mistificação?

— Menos do que os outros, evidentemente. Mas o homem tem sempre algumas esquisitices que atraem os Espíritos zombeteiros. Julga-se forte e quase nunca o é. Deve desconfiar, por isso mesmo, da fraqueza proveniente do orgulho e dos preconceitos. Não se levam muito em conta essas duas causas de que os Espíritos se aproveitam, pois lhes agradando as manias estão seguros de conseguir o que desejam. (13)

16. Porque Deus permite que os Espíritos maus se comuniquem e digam coisas más?

— Mesmo o que há de pior traz um ensinamento. Cabe a vós saber tirá-lo. É necessário que haja comunicações de toda espécie para vos ensinar a distinguir os Espíritos bons dos maus e para que vos sirvam de espelho.

17. Os Espíritos podem sugerir desconfiança injusta contra certas pessoas, por meio de comunicações escritas, e separar amigos?

— Os Espíritos perversos e invejosos podem praticar os males que os homens praticam. Eis porque precisamos estar sempre em guarda. Os Espíritos Superiores são sempre prudentes e reservados quando censuram: nada dizem de mal, advertem com jeito. Se quiserem que duas pessoas, no próprio interesse delas, deixem de ver-se, provocarão incidentes que as separam de maneira natural. Uma linguagem que semeia discórdia e desconfiança provém sempre de um Espírito mau, seja qual for o nome de que se sirva.

Assim, recebei sempre com reservas o que um Espírito disser de mau contra outro, sobretudo quando um Espírito bom já vos disse o contrário, e desconfiai também de vós mesmos, das vossas próprias aversões.

Das comunicações espíritas aceitai somente o que for bom, grande, belo, racional e o que a vossa consciência aprove.

18. Pela facilidade com que os Espíritos maus se infiltram nas comunicações, parece que nunca se pode estar certo da verdade?

— Sim, podeis, desde que tendes a razão para os julgar. Ao ler uma carta sabeis reconhecer muito bem se foi um grosseirão ou um homem educado, um tolo ou um sábio que a escreveu. Se recebeis uma carta de um amigo distante, o que vos prova que é dele? A letra, direis. Mas não há farsantes que imitam todas as letras e tratantes que podem conhecer os vossos negócios? Não obstante, há indícios que não vos permitem enganar. O mesmo se dá com os Espíritos. Imaginai que é um amigo que vos escreve ou que se trata da obra de um escritor. E julgai da mesma maneira.

19. Os Espíritos Superiores poderiam impedir os maus de tomarem nomes falsos?

— Certamente que o podem. Mas, quanto piores são os Espíritos, mais teimosos são e frequentemente resistem às injunções. Convém saber que há pessoas pelas quais os Espíritos Superiores se interessam mais do que por outras, e quando julgam necessários sabem preservá-las da mentira. Contra essas pessoas os mistificadores são impotentes.

20. Qual a razão dessa parcialidade?

— Isso não é parcialidade, é justiça. Os Espíritos bons se interessam pelos que aproveitam os seus conselhos e se esforçam seriamente para melhorarem. São esses os seus preferidos e os ajudam, mas pouco se importam com aqueles que os fazem perder o seu tempo em belas palavras.

21. Por que Deus permite aos Espíritos o sacrilégio de usarem falsamente nomes veneráveis?

— Poderíeis perguntar também por que Deus permite aos homens mentir e blasfemar. Os Espíritos como os homens, têm o seu livre arbítrio para o bem e para o mal, mas nem uns nem outros escaparão à justiça de Deus.

22. Há fórmulas eficazes para expulsar Espíritos mentirosos?

— Fórmula é matéria. Vale mais um bom pensamento dirigido a Deus.

23. Certos Espíritos disseram possuir sinais gráficos inimitáveis, espécies de selos pelos quais se pode reconhecer e constatar a sua identidade. Isso é verdade?

— Os Espíritos Superiores só possuem como sinais de sua identidade a elevação de suas ideias e de sua linguagem. Qualquer Espírito pode imitar um sinal material. Quanto aos Espíritos inferiores, traem-se de tantas maneiras que só um cego se deixa enganar por eles.

(nota do autor: Nesse trecho, os Espíritos Superiores referem-se somente a “sinais gráficos de identidade” (tipo assinatura), e não aos pontos riscados (Lei de Pemba), que é utilizada pelos Guias Espirituais na Umbanda, que não são “sinais de identificação”, mas sim, representam uma grafia de projeção bidimensional de símbolos que se revestem de todo o poder mágico que as forças cósmicas lhe oferecem.

24. Os Espíritos inferiores não podem imitar o pensamento?

— Imitam o pensamento como os cenários do teatro imitam a Natureza.

25. Seria assim tão fácil descobrir a fraude por um exame atento?

— Nem há dúvida. Os Espíritos só enganam os que se deixam enganar. Mas é preciso ter os olhos de joalheiro para distinguir a pedra verdadeira da falsa, e quem não sabe distingui-la procura um lapidário.

26. Há pessoas que se deixam seduzir por uma linguagem enfática, que se contentam mais com palavras do que com ideias, que chegam mesmo a tomar ideias falsas e vulgares por sublimes. Como essas pessoas, inaptas para julgar os homens, podem julgar os Espíritos?

— Quando são bastante modestas para reconhecer a sua insuficiência não se fiam em si mesmas. Quando, por orgulho, se julgam mais capazes do que são, pagam pela sua tola vaidade.

Os Espíritos mistificadores sabem a quem se dirigem. Há pessoas simples e pouco instruídas que são mais difíceis de enganar do que as espertas e sabidas. Agradando o amor-próprio eles fazem dos homens o que querem. (14)

27. Ao escrever, os Espíritos maus às vezes se traem por sinais materiais involuntários?

— Os habilidosos, não. Os inábeis se atrapalham. Qualquer sinal inútil e pueril é indício certo de inferioridade. Os Espíritos elevados não fazem nada inútil.

28. Muitos médiuns reconhecem os Espíritos bons e maus pela sensação agradável ou penosa que experimentam a sua aproximação. Perguntamos se a impressão desagradável, a agitação convulsiva, ou mal-estar enfim, são sempre indícios da natureza má dos Espíritos manifestantes?

— O médium experimenta as sensações do estado em que se encontra o Espírito manifestante. Quando o Espírito é feliz, seu estado é tranquilo, calmo; quando é infeliz, é agitado, febril e essa agitação se transmite naturalmente ao sistema nervoso do médium. Aliás, é assim o homem na Terra: aquele que é bom mostra-se calmo e tranquilo; aquele que é mal está sempre agitado.

Observação de Kardec: Há médiuns de maior ou menor impressionabilidade e por isso não se pode considerar a agitação como regra absoluta. Nisto, como em tudo, devemos levar em conta as circunstâncias. A natureza penosa e desagradável da sensação é produzida pelo contraste, pois se o Espírito do médium simpatizar com o Espírito mau que se manifesta será pouco ou nada afetado por este. Além disso, é necessário não confundir a rapidez da escrita, produzida pela extrema flexibilidade de certos médiuns, com a agitação convulsiva que os médiuns mais lentos podem sofrer ao contato dos Espíritos imperfeitos.

(1) Richet formulou a hipótese do *condicionamento à crença* para explicar os casos de aparições de santos, anjos etc. Ricardo Musso (Argentina) explora essa hipótese, em seu livro *Em los Limites de la Psicología*, para explicar as relações de Espíritos protetores e familiares com médiuns e *crentes no Espiritismo*. Como vemos acima, faltou a Richet, como falta hoje a Musso e aos seus imitadores, um dado fundamental do problema. Rejeitando a existência do mundo espiritual, não sabem como as coisas realmente se passam. O leitor deve atentar pra estas importantes explicações de Kardec, baseadas na experiência, na lógica e nos ensinamentos dos Espíritos Superiores. (N. do T.)

(2) Encontramos na bibliografia espíritas numerosos casos dessa espécie, tendo alguns conseguidos infiltrar-se em respeitáveis setores da divulgação doutrinária, ocasionando graves prejuízos à aceitação do Espiritismo por pessoas sensatas e ilustradas. A fascinação foi tratada no nº 239 do cap. Anterior. Como se vê ali, o Espírito mistificador paralisa a capacidade de julgamento do médium. O mesmo se dá com todas as pessoas a que se deixam envolver. Essa a razão por que ideias absurdas e ridículas se espalham nos meios doutrinários, defendidos por pessoas cultas, às vezes dedicadas ao movimento, mas invigilantes e pouco atentas às advertências deste livro. (N. do T.)

(3) A identificação dos Espíritos é feita através da personalidade do falecido. Dados diversos podem ajudar essa identificação, mas são o seu caráter, os seus modos, os seus hábitos, todo esse conjunto pessoal que nos prova a sua presença. Exigir a identificação material é absurdo. Mas quando essa identificação é possível, como pelos sinais digitais, pela forma do rosto ou das mãos impressas no gesso, ou mesmo pela fotografia ou pela materialização do Espírito, ainda assim os negadores sistemáticos não a aceitam. Kardec tem razão ao acentuar a importância da identificação pela personalidade. (N. do T.)

(4) Hoje há também muito abuso com o próprio nome de Kardec. O remédio está bem indicado nesse item 261, que deve ser lido com atenção e ponderado pelos que querem pegar “a ponta da orelha”. (N. do T.)

(5) Atenção para a advertência final de que isso não constitui regra. Certas pessoas entendem que só devemos crer nos Espíritos ignorantes ou que se fazem passar por tal. Isso é ir de um extremo ao outro. Os Espíritos realmente elevados

são inteligentes e bons, realizaram ao mesmo tempo a evolução intelectual e moral, como se depreende da própria regra de identificação de sua elevação pela linguagem. (N. do T.)

(6) Não existe comunicação má que resista a uma crítica rigorosa. Esta confiança de Kardec na análise racional das comunicações é acertada, mas depende do critério seguro de quem analisa. Por isso mesmo é conveniente fazer a análise em conjunto e recorrer, no caso de dúvida, a outras pessoas de reconhecido bom senso. O Espírito farsante pode influir sobre um indivíduo e sobre o grupo, o que tem ocorrido com frequência em virtude da vaidade, da pretensão ou do misticismo dominante. Comunicações avulsas e até obras mediúnicas alentadas, evidentemente falsas, têm sido publicadas, aceitas e até mesmo defendidas por grupos e instituições diversas. (N. do T.)

(7) As predições apocalípticas, com datas certas, de acontecimentos próximos têm sido feitas por Espíritos pseudossábios nestes últimos anos. A linguagem dessas previsões seria suficiente para mostrar a falsidade das comunicações. Muitas outras ainda serão feitas, pois há sempre quem as aceite. O estudo atento deste resumo prevenirá as pessoas prudentes contra esses embustes, hoje tão numerosos e que pelo seu ridículo afastam muita gente das luzes da doutrina. (N. do T.)

(8) A afirmação de Kardec no nº 25, “O bom senso não se enganará” se refere, como vemos, às pessoas dotadas de bom senso. Neste nº 26 ele nos adverte quanto ao perigo das pessoas que não possuem “a retidão do juízo”. Por isso devemos recorrer com humildade ao juízo dos outros, não nos fechando orgulhosamente em nossas opiniões. (N. do T.)

(9) O próprio Kardec nos dá o exemplo do que ensina: completa as suas instruções com as respostas textuais dos Espíritos às suas consultas. Este é um exemplo vivo de como foi escrita a Codificação. Às suas experiências pessoais, aos resultados sensatos de suas observações Kardec junta a opinião esclarecida dos Espíritos Superiores. (N. do T.)

(10) Muitos entendem que não devemos importar-nos com as mistificações, pois a verdade acaba prevalecendo. Kardec toca o nó da questão ao advertir que estes embustes “entravam a marcha do Espiritismo” e prejudica a atividade dos médiuns, perturbando-lhes o discernimento necessário ao cumprimento de suas missões. Grande número de criaturas sofre a desorientação proveniente das confusões semeadas no campo doutrinário e muitas chegam mesmo a perder oportunidades de uma encarnação ardentemente solicitada na vida espiritual. Dever dos espíritas, portanto, é combater as mistificações e desmascarar os Espíritos embusteiros, assegurando o progresso normal da doutrina que eles se empenham em ridicularizar com suas teorias absurdas. Esse é o bom combate de que falava o apóstolo Paulo, e que os inimigos não são os Espíritos nem a pessoas por eles fascinadas, todos dignos do nosso amor, mas os erros semeados entre as criaturas ingênuas. (N. do T.)

(11) “*Les grands centres*”, como está no original, ou os Centros importantes, como diríamos em português, são as instituições responsáveis, pouco importando o seu tamanho ou número de adeptos. Para se compreender a razão dessa espécie de privilégio (ao menos aparente) confronte-se este item com os de nº 19 e 20. A justiça espírita é aplicada segundo os méritos reais de pessoas e instituições, visando sempre ao bem geral. (n. do T.)

(12) Passa-se exatamente como entre os encarnados: o trapaceiro só consegue êxito com as pessoas que lhe dão ouvido. Daí o ensino evangélico de vigiar e orar. Na mediunidade esse ensino se aplica como verdadeira lei. O médium que não vigiar a si mesmo e não souber manter-se em oração está sujeito a todos os enganos. Mas cada engano será para ele uma lição, como é para os homens enganados por outros. (N. do T.)

(13) Todos temos as nossas manias e as nossas pretensões. Os Espíritos zombeteiros ou mistificadores, por simples diversão ou maldade se aproveitam delas, dizendo coisas que estão de acordo com essas fraquezas do nosso caráter. Com isso nos agradam e nos dominam. (N. do T.)

(14) A vaidade anula a inteligência e a instrução. A humildade supre as deficiências do simples. É através da vaidade que os mistificadores dominam os mais inteligentes e instruídos. Podemos ver isso ao nosso redor, e nos espantamos de que certas pessoas se deixem levar por mistificações evidentes. Os itens 25 e 26 esclarecem bem esse problema. Devemos meditar sobre esses itens. (N. do T.)

(Trecho extraído do livro: “O Livro dos Médiuns” – Allan Kardec – Identidade dos Espíritos)

PERGUNTAS QUE SE PODEM FAZER

(cap.26)

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

PERGUNTAS AGRADÁVEIS E DESAGRADÁVEIS

PERGUNTAS SOBRE O FUTURO

SOBRE AS EXISTÊNCIAS PASSADAS E FUTURAS

SOBRE INTERESSES MORAIS E MATERIAIS

SOBRE A SITUAÇÃO DOS ESPÍRITOS

SOBRE A SAÚDE

SOBRE INVENÇÕES E DESCOBERTAS

SOBRE TESOUROS OCULTOS

SOBRE OUTROS MUNDOS

Observações Preliminares

286. Nunca seria demasiado o nosso cuidado com a maneira de interpelar os Espíritos e mais ainda com a natureza das perguntas. Duas coisas devemos considerar nessas perguntas: a forma e o fundo. No tocante à forma, devem ser redigidas com clareza e precisão, evitando-se a complexidade. Mas outro ponto importante é a ordem em que devem ser dispostas. Num assunto que exige uma série de perguntas é essencial que elas se encadeiem com método, decorrendo naturalmente umas das outras.

Dessa maneira os Espíritos respondem com muito mais facilidade e maior clareza do que se perguntássemos ao acaso, saltando de um assunto para outro. Por essa razão é conveniente prepará-las antes, deixando para intercalar durante a sessão as que surgirem das circunstâncias.

Além de ser melhor a redação feita com calma, esse trabalho preparatório representa, como já dissemos, uma evocação antecipada a que o Espírito pode ter assistido e se preparado para responder. Verificaremos que muito frequentemente o Espírito responde por antecipação a certas perguntas, o que prova que já as conhecia. (1)

O fundo da pergunta requer uma atenção ainda mais séria, porque é muitas vezes a natureza da interpretação que provoca uma resposta certa ou errada. Há as que os Espíritos não podem ou não devem responder, por motivos que desconhecemos. Inútil, portanto, insistir. (2)

Mas as que mais devemos evitar são as perguntas para experimentar a sua perspicácia. Costuma-se dizer que quando uma coisa é evidente eles a devem saber. Pois é precisamente por se tratar do que já sabemos, ou que podemos esclarecer por nós mesmos, que eles não se dão ao trabalho de responder. Essa suspeita os ofende e nada se consegue de satisfatório. Não temos sempre desses exemplos entre nós? Os homens de conhecimento superior, conscientes de seu valor, gostariam de responder a perguntas tolas como se fossem escolares? O desejo de fazer de certa pessoa um adepto não é razão para os Espíritos satisfazerem uma curiosidade vã. Sabem que cedo ou tarde ela chegará à convicção, e os meios que usam para conduzi-la nem sempre são os que supomos.

Pense-se num homem, grave, ocupado em coisas úteis e sérias, constantemente amolado pelas perguntas pueris de uma criança, e pode-se imaginar o que os Espíritos Superiores pensam de todas as tolices que lhes repetem. Isso não quer dizer que não se possam obter dos Espíritos ensinamentos úteis e, sobretudo, excelentes conselhos, mas que eles respondem mais ou menos bem, segundo os seus conhecimentos, o interesse e a afeição que nos votam, o fim que nos propomos e utilidade que veem no assunto. Mas se nos limitamos a julgá-los mais capazes do que outros a nos informar sobre as questões deste mundo, não poderão olhar-nos com muita simpatia. Daí por diante só nos visitarão rapidamente e, muitas vezes, conforme o seu grau de imperfeição, estarão mal humorados por terem sido incomodados inutilmente. (3)

287. Algumas pessoas pensam que é preferível não fazer perguntas, convindo esperar o ensinamento dos Espíritos, sem o provocar. Isso é um erro. Não há dúvida que os Espíritos dão instruções espontâneas de elevado alcance que não podemos desprezar, mas há explicações que teríamos de esperar por muito tempo se não solicitássemos. Sem as nossas perguntas.

O Livro dos Espíritos e O Livro dos Médiuns ainda estariam por fazer ou pelo menos seriam muito mais incompletos: numerosos problemas de grande importância estariam ainda por resolver. (4)

Longe de terem qualquer inconveniente, as perguntas são de grande utilidade para a nossa instrução, quando as sabemos formular nos limites convenientes. E oferecem ainda outra vantagem, pois ajudam a desmascarar os Espíritos mistificadores. Estes, mais pretensiosos do que sábios, raramente suportam a prova de um questionário formulado com lógica cerrada, cujas perguntas os levam aos seus últimos redutos. Como os Espíritos realmente superiores nada têm a temer de semelhante processo, são os primeiros a sugerir que se peçam explicações sobre os pontos obscuros. Os outros, pelo contrário, temendo enfrentar argumentos mais fortes, empenham-se cuidadosamente em evitá-los. É assim que geralmente recomendam aos médiuns que desejam dominar, para fazê-los aceitar as suas utopias, que se abstenham de toda controvérsia a respeito dos seus ensinamentos.

Quem bem compreendeu o que dissemos até aqui, nesta obra, já pode fazer ideia da área a que deve limitar as perguntas dirigidas aos Espíritos. Não obstante, para maior certeza, damos abaixo as suas respostas aos principais assuntos que pessoas pouco experientes estão geralmente dispostas a apresentar-lhes.

288. PERGUNTAS AGRADÁVEIS OU DESAGRADÁVEIS AOS ESPÍRITOS:

1. Os Espíritos respondem de boa vontade às perguntas que lhes fazemos?

— Depende das perguntas. Os Espíritos sérios respondem com prazer às que objetivam o bem e os meios de vos fazer progredir. Não dão ouvidos às perguntas fúteis.

2. Basta que uma pergunta seja séria para ter uma resposta séria?

— Não. Isso depende do Espírito.

— Mas uma pergunta séria não afasta aos Espíritos levianos?

— Não é a pergunta que afasta os Espíritos levianos, é o caráter de quem a faz.

3. Quais as perguntas particularmente desagradáveis para os Espíritos bons?

— Todas as que são inúteis ou feitas por curiosidade e para experimentá-los. Então eles não respondem e se afastam.

— Há perguntas que desagradem aos Espíritos imperfeitos?

— Somente aquelas que possam pôr-lhes à mostra a ignorância ou a mistificação, quando estão procurando enganar. Fora disso, respondem a tudo sem se preocuparem com a verdade.

4. Que pensar das pessoas que só veem nas comunicações espíritas uma distração ou um passatempo, um meio de obter revelações sobre questões de interesse pessoal?

— Os Espíritos inferiores gostam muito dessas pessoas que, como eles, gostam de se divertir, e ficam satisfeitos quando as mistificam.

5. Quando os Espíritos não respondem a certas perguntas é porque não querem ou por que uma potência superior se opõe a certas revelações?

— Uma coisa e outra. Há coisas que não podem ser reveladas e outras que o Espírito não conhece.

— Insistindo-se bastante o Espírito acabará por responder?

— Não, o Espírito que não quer responder pode retirar-se sem dificuldade. É por isso que convém esperar quando vos mandam e, sobretudo, não insistir para obter resposta. Insistência por uma resposta que não vos querem dar é um meio certo de ser enganado. (5)

6. Todos os Espíritos estão aptos a compreender as perguntas que lhes fazem?

— Longe disso. Os Espíritos inferiores são incapazes de responder a certas perguntas, o que não os impede de fazê-lo bem ou mal, como acontece entre vós.

***Observação de Kardec:** Em certos casos, e quando for útil, acontece muitas vezes que um Espírito mais esclarecido ajuda um Espírito ignorante e lhe assopra a resposta. Isso se reconhece facilmente pelo contraste da resposta com as demais, e também porque frequentemente o próprio Espírito o confirma. Mas isso só acontece com os Espíritos ignorantes de boa-fé, jamais com os que fingem saber.*

289 – PERGUNTAS SOBRE O FUTURO

7. Os Espíritos podem nos desvendar o futuro?

— Se o homem conhecesse o futuro, negligenciaria o presente. É esse um problema sobre o qual sempre insistis para obter resposta precisa. Trata-se de um grave erro, porque a manifestação dos Espíritos não é meio de adivinhação. Se insistirdes numa resposta ela vos será dada por um Espírito leviano. Temos dito isso a todo instante. (Ver O Livro dos Espíritos, conhecimento do futuro, nº 868).

8. À vezes, entretanto, alguns acontecimentos futuros não são anunciados espontaneamente pelos Espíritos de maneira verídica?

— Pode acontecer que o Espírito preveja coisas que considera conveniente dar a conhecer, ou que tenha por missão revelar-vos. Mas é nesses casos que mais devemos temer os Espíritos mistificadores, que se divertem fazendo predições. É somente pelo conjunto das circunstâncias que podemos julgar o grau de confiança que elas merecem.

9. De que espécie de predições devemos mais desconfiar?

— De todas as que não forem de utilidade geral. As predições pessoais podem, quase sempre, ser consideradas falsas.

10. Com que fim os Espíritos anunciam espontaneamente acontecimentos que não se realizam?

— Na maioria das vezes para se divertirem com a credulidade, com o terror ou a alegria que causam, pois riem do desapontamento. Entretanto, essas predições mentirosas têm às vezes um fim mais sério: o de experimentar as pessoas a que são dirigidas, verificando a maneira por que as recebe, a natureza dos sentimentos bons ou maus que despertam.

***Observação de Kardec:** Tal seria, por exemplo, o anúncio do que pode excitar a cupidez ou a ambição, com a morte de uma pessoa, a perspectiva de uma herança etc.*

11. Por que os Espíritos sérios, quando fazem pressentir um acontecimento, geralmente não marcam a data? Por que não podem ou não querem?

— Por uma e outra razão. Eles podem, em certos casos, fazer pressentir um acontecimento: é então um aviso que vos dão. Quanto a precisar a época, muitas vezes não o devem fazer; muitas vezes também não o podem, porque eles mesmos não sabem. O Espírito pode prever um fato, mas o momento preciso pode depender de acontecimentos que ainda não se deram e só Deus o conhece. Os Espíritos levianos, que não têm escrúpulos de vos enganar, indicam os dias e as horas sem se importarem com a verdade. É por isso que toda predição circunstanciada deve ser considerada suspeita.

Ainda uma vez nossa missão é a de vos fazer progredir e vos ajudamos quanto podemos. Os que pedem aos Espíritos Superiores a sabedoria jamais serão enganados. Mas não penseis que perdemos o nosso tempo com as vossas futilidades e a vos ler a sorte. Deixamos isso a cargo dos Espíritos levianos, que se divertem com isso como moleques travessos.

A Providência pôs limites às revelações que podem ser feitas aos homens. Os Espíritos sérios guardam silêncio sobre tudo o que lhes é proibido revelar.

Quem insiste para obter uma resposta se expõe às mistificações dos Espíritos inferiores, sempre prontos a aproveitar as oportunidades de explorar a vossa credulidade.

***Observação de Kardec:** Os Espíritos veem ou pressentem por indução os acontecimentos futuros. Veem que se realizam num tempo que não medem como nós. Para precisar a época da ocorrência teriam de identificar-se com a nossa maneira de calcular a duração, o que nem sempre julgam necessários. Essa, quase sempre, a causa dos erros aparentes. (6)*

12. Não existem homens dotados de faculdade especial para ver o futuro?

— Sim, aqueles cuja alma se desprende da matéria. E nesse caso é o Espírito que vê. Quando convém, Deus lhes permite revelar algumas coisas para o bem. Mas ainda existem mais impostores e charlatões.

Essa faculdade se tornará mais comum no futuro. (7)

13. Que pensar dos Espíritos que se divertem predizendo a alguém a sua morte, com dia e hora fixados?

— São brincalhões de mau gosto, de excessivo mau gosto, que só querem divertir-se com o susto que pregam. Nunca se deve preocupar com isso. (8)

14. Mas como é que certas pessoas são avisadas por pressentimento da época da sua morte?

— Na maioria das vezes é o próprio Espírito que o sabe nos seus momentos de liberdade e a pessoa conserva a intuição quando acordada. É por isso que essas pessoas, estando já preparadas, não se assustam nem se comovem. Para elas, essa separação do corpo e da alma é apenas uma mudança de situação, ou se preferirdes

um exemplo vulgar, é como tirar uma roupa grosseira para vestir uma de seda. O medo da morte diminuirá à medida que se propagar a convicção espírita. (9)

290. PERGUNTAS SOBRE EXISTÊNCIAS PASSADAS E FUTURAS

15. Os Espíritos podem revelar-nos as existências passadas?

— Deus às vezes permite que elas sejam reveladas, dependendo do objetivo. Se for para a vossa edificação e instrução as revelações serão verdadeiras, e, nesse caso, quase sempre feitas espontaneamente e de maneira inteiramente imprevistas. Mas nunca Deus as permite para satisfazer a vã curiosidade. (10)

— Por que certos Espíritos nunca se recusam a fazer essas revelações?

— São Espíritos brincalhões que se divertem à vossa custa. Em geral deveis considerar falsas ou pelo menos suspeitas as revelações dessa natureza que não tiverem um fim eminentemente sério e útil. Os Espíritos zombeteiros se divertem lisonjeando a vaidade das pessoas com a revelação de pretensos antecedentes. Há médiuns e crentes que aceitam por legítimo o que lhes dizem a respeito, sem notarem que o estado atual do seu Espírito em nada justifica a posição que pretendem haver ocupado. Vaidadezinha com que os Espíritos zombeteiros se divertem, como o fazem os homens. Seria mais lógico e mais de acordo com a evolução dos seres que eles tivessem subido ao invés de descer, o que, aliás, seria mais honroso. Para se aceitar essas revelações seria necessário que fossem feitas espontaneamente, por diversos médiuns desconhecidos entre si e também daquele que primeiro a fez. Então haveria razão evidente para crer-se.

— Se não podemos conhecer a nossa individualidade anterior, dá-se o mesmo com o gênero de existência que tivemos, com a posição social que ocupamos e as qualidades e defeitos que predominaram em nós?

— Não, isso pode ser revelado, porque pode servir para vos melhorar. Mas, independentemente disso, estudando o vosso presente podeis deduzir, por vós mesmos, o vosso passado. (Ver O Livro dos Espíritos: esquecimento do passado nº 392) (11)

16. Podemos ter alguma revelação sobre nossas existências futuras?

— Não. Tudo o que alguns Espíritos vos disserem a respeito será simples traquinagem. E isso se compreende: vossa futura existência não pode ser percebida antes, pois ela será o que ireis determinar por vós mesmos segundo a vossa conduta na Terra e as resoluções posteriores como Espírito. Quanto menos tiverdes de expiar, mais feliz ela será. Mas saber onde e como será essa existência, ainda uma vez: isso é impossível. Salvo no caso especial e raro dos Espíritos que só estão na Terra para cumprir missão importante, porque então o seu roteiro é de alguma forma traçado com antecedência. (12)

291. PERGUNTAS SOBRE QUESTÕES MORAIS E MATERIAIS

17. Podemos pedir conselhos aos Espíritos?

— Sim, não há dúvida. Os Espíritos bons jamais se recusam a ajudar os que os invocam cheios de confiança, principalmente quando se trata de assuntos da alma. Mas repelem os hipócritas, aqueles que fingem buscar a luz e se comprazem nas trevas.

18. Os Espíritos podem aconselhar sobre questões de interesse particular?

— Algumas vezes, conforme o caso. Depende também dos Espíritos interpelados. Os conselhos referentes à vida particular são dados com mais exatidão pelos Espíritos familiares, os que mais se ligam às pessoas e se interessam pelo que lhes concerne. O Espírito familiar é o amigo, o confidente de vossos mais secretos pensamentos. Mas frequentemente o cansais com perguntas tão estúpidas que ele se afasta. Por outro lado, seria absurdo interpelar sobre problemas íntimos a Espíritos estranhos, da mesma maneira que propô-los ao primeiro indivíduo que encontrásseis pela frente. É bom não esquecer que a banalidade das perguntas é incompatível com a superioridade dos Espíritos. Necessário também considerar as qualidades do Espírito familiar, que pode ser bom ou mau, segundo os motivos de simpatia que o ligam à pessoa. O Espírito familiar de um homem mau é um mau Espírito, cujos conselhos podem ser perniciosos. Mas ele se afasta e cede o lugar a um Espírito melhor se o homem melhora. O semelhante atrai o semelhante. (13)

(nota do autor: Uma característica marcante na Umbanda, é que os Guias Espirituais, por suas paixões, atendem fraternalmente a todos, sem distinção, com imparcialidade, procurando ouvir as queixas sem julgamentos, para posteriormente darem suas orientações, todas, calcadas nos ensinamentos crísticos. O único interesse desses Guias Espirituais, é que os queixosos saiam de um atendimento fraterno reconfortados, e tenham um pouco de dignidade na vida a fim de terem um tempo precioso para poderem seguir suas evoluções naturalmente. Esses Espíritos não dão conselhos e muito menos de intrometem na vida das pessoas; somente

orientam a todos, dentro da Lei e da Justiça Divina, procurando amenizar seus sofrimentos. A superioridade de um Espírito na Umbanda se dá pela moral que ele possui, e não pela civilidade que pretendemos que eles tenham. Também refutamos as trivialidades e banalidades que ocorrem durante um atendimento fraterno, mas, os Guias Espirituais da Umbanda as ouvem e procuram com paciência, resignação e humildade, direcioná-las para o bem-estar do assistido, pois só querem que o queixoso tenha paz em seu coração; desejam que todos sejam felizes. Os Guias Espirituais da Umbanda não se classificam como “Espíritos de Luz”, mas, simplesmente como: “Espíritos a trabalho da luz”).

19. Os Espíritos familiares podem ajudar nos interesses materiais por meio de revelações?

— Podem. E o fazem algumas vezes, segundo as circunstâncias, mas os Espíritos bons jamais se prestam a servir a cupidez. Os maus fazem brilhar mil miragens aos vossos olhos para vos excitar e mistificar, levando-vos à decepção. Sabei também que se a vossa prova é sofrer esta ou aquela vicissitude, os Espíritos protetores podem vos ajudar a suportá-la com resignação, às vezes amenizá-la, mas no interesse do vosso próprio futuro não podem afastá-la. É assim que um bom pai não concede ao filho tudo o que este deseja.

Observação de Kardec: *Nossos Espíritos Protetores podem, em muitas circunstâncias, indicar-nos o melhor caminho, sem, entretanto, nos levarem a ele. Do contrário perderíamos toda iniciativa e nada mais faríamos sem recorrer a eles, isso em prejuízo do nosso aperfeiçoamento. Para progredir o homem tem sempre necessidade de adquirir experiências à sua própria custa. É por isso que os Espíritos sábios, sempre prontos a nos aconselhar, entregam-nos às nossas próprias forças, como um instrutor hábil faz com seus alunos. Nas circunstâncias ordinárias da vida nos aconselham pela inspiração e nos deixa assim todo mérito do bem, como toda a responsabilidade pelas más escolhas.*

Seria abusar da condescendência dos Espíritos familiares e não compreender a sua missão interrogá-los a todo instante sobre as questões mais corriqueiras, como o fazem certos médiuns. Há os que por um sim ou um não tomam o lápis e pedem conselhos para as mais simples decisões. Essa mania revela estreiteza de ideia e ao mesmo tempo a presunção de ter sempre um Espírito serviçal às ordens, sem nada mais a fazer do que se ocupar de nós e de nossos pequeninos interesses. Além disso, equivale a aniquilar seu próprio julgamento e reduzir-se a um papel passivo, sem nenhum proveito no presente e com prejuízo certo para o progresso futuro. Se há infantilidade em interrogar os Espíritos sobre questões fúteis, também é infantil, de parte dos Espíritos, ocuparem-se espontaneamente do que podemos chamar de rotina caseira. Esses Espíritos podem ser bons, mas seguramente estão ainda muito terrenos.

20. Se uma pessoa deixa, ao morrer seus negócios embrulhados, podem-se pedir ao seu Espírito que ajude a desembaraçá-los e pode-se ainda interrogá-lo sobre os haveres reais que deixou, caso não se saiba o total e seja isso do interesse da Justiça?

— Esqueceis que a morte é uma libertação das preocupações terrenas. Julgais então que o Espírito, feliz com a sua liberdade, virá de boa vontade retornar a cadeia e ocupar-se de coisas que não mais lhe concernem, para satisfazer o cupidez dos herdeiros, talvez contentes com a sua morte, da qual esperam tirar proveito? Falais de justiça, mas a justiça está na decepção da ganância dos herdeiros; é o começo das punições que Deus reserva para sua avidez dos bens terrenos. Além disso, os embaraços deixados às vezes pela morte de uma pessoa fazem parte das provas da vida e nenhum Espírito tem o poder de afastá-los, pois pertencem aos decretos de Deus.

Observação de Kardec: *Essa resposta desapontará certamente os que imaginam que os Espíritos nada têm de melhor a fazer do que servir-nos de auxiliares clarividentes para guiar-nos, não em direção ao Céu, mas na própria Terra. Outra consideração vem apoiar essa resposta. Se um homem deixou em vida os seus negócios atrapalhados por desleixo, não é verossímil que depois da morte tome mais cuidado, pois deve sentir-se feliz de estar livre das preocupações que lhe causavam.*

Aliás, por menos elevado que seja, lhes dará menos importância como Espírito do que como homem. Quanto aos haveres não sabidos que possa ter deixado, não há nenhuma razão para se interessar por herdeiros ávidos, que provavelmente nem pensariam nele se não esperassem algum lucro. E se ainda estiver imbuído de paixões humanas poderá mesmo sentir um prazer malicioso com o seu desapontamento. Se, no interesse da justiça e das pessoas que estima, um Espírito julgar útil fazer dessas revelações, as fará espontaneamente, sem necessidade de que o interessado seja médium ou recorra a um médium. Ele o levará ao conhecimento do assunto por meio de circunstâncias inesperadas, mas nunca em virtude de pedidos que lhe façam, pois os pedidos não podem mudar a natureza das provas que se têm de sofrer. Seriam antes capazes de agravá-las, pois quase sempre revelam cupidez e demonstram ao Espírito que só se pensa nele por interesse. (Ver nº 295)

292. PERGUNTAS SOBRE A SITUAÇÃO DOS ESPÍRITOS

21. Podemos solicitar esclarecimentos aos Espíritos sobre a sua situação no mundo espiritual?

— Sim, e eles respondem de boa vontade quando o pedido é ditado pela simpatia e pelo desejo de ser útil, e não pela curiosidade.

22. Os Espíritos podem explicar a natureza dos seus sofrimentos ou da sua felicidade?

— Perfeitamente, essas revelações representam para vós um grande ensinamento, pois vos iniciam no conhecimento da natureza das penas e recompensas futuras. Ao destruir as ideias falsas sobre o assunto, elas tendem a vos reavivar a fé e a confiança na bondade de Deus. Os Espíritos bons se sentem felizes aos vos relatar a felicidade dos eleitos. Os maus podem ser constrangidos a descrever os seus sofrimentos, para provocar neles mesmos o arrependimento. Às vezes encontram nisso uma espécie de alívio: é o infeliz que se lamenta esperando a compaixão.

Não vos esqueçais de que o fim essencial e exclusivo do Espiritismo é a vossa melhora. É para atingi-lo que os Espíritos têm a permissão de vos iniciar na vida futura, oferecendo-vos exemplos que podereis aproveitar. Quanto mais vos identificardes com o mundo que vos espera menos sofrereis com esse em que estais. Esse é, em suma, o objetivo atual da revelação. (14)

23. Evocando-se uma pessoa cujo destino é ignorado, pode-se saber dela mesma se ainda está viva?

— Sim, se a incerteza quanto à sua morte não for uma necessidade ou uma prova para os que têm interesse em sabê-lo.

— **Se tiver morrido poderá relatar a circunstâncias da sua morte, de maneira a se poder verificá-la?**

— Se der alguma importância a isso, poderá fazê-lo. Se não, pouco se incomodará.

***Observação de Kardec:** A experiência prova que, nesses casos, o Espírito não é absolutamente tocado pelo nosso interesse quanto às circunstâncias de sua morte. Se quiser revelá-las o fará por si mesmo, seja por via mediúnica ou por meio de visões e aparições, podendo dar então as indicações mais precisas. Caso contrário, um Espírito mistificador pode perfeitamente tomar-lhe o lugar e divertir-se indicando pesquisas inúteis.*

Acontece frequentemente que o desaparecimento de uma pessoa, cuja morte não pode ser oficialmente constada, cria embaraços aos negócios de família. Somente em casos raros e excepcionais temos visto os Espíritos indicarem as pistas verdadeiras, quando interrogados. Se quisessem fazê-lo não há dúvida que o poderiam, mas quase sempre isso não lhes é permitido, se esses embaraços constituem provas para aqueles que desejam afastá-los.

É, pois se enganar com uma esperança quimérica tentar por esse meio a obtenção de heranças, das quais a única coisa positiva é o dinheiro que se gasta com esse fim. Não faltam Espíritos dispostos a alimentar essas esperanças, sem nenhum escrúpulos de levar os interessados a pesquisas das quais será feliz se saírem apenas com um pouco de ridículo.

293. PERGUNTAS SOBRE A SAÚDE

24. Os Espíritos podem aconselhar sobre a saúde?

— A saúde é condição necessária para o trabalho que devemos executar na Terra, e por isso os Espíritos se ocupam dela de boa vontade. Mas como há ignorantes e sábios entre eles, nesse caso como em outros não convém dirigir-se ao primeiro que se manifeste.

25. Dirigindo-nos ao Espírito de uma celebridade médica seria mais certo obtermos um bom conselho?

— As celebridades médicas não são infalíveis e têm muitas vezes opiniões sistemáticas, que nem sempre são justas e das quais a morte não as livra de repente. A Ciência terrena é bem pouco ao pé da Ciência celeste. Somente os Espíritos Superiores possuem esta última. Sem terem nomes conhecidos de vós, podem-os saber muito mais, sobre todas as coisas, do que os vossos sábios. A Ciência não é suficiente para tornar os Espíritos Superiores e ficaríeis muito espantados com o lugar que certos sábios ocupam entre nós. O Espírito de um sábio pode, pois, não saber nada mais do que quando estava na Terra, se não progrediu como Espírito.

26. O sábio, como Espírito, reconhece os seus erros científicos?

— Se atingiu um grau bastante elevado para se desembaraçar da sua vaidade e compreender que o seu desenvolvimento não é completo, os reconhece e os confessa sem se envergonhar. Mas se não estiver suficientemente desmaterializado pode conservar alguns dos preconceitos de que se achava imbuído na Terra.

27. Um médico, evocando os seus clientes mortos, poderia deles obter esclarecimentos sobre a causa de suas mortes, as faltas que poderia ter cometido no seu tratamento e aumentar assim a sua experiência?

— Pode. E isso lhe seria muito útil, sobretudo se ele se fizesse assistir por Espíritos esclarecidos que supririam as faltas de conhecimento de alguns doentes. Mas para isso seria necessário fazer esses estudos de maneira séria, assídua, com fim humanitário e não como meio de adquirir saber e fortuna sem trabalho.

294. PERGUNTAS SOBRE INVENÇÕES E DESCOBERTAS

28. Os Espíritos podem dar orientação, em pesquisas científicas e descobertas?

— A Ciência é obra do gênio; só deve ser adquirida pelo trabalho, porque é somente pelo trabalho que o homem avança no seu caminho. Que mérito teria se lhe bastasse interrogar os Espíritos para tudo saber? Qualquer imbecil poderia tornar-se sábio por esse preço. Acontece o mesmo no tocante às invenções e às descobertas industriais. Mas há ainda uma consideração: é que cada coisa deve vir no seu tempo e quando as ideais gerais estão maduras para a receber. Se o homem tivesse esse poder subverteria a ordem das coisas, fazendo os frutos nascerem antes do tempo.

Deus disse ao homem: Ganhará o pão com o suor do teu rosto, admirável figura que retrata a sua condição neste mundo. Ele tem de progredir em tudo pelo esforço no trabalho. Se as coisas lhe fossem dadas inteiramente feitas, para que lhes serviria a sua inteligência? Ele seria como um escolar cujas tarefas fossem feitas por outro.

29. O sábio e o inventor nunca são assistidos pelos Espíritos nas suas pesquisas?

— Oh, isso é bem diferente. Quando chega o tempo de uma descoberta os Espíritos incumbidos de lhe dirigir a marcha procuram o homem capaz de a levar a bom termo. Inspiram-lhe as ideais necessárias, com o cuidado de lhe deixar todo o mérito, porque essas ideais ele terá de elaborar e pôr em execução. Assim acontece com todos os grandes trabalhos da inteligência humana. Os Espíritos respeitam cada homem na sua esfera própria: aquele que só é capaz de cavar a terra não será feito depositário dos segredos de Deus, mas saberá tirar da obscuridade o homem capaz de realizar os seus desígnios.

Não vos deixeis, pois, arrastar, pela curiosidade ou a ambição, por um caminho que não corresponda ao objetivo do Espiritismo e que resultaria, para vós, nas mais ridículas mistificações.

***Observação de Kardec:** O conhecimento mais preciso do Espiritismo acalmou a febre das descobertas que, no princípio, muitos se vangloriavam de fazer por seu intermédio. Chegaram mesmo a pedir aos Espíritos receitas para tingir e fazer nascer cabelos, para curar calos etc. Vimos muitas pessoas que acreditavam já ter feito fortuna e só colheram resultados mais ou menos ridículos. Acontece o mesmo quando se deseja penetrar o mistério da origem das coisas com a ajuda dos Espíritos. Certos Espíritos têm os seus sistemas a respeito, que não valem mais do que os dos homens e que convém receber com a maior reserva.*

295. PERGUNTAS SOBRE TESOUROS OCULTOS

30. Os Espíritos podem indicar-nos tesouros ocultos?

— Os Espíritos Superiores não se ocupam dessas coisas, mas os brincalhões muitas vezes indicam tesouros inexistentes ou podem ainda indicar um lugar enquanto o tesouro se encontra em outro. E isso tem a sua utilidade, por mostrar que a verdadeira fortuna está no trabalho. Se a Providência destina riquezas ocultas a alguém, essa pessoa as encontrará naturalmente e não de outra maneira.

31. Que pensar da crença nos Espíritos guardiões de tesouros ocultos?

— Os Espíritos ainda não desmaterializados se apegam às coisas. Os avarentos que ocultaram seus tesouros podem ainda vigiá-los e guardá-los depois da morte. A perplexidade em que caem ao vê-los roubados é um dos seus castigos, até que compreendam a inutilidade dos mesmos para eles. Mas existem também os Espíritos da terra, encarregados de lhe dirigir as transformações interiores, e que, por alegoria, foram transformados em guardas das riquezas naturais. (15)

Observação – A questão dos tesouros ocultos é do mesmo gênero da questão das heranças ignoradas. Bem louco seria aquele que contasse com as pretensas revelações que lhe podem fazer os malandros do mundo invisível. Já dissemos que quando os Espíritos querem ou podem fazer dessas revelações às fazem espontaneamente, não precisando de médiuns para isso. Eis aqui um exemplo:

Uma senhora perdera o marido após trinta anos de casamento e estava ameaçada de ser expulsa de sua residência, sem nenhum recurso pelos enteados, para os quais havia sido uma segunda mãe. Seu desespero chegara ao auge e uma noite o marido lhe apareceu e a convidou a segui-lo até o seu escritório. Lá lhe mostrou

a sua escrivadinha, que ainda estava selada, e provocando um efeito de segunda vista lhe fez ver no seu interior. Indicou-lhe uma gaveta secreta, que ela não conhecia, explicando-lhe o seu mecanismo e acrescentou: “*Eu previ o que está acontecendo e quis assegurar a tua sorte; nessa gaveta estão as minhas últimas disposições; deixe-te o usufruto desta casa e uma renda de...*”. Depois desapareceu. No dia de tirar os selos judiciais ninguém pôde abrir a gaveta. A senhora então contou o que lhe havia acontecido. Abriu a gaveta, seguindo as instruções do marido, e lá encontraram o testamento conforme o que lhe havia sido anunciado.

296. PERGUNTAS SOBRE OUTROS MUNDOS

32. Qual o grau de confiança que podemos ter nas descrições dos Espíritos sobre os outros mundos?

— Isso depende do grau de adiantamento real dos Espíritos que dão essas descrições. Porque compreendeis que os Espíritos vulgares são tão incapazes de vos informar a respeito como um ignorante o seria, entre vós, no tocante aos países da Terra. Formulais muitas vezes, sobre esses mundos, questões científicas que esses Espíritos não podem resolver. Se forem de boa-fé, falam a respeito segundo as suas ideais pessoais. Se forem levianos, divertem-se a vos dar descrições bizarras e fantásticas, tanto mais que esses Espíritos, tão imaginosos na erraticidade como na Terra, tira da própria imaginação o relato de muitas coisas que nada têm de real. Entretanto, não acrediteis na impossibilidade absoluta de obter alguns esclarecimentos sobre esses mundos. Os Espíritos bons gostam mesmo de descrever aqueles que habitam, a fim de oferecer ensinamentos para vos melhorar e vos colocar no caminho que vos pode conduzir a eles.

É uma maneira de concentrarem as vossas ideais sobre o futuro e não vos deixar no vácuo. (16)

— Como podemos controlar a exatidão dessas descrições?

— O melhor controle é a concordância que possa haver entre elas. Mas lembrai-vos que elas têm por fim o vosso melhoramento moral. Por conseguinte, é sobre o estado moral dos habitantes que podeis ser mais bem informados, e não sobre o estado físico ou geológico desses globos.

Com os vossos conhecimentos atuais não poderíeis mesmo compreendê-lo. Esse estudo de nada serviria ao vosso progresso neste mundo e tereis toda a possibilidade de fazê-lo quando lá estiverdes. (17)

Observação de Kardec: As perguntas sobre a constituição física e as condições astronômicas dos mundos entram no campo das pesquisas científicas, cujos trabalhos os Espíritos não podem poupar-nos. Do contrário, um astrônomo acharia muito cômodo mandar os Espíritos fazerem os seus cálculos, o que, sem dúvida, depois não confessaria. Se os Espíritos pudessem, pela revelação, poupar o trabalho de uma descoberta, provavelmente o fariam em favor de um sábio bastante modesto para abertamente reconhecer a fonte, e não em proveito dos orgulhosos que os renegam e aos quais, pelo contrário, muitas vezes reservam as decepções do amor-próprio. (18)

(1) Pode-se argumentar que o Espírito antecipa as respostas porque tem a faculdade de ler no pensamento do interrogante, no próprio momento da sessão. Mas não se deve esquecer que Kardec se apoiava numa larga e intensa experiência, durante a qual observara e ouvira mesmo dos Espíritos que eles haviam assistido à elaboração das perguntas. Por outro lado, nem todos os Espíritos estão em condições de ler o pensamento dos interrogantes. (N. do T.)

(2) Nas relações com os Espíritos devemos lembrar que também entre os homens há coisas que não devemos perguntar e muito menos insistir. Os Espíritos estão num plano diferente do nosso e perguntas que nos parecem simples podem ter para eles um sentido mais grave. (N. do T.)

(3) Os Espíritos se interessam pelo nosso esclarecimento espiritual e não podem permitir que os convertamos em instrumentos de curiosidade ou passatempo. Quando ainda conservam certas imperfeições corriqueiras, da mesma maneira que um professor interessado no progresso do aluno se irrita com as suas divagações inúteis. (N. do T.)

(4) Esta declaração de Kardec deixa bem clara a importância do seu trabalho na Codificação. Para dar um exemplo, ele escapou da modéstia habitual e reconheceu os valores fundamentais dos seus questionários, que levaram os Espíritos a tratar minuciosamente de numeroso problema que abordariam apenas de maneira geral. A posição dos Espíritos é diferente da nossa. Por isso, é, preciso que lhes apresentemos concretamente os nossos problemas, mostrando os nossos pontos de dúvida, que para eles não existem. É o mesmo que se dá com os alunos diante de um professor de grande sabedoria, sempre voltado para questões elevadas. (N. do T.)

(5) Retirando-se o Espírito bom, um Espírito inferior lhe toma o lugar imediatamente e responde em seu lugar. É o inverso do que acontece com o Espírito inferior, mas de boa-fé, quando socorrido por um Espírito bom, como se vê pela observação acima. O processo mediúnico é bastante complexo e delicado. Se não prestarmos atenção às respostas seremos enganados, quando insistimos indevidamente, porque não percebemos o afastamento do Espírito comunicante e sua substituição por outro. (N. do T.)

(6) O problema do tempo está bem definido em “A Gênese” cap. VI, nº 2: “O tempo é a sucessão das coisas”. No próprio plano material o tempo varia de um lugar para outro e mais ainda de um mundo para outro. O tempo do mundo espiritual é forçosamente diferente do nosso. (N. do T.)

(7) A precognição, profecia ou visão do futuro é uma faculdade da alma, que só pode exercê-la quando se desprende total ou parcialmente do corpo. Essa a razão porque os parapsicólogos atuais não conseguem a maneira de controlá-la como se faz com as faculdades sensoriais, para aplicá-la na vida prática. (N. do T.)

(8) Esses brincalhões de mau gosto pregam outras peças semelhantes: anunciam, às vezes até por meio de visões, desastres que não acontecem, nascimento de crianças aleijadas e assim por diante. As pessoas de fé não se deixam atemorizar confiando em Deus. (N. do T.)

(9) O texto francês diz: lês croyances spirites, geralmente traduzido ao pé da letra. Em francês a palavra crença tem aplicações diversas das nossas. No caso acima se trata de convicção. (N. do T.)

(10) Note-se a razão do esquecimento do passado: certas lembranças de vidas anteriores seriam grandemente prejudiciais à reabilitação do Espírito na encarnação atual. (N. do T.)

(11) Muitas revelações têm sido publicadas, em livros e folhetos, sobre encarnações anteriores de pessoas vivas na atualidade. Certos médiuns se deixaram envaidecer com revelações desse tipo, que em nada condizem com sua situação presente, desviando-se do cumprimento humilde de sua missão mediúnica. Além disso, essas atitudes acarretam o descrédito da doutrina e lançam o ridículo sobre o princípio da reencarnação. (N. do T.)

(12) A percepção do futuro tem os seus limites, como todas as coisas. Esse o perigo das profecias audaciosas e também a razão da forma simbólica da maioria delas. O problema do fatalismo e da liberdade se esclarece ao refletirmos sobre essa resposta. (N. do T.)

(13) Nosso livre arbítrio cria o nosso determinismo. Se persistirmos no mau caminho determinaremos um mau futuro em más companhias. Se escolhermos o bem e lutarmos contra as nossas más tendências, melhorando-nos, determinaremos a mudança imediata da nossa situação e um futuro melhor, na companhia de Espíritos bons que se afinarão com as nossas decisões. Tudo depende primeiramente de nós. (N. do T.)

(14) O grifo é nosso. Algumas traduções não trazem essa frase final. Para algumas pessoas parece absurdo que o fim atual da revelação seja apenas a nossa melhora pessoal. Mas basta refletir que sem melhorar o homem não se pode melhorar o mundo, para se compreender que as frases estão certas. A finalidade do Espiritismo é a nossa transformação moral. (N. do T.)

(15) Os Espíritos da terra são Espíritos incumbidos de agir nesse setor do nosso globo, como os há dos demais elementos. O Espiritismo não os considera seres especiais, mas pertencentes à linha da Humanidade. Ver, a respeito O Livro dos Espíritos. (N. do T.)

(16) É o mesmo problema das descrições da vida espiritual: o objetivo é oferecer aos homens uma informação menos vaga que a das teologias, preparando-os melhor para o futuro a que ninguém escapa. (N. do T.)

(17) Aplica-se aqui o critério do "consenso universal", que encontramos em O Livro dos Espíritos. A multiplicidade de testemunhos semelhantes, estranhos uns aos outros, tem uma validade provável. (N. do T.)

(18) Há alguns exemplos do primeiro caso. Recentemente o médico, engenheiro eletrônico e parapsicólogo Andrija Puharich descobriu, por revelação mediúnica obtida em Nova Iorque, um novo alucinógeno extraído de um cogumelo. Puharich foi suficientemente honesto e modesto para relatar o caso, com pormenores, em seu livro "O Cogumelo Sagrado". (N. do T.)

(Trecho extraído do livro: "O Livro dos Médiuns" – Allan Kardec – Perguntas que se podem fazer)

CONTRADIÇÕES E MISTIFICAÇÕES

(Cap.27)

DAS CONTRADIÇÕES

297. Os adversários do Espiritismo não se esquecem de objetar que os seus adeptos não concordam entre si. Que nem todos partilham das mesmas crenças. Numa palavra: que se contradizem. Se o ensinamento é dado pelos Espíritos, dizem eles, como pode ser o mesmo? Somente um estudo sério e aprofundado da Ciência pode reduzir estes argumentos ao seu justo valor.

Digamos desde logo, para começar, que essas contradições, de que certas pessoas fazem grande alarde, são em geral mais aparentes do que reais, que se referem mais à superfície do que ao fundo dos problemas, e que por isso mesmo não têm importância. Essas contradições procedem de duas fontes: os homens e os Espíritos.

298. As contradições de origem humana foram suficientemente explicadas no capítulo Dos Sistemas, nº 36, ao qual nos reportamos. Compreende-se que no começo, quando as observações eram ainda incompletas, surgiram

opiniões divergentes sobre as causas e as consequências dos fenômenos espíritas. Dessas opiniões, três quartas partes já caíram diante de um estudo mais sério e profundo. Com poucas exceções, e à parte as pessoas que não se livram facilmente das ideias que acariciaram ou engendraram, pode-se hoje dizer que há unidade da imensa maioria dos espíritas quanto aos princípios gerais, com exceção talvez de alguns detalhes insignificantes.

299. Para compreender a causa e o valor das contradições de origem espírita temos de identificar-nos com a natureza do mundo invisível, tendo para isso estudado todos os seus aspectos. À primeira vista pode parecer estranho que os Espíritos não pensem todos da mesma maneira, mas isso não pode surpreender a quem conhecer o número infinito de graus que eles devem percorrer para chegar ao alto da escala. Para querer uma visão única das coisas teríamos de supô-los a todos no mesmo nível; pensar que todos devem ver com justeza seria admitir que todos chegaram à perfeição, o que não acontece nem poderia acontecer, quando nos lembramos de que eles não são nada mais do que a humanidade desprovida do envoltório corporal. Como os Espíritos de todos os graus podem manifestar-se, resulta que as suas comunicações trazem o cunho da sua ignorância ou do seu saber, da sua inferioridade ou da sua superioridade moral. E é justamente para distinguir o verdadeiro do falso, o bom do mau, que devem servir as instruções que temos dado.

Não se deve esquecer que há entre os Espíritos, como entre os nomes, falsos sábios e semissábios, orgulhosos, presunçosos e sistemáticos. Como só aos Espíritos perfeitos é dado tudo conhecer, para os demais, como para nós, há mistérios que eles explicam à sua maneira, segundo as suas ideias, e sobre os quais podem formar opiniões mais ou menos justas, que por seu amor-próprio querem fazer prevalecer e gostam de repetir em suas comunicações. O erro está na atitude de alguns de seus intérpretes, esposando com muita precipitação opiniões contrárias ao bom senso e fazendo-se os seus divulgadores responsáveis.

Assim, as contradições de origem espírita só têm por causa a diversidade natural das inteligências, dos conhecimentos, da capacidade de julgar e da moralidade de certos Espíritos que ainda não estão aptos a tudo conhecer e compreender. (Ver O Livro dos Espíritos, Introdução, parágrafo XIII, e Conclusão, parágrafo IX.) (1)

300. De que serve o ensino dos Espíritos, dirão algumas pessoas, se não nos oferece maior grau de certeza que a dos homens? A resposta é fácil.

Não aceitamos com a mesma confiança o ensino de todos os homens, e entre duas doutrinas não preferimos aquela cujo autor nos parece mais esclarecido, mais capaz, mais judicioso, menos exposto às paixões? É necessário agir da mesma maneira com os Espíritos. Se entre eles há os que não se elevaram acima da humanidade, há também muitos que a ultrapassaram e podem nos dar instruções que em vão buscaríamos entre os homens mais instruídos. É a distingui-los da turba dos Espíritos inferiores que devemos nos aplicar, se quisermos nos esclarecer, e é essa distinção que conduz o conhecimento aprofundado do Espiritismo. Mas essas mesmas instruções têm o seu limite. E aos Espíritos não é dado saber tudo, com mais forte razão deve ser assim também com os homens. Há assuntos, portanto, sobre os quais os interrogaríamos em vão, seja porque não podem fazer revelações, seja por ignorarem os mesmos, só podendo nos dar a sua opinião pessoal.

São essas opiniões pessoais que os Espíritos orgulhosos nos dão como verdades absolutas. É, sobretudo, a respeito do que deve permanecer oculto, como o futuro e o princípio das coisas, que eles mais insistem, a fim de darem a impressão de que conhecem os segredos de Deus. E é também sobre esses pontos que há mais contradições.

301. Eis as respostas dadas pelos Espíritos às perguntas que fizemos sobre o problema das contradições:

1. O mesmo Espírito, comunicando-se em dois Centros diferentes, pode transmitir sobre o mesmo assunto opiniões contraditórias?

— Se os dois Centros diferem no tocante a ideias e opiniões a comunicação poderá lhes chegar modificada, porque estão sob a influência de diferentes falanges de Espíritos: então não é a comunicação que é contraditória, mas a maneira por que é transmitida.

2. Compreende-se que uma resposta possa ser alterada, mas quando as qualidades do médium excluem toda ideia de má influência, como podem Espíritos superiores usar linguagem diversa e contraditória, sobre o mesmo assunto, para pessoas inteiramente sérias?

— Os Espíritos realmente superiores jamais se contradizem. Sua linguagem é sempre a mesma com as mesmas pessoas. Mas pode variar segundo as pessoas e os lugares. Deve-se, porém, prestar atenção a isto: a contradição é muitas vezes aparente e refletindo-se a respeito vê-se que a ideia fundamental é a mesma. Ademais, o mesmo Espírito pode responder diferentemente sobre a mesma questão, segundo o grau de perfeição dos que o evocam. Nem sempre convém que todos recebam a mesma resposta, por não estarem todos igualmente adiantados. É exatamente como se uma criança e um sábio te fizessem a mesma pergunta:

certamente responderias a cada um de maneira a se fazer compreender e a satisfazê-los. As respostas, embora diferentes, teriam sempre o mesmo sentido.

3. Com que fim os Espíritos sérios parecem aceitar junto a certas pessoas ideias e até mesmo preconceitos que combatem junto de outras?

— É necessário que nos façamos compreender. Se alguém tem uma convicção bem estabelecida sobre uma doutrina, mesmo que falsa, devemos afastá-lo dessa convicção, mas a pouco e pouco. É por isso que nos servimos muitas vezes dos seus termos e aparentamos estar integrado nas suas ideias, a fim de que não se assuste de repente e deixe de se instruir conosco.

Aliás, não é conveniente atacar muito bruscamente os preconceitos. Seria esse um bom meio de não sermos ouvidos. Eis porque os Espíritos falam frequentemente de acordo com a opinião dos que os escutam, procurando levá-los pouco a pouco à verdade. Apropriam a sua linguagem às pessoas, como tu mesmo o farás, se fores um orador um tanto hábil. É por isso que não falarão a um chinês ou a um muçulmano da mesma maneira que a um francês, a um cristão, pois estariam certos de serem repelidos.

Não se deve tomar por uma contradição o que geralmente é apenas uma fase da elaboração da verdade. Todos os Espíritos têm a sua tarefa marcada por Deus. Cumprem-na segundo as condições que consideram convenientes para beneficiar os que recebem suas comunicações. (2)

4. As contradições, mesmo aparentes, podem lançar dúvidas na mente de certas pessoas. De que método pode servir-nos para conhecer a verdade?

— Para discernir o erro da verdade é necessário aprofundar no entendimento dessas respostas, meditando-as demorada e seriamente. É um verdadeiro estudo que se tem de fazer. Precisa-se de tempo para isso, como para todos os estudos.

Estudai, comparai, aprofundai-vos nas questões. Temos dito incessantemente: o conhecimento da verdade tem esse preço. Como quereis chegar à verdade interpretando tudo segundo as vossas ideias estreitas, que considerais grandes ideias?

Mas não vem longe o dia em que o ensino dos Espíritos será um só para todos nos detalhes como nas linhas mestras. Sua missão é a de destruir o erro, mas, isso só se consegue gradativamente.

5. Há pessoas que não têm o tempo nem a aptidão necessária a um estudo sério e aprofundado. Aceitam sem exame o que lhes ensinam. Mas não há nisso, para elas também, o inconveniente de acreditar em erros?

— Que pratiquem o bem e não façam o mal, isso é o essencial. Para isso não há duas doutrinas. O bem é sempre o bem, quer o façam em nome de Alá ou de Jeová, porque só há um mesmo Deus para o Universo.

(nota do autor: Esse conceito é muito aplicado na Umbanda, pois, infelizmente, muitos médiuns umbandistas são avessos ao estudo doutrinário, e com isso, ao invés de transformarem-se em “aparelhos” afinados na recepção mediúnica, acabam somente por serem meros “cavalos de sela com viseiras”, que se sujeitam somente a serem montados por qualquer tipo de Espírito, com a finalidade de direcionar sua visão somente para frente, sem dar a chance de observar os acontecimentos laterais, que possam interferir positivamente em seu comportamento e sua evolução.

Emmanuel, um dia disse a Chico Xavier: “Está você realmente disposto a trabalhar na mediunidade com Jesus? - Sim, se os bons Espíritos não me abandonarem; - respondeu o médium. - Não será você desamparado - disse-lhe Emmanuel - mas para isso é preciso que você trabalhe, estude e se esforce no bem. - E o senhor acha que eu estou em condições de aceitar o compromisso? - tornou o Chico. - Perfeitamente, desde que você procure respeitar os três pontos básicos para o Serviço. Porque o protetor se calasse, o rapaz perguntou: - Qual é o primeiro? A resposta veio firme: - Disciplina. - E o segundo? - Disciplina. - E o terceiro? - Disciplina”.

A mim, com respeito aos três pontos básicos, a resposta de um Caboclo da Umbanda, Cacique Araribóia, veio, firme, da seguinte forma: “Queremos de vocês: 1º) Trabalho, 2º) Trabalho, e, 3º) Trabalho. Porque disciplina, dificilmente, irão ter. Trabalhem; pois, enquanto aguardam as resoluções de seus problemas, vão fazendo algo de bom pra alguém.

No trecho: “Que pratiquem o bem e não façam o mal, isso é o essencial”, está inserido uma das “Linhas Mestras” do Instituidor da Umbanda, o Sr. Caboclo das Sete Encruzilhadas: “A bandeira da Umbanda é Caridade, Amor e Humildade”).

6. Como podem os Espíritos, que parecem desenvolvidos em inteligência, ter ideias evidentemente falsas sobre certas coisas?

— Eles têm as suas doutrinas. Os que não são bastante adiantados, mas julgam que o são, tomam as suas ideias pela verdade. É como acontece entre vós. (3)

7. Que pensar das doutrinas que só aceitam a comunicação de um Espírito, que seria Deus ou Jesus?

— O Espírito que a ensina deseja dominar e por isso quer impor-se como único. Mas o infeliz que ousa tomar o nome de Deus pagará bem caro o seu orgulho. Essas doutrinas se refutam a si mesmas porque estão em contradição com os fatos mais amplamente verificados. Não merecem exame sério, pois não têm fundamento. (4)

A razão vos diz que o bem procede de uma boa fonte e o mal de uma fonte má. Como quereis que uma árvore boa dê maus frutos? Já colhestes uvas na maceira? A diversidade das comunicações e a prova patente da diversidade de sua origem. Aliás, os Espíritos que desejam ser os únicos a se comunicarem se esquecem de dizer por que motivo os outros não o poderiam fazer. Sua negação é a negação do que o Espiritismo tem de mais belo e mais consolador as relações do mundo visível com o mundo invisível, dos homens com os entes que lhes são caros e que assim estariam perdidos para eles sem retorno. São essas relações que identificam o homem com o seu futuro, que o destacam do mundo material. (5)

Suprimir essas relações seriam mergulhá-lo na dúvida que é o seu tormento, seria alimentar o seu egoísmo. Examinando com atenção a doutrina desses Espíritos deparamos a cada passo com injustificáveis contradições, provas da sua ignorância a respeito das coisas mais evidentes, por conseguinte, com os sinais seguros de sua inferioridade. (O Espírito da Verdade)

8. De todas as contradições que se notam nas comunicações dos Espíritos, uma das mais chocantes é a relativa à reencarnação. Se a reencarnação é uma necessidade da vida espírita, como nem todos os Espíritos a ensinam?

— Não sabeis que existem Espíritos cujas ideais estão limitadas ao presente, como acontece com muitos homens na Terra? Pensam que a sua situação atual deve durar para sempre, não enxergam além do círculo de suas percepções imediatas e não se perguntam de onde vêm e para onde vão. Apesar disso, devem sujeitar-se à lei da necessidade. A reencarnação é para eles uma necessidade em que não pensam enquanto ela não chega. Bem sabem que o Espírito progride, mas de que maneira? Isso é para eles um problema. Então, se lhes fazeis a pergunta, responderão com os sete céus superpostos como andares. Há mesmo os que responderão com a esfera de fogo, a de estrelas, a de flores e a dos eleitos.

9. Concebemos que Espíritos pouco adiantados não possam compreender essa questão. Mas como é que outros Espíritos de inferioridade moral e intelectual notórias, falam espontaneamente de suas diferentes existências e de seu desejo de reencarnar para resgatar o passado?

— No mundo dos Espíritos se passam coisas que é bem difícil de compreenderdes. Não tendes entre vós pessoas que são muito ignorantes de certas coisas e esclarecidas sobre outras? Não sabeis também que certos Espíritos gostam de manter os homens na ignorância e tomam para a isso ares de instrutores, aproveitando-se da facilidade com que aceitam as suas palavras? Eles podem seduzir os que não examinam as coisas, mas quando os apertamos no círculo do raciocínio não sustentam o seu papel por muito tempo.

É necessário, por outro lado, levar em conta a prudência geral dos Espíritos na propagação da verdade: uma luz viva e súbita ofusca, não esclarece. Eles podem, pois, em certos casos, julgar conveniente expandi-la gradualmente, de acordo com a época os lugares e as pessoas. Moisés não ensinou tudo o que o Cristo ensinaria. E o próprio Cristo disse muitas coisas cuja compreensão estava reservada às gerações futuras.

Falais da reencarnação e vos admirais de que esse princípio não tenha sido ensinado em certos países. Lembrai-vos então de que num país dominado pelo preconceito de cor, com a escravidão enraizada nos costumes, o Espiritismo seria repellido pelo simples fato de proclamar a reencarnação. Porque a ideia de que o senhor possa tornar-se escravo e vice-versa teria parecido monstruosa. Não valeria a pena divulgar primeiro a ideia geral, deixando para tirar mais tarde a suas consequências? (6)

Oh, homens! Como a vossa vista é curta para apreciar os desígnios de Deus! Sabei, então, que nada se faz sem a sua permissão e sem um objetivo que frequentemente não conseguis penetrar. Já vos disse que será feita a unidade da crença espírita. Tende certeza de que ela se fará. E que as dissidências, já menos profundas, irão se apagando pouco a pouco, à medida que os homens se esclarecerem, e desaparecerão por completo, porque essa é à vontade de Deus, contra a qual o erro não pode prevalecer. (O Espírito da Verdade). (7)

10. As doutrinas errôneas que certos Espíritos podem ensinar não retardam o progresso da verdadeira Ciência?

— Quereis obter tudo sem dificuldades. Mas lembrai-vos de que não há campo sem ervas daninhas que o lavrador deve arrancar. Essas doutrinas errôneas são uma consequência da inferioridade do vosso mundo. Se os homens fossem perfeitos só aceitariam a verdade. Os erros são como pedras falsas que só um olho experiente pode distinguir. Necessitais, portanto, de aprendizado para distinguir o verdadeiro do falso. Pois bem, as falsas doutrinas têm a utilidade de vos exercitar na separação da verdade e do erro.

— Os que aceitam o erro não retardam o seu progresso?

— Se aceitam o erro é porque não estão suficientemente adiantados para compreender a verdade.

302. Esperando que se faça a unidade, cada qual acredita possuir a verdade e sustenta que só ele está com a verdade. Ilusão que os Espíritos mistificadores não deixam de entreter. Sobre o que poderá se apoiar o homem imparcial e desinteressado para fazer o seu julgamento?

— A luz mais pura não é obscurecida por nenhuma nuvem. O diamante sem jaça é o de maior valor. Julgai os Espíritos pela pureza dos seus ensinamentos. A unidade se fará onde o bem jamais se tenha misturado com o mal. É ali que os homens se ligarão pela própria força das circunstâncias, porque julgarão que ali se encontra a verdade.

Notai que os princípios fundamentais são os mesmos por toda parte e devem vos unir num pensamento comum: o amor a Deus e a prática do bem. Seja qual for à via de progresso que se pretende para as almas, o objetivo final é o mesmo: praticar o bem. Ora, não há duas maneiras de o fazer.

Se surgirem dissidências capitais, referentes ao próprio fundamento da doutrina, tendes uma regra para as apreciar. A regra é esta: a melhor doutrina é aquela que melhor satisfaz ao coração e à razão e que dispõe de mais recursos para conduzir os homens ao bem. Essa, eu vos dou a certeza, é a que prevalecerá. (O Espírito da Verdade)

DAS MISTIFICAÇÕES

303. Se se enganar é desagradável, pior ainda é ser mistificado. Aliás, é esse um inconveniente de que mais facilmente podemos nos preservar. Os meios de desmanchar as armadilhas dos Espíritos mistificadores foram expostos nas instruções precedentes e por isso diremos pouco a respeito. Eis as respostas dadas pelos Espíritos sobre o assunto:

1. As mistificações são um dos escolhos mais desagradáveis da prática espírita. Haverá um meio de evitá-las?

— Parece-me que podeis encontrar a resposta revendo o que já vos foi ensinado. Sim é claro, há para isso um meio muito simples, que é o de não pedir ao Espiritismo nada mais do que eles podem e devem dar-vos: seu objetivo é o aperfeiçoamento moral da Humanidade. Desde que não vos afasteis disso, jamais serei mistificado, pois não há duas maneiras de se compreender a verdade moral, mas somente aquela que todo homem de bom senso pode admitir.

Os Espíritos vêm instruir-vos e guiar-vos na rota do bem e não na das honrarias e da fortuna ou para atender às vossas pequeninas paixões. Se jamais lhe pedissem futilidades ou o que seja além de suas atribuições, ninguém daria acesso aos Espíritos mistificadores. Do que se conclui que só é mistificado aquele que merece.

Os Espíritos não estão incumbidos de vos instruir nas coisas deste mundo, mas de vos guiar com segurança naquilo que vos possa ser útil para o outro.

Quando vos falam das coisas daqui é por considerarem isso necessário, mas não porque o pedis. Se quiserdes ver nos Espíritos os substitutos dos adivinhos e dos feiticeiros, então sereis mistificados.

Se bastasse aos homens dirigir-se aos Espíritos para tudo saberem, perderiam o livre arbítrio e sairiam dos desígnios traçados por Deus para a Humanidade. O homem deve agir por si mesmo. Deus não envia os Espíritos para lhe aplainarem a rota da vida material, mas para lhe prepararem a do futuro.

— Mas há pessoas que nada pedem e são indignamente logrados por Espíritos que se manifestam espontaneamente, sem que os evoquem.

— Se nada pedem, aceitam o que dizem, o que dá na mesma. Se recebessem com reserva e desconfiança tudo o que se afasta do objetivo essencial do Espiritismo, os Espíritos levianos não as enganariam tão facilmente.

2. Porque Deus permite que as pessoas sinceras, que aceitam de boa-fé o Espiritismo, sejam mistificadas? Isso não poderia acarretar o inconveniente de lhes abalar a crença?

— Se isso lhes abalasse a crença, seria por não terem a fé bastante sólida. As pessoas que abandonassem o Espiritismo por um simples desapontamento provariam não o haver compreendido, não se terem apegado ao seu aspecto sério. Deus permite as mistificações para provar a perseverança dos verdadeiros adeptos e punir os que fazem do Espiritismo um simples meio de divertimento. (O Espírito da Verdade)

Observação de Kardec: *A malandragem dos Espíritos mistificadores ultrapassa às vezes tudo que se possa imaginar. A arte com que assestam as suas baterias e tramam os meios de persuadir seria digno de atenção, caso se limitassem a brincadeiras inocentes. Mas as mistificações podem ter consequências desagradáveis para os olhos a tempo a muitas pessoas que nos pediram conselhos, livrando-as de situações ridículas e comprometedoras.*

Entre os meios empregados por esses Espíritos devemos colocar em primeiro lugar, como os mais frequentes, os que excitam a cupidez, como a revelação de pretensos tesouros ocultos, o anúncio de herança e de outras fontes de riqueza. Devem, também se considerar desde logo suspeitas às predições com épocas marcadas e todas as indicações precisas referentes a interesses materiais. Toda cautela com as providências prescritas ou aconselhadas pelos Espíritos, quando os fins não forem claramente razoáveis. Jamais se deixar ofuscar pelos nomes usados pelos Espíritos para darem validade às suas palavras. Desconfiar das teorias e sistemas científicos ousados. Enfim, desconfiar de tudo o que se afaste do objetivo moral das manifestações. Poderíamos escrever um volume dos mais curiosos com as estórias de todas as mistificações que têm chegado ao nosso conhecimento. (8)

(1) Como Kardec sempre acentuou, devemos considerar os Espíritos como criaturas humanas desencarnadas e não como entes divinos. Essa posição natural evitaria que aceitássemos grande parte das suas comunicações, evitando muitos enganos. (N. do T.)

(2) Estas explicações têm sido interpretadas maliciosamente por certos adversários do Espiritismo, que se fazem de desentendidos para acusar os Espíritos de hipócritas. Não se trata de impingir ideais a ninguém, o que os Espíritos superiores nunca fazem, mas de ajudar os que, iludidos por falsas ideais, necessitam de orientação no seu processo evolutivo. Todos os verdadeiros mestres usam esse sistema. (N. do T.)

(3) As doutrinas humanas são geralmente fechadas e estáticas. Formam sistemas de ideais a que os homens se apegam. Por isso a doutrina Espírita se apresenta aberta e dinâmica, baseada na pesquisa e formada pelas contribuições de numerosos Espíritos e homens superiores. O Espiritismo não se apresenta como a verdade, mas como a busca incessante da verdade, que se acelera a ampliar na proporção em que os homens e o mundo evoluem. (N. do T.)

(4) Kardec formulou essa pergunta porque a doutrina do “Espírito único” havia sido lançada em Paris e, por mais absurdo que pareça, fazia adeptos. Também por isso o Espírito da verdade se interessou em dar uma comunicação assinada sobre o assunto. Hoje, outras doutrinas continuam a surgir, sempre contraditórias e absurdas, através de médiuns ansiosos de projeção e renome. Basta analisá-las com atenção, como ensina o trecho acima, para percebemos em todas elas os traços da ignorância e da ambição dos seus criadores. (N. do T.)

(5) Note-se a importância desse conceito sobre as relações mediúnicas. O grifo é nosso. (N. do T.)

(6) Essa estratégia dos Espíritos superiores para a revelação da verdade prova a inferioridade do nosso mundo. Eles agiram de início, e continuam ainda hoje, de maneira pedagógica, tratando os povos civilizados (e os mais adiantados da Terra) como os professores inteligentes tratam as crianças na escola primária. (N. do T.)

(7) Novas dissidências continuam a surgir a, mas a sua própria fragilidade nos mostra como serão passageiras. Espíritos e médiuns, levados pela vaidade e a imaginação, criam sistemas novos como castelos na areia. O tempo, as águas e o vento se incumbirão de destruí-los. A verdade é uma só e o mundo está sujeito à lei da evolução. (N. do T.)

(8) A falta de observação dessas instruções tem permitido a divulgação e aceitação de numerosas teorias pseudocientíficas em nosso país e em todo o mundo, que contribuem para o descrédito do Espiritismo. A vaidade pessoal de médiuns, de estudiosos da doutrina e até mesmo de intelectuais de valor inegável, estes sempre dispostos a criticar e a superar Kardec, tem levado essas pessoas ao ridículo, inutilizando-as para o verdadeiro trabalho de divulgação e orientação. Essas instruções devem ser lidas e meditadas pelos que desejam realmente servir à causa espírita (N. do T.)

(Trecho extraído do livro: “O Livro dos Médiuns” – Allan Kardec – Perguntas que se podem fazer)

OS ESPÍRITOS NÃO RESOLVEM SEUS PROBLEMAS



Muita gente procura um Terreiro em busca de uma conversa direta com os Guias Espirituais. Talvez acreditem que, se tiverem oportunidade de conversar, chorar suas mágoas e defender suas ideais de autopiedade, os Espíritos se mobilizarão para auxiliá-los e destrinchar suas dificuldades com toda a urgência e facilidade.

Meu Deus, como muitos amigos estão equivocados! Espírito nenhum resolve problemas de ninguém. Esse definitivamente não é o objetivo nem o papel dos Espíritos, meu filho. Se porventura você está em busca de uma solução simples e repentina para seus dramas e desafios, saiba que os Espíritos desconhecem quimera capaz de cumprir esse intento.

Na Umbanda, não se traz o amor de volta; ensina-se a amar mais e valorizar a vida, os sentimentos e as emoções, sem pretender controlar os sentimentos alheios ou transformar o outro em fantoche de nossas emoções desajustadas. Os Espíritos não estão aí para “desmanchar trabalhos” ou feitiçarias; é dever de cada um renovar os próprios pensamentos, procurar auxílio terapêutico para educar as emoções e aprender a viver com maior qualidade.

Até o momento, não encontramos uma varinha mágica ou uma lâmpada maravilhosa com um gênio que possa satisfazer anseios e desejos, resolvendo as questões de meus filhos. O máximo que podemos fazer é apontar certos caminhos e incentivar meus filhos (as) a caminhar e desenvolver, seguindo a rota do amor.

Não adianta falar com as entidades e os Guias ou procurar o auxílio dos Orixás, como muitos acreditam, pois tanto a solução como a gênese de todos os problemas estão dentro de você, meu filho.

Ao menos na Umbanda, a função dos Espíritos é maior do que satisfazer caprichos e necessidades imediatas daqueles que concentram sua visão nas coisas do mundo.

Não podemos perder nosso tempo com lamentações intermináveis nem com pranto que não produza renovação. Nosso campo de trabalho é a intimidade do ser humano, e a cientização de sua capacidade de trabalhar e investir no lado bom de todas as coisas. Nada mais.

Tem gente por aí se deixando levar pelas aparências de espiritualidade. A grande multidão ainda não despertou para as verdades espirituais e acha-se com os sentidos embriagados e as crenças arraigadas em formas mesquinhas e irreais de viver a vida espiritual.

Persegue soluções que lhe sejam favoráveis, e, em geral, tais soluções dizem respeito a questões emocionais ou materiais que meus filhos não se sentiram capazes de superar. Ah! Como se enganam quanto à realidade do Espírito.

O aprendizado da vida é longo, amplo e exige um esforço mental de tais proporções que não torna fácil romper com os velhos hábitos de barganhas espirituais aprendidos com as religiões do passado.

Fazem-se promessas, cumprem-se rituais na esperança de que os Espíritos ou Deus concedam-lhes um favor qualquer em troca de seus esforços externos, que presumem sobrepor-se aos valores internos. Pensamentos assim resultam de uma educação religiosa deficiente e advêm de hábitos seculares que perduram nos dias atuais e carecem de uma análise mais profunda.

Os indivíduos que agem com base nessas premissas evitam reconhecer sua responsabilidade nos acontecimentos que os atingem e pensam enganar a Deus com seu jeito leviano e irresponsável de tratar as questões espirituais. Fatalmente se decepcionam ao constatar que aquilo que queriam não se realizou e que as focas sublimes da vida não se dobraram aos seus caprichos pessoais.

Os problemas apresentados pela vida têm endereço certo, e não há como transferi-los para os Espíritos resolverem. Se determinada luta ou dificuldade chega até você, compete a você vencê-la.

Na sede de se livrar do processo educativo ministrado pela vida, meus filhos esperam que, os Espíritos, possam isentá-los de seus desafios. Isso é irreal. Não detém o poder de transferir de endereço a receita de reeducação que vem para cada um.

Nenhum Espírito minimamente esclarecido poderá prometer esse tipo de coisa sem comprometer o aprendizado individual. Foram chamados pelo Pai para auxiliar meus filhos apontando o caminho ou a direção mais provável para alcançarem êxito na construção de sua felicidade.

Vejam como exemplo a atuação do próprio Nosso Senhor Jesus Cristo. Mesmo matando a sede e a fome de multidões, ele não arranhou emprego para ninguém. Curou e restabeleceu a saúde de muitos que nele acreditaram, mas não libertou ninguém das consequências de seus atos e escolhas. Sabendo das dificuldades sociais da época, não tentou resolver questões que somente poderiam ser transpostas com o tempo e o amadurecimento daquele povo.

Em momento algum o vimos a prescrever fórmulas para dar fim a desavenças de ordem familiar, socioeconômica nem tampouco emocional, recomendando meios de trazer o marido de volta ou fazer a pessoa amada retornar aos braços de quem deseja. Uma vez que ele é o Senhor de todos os Espíritos e não promoveu coisas nesse nível, como podemos nós, seus seguidores, sequer cogitar realizá-las?

O que podemos deduzir das atitudes de Nosso Senhor, meus filhos, é que, se ele não se dispôs a realizar tais demandas, que na época certamente existiam, é porque a natureza de seu trabalho era outra.

Mesmo debelando os males, prestando o socorro que podia, ele não eximiu a população de enfrentar seus desafios. Quem recebeu o pão voltou a ter fome e inevitavelmente teve de trabalhar para suprir as próprias necessidades; quem foi curado teve de aprender a valorizar a própria vida, pois outras enfermidades viriam mais tarde; quem Jesus ressuscitou dos mortos desencarnou mais adiante.

Em suma, o processo de reeducação a que conduzem os embates da vida é tarefa de cada um. Cristo Nosso Senhor apenas indicou a direção, mas cabe a cada seguidor palmilhar o caminho com suas próprias pernas, avançando com passos seguros e resolutos em seu aprendizado.

Através desse raciocínio, meu filho, você poderá compreender a razão pela qual não há proveito em recorrer aos Espíritos para livrá-lo do sofrimento ou isentá-lo de dificuldades.

Esse é o caminho do crescimento na Terra, e não há como fugir às próprias responsabilidades ou transferir o destino das tribulações. A dívida acorda sempre com o devedor, não há como se furtar a essa realidade.

(Capítulo do livro “Alforria” – Pai João, da Casa dos Espíritos Editora, com adaptações do autor)

OS NOMES SIMBÓLICOS UTILIZADOS PELOS GUIAS E PROTETORES ESPIRITUAIS, SEGUNDO A VISÃO DA UMBANDA CRÍSTICA

Certa ocasião inquirimos ao Caboclo Araribóia sobre o significado dos nomes simbólicos utilizados pelos Guias e Protetores Espirituais na Umbanda, e ele nos disse: *“Filho; um nome nada mais é que um amontoado de letras sem significado algum, a não ser identificação. Cada Espírito trabalhador da Umbanda, assume um nome simbólico que lhe é simpático, geralmente figurativo com referência a sua especialidade, ou mesmo deveres; mas, é simplesmente um nome e nada mais. Aliás, muitas vezes, é o próprio médium, intencionalmente ou involuntariamente, que escolhe um nome simbólico que lhe agrada, para identificar o Espírito manifestado ou que ainda vai se manifestar. Na maioria das vezes o médium quer um nome; então, para satisfazê-lo, intuimos*

um nome que para ele seja respeitável, simpático ou mesmo significativo. Isso, para nós Espíritos, pouco importa. Só devem ser coibidos nomes esdrúxulos, sem significado algum, que denotam baixeza, ou que não identifica uma Linha de Trabalho.

Na fita nº 50 (disponibilizada em nosso site juntamente com esse livro, com gravação na voz de Zélio de Moraes, ouvimos o seguinte: “(...) o *Caboclo das 7 Encruzilhadas*, criador da Umbanda em 1908, quando abriu a primeira Tenda dentro da Federação Espírita Kardecista do Brasil, ele não se apresentava com capacetes, nem coisa nenhuma que representasse Caboclo; ele era um Jesuíta e tomou um nome, porque o Espírito pode tomar o nome que quiser; então ele tomou o nome de *Caboclo das 7 Encruzilhadas*”. (...)

“(...) Novamente, essa força estranha tomou o jovem Zélio e através dele um Espírito falou: “*Por que repeliam a presença dos citados Espíritos, se nem sequer se dignaram a ouvir suas mensagens. Seria por causa de suas origens sociais e da cor?*”. A essa admoestação da entidade, que estava com o médium Zélio, deu-se uma grande confusão, todos querendo se explicar, debaixo de acalorados debates doutrinários, porém a entidade “resoluta” mantinha-se firme em seus pontos de vista. Nisso, um vidente pediu que a Entidade se identificasse, já que fora notado que ela irradiava uma luz positiva. Ainda mediunizado, através do médium Zélio o Espírito respondeu: “*Se querem um nome, que seja este: sou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque, para mim, não haverá caminhos fechados*” (...). (Trecho extraído do livro: “COLETÂNEA UMBANDA – A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE – AS ORIGENS DA UMBANDA, de nossa autoria)

Para maiores esclarecimentos, vamos lembrar os ensinamentos dos Espíritos Superiores na Codificação Kardeciana, igualmente aplicados na Umbanda:

256. À medida que os Espíritos se purificam e se elevam na hierarquia, as características distintivas de sua personalidade desaparecem, de certa maneira, na uniformidade da perfeição, mas nem por isso deixam eles de conservar a sua individualidade. É o que se verifica com os Espíritos Superiores e os Espíritos Puros. Nessa posição, o nome que tiveram na Terra, numa das mil existências corporais efêmeras por que passaram, nada mais significa. Notemos ainda que os Espíritos se atraem mutuamente pela semelhança de suas qualidades, constituindo grupos ou famílias simpáticas.

Se considerarmos, por outro lado, o número imenso de Espíritos que, desde a origem dos tempos, deve haver atingido os planos mais elevados, e se compararmos ao número tão restrito de homens que deixaram na Terra um grande nome, compreenderemos que entre os Espíritos Superiores que podem comunicar-se a maioria não deve ter nomes para nós. Mas, como precisamos de nomes para fixar as nossas ideias, eles podem tomar o de um personagem conhecido, cuja natureza mais se identifique com a deles.

É assim que os nossos anjos guardiões se fazem conhecer, na maioria das vezes, pelo nome de um santo que veneramos, escolhendo geralmente o do santo de nossa preferência. Dessa maneira, se o anjo guardião de uma pessoa dá o nome de São Pedro, por exemplo, não há nenhuma prova material de tratar-se do apóstolo. Tanto pode ser ele como um Espírito inteiramente desconhecido, pertencente à família de Espíritos a que São Pedro pertence. Acontece ainda que, seja qual for o nome pelo qual se invoque o anjo guardião, ele atenderá ao chamado porque é atraído pelo pensamento e o nome lhe é indiferente.

O mesmo se verifica todas as vezes que um Espírito superior se comunica usando o nome de um personagem conhecido. Nada prova que seja precisamente o Espírito desse personagem. Mas se ele nada diz, no seu ditado espontâneo, que desminta a elevação espiritual do nome citado, existe a presunção de que seja ele. E em todos esses casos se pode dizer que, se não é ele, deve ser um Espírito do mesmo grau ou talvez mesmo um seu enviado. Em resumo: a questão do nome é secundária, podendo-se considerar o nome como simples indício do lugar que o Espírito ocupa na Escala Espírita. (Ver o nº 100 de *O Livros dos Espíritos*)

A situação é outra quando um Espírito de ordem inferior se enfeita com um nome respeitável para se fazer acreditar. E esse caso é tão comum que não seria demais manter-se em guarda contra esses embustes.

Porque é graças a nomes emprestados, e sobretudo com a ajuda da fascinação, que certos Espíritos sistemáticos, mais orgulhosos do que sábios, procuram impingir as ideias mais ridículas.

Assim a questão da identidade, como dissemos, é mais ou menos indiferente quando se trata de instruções gerais, desde que os Espíritos mais elevados podem substituir-se mutuamente sem que isso acarrete consequências. Os Espíritos Superiores constituem, por assim dizer, uma coletividade, cujas individualidades nos são, com poucas exceções, completamente desconhecidas. O que nos interessa não são as pessoas, mas o ensino. Ora, se o ensino é bom, pouco importa que venha de Pedro ou de Paulo. Devemos julgá-lo pela qualidade e não pelo nome. Se um vinho é mau, não é a etiqueta que o faz melhor. Mas já é diferente nas comunicações íntimas, porque então é o indivíduo, ou sua pessoa mesma que nos interessa. É, pois, com razão que, nessa circunstância, se procure assegurar de que o Espírito manifestante é realmente o que se deseja.

257. A identidade é muito mais fácil de constatar quando se trata de Espíritos contemporâneos, cujos hábitos e caráter são conhecidos. Porque são precisamente esses hábitos, de que ainda não tiveram tempo de se livrar, que nos permitem reconhecê-los. E digamos logo que são eles um dos sinais mais certos de identidade.

(Trecho extraído do livro: “O Livro dos Médiuns” – Allan Kardec – Identidade dos Espíritos)

3. Muitos Espíritos protetores se apresentam com nomes de santos ou de personagens conhecidos. O que devemos pensar disso?

— Todos os nomes de santos e de personagens conhecidos não bastariam pra designar o protetor de cada criatura. São poucos os Espíritos de nomes conhecidos na Terra. É por isso que quase sempre não dão os seus nomes. Mas na maioria das vezes quereis um nome. Então, para vos satisfazer eles usam o de um homem que conheceis e que respeitais.

4. Esse empréstimo de nome não pode ser considerado uma fraude?

— Seria uma fraude se feito por um Espírito mau que desejasse enganar. Mas sendo para o bem, Deus permite que assim se faça entre os Espíritos da mesma ordem, pois entre eles existe solidariedade e similitude de pensamentos.

5. Assim, quando um Espírito protetor se apresenta como São Paulo, por exemplo, não é certo que seja o Espírito ou a alma do apóstolo desse nome?

— De maneira alguma, pois se encontram milhares de pessoas às quais disseram que têm São Paulo como anjo guardião, ou outro santo. Mas que importa, se o Espírito que vos protege é da mesma elevação do apóstolo Paulo?

Já vos disse: precisais de um nome e eles se servem de um para que os chameis e os reconheçais. É como fazeis com os nomes de batismo para vos distinguir dos demais membros da família. Eles podem também tomar os nomes dos arcanjos Rafael, Miguel, etc., sem que isso traga consequências.

— Aliás, quanto mais um Espírito é elevado, mais se multiplica o seu poder de irradiação. Sabei que um Espírito protetor de ordem superior pode tutelar centenas de encarnados. Entre vós, na Terra, tendes os notários que se encarregam dos negócios de cem ou duzentas famílias. Porque haveríamos de ser menos aptos, espiritualmente falando, na direção moral dos homens, do que aqueles na direção material de seus interesses?

6. Porque os Espíritos comunicantes tomam com tanta frequência nomes de santos?

— Identifica-se com os hábitos daqueles a quem dirigem-se. Tomam os nomes mais aptos a melhor impressionar o homem, de acordo com as crenças deste.

7. Certos Espíritos Superiores que se costumam evocar atendem sempre em pessoa? Ou, como pensam alguns mandatários para transmitir o seu pensamento?

— Porque não atenderiam em pessoa, se o podem? Mas se o Espírito não puder atender, em seu nome falará forçosamente um mandatário.

8. O mandatário é sempre suficientemente esclarecido para responder como o faria o próprio Espírito?

— Os Espíritos Superiores sabem a quem confiam o encargo de os substituir. Aliás, quanto mais elevados são os Espíritos, mais se harmonizam num pensamento comum, de tal maneira que para eles a personalidade é diferente, como deve ser também para vós. Pensais então que no mundo dos Espíritos Superiores só existem aqueles que conhecestes na Terra como capazes de vos instruir?

Sois de tal modo levados a vos tomar por tipos universais que acreditais nada haver além do vosso mundo. Assemelhai-vos de fato aos selvagens que nunca saíram de sua ilha e pensam que o mundo não vai além dela.

9. Compreendemos que seja assim quando se trata de ensinamento sério. Mas como os Espíritos elevados permitem a Espíritos de baixa classe usarem nomes respeitáveis para semear o erro através de máximas muitas vezes perversas?

— Não é com a sua permissão que o fazem. Isso não acontece também entre vós? Os que assim enganam serão punidos, estai certos disso, e a punição será proporcional à gravidade da impostura. Aliás, se não fôsseis imperfeitos só tereis Espíritos bons ao vosso redor. Se sois enganados, não o deveis senão a vós mesmos. Deus o permite para provar a vossa perseverança e o vosso discernimento, para vos ensinar a distinguir a verdade do erro. Se não o fazeis é porque não estais suficientemente elevados e necessitais ainda das lições da experiência.

10. Espíritos pouco adiantados, mas animados de boas intenções e do desejo de progredir não são às vezes incumbidos de substituir um Espírito superior para se exercitarem na prática do ensino?

— Jamais nos Centros importantes. Quero dizer nos Centros sérios e para um ensino de ordem geral. Os que o fazem é por sua própria conta e, como dizem, para se exercitarem. É por isso que as suas comunicações, embora boas, trazem sempre a marca da sua inferioridade. Recebem essa incumbência apenas para as comunicações de segunda importância e para as que podemos chamar de pessoais.

(Trecho extraído do livro: “O Livro dos Médiuns” – Allan Kardec, no capítulo: “Identidade dos Espíritos”)

Assim o é igualmente, para os Espíritos manifestantes na Umbanda.

Não aceitamos a dissertativa de que são formadas “falanges” ou “correntes” espirituais de vários Espíritos utilizando um mesmo nome. Seria o mesmo que achar que em Aruanda, estava sendo criados pequenos núcleos de Espíritos formando “panelinhas”, em torno de um mestre ou mesmo de um “hierarca”.

È inaceitável tal ideia. Um Espírito pode usar um mesmo nome simbólico de outro, por afinidade, por admiração ou mesmo homenagem. Também pode acontecer de o nome ser utilizado, pelo simples fato do animismo do médium assim o desejar, ou assim o idealizar, consciente ou inconscientemente.

Existem nomes designativos de Orixás Mediadores na Umbanda. Ex: Ogum Matinata, Ogum Beira Mar, Ogum de Lei, Ogum Megê, Oxossi Mata Virgem, Oxossi Rompe Mata, Xangô Kaô, Xango das Sete Pedreiras, Mãe Estrela Azul, Orixá Mallet, Mãe Janaina etc., são nomes simbólicos (não confundam com alguns Guias Espirituais que igualmente utilizam da mesma nomenclatura).

São somente títulos honrosos, e não identificação de um Espírito em particular. Todos os Espíritos Superiores (Orixás Mediadores) que foram convocados, os que estão em trabalho, e os que possivelmente virão, utilizarão dos mesmos títulos, sem alterações, realizando o trabalho superior aos quais foram designados. Tudo isso é efetuado sem o mínimo de conhecimento dos encarnados.

Repetindo: Um nome, um título, nada mais é que um amontoado de letras sem significado algum, a não ser identificatório. Cada Espírito trabalhador da Umbanda assume um nome simbólico que lhe é simpático, geralmente figurativo com referência a sua especialidade, ou mesmo deveres. Mas, é simplesmente um nome e nada mais.

O GESTUAL DE INCLINAÇÃO PARA OS GUIAS E PROTETORES ESPIRITUAIS, ENTRE OS MÉDIUNS E PARA OS ASSISTIDOS NA UMBANDA CRÍSTICA

Em Umbanda Crística, entre médiuns, de médiuns para assistidos ou de Guias e Protetores Espirituais para médiuns e/ou assistidos, tomamos o devido cuidado de não tocarmos em ninguém, seja em abraços, apertos de mão, carícias, etc. Esse cuidado deve-se ao fato, primeiramente, de que existem pessoas que não gostam de serem tocadas; outro fato importante, é o de pessoas carentes, sejam assistidos ou médiuns. Outro agravante, é o ciúmes que poderá ser despertado entre casais (casados ou namorados), quando observam seus parceiros sendo tocados por outros, sejam em que circunstâncias forem. Tomamos tal atitude para não haverem interpretações errôneas, mal entendidos, e, conseqüentemente discórdias. O Caboclo das Sete Encruzilhadas, já sabedor dessa problemática, orientou:

“O perigo do médium homem é a consulente mulher, do médium mulher, o consulente homem. E preciso estar sempre de prevenção porque os próprios obsessores, os próprios Espíritos que atacam as vossas Casas fazem com que toque alguma coisa ao coração da mulher que fala com o pai de Terreiro, como faz atacar o coração do homem que fala a mãe de Terreiro. E é preciso ter muito cuidado, haver moral para que a Umbanda progrida e seja uma Umbanda de humildade, amor e caridade”. (Caboclo das Sete Encruzilhadas)

Evitemos pois, achegos corporais, sejam entre médiuns, de médiuns para assistidos ou de Guias e Protetores Espirituais para médiuns e/ou assistidos. Inclusive, até o beija mão, seja para o dirigente ou mesmo um Guia Espiritual, deve ser evitado.

Igualmente abolimos o “cruzar” (fazer o sinal da cruz), no chão, aos pés de um Guia ou Protetor Espiritual manifestado, por crermos ser um ato dispensável, pois não encontramos justificativa plausível para tal.

Utilizamos tão somente um tipo de gestual de inclinação:

- **Dulia:** O gesto de *dulia* é acompanhado do curvar da cabeça e dos ombros e as mãos juntas na altura do coração em sinal de respeito e humildade (postura de Anjali Mudra). (explorado no livro: “AS CORPORAÇÕES ORIXÁS”, de nossa autoria, no subtítulo: “OS GESTUAIS DE INCLINAÇÃO PARA DEUS E OS ORIXÁS NA UMBANDA CRÍSTICA”.

Guias e Protetores Espirituais da Umbanda não admitem que se “bata a cabeça” aos seus pés, pois entendem que esse ato só deve ser efetuado para Deus.

Portanto, devem-se evitar os salamaleques, que, com certeza, são idealizados pelos médiuns, e copiados. Com o tempo os umbandistas formalizaram por conta própria vários tipos de cumprimentos, cada um específico para cada Linha de Trabalho Espiritual, os quais, sem excessão, são simplesmente cumprimentos e nada mais, sendo que a maioria são totalmente dispensáveis.

Inclusive, muitos desses cumprimentos se tornam dificultosos para os assistidos que desconhecem esses atos de felicitações. Se formos procurar as explicações do porque haver tantos gestuais nos Terreiros, em sua grande maioria não encontraremos bases racionais para seus usos. Portanto, são dispensáveis e devem ser abolidos. Devemos buscar a simplicidade em tudo na Umbanda.

Vamos explicar, na razão e no bom senso, um dos cumprimentos mais vistos em muitos Terreiros de Umbanda:

- É o cumprimento que se dá através do toque do seu ombro direito com o ombro esquerdo da pessoa e, após, o seu ombro esquerdo com o ombro direito da pessoa, voltando, por último, ao seu ombro direito com o ombro esquerdo da pessoa, ou seja, três toques.

Segundo informações recebidas da Espiritualidade, esse era um cumprimento utilizado por algumas tribos de africanos, entre si, que permaneceu em solo brasileiro pelos afrodescendentes, sendo absorvido pelo culto da Macumba, e, posteriormente pelos umbandistas. Advertiram-nos que esse procedimento era, e é somente um cumprimento e nada mais. Não tem nada demais nesse ato a não ser uma simples felicitação.

Com o tempo, os Guias Espirituais observaram que havia várias pessoas que não gostavam que se tocassem nelas, e, por esse fato, diminuíram o cumprimento ombro a ombro, para um cumprimento do toque das costas da mão direita com as costas da mão esquerda da pessoa e, após, as costas da mão esquerda com as costas da mão direita da pessoa, voltando, por último, as costas da mão direita com as costas da mão esquerda da pessoa, ou seja, três toques.

Também observamos um cumprimento efetuado que se dá com as mãos juntas (como em forma de oração), da mesma forma como acima, muito utilizada pelos médiuns em engiras de Pretos-Velhos.

Ainda hoje, observamos que grande parte dos assistidos num Terreiro, tem dificuldade de utilizar esse cumprimento (mão a mão/ombro a ombro), e, muitas vezes, os Guias Espirituais ao efetuarem-no tem que praticamente puxar o assistido conduzindo-o, ou bater as costas de sua mão não mão do assistido que geralmente está estirada ao longo do corpo. Os assistidos não sabem como fazer, embolando todo o processo, e, muitas vezes, os Guias desistem do cumprimento. Fica uma situação muito estranha. Com isso, os assistidos confundem-se e o cumprimento torna-se caricato, desengonçados, provocando risos e chacotas.

Por esse fato, hoje, na Umbanda Crística, tanto os médiuns quanto os Guias Espirituais, utilizamos tão somente da posição Anjali Mudra quando formos cumprimentar a quem quer que seja. Muito mais fácil, prático, e evita-se mal entendidos. Quando efetuamos o Anjali Mudra, imediatamente os assistidos o repetem naturalmente, tornando o ato harmonioso.

Também existe o costume de saudação vocal aos Espíritos, que na maioria dos Terreiros assim se referem:

- Pretos-Velhos: **Adorei as almas**
- Caboclos: **Okê Caboclo**
- Crianças: **Onibeijada**
- Boiadeiros: **Marramba Getuá** (não encontramos uma tradução plausível para essa palavra)
- Marinheiros: **Salve a marujada**

- Baianos: **É da Bahia meu pai**
- Sereias: **Salve as Sereias**
- Ciganos: **Salve Santa Sara**

Não usamos tais saudações, que achamos dispensáveis. Na Umbanda Crística, para saudar a Espiritualidade, Orixás, Guias e Protetores Espirituais, altares, aos nossos irmãos, bem como em rezas e orações, na posição Anjali Mudra, dizemos com amor: “Sarava”. (Para uma boa compreensão do termo Sarava, leiam o livro: “COLETÂNEA UMBANDA – A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE – de nossa autoria, no capítulo: O SIGNIFICADO DA PALAVRA SARAVÁ”).

QUEM É A ENTIDADE ESPIRITUAL ZÉ PELINTRA?

Sabemos de antemão, que desagradaremos muitas pessoas com esse artigo, mas os mesmos devem estar cientes que não é porque aceitam de chofre, sem qualquer cuidado espiritual e doutrinário todo tipo de informação que, após, assumem em suas mediunidades, que todos os umbandistas têm que agir da mesma forma.

Vamos versar sucintamente sobre a entidade “Zé Pelintra”, (devido ao fato de haver uma supervalorização dessa “entidade” por parte de muitos médiuns, ao qual chamo de: Pelintromania, como se refere o grande amigo Cláudio Zeus) figura mítica (Mito: “Narrativa popular ou literária, que coloca em cena seres sobre-humanos e ações imaginárias, para as quais se faz a transposição de acontecimentos históricos, reais ou fantasiosos (desejados), ou nas quais se projetam determinados complexos individuais ou determinadas estruturas subjacentes das relações familiares. Coisa que não existe na realidade”), presente em muitos Terreiros. Figura mítica pelo fato de que existem centenas de “Zés Pelintras”, cada um com uma narrativa biográfica diferente, sem comprovações, e com maneiras diferenciadas de se portar. Quando se apresenta uma entidade espiritual dando data e local em que viveu, tem que haver comprovação; não havendo é pura lenda imaginativa popular, conseqüentemente: imaginação, animismo ou logro.

Existem os defensores e os detratores ferrenhos dessa entidade espiritual.

Não é a nossa pretensão julgar, ofender e muito menos degradar os Espíritos que se manifestam utilizando o nome – Zé Pelintra –, mas, tão somente esclarecer o óbvio. Devemos deixar de lado as paixões, e raciocinarmos com a razão e o bom senso, colocando cada coisa em seu lugar.

Como já o dissemos: “A maior das ignorâncias é versar sobre um assunto que nada se sabe”. E também: “O achar é a mãe de todos os erros”.

A Preta-Velha Vó Joana da Bahia nos esclareceu que:

“Os Zés Pelintras não são Guias e nem Protetores Espirituais meu filho. Somente poucos que utilizam esse nome podem ser considerados Tarefeiros (Exus da Lei) da Umbanda, manifestando-se de forma equilibrada, portando-se condignamente, pois já estão integrados na Lei da Umbanda. Muitos que se manifestam por esses Terreiros afora ainda são Exus Pagãos; repare em seus jeitos de se portarem, de se trajarem, bebericarem, fumarem etc. Não se esqueça de que julgamos ser um Espírito da Luz, pela sua linguagem elevada, sem trivialidade, sem baixeza, sem ferir, somente orientando para o bem, para o amor e para o perdão, calcados nos ensinamentos crísticos e no Evangelho Redentor”.

A Umbanda é uma Congregação Espiritual muito bem elaborada e hierarquizada disciplinarmente. Por isso, fica muito esquisito aceitar quando nos dizem que: “Zé Pelintra não é Baiano, não é Exu, não é catimbozeiro, não é Malandro... Zé Pelintra vem em qualquer Linha, baixa em qualquer lugar”. Muito estranho isso. Será que não é porque muitos de seus médiuns não aceitem o que é óbvio, e por isso, sem argumentos, tacham essa entidade espiritual de “mistério”, pois vem aonde quer, faz o que quer, e onde quiser? Espíritos da Luz, Guias Espirituais gabaritados para Atendimento Fraternal ou mesmo os Protetores ou Tarefeiros da Umbanda agem assim???

Vejam o que dizem os dicionários, sobre o termo “Pelintra”.

No “Dicionário Online de Português – Dicio”, Pelintra significa: “Pessoa pobre e mal trajada, com pretensão a exhibir-se e desejo de ostentação. Mal trajado e pretencioso”. Sinônimos de pelintra: adamado (efeminado), almofadinha, arrebicado, casquilho, frajola, janota, pedante e taful.

No “Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa”, o significado de “Pelintra” é:

- 1) que ou aquele que é pobre e mal-ajambrado, mas pretende fazer boa figura;
- 2) diz-se de ou pessoa de mau caráter; desonesto, finório;

- 3) entre ladrões, vagabundo de baixa categoria, reles;
- 4) que ou o que é pobre e malvestido; maltrapilho;
- 5) que ou quem é avaro;
- 6) que ou o que não sente constrangimento por seus atos censuráveis; sem-vergonha, descarado;
- 7) que ou o que é presunçoso nos modos e no vestir; peralta.

A sinonímia (*É o mesmo sentido de significados entre duas palavras ou mais*) do termo “Pelintra” é: Pilantra. “*Pilantra significa desonesto ou vigarista. O termo é utilizado popularmente para designar uma pessoa com comportamento enganador, dada a praticar ações que colocam em causa a sua própria honestidade. O termo pilantra é também atribuído a alguém que aparenta ser diferente do que é na realidade. Está muito associado à corrupção, à mentira, à vigarice ou ao roubo. Pilantra pode ser sinônimo de ladrão quando o sujeito age com má-fé em seu próprio benefício*”. (<http://www.significados.com.br/pilantra/>)

Contra os dicionários não existem argumentos. Sem hipocrisia, sendo realista, raciocinando com a razão e o bom senso, Guias e Protetores Espirituais, nenhum, se adjetivaria com este nome piegas, pois, o qualificaria como um Espírito biltre.

Ai, vem muitos que dizem: O nome dele não é Zé Pelintra, mas Zé Pulintra (ops).

Existem alguns livros e uma dezena de sites e versões sobre o “Zé Pelintra”, cada uma falando uma coisa. Só colocaremos a versão de um estudioso, Senhor Zeca Ligiero, por acharmos curiosa e coerente:

(...) De acordo com as nossas pesquisas, Zé Pelintra tornou-se famoso primeiramente no Nordeste, fosse como frequentador assíduo fosse já como uma das entidades dos Catimbós de Pernambuco, Paraíba, Alagoas ou Bahia. Conta-se que, ainda muito jovem, era um caboclo violento e que brigava por qualquer coisa, mesmo sem ter razão. No Nordeste, teria também adquirido a fama de “erveiro”, um sábio curandeiro capaz de descobrir e receitar chás medicinais, bem como de arrefecer com o emprego de folhas poderosas e da benzedura com tabaco, os males provocados por feitiçaria.

A questão do seu aparecimento no Rio de Janeiro não foi nunca esclarecida de forma convincente. Teria o Zé, a pessoa física, que, segundo algumas fontes, atendia pelos nomes José dos Anjos e José Gomes, realmente migrado para esse estado na década de 1920? Alguns autores afirmam categoricamente que não, e juram que ele foi enterrado no famoso cemitério dos catimbozeiros em Pernambuco.

Outros, porém, respaldados pelo relato de muitos pontos cantados em uso nos Terreiros de Umbanda atualmente, evocam passagens de sua saga, ainda em vida, pelas ruas do Rio de Janeiro boêmio do começo do século XX. Nenhuma prova concreta sustenta essas versões, que nem por isso deixam de ser verdadeiras, já que professadas por muitos, compoendo uma história múltipla de um mito. O fato é que a figura mítica de Zé Pelintra, gerada a princípio nos Catimbós do Nordeste, adquire imensa popularidade no Rio de Janeiro. O mais antigo registro de Zé Pelintra no Catimbó foi feito pela expedição MPF no Catimbó de Mestre Laurentino da Silva, em Itabaiana, no Estado da Paraíba, no dia 5 de maio de 1938.

Mas o tempo passou e, segundo relatos de seus devotos, seu Zé Pelintra tornou-se um famoso malandro da zona boêmia do Rio de Janeiro nas primeiras três décadas do século XX, período de desenvolvimento urbano e industrial que transformou profundamente a vida das populações afrodescendentes. A diáspora afrobaiana, acompanhando o fluxo migratório em direção ao Rio, expandiu-se a partir da Gamboa e da zona portuária da cidade. As primeiras favelas proliferaram, empurrando para os morros os migrantes dos antigos cortiços derrubados para a Reforma Passos.

As primeiras escolas de samba foram criadas, transformando o carnaval carioca em uma festa afro-brasileira. Nesse contexto, Zé poderia ser qualquer habitante do morro, como os numerosos sertanejos que vieram para a capital de República em busca de melhores oportunidades. Como muitos deles, teria conseguido criar a fama, por sua coragem e ousadia, obtendo ampla aceitação na pequena África do Rio, bem como nos bairros do Estácio e da Lapa, ou mesmo na então aristocrática comunidade de Santa Teresa, onde teria tido final trágico. Contam alguns que seu Zé era um grande jogador, amante da vida noturna, amigo das prostitutas, exímio capoeirista, sambista de rara inspiração, um verdadeiro bamba.

Em relação à morte de Zé Pelintra, os autores discordam sobre a autoria do crime. Teria ele sido assassinado por uma mulher, antigo desafeto, ou por outro malandro igualmente perigoso? Em ambos os casos, afirma-se, ele fora atacado pelas costas, uma vez que, pela frente, o homem era mesmo imbatível.

(Trecho extraído do livro: “Malandro Divino”, autoria de Zeca Ligiero)

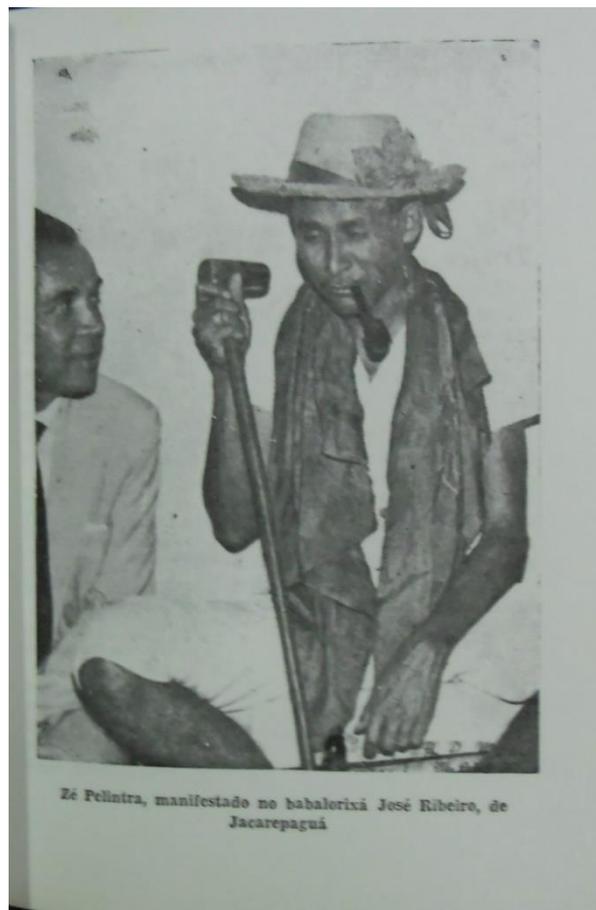
Vamos disponibilizar algumas fotos de médiuns manifestados com o suposto “Zé Pelintra”, em diferentes épocas. Alguns médiuns do Catimbó Ancestral manifestavam essa entidade como um sertanejo simples e matreiro (chamado de: Mestre da Esquerda). O vestuário (simples, sem terno ou gravata), nos modos de se portar (sem serem malandros, lascivos e dançarinos), com seus cachimbos (e não cigarros), descalços (sem sapatos), com chapéus simples de palha (ao invés do chapéu Panamá), bengalas simples.



Mestre Lao manifestado com Zé Pelintra – Olinda/PE 1976



Mestre José Ribeiro manifestado com Zé Pelintra – RJ 1970

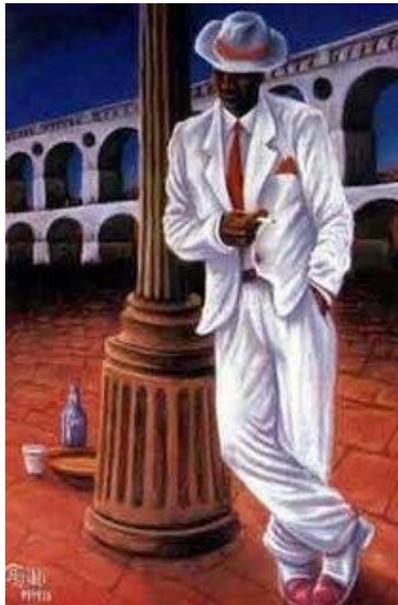


Zé Pelintra, manifestado no babalorixá José Ribeiro, de Jacarepaguá

Muitos médiuns atuais, com seus “Zés Pelintras” manifestam-nos com terno branco, gravata vermelha, lenço vermelho no bolso do paletó, chapéu panamá, sapato branco, cigarro na mão, sambando, gingando, libidinoso,

ou seja, um típico malandro carioca (quem assim age, com certeza, não são Guias Espirituais, nem Protetores e muito menos Tarefeiros da Umbanda, mas sim, os Exus Pagãos, ou mesmo obsessores kiumbas).

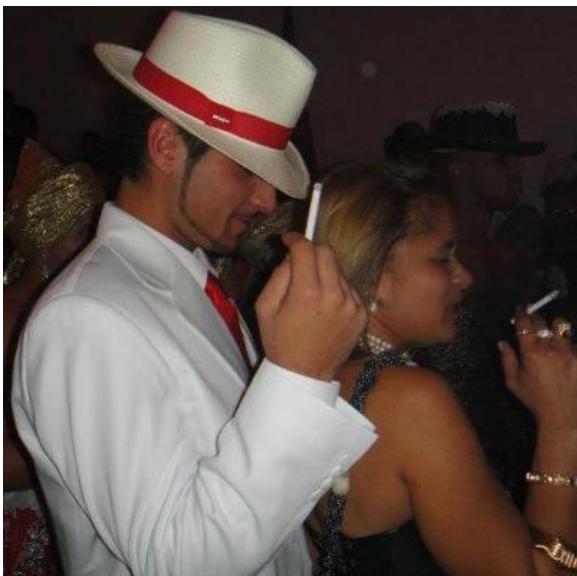
Sugestão? Animismo? Espíritos diferentes com roupagens diferentes usando o mesmo nome? Médiuns criando um arquétipo pautado no vestuário e na postura das estátuas e pinturas de Zé Pelintra vendidas nas casas do ramo? E só observar. Interessante né?



Imagens de “Zé Pelintra”

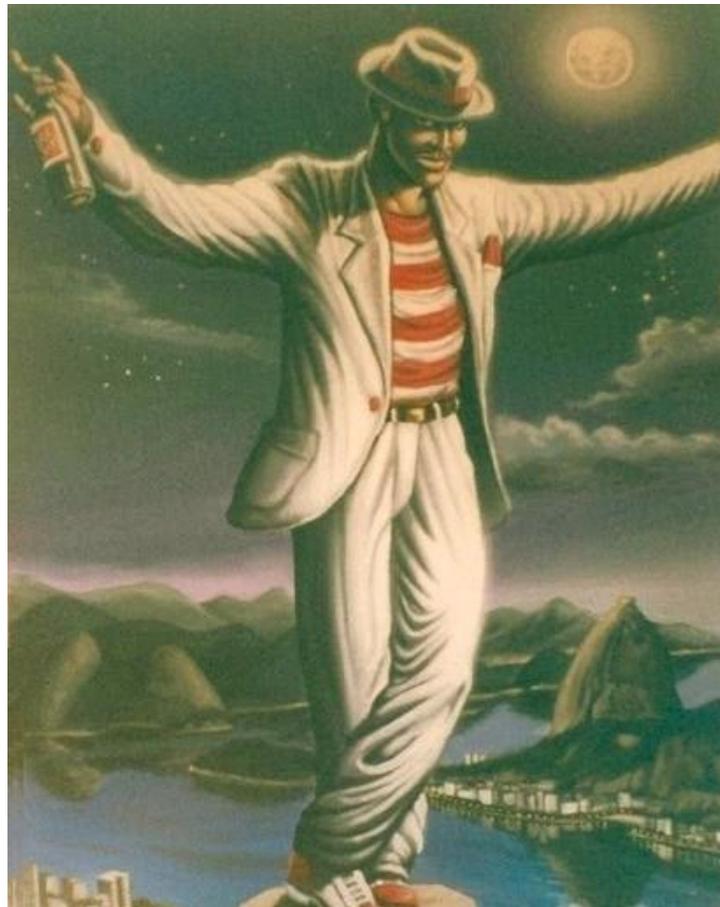
Reparem as semelhanças imitativas das manifestações “mediúnicas” atuais (abaixo) com as representações artísticas (acima):

“Zés Pelintras manifestados” atualmente:





QUEM SÃO OS TAIS ESPÍRITOS DE MALANDROS?



Sabemos de antemão, que desagradaremos muita gente com esse capítulo, mas os mesmos devem estar cientes que não é porque aceitam de chofre, sem qualquer cuidado espiritual e doutrinário todo tipo de Espíritos para trabalharem em seus Terreiros, que todos os umbandistas têm que agir da mesma maneira.

A Umbanda Crística segue rigorosamente o ensinamento evangélico que diz:

“Amados; não creiais a todo Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo”. (João, 4:1).

Também seguimos com rigor, os ensinamentos de Kardec, em o “Livro dos Médiuns”, no capítulo: “GUIA DOS MÉDIUNS EVOCADORES”. Para sabermos se estamos diante de um Espírito da Luz, seguimos tais conceitos, que se forem continuados, com certeza, identificará um Guia Espiritual da Umbanda, capacitado para trabalhos caritativos em Atendimento Fraternos.

Daremos aqui, como é visto os tais Espíritos que se autodenominam “Malandros”, pela Umbanda Crística e nada mais. Vamos nesse pequeno apêndice discutir esse assunto delicado, sem achismos, sem paixões, sem ferir consciências, mas tão somente procurando também colocar um ponto de vista calcado no estudo, na razão e no bom senso. A lógica doutrinária deve imperar.

Infelizmente, o que observamos, é o surgimento de Espíritos em muitos Terreiros ditos umbandistas, que estão sendo denominadas de “Malandros como Guias Espirituais. Isso é uma afronta, um absurdo e devemos tomar todos os cuidados, pois possivelmente são manifestações de Exus e Pombas-Gira Pagãos ou mesmo obsessores kiumbas que vieram através da mediunidade de incautos, para destruir os postulados da Umbanda; bem como também pode ocorrer, pelo fato de existirem “médiuns despreparados, ou mesmo espertalhões, que querem a todo custo convencer e plantar mais uma Linha de Trabalho Espiritual criada tão somente em suas mentes.

A Umbanda ainda é um celeiro fértil onde pessoas inescrupulosas ou mesmo neuropáticas, ainda, aqui, externam os seus íntimos atulhados somente de desencontros, maldades, ignorância, debilidade, egocentrismo, egolatrias, etc. Não existe uma fiscalização material efetiva.

“Aproveitando-se da fraqueza e necessidade de ídolos humanos, uma horda de Espíritos está se valendo de pseudopersonalidades e se aproximando dos ingênuos das mais diversas maneiras e conquistando-lhes o louvor por uma ajudazinha ali, outra ali, de modo que logo se tornam “importantes figuras” nos Terreiros, e, se aproveitando ainda mais da ingenuidade, de autoproclamando “novas linhas”. Ou então é tudo fruto de um psiquismo frágil, carente de novos heróis que criam, eles mesmos, essas “entidades” que eu chamo de: “eu mesmo”.” (Cláudio Zeus)

Perguntamos a Espiritualidade o porquê de permitirem tais manifestações ou mesmo a presença de indivíduos inescrupulosos na Umbanda, e nos responderem que existe a lei do livre arbítrio, ou seja, cada um pode fazer o que quiser (com sua vida), e outros podem seguir o que aqueles estão fazendo, pois, todos recebemos todo tipo de influências, mas, a decisão de segui-las é sempre nossa; mas, a espiritualidade superior a tudo vê e a tudo permite, pois como Jesus disse: *“A sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória, e quem colhe é Deus Pai Todo Poderoso”*. Todos têm chances e direitos de acertar. O tempo é o melhor juiz, e colocará todos de frente com a verdade nua e crua. O mais grave é que esses “médiuns” quando desencarnarem clamarão pela Justiça Divina e por Jesus, mas Este lhes dirá: *“Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará nos Reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade do meu Pai, que está no Céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor; porventura, não temos nós profetizado em Teu nome, e em Teu nome não expelimos demônios, e em Teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi, explicitamente: Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim os que praticais a iniquidade”*. (Mat. 7.21-23)

Primeiramente vamos elucidar o que seria malandragem; depois, o que seria essa tal “corrente de malandro” que está se espalhando na Umbanda, advinda de alguns Terreiros, especificamente do Rio de Janeiro. Serão apresentadas algumas versões, a fim de que o leitor possa avaliá-las e de uma vez por todas, entender quem são estes Espíritos.

Primeiramente, vamos às informações clássicas, do que seria malandragem:

MALANDRAGEM

Malandragem define-se como um conjunto de artimanhas utilizadas para se obter vantagem em determinada situação (vantagens estas muitas vezes ilícitas). Caracteriza-se pela engenhosidade e sutileza. Sua execução exige destreza, carisma, lábia e quaisquer características que permitam a manipulação de pessoas ou resultados, de forma a obter o melhor destes, e da maneira mais fácil possível. Contradiz a argumentação lógica, o labor e a honestidade, pois a malandragem pressupõe que tais métodos são incapazes de gerar bons resultados. Aquele que pratica a malandragem (o “malandro”) age como no popular adágio brasileiro, imortalizado pelo nome de Lei do Gerson: *“gosto de levar vantagem em tudo”*.

Junto ao jeitinho, a malandragem pode ser considerado outro modo de navegação social tipicamente (mas não unicamente) brasileiro; porém, diferente do jeitinho, neste a integridade de instituições e de indivíduos é efetivamente lesada, e de forma juridicamente definível como dolosa. No entanto, a malandragem bem-sucedida pressupõe que se obtenham vantagens sem que sua ação se faça perceber. Em termos mais populares, o “malandro” “engana” o “otário” (vítima) sem que este perceba ter sido enganado.

A malandragem é descrita no imaginário popular brasileiro como uma ferramenta de justiça individual. Perante a força das instituições necessariamente opressoras, o indivíduo “malandro” sobrevive manipulando pessoas, enganando autoridades e driblando leis, de forma a garantir seu prejudicado bem-estar (vide obra “Carnavais,

Malandros e Heróis”, de Roberto Damatta). Dessa forma, o “malandro” é o típico herói brasileiro. Exemplos da literatura incluem Pedro Malasarte e João Grilo.

Tal como o jeitinho, a malandragem é um recurso de esperteza, utilizado por indivíduos de pouca influência social, ou socialmente desfavorecidos. Isso não impede a malandragem de ser igualmente utilizada por indivíduos mais bem posicionados socialmente. Através da malandragem, obtêm-se vantagens ilícitas em jogos de azar, nos negócios e na vida social em sua totalidade. Pode-se considerar “malandro” o adúltero que convence a mulher de sua falsa fidelidade; o patrão que “dá um jeito” de não pagar os funcionários tal como deveria; o “jogador” que manipula as cartas e leva para si toda uma rodada de apostas.

Estereótipo do malandro brasileiro

O estereótipo do típico malandro brasileiro surgiu na primeira metade do século XX. Carregado de um certo romantismo, foi principalmente imortalizado pelas letras de samba. De acordo com este estereótipo, o malandro é carioca e habita os guetos; usa chapéu-palmeta ou panamá e calça sapatos de cores branco e preto. Veste camisa preta com listras brancas (é sua identidade), detalhes vermelhos ou regata listrada, calças brancas e leva sempre uma navalha no bolso do paletó (e vai para a Barão de Mauá).

É boêmio, vive de pequenos golpes, aprecia rodas de samba e não acredita no trabalho como um modo de vida confiável; no entanto, é sensível e sentimental, além de galante, cavalheiro e um amante invejável. Obviamente, não existe uma “teoria da malandragem” que sustente e justifique ideologicamente esse comportamento típico. A postura, atitude e cotidiano do malandro é retratado principalmente pelas artes.

O samba “Lenço no Pescoço”, escrito por Wilson Batista e gravado por Sílvio Caldas em 1933, tornou-se um “hino” da “malandragem brasileira”. Suas estrofes descrevem com precisão o modo de vida de um típico malandro: *“Meu chapéu do lado / Tamanco arrastando / Lenço no pescoço / Navalha no bolso / Eu passo gingando / Provoco e desafio / Eu tenho orgulho / Em ser tão vadio. / Sei que eles falam / Deste meu proceder / Eu vejo quem trabalha / Andar no miserê / Eu sou vadio / Porque tive inclinação / Eu me lembro, era criança / Tirava samba-canção”*.

O jeito de ser e vestir do malandros, como estereótipos, também bebe na fonte do personagem folclórico Zé Pelintra, personalidade emblemática do Catimbó. A Umbanda posteriormente incorporou o antigo Mestre de Mesa, com a figura de malandro, quando do traslado de levas de migrantes do Nordeste para o Centro-Sul do Brasil. Zé Pelintra seria um boêmio de modos selvagens em suas lides, mas de coração bom e prestimoso, sendo, inclusive, considerado “padrinho dos pobres”. A mais marcante diferença entre o estereótipo do malandro e a representação de Zé Pelintra é que este último veste-se em caxemira e gravata vermelha, enquanto que o malandro típico prefere camisas listradas, sem gravata.

No Brasil, muitos indivíduos que poderiam ser considerados como “malandros típicos” fizeram fortunas ilícitas como empresários do jogo do bicho. Estes malandros praticaram caridade e investiram nas escolas de samba, o que lhes conferiu uma imagem romântica de benfeitores. Tal imagem fora severamente prejudicada com o episódio conhecido como “CPI do jogo do bicho”, onde se investigou o envolvimento deste tipo de empresário(o “bicheiro”) com corrupção. De fato, a linha que separa a malandragem romântica do crime explícito é imprecisa.

A coleção de contos “Pastores da Noite”, de Jorge Amado, fornece um costumeiro retrato romântico dos pequenos malandros: arruaceiros, amigos e de bom coração. A bem-humorada “Ópera do Malandro”, de Chico Buarque de Hollanda, descreve com mais precisão o malandro: contrabandista, bonachão, *bon vivant* e com certeza criminoso. Mais sóbria, a peça teatral “Boca de Ouro”, escrita por Nelson Rodrigues, oferece um perfil realista do malandro bicheiro: temível, orgulhoso, vaidoso, generoso por demagogia e psicótico.

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Malandragem>)

MALANDRO – 1ª VERSÃO

Para entendermos a confusão reinante dentro da Umbanda, sobre as várias manifestações mediúnicas estereotipadas de “malandro”, temos primeiramente que entender o que seria arquétipo (*grego arché, antigo – é o primeiro modelo de alguma coisa*) no inconsciente coletivo.

Carl G. Jung sugeriu que pode existir um inconsciente coletivo. Os mitos seriam como sonhos de uma sociedade inteira: o desejo coletivo de uma sociedade que nasceu do inconsciente coletivo. Os mesmos tipos de personagens parecem ocorrer nos sonhos tanto na escala pessoal quanto na coletiva. Esses personagens são arquétipos humanos. Os arquétipos são impressionantemente constantes através dos tempos nas mais variadas culturas, nos sonhos e nas personalidades dos indivíduos, assim como nos mitos do mundo inteiro. Dominar esses arquétipos dá um grande poder ao roteirista, são ferramentas úteis, como um baú cheio de truques.

De posse do entendimento sobre o que seria o inconsciente coletivo, vamos entender o porquê do surgimento arraigado no Rio de Janeiro, da manifestação de Espíritos de malandros e malandras.

Essa figura de malandragem como meio de subsistência, surgiu no Rio de Janeiro e para entendermos vamos ver o que nos diz Zeca Ligiero em seu livro, “Malandro Divino”:

“(...) O malandro não pode ser dissociado da cultura carioca. Ao lado dos Orixás ioruba que chegaram ao panteão da macumba carioca trazidos pelos baianos, expressão de paisagem essencial, a rigor, sem representação antropomórfica, se juntam personagens históricos, sínteses de percursos coletivos, emblemáticos, personas com contornos humanos, roupas e adereços, como os Exus, quilombolas kimbandeiros, revoltados e renegados contra o sistema e contra a passividade dos seus, provocadores e vingativos. Ou então: os malandros.

O terno branco do malandro. A dignidade do negro subestimado e subalterno. A elegância de valores da tradição africana adaptada a dúbia modernidade do bas-fond carioca. Estigmatizados ou quase herói, o malandro transgressor e individualista tanto reflete quanto funda um caminho coletivo, tornado santo pros seus e pros outros mito e referência.

O malandro – de sapato, terno e chapéu – não se veste como branco, é o negro que mostra sua própria elegância, pois o malandro, tornado santo, não é apenas o que engana e o que se apropria do que é do outro para seu proveito e projeto pessoal, mas o que quer redefinir as regras de um jogo que lhe são injustificadamente desfavoráveis.

Se o malandro das encruzilhadas afro-ameríndias “não conseguiu estabelecer-se socialmente e impor a qualquer grupo uma ordem peculiar”, seu arquétipo e arsenal mítico certamente perduram no inconsciente do povo brasileiro, tanto em sua pulsão perversa – o oportunista, o predador – quanto em suas outras potencialidades, com sua postura de jogador e suas disposições e atributos de lutador refinado, de artista da vida, de animador cultural, de arrimo na crise e, assim, de protótipo comunitário (...).

Assim, poderemos agora entender, o porquê da ênfase e da aceitação de Espíritos “malandros”, que no imaginário do povo, seriam nada mais nada menos que heróis populares, que com suas gingas e expedientes, conseguem transpassar os limites da sociedade cripto-escravocrática pondo-os frente a toda uma sociedade em processo de identificação, a quem dotariam de uma identidade paradoxal.

A camada social mais carente busca nova referências e novos mestres, justamente no momento quando se faz possibilidade de uma nova ordem social que atende ao clamor das ruas para além das evidentes limitações da “democracia brasileira”, e ressalta a evidente inspiração que traz o caminho do malandro.

Conclusão: O inconsciente coletivo “malandro” está para a camada popular, como o herói, como aquele que vence as adversidades do dia a dia mesmo tendo qualquer tipo de adversidade própria de quem nada tem na vida. O “Espírito de malandro” reflete arquetipicamente àquele que leva a vida numa boa, de expedientes, de embrulhos, ou seja, malandragem.

Mas, temos que entender que isso é tão somente um arquétipo coletivo manifestado na psique humana, e é refletido nas manifestações mediúnicas a título de animismo misturado com uma efetiva e verdadeira manifestação mediúnica de obsessores kumbas empreiteiros ou soldados do mal, bem como de Exus e Pombas-Gira Pagãos. Nesse momento, a psique do médium se põe na frente da manifestação mediúnica, havendo uma simbiose onde o que se reflete é tão somente um “teatro”.

Com o tempo, a figura do malandro tornou-se símbolo marcante da cultura carioca, que o tem como um meio de sobreviver num meio racista e difícil vivência.

MALANDRO – 2ª VERSÃO

Vamos as definições dos dicionários:

Malandro: “1. Indivíduo dado a abusar da confiança dos outros, ou que não trabalha e vive de expedientes: velhaco, patife. 2. Indivíduo preguiçoso, madraço, mandrião. 3. Gatuno, ladrão. 4. Indivíduo esperto, vivo, astuto, matreiro. 5. Que é malandro”. (Novo Dicionário Aurélio – 1ª edição – 9ª impressão – Editora Nova Fronteira).

Malandra: “sf (feminino de malandro) Mulher vagabunda. **Vagabunda:** Que não trabalha ou não gosta de trabalhar; vadia. Bras. Reles, ordinário, inferior, de má qualidade”. (<http://www.dicio.com.br>)

Pela própria definição do dicionário (contra não há argumento), o malandro e/ou malandra é sinônimo de um indivíduo que não presta; que não se confia; que rouba; que vive à custa dos outros; abusado, etc. Como podemos aceitar uma Linha Espiritual formada por indivíduos assim? Como podemos entrar num Templo

Religioso, dedicado à caridade, orações, orientações precisas calcadas no Evangelho Redentor e nos ensinamentos crísticos, ou seja, reformar a vida dos que frequentam esse Terreiro, aconselhando-se com um Espírito de malandro? Analisem bem, e vejam a gravidade de “criarem” uma Linha Espiritual povoada de Espíritos embusteiros, ou mesmo abrirem a sua mediunidade para a manifestação de kiumbas empreiteiros ou soldados do mal, bem ou Exus e Pombas-Gira Pagãos que se aproveitam da ignorância espiritual e material de alguns médiuns para assim (embora alguns nem tão ignorantes assim), poderem desqualificar uma corrente religiosa como a Umbanda. A coisa é grave.

Um Espírito da luz com certeza, para nos dar um exemplo de vida, nos contaria suas peripécias negativas quando encarnados, mas tão somente para nos alertar do que não devemos fazer na vida. Jamais esse Espírito da luz se comprazeria com alegria, enfatizando que foi mulherengo; que brigava e dava porrada pra todo lado; que chegou até a matar algum desafeto (e ainda por cima dizendo isso com satisfação, como se fosse a coisa mais maravilhosa do mundo); que era alcoólatra; que viva de enrolar os outros; que vivia na jogatina; que era feiticeiro e ai por fora.

Se fosse um Espírito da luz, sentiria vergonha de ter praticado tais atos. Se fosse um Espírito da luz, faria de tudo para nos demover de tais atos. Se fosse um Espírito da luz, nos convenceria a viver a vida calcada nos ensinamentos crísticos.

Agora, o que observamos nas tais manifestações dos “malandros”, é que são Espíritos levianos, beberrões, que só querem brincar, e não se preocupam com a nossa libertação interior, jamais nos incitando a reforma íntima e que somente se preocupam com a materialidade.

Imaginem só, médiuns, trabalhando num Terreiro onde estão esses tais Espíritos de “malandros” com toda sua gama de disparates, e ainda por cima levam seus filhos para participarem dessas sessões. Vejam que coisa linda seus filhos estão aprendendo em seu Terreiro:

- Que ingerir bebidas alcoólicas abundantemente é normal, pois aprenderam vendo um “Espírito” que eles respeitam como Guia Espiritual, fazendo isso. Com certeza quanto começaram a ingerir bebidas alcoólicas vão achar supernormal, pois a espiritualidade também o faz.
- Que fumar cigarro é normal, pois também observam os tais “Espíritos” fumando desesperadamente.
- Que falar palavrões é bonito, pois esses tais “Espíritos” falam abundantemente e todos à volta acham lindo e até dão risadas.
- Observam os tais “Espíritos” se portarem de maneira indecorosa e com certeza vão repetir tais atos no seu cotidiano.

Isso é Espiritualidade? Isso é educação? Isso é um Guia Espiritual? Isso é Umbanda???

Lembre-se: “médiuns incorporados” que somente se atém em querer resolver materialidade, em despachos, simpatias, rituais, beberagem, dançarias, fantasias, roupagens coloridas, fofocas, falatórios impróprios, brincadeiras, ou que somente se preocupam em externarem através da sua “mediunidade” os arquétipos dos Espíritos quando encarnados, são medíocres, pois ainda não obtiveram a sabedoria do conhecimento plantado em seus íntimos, e não conseguem orientar a quem quer que seja.

O médium equilibrado, espiritualizado e pronto para um atendimento fraterno, é aquele que quando realiza a consulta, o assistido sai reconfortado, esperançoso e com vontade de reformar a sua vida, dentro dos ensinamentos crísticos.

Mais uma vez vamos nos recordar do que nos disse Paulo no Evangelho: “A religião verdadeira é aquela que entenece os corações, fala às almas, orienta-as, infunde coragem e jamais atemoriza. Deve dar liberdade de fé e de raciocínio, pois onde há liberdade, aí reina o Espírito do Senhor”. (Paulo, apóstolo, II aos Coríntios, 3:7)

Leiam o capítulo: “O QUE É UM OBSESSOR KIUMBA”, no livro: “A FALANGE DE TRABALHOS ESPIRITUAIS DOS TARTEFEIROS DA UMBANDA”, de nossa autoria

OS ESPÍRITOS DE MALANDROS

Os malandros têm como principal característica de identificação, a malandragem, o amor pela noite, pela música, pelo jogo, pela boemia e uma atração pelas mulheres (principalmente pelas prostitutas, mulheres da noite, etc.). Isso quer dizer que em vários lugares de culturas e características regionais completamente diferentes, sempre haverá um malandro. O malandro de Pernambuco dança côco, xaxado, passa a noite inteira no forró; no Rio de

Janeiro ele vive na Lapa, gosta de samba e passa suas noites na gafieira. Atitudes regionais bem diferentes, mas que marcam exatamente a figura do malandro.

No Rio de Janeiro aproximou-se do arquétipo do antigo malandro da Lapa, contado em histórias, músicas e peças de teatro. Alguns quando se manifestam se vestem a caráter. Terno e gravata brancos. Mas a maioria, gosta mesmo é de roupas leves, camisas de seda, e justificam o gosto lembrando que: “a seda, a navalha não cortam”. Navalha esta que levavam no bolso, e quando brigavam, jogavam capoeira (rabos-de-arraia, pernadas), às vezes arrancavam os sapatos e prendiam a navalha entre os dedos do pé, visando atingir o inimigo.

Bebem de tudo, da cachaça a whisky, fumam na maioria das vezes cigarros, mas utilizam também o charuto. São cordiais, alegres, dançam a maior parte do tempo quando se apresentam, usam chapéus ao estilo Panamá.

Podem se envolver com qualquer tipo de assunto e têm capacidade espiritual bastante elevada para resolvê-los; podem curar, desamarrar, desmanchar, como podem proteger e abrir caminhos. Têm sempre grandes amigos entre os que os vão visitar em suas sessões ou festas.

Existem também as manifestações femininas da malandragem; Maria Navalha é um bom exemplo. Manifestam-se como características semelhantes aos malandros, dança, samba, bebe e fuma da mesma maneira. Apesar do aspecto, demonstram sempre muita feminilidade, são vaidosas, gostam de presentes bonitos, de flores principalmente vermelhas e vestem-se sempre muito bem.

Ainda que tratado muitas vezes como Exu, os Malandros não são Exus. Essa ideia existe porque quando não são homenageados em festas ou sessões particulares, manifestam-se tranquilamente nas sessões de Exu e parecem um deles. Os Malandros são Espíritos em evolução, que após um determinado tempo podem (caso o desejem) se tornarem Exus. Mas, desde o início trabalham dentro da Linha dos Exus.

Pode-se notar o apelo popular e a simplicidade das palavras e dos termos com os quais são compostos os pontos e cantigas dessas entidades. Assim é o malandro, simples, amigo, leal, verdadeiro. Se você pensa que pode enganá-lo, ele o desmascara sem a menor cerimônia na frente de todos. Apesar da figura do malandro, do jogador, do arruaceiro, detesta que façam mal ou enganem aos mais fracos. Salve a Malandragem!

Na Umbanda o malandro vem na linha dos Exus, com sua tradicional vestimenta: calça branca, sapato branco (ou branco e vermelho), seu terno branco, sua gravata vermelha, seu chapéu branco com uma fita vermelha ou chapéu de palha e finalmente sua bengala.

Gosta muito de ser agradado com presentes, festas, ter sua roupa completa; é muito vaidoso; tem duas características marcantes: Uma é de ser muito brincalhão, gosta muito de dançar, gosta muito da presença de mulheres, gosta de elogiá-las, etc. Outra é ficar mais sério, parado num canto assim como sua imagem, gosta de observar o movimento ao seu redor, mas sem perder suas características. Às vezes muda um pouco, pede outra roupa, um terno preto, calças e sapatos também pretos, gravata vermelha e às vezes até cartola. Em alguns Terreiros ele usa até uma capa preta. E outra característica dele é continuar com a mesma roupa da direita, com um sapato de cor diferente, fuma cigarros, cigarrilhas ou até charutos; bebe batidas, pinga de coquinho, marafo, conhaque e uísque, rabo-de-galo; é sempre muito brincalhão, extrovertido.

Nota do autor: Jamais poderiam ser Guias ou Protetores Espirituais como muitos querem, pois Espíritos da Luz não tem vaidade, não ingerem bebidas alcoólicas para se refestelarem, não fumam, não procedem a brincadeiras descabidas, não proferem palavras de baixo calão, não se portam de maneira inconveniente, não promovem e nem aceitam festas em suas homenagens, não são libertinos, não ficam sambando, etc.

Seu ponto de força é na subida de morros, esquinas, encruzilhadas e até em cemitérios, pois ele trabalha muito com as almas, assim como é de característica na Linha dos Pretos-Velhos e Exus. Sua imagem costuma ficar na porta de entrada dos Terreiros, pois ele também toma conta das portas, das entradas, etc. É muito conhecido por sua irreverência; suas guias podem ser de vários tipos, desde coquinhos com olho de Exu, até vermelho e preto, vermelho e branco ou preto e branco

(<http://dc102.4shared.com/doc/y4CPP1hp/preview.html>)

Se os malandros não são kiumbas ou Exus e Pombas-Gira Pagãos, o que seriam então? Pois, bebem, fumam, falam impropérios, se portam de modo inconveniente, barganham com oferendas e despachos. Concordamos que não são Tarefeiros da Umbanda, ou seja, não estão integrados como trabalhadores das lides umbandistas, mas classificamo-los sim, como Exus e Pombas-Gira Pagãos. Como Exus e Pombas-Gira Pagãos, realmente não são Tarefeiros da Umbanda, e, também, realmente, podem com o tempo, trabalhos caritativos e merecimento, serem recrutados pelas Falanges de Trabalhos Espirituais dos Tarefeiros da Umbanda. Em nossa adolescência (1967/68), já ouvimos falar de Exu Malandro, mas era raro encontrá-lo na fase mediúnica psicomotora.

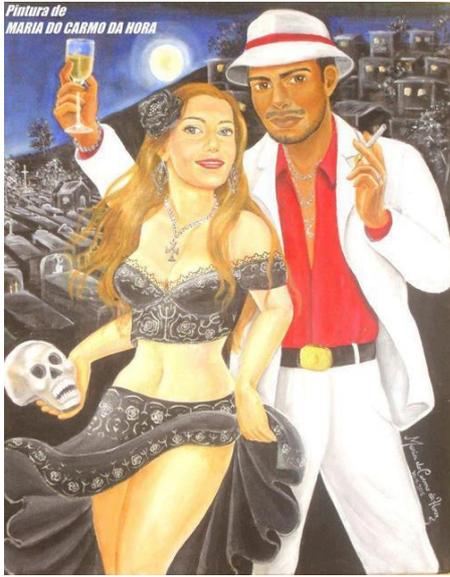
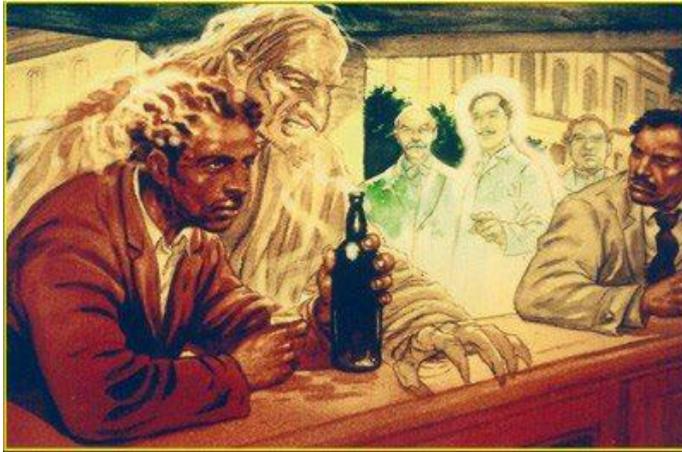
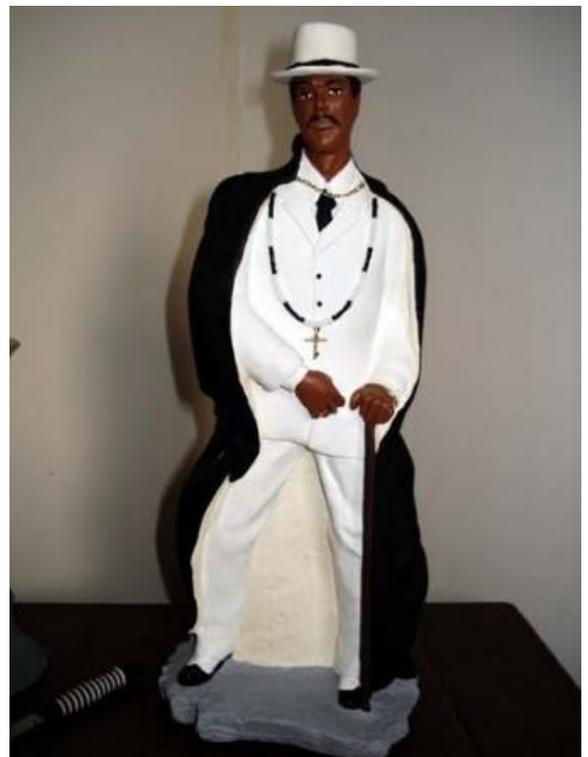
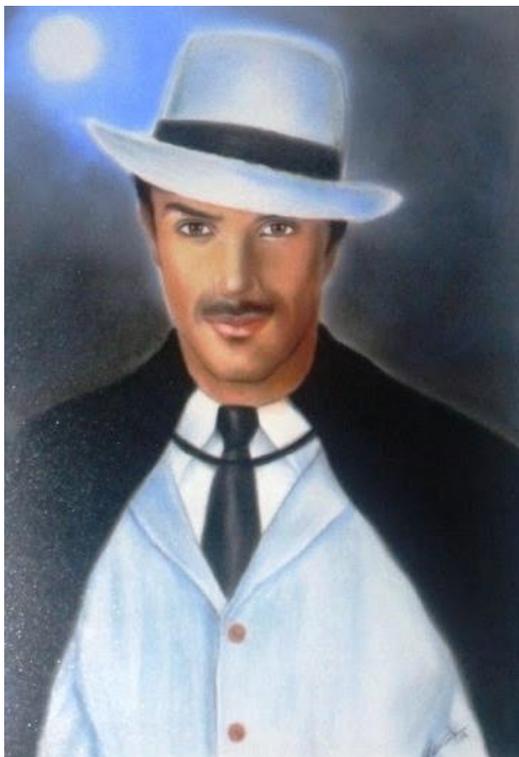


Imagem representativa da dita "Linha dos Malandros". Observe a presença de bebida alcoólica, jogatina, navalha.

Reparem como algumas imagens acima se assemelham em muito, a de atuações de Espíritos obsessores kiumbas obreiros do mal, em atuações sobre pessoas desajustadas:



Abaixo, disponibilizaremos a concepção artística de um Tarefeiro, o “Exu Malandrinho do Cruzeiro das Almas”, em um Terreiro do Rio de Janeiro. Este sim é um Amparador trabalhador da Umbanda. Observem, ele, sendo um Exu, mantém sua imagem retratada de modo digno e respeitável, não nos remetendo à concepção de estarmos diante de um madraço, de um velhaco:



Dispostemos de dois pontos cantados e duas estórias de alguns Espíritos que se autodenominam Malandros. Vejam se são exemplos a serem seguidos, ou se esses Espíritos estão gabaritados para procederem a Atendimentos Fraternos, com bases nos ensinamentos crísticos a quem procura a Umbanda.

Pontos cantado de Zé Malandro	Ponto cantado de malandro
<p>Malandro é aquele que brinca com a vida Malandro é aquele que samba no pé Malandro é o cara que sai na madrugada Volta pra casa e engana a mulher</p> <p>Malandro de fato é quem impõe o respeito Malandro é aquele que faz o que quer Malandro é aquele que vai lá a lapa fumar um cigarro sambando no pé.</p>	<p>Ele a amou com todo seu pecado Naquela noite linda malandrinho foi jurado Que homem bonito que homem formoso ele é o diabo ele e perigoso</p> <p>Num jogo de ronda que ele nos deixou</p>

<p>Descrença no ser humano foi o que me restou Mas de mané nada ficou, Ser Malandro foi o que restou Esta é minha armadura isto a vida me ensinou Malandro é malandro e Mané é Mané.</p> <p>Um dia uma mulher me falou, Quem nasceu pra ser malandro, nunca chega a ser Doutor. Provei pra ela que isso é mentira. Eu me chamo Zé malandro sou Doutor da Boêmia.</p>	<p>Foi por causa dela e do seu falso amor Um tiro pelas costas foi o que aconteceu Caiu um grande homem malandrinho morreu Ó umbanda linda, umbanda de fé Levanta minha gente ele é o rei do cabaré</p>
--	---

HISTÓRIA DO MALANDRO DE SANTA TEREZA

Zé, Zé enganador, Zé intelectual, assim como é chamado e conhecido seu Zé de poucas palavras, mas de palavras exatas e firmes que às vezes fazem chorar tanto de tristeza quanto de alegria, às vezes abusado e brincalhão às vezes sério e zangão.

Foi nascido e criado no Rio de Janeiro na região nem tão pouco original da Lapa, ou melhor, Santa Teresa (assim como ele diz e convida: vamos subir?), ao contrário de muitos outros malandros da época ele foge um pouco do cidadão largado e abandonado, pelo contrário, ele teve pai e mãe, dinheiro e mulheres, tudo sempre do bom e do melhor, teve oportunidade de estudo, mas isso não foi o bastante para que ele fugisse da malandragem que o cercava e por causa de um falso amor jogou tudo fora e foi viver na boêmia, aprendeu a arte da lábia e a mandinga de um bom malandro, mas até que um dia, com todo seu estudo e toda sua malandragem seu Zé se foi... e hoje volta e nos conta toda a sua história, um pouco de cada vez e assim vamos descobrindo o grande e bom homem que foi Seu Zé.

Zé, Zé, Zé enganador enganou moça donzela com palavras de amor!

HISTÓRIA DO MALANDRINHO DA ESTRADA

Abandonado pelos pais, Malandrinho veio para o Rio de Janeiro ainda uma criança, onde conheceu uma cafetina em um cabaré da Lapa, essa mulher que sempre sofreu pelo fato de não poder ter filhos, o criou ensinando-o desde cedo as malandragens da vida. Cresceu rodeado de mulheres, bebidas e drogas. Amante da boa vida, acostumado a ter tudo do bom, as melhores bebidas, os melhores cigarros e claro as melhores mulheres, sempre muito galanteador tendo aos seus pés todas as mulheres que desejava. Mais uma em especial Malandrinho se apaixonou se entregou mais nunca deixando de lado a malandragem. Devido a isso, essa mulher o jurou de morte, justo a única mulher no qual se entregou. Durante um jogo de ronda em uma noite tranquila sob os arcos da Lapa, malandrinho com seus 19 anos mais já considerado o rei da malandragem, rei do jogo de ronda e das mulheres, foi surpreendido. Um tiro pelas costas foi o que aconteceu caiu um grande homem. "Malandrinho morreu".

UM ALERTA

Vamos comentar o caminho do movimento umbandista atual, pautados nas orientações de Leal de Souza, em 1933, recebidas pessoalmente do instituidor da Umbanda, o senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, nos alertando sobre o futuro da Umbanda fundamentada por ele.

Faremos nossos comentários em itálico, dentro de uma tabela para melhor compreensão:

O FUTURO DA LINHA BRANCA DE UMBANDA

A evolução da Linha Branca de Umbanda e Demanda depende e acompanhará a evolução das populações situadas na zona terráquea de sua ação e influência.

Aqui, claramente, Leal de Souza se refere as “umbandas dentro da Umbanda”, a idiosincrasia presente nos Terreiros, onde deparamos com uma infinidade de rituais, doutrinas e maneiras diferenciadas de se praticar Umbanda. Leal de Souza nesse pequeno trecho deixa claro que as diferenças observadas nas umbandas da atualidade, são devidas ao fato de que cada agrupamento umbandista acompanha a evolução de seus profítes. Se cada uma, dentro de suas diferenças, praticarem o lema do Caboclo das Sete Encruzilhadas: “A Bandeira da Umbanda é: Amor, Caridade e Humildade”, estarão num excelente caminho.

Tanto mais decline a magia em suas operações danosas à criatura humana, quanto mais se simplificarão os processos da Linha Branca, obriga a exercê-los de conformidade com as circunstâncias decorrentes da atuação de forças espirituais e camadas fluidicas maleficamente empregadas.

Segundo informações recebidas da espiritualidade, a magia negra, hoje (2015), declinou em 95%; portanto, igualmente, alguns aspectos da magia branca também declinaram na mesma proporção, ou seja, se não há presença de magias negras, não tem o porquê de haver a operatividade da magia branca no que concerne ao combate às feitiçarias. Os tempos mudaram. Os operadores e sustentadores da magia negra no Reino da Kimbanda estão sendo recolhidos, pois estamos no limiar do “Final dos Tempos”.

Em início da Umbanda, e durante muitas décadas, houve a necessidade de se ter a presença de Espíritos, rituais, e magias primitivos, para o combate enérgico, tête-à-tête, nas pelejas demandatórias contra os encarnados e desencarnados mal-intencionados, versados em magias negras e práticas espirituais nefandas.

Por isso, havia a necessidade abundante da magia das “entregas conciliatórias” e dos “despachos demandatórios”, a fim de combater o mal presente. Somente esses Espíritos “primitivos” com seus arsenais naturais, poderiam eficientemente opor-se com êxito, aos encarnados e desencarnados malfetores, perversos, malignos e cruéis.

Usando o termo “Espíritos primitivos”, nos referimos aos seres que precederam aos outros, os primeiros a existirem, os que têm a simplicidade e o caráter das primeiras eras e ainda conservam suas vivências nativas, os quais abundam como trabalhadores da Umbanda. Muitos são Espíritos de indígenas de todas as eras e de todos os continentes. Podem não ter a civilidade atual, mas, muitos são portadores de moral irrepreensível; outros ainda conservam suas características, trejeitos, posturas, conhecimentos, linguagem, costumes, entendimentos e vivências ancestrais. Tiveram suas evoluções naturais como aborígenes, tendo cultura sobre a vida e desenvolvimento espiritual na visão autóctone, bem como suas operações ritualísticas e/ou mágicas.

Muitos, por não entenderem como tudo ocorreu e ocorre, sentem um “saudosismo” inapropriado, achando (o achar é a mãe de todos os erros) que hoje, os umbandistas não sabem mais trabalhar, pois não se utilizam de magias (pontos riscados, entregas mágicas conciliatórias e/ou demandatórias, despachos demandatórios e /ou ordenatórios) para resolverem casos após casos, onde, na atualidade, por não haverem mais as famosas “demandas”, se decide pela oração, reforma íntima, descarrego (desobsessão), passes, defumações, banhos com ervas, e por um bom atendimento fraterno com orientações calcados nos ensinamentos crísticos.

Ainda grassa a crença de que é imprescindível os umbandistas fazerem “cursos” para aprenderem a serem magistas, instruírem-se nas feituas de oferendas, entregas e despachos, firmezas, batuques, comidas, vestuários, dançarias, bebidas, em detrimento da reforma íntima e da autoevangelização, abdicando das rezas/orações, e do necessário descarrego (desobsessão).

Hoje, a *Cúpula Astral de Umbanda* simplificou os processos ritualísticos e magísticos, exercendo-os em conformidade com as atuais necessidades.

Os *Espíritos primitivos* com suas bagagens ritualísticas e magísticas primárias, atuantes nas Linhas de *Trabalhos Espirituais* nos primórdios da Umbanda, foram de suma importância para tudo o que acontecia, e por isso, foram convocados para agirem com todos os seus cabedais de conhecimentos, mas, hoje, estes mesmos *Espíritos*, amadurecidos, juntamente com seus instrutores, estão atuando de forma a incrementar a evolução de cada filho de fé, incentivando o estudo doutrinário calcado na doutrina dos Evangelhos, na *Codificação Kardeciana* e nos ensinamentos crísticos, baseados na razão e no bom senso.

Usando os ensinamentos do venerável *Espírito de Ramatis*, vamos às suas observações, que são os que os operadores espirituais das lides umbandistas requerem que nós façamos em nossos Terreiros:

- **Pergunta: Considerando-se que a Umbanda é de orientação espiritual superior, qual é a preocupação atual dos seus dirigentes, no Espaço?**

Ramatis: Os Mentores da Umbanda, no momento, preocupam-se em eliminar as práticas obsoletas, ridículas, dispersivas e até censuráveis, que ainda exercem os umbandistas alheios aos fundamentos e objetivo espiritual da doutrina. Sem dúvida, uns adotam excrescências inúteis e abusivas no rito e características doutrinárias de Umbanda, por ignorância, alguns por ingenuidade e outros até por vaidade ou interesse de impressionar o público. Inúmeras práticas que, de início, serviram para dar o colorido doutrinário, já podem ser abolidas em favor do progresso e da higienização dos “Terreiros”. Aliás, a Umbanda é um labor espiritual digno e proveitoso, mas também é necessário se proceder à seleção de adeptos e médiuns, afastando os que negociam com a dor alheia e mercadejam com as dificuldades do próximo.

Raros umbandistas percebem o sentido específico religioso da Umbanda, no sentido de confraternizar com as mais diversas raças sob o mesmo padrão de contato espiritual com o mundo oculto. Sem violentar os sentimentos religiosos alheios, os Pretos-Velhos são o “denominador comum” capaz de agasalhar as angústias, súplicas e desventuras dos tipos humanos mais diferentes. São eles os trabalhadores avançados, espécie de bandeirantes desganhando a mata virgem e abrindo clareiras para o entendimento sensato da vida espiritual, preparando os filhos e os habituando a soletrar a cartilha da humildade para mais breve entenderem a própria mensagem iniciática (e doutrinária) do Espiritismo.

A Umbanda tem fundamento e quando for conhecido todo o seu programa esquematizado no Espaço, os seus próprios críticos verificarão a comprovação do velho aforismo de que “Deus escreveu certo por linhas tortas” (...).

- **Quais as deficiências atuais da Umbanda para ela enquadrar-se definitivamente no seu objetivo mediúnico e doutrinário?**

Ramatis: Alhures, já explicarmos que a Umbanda ainda resente-se de uma codificação ou seleção definitiva de seus valores autênticos, dependendo de estudos, pesquisas, debates, teses e simpósios entre os principais mentores, chefes e responsáveis por todos os Terreiros do Brasil. Também seria conveniente definir-se a posição da Umbanda, cada vez mais ocidentalizada pela penetração incessante de brancos, em contraste com os trabalhos tipo “Candomblé”, de culto deliberadamente primitivo e fetichista, fundamentado nas danças históricas do mediunismo do negro africano. Há de se fixar regras, cerimônias e métodos de trabalhos imprescindíveis à característica fundamental da Umbanda, como ambiente simpático à livre manifestação dos Pretos e Caboclos, mas dispensando-se tanto quanto possível o uso exagerado de apetrechos inúteis e até ridículos no serviço mediúnico e de magia. Justifica-se, também, a padronização das vestimentas dos cavalos e cambonos em sua cor branca, mas visando principalmente a higiene, a simplicidade, em vez da fascinação de paramentos eclesiásticos e que podem culminar na imprudência do luxo e do fausto (...).

(...) Finalmente, Umbanda pode ser aspiração ou manifestação religiosa de um estado evolutivo do vosso povo, mas perfeitamente compatível com o atual foro de civilização, sem as excentricidades dos batuques primitivos e da gritaria histórica até de madrugada. Não é prova de fidelidade nem demonstração de Espírito sacrificial, o homem participar de ritos e cantorias prolongadas que perturbam a vivência comum dos demais seres, pois a Igreja Católica e o Protestantismo também praticam suas liturgias em horas e dias que jamais despertam protestos ou censuras. Os negros africanos atravessavam a madrugada adentro condicionado aos ritos intermináveis e às danças históricas, porque eles também dispunham totalmente do dia seguinte para a recuperação física através do sono prolongado. Mas o cidadão atual é um escravo do cronômetro e de mil obrigações diárias, que lhe exigem o repouso adequado para não malograr no sustento da família.

(Trechos extraídos do capítulo “Espiritismo e Umbanda”, do livro: “Missão do Espiritismo” – médium: Hercílio Maes – Editora Freitas Bastos – Pelo Espírito de Ramatis)

- **Quereis dizer que apesar da confusão atual reinante na Umbanda, ela tende para a sua unidade doutrinária, não é assim?**

Ramatis: Apesar dessa aparência doutrinária heterogênea, existe uma estrutura básica e fundamental que sustenta a integridade da Umbanda, assim como um edifício sob a mais fragante anarquia dos seus moradores, mantém-se indestrutível pela garantia do arcabouço de aço! Da mesma forma, o edifício da Umbanda, na Terra, continua indeformável em suas “linhas mestras”, bastando que os seus líderes e estudiosos orientem-se através da diversidade de formas exteriores, para em breve identificar essa unidade doutrinária iniciática.

Os Terreiros ainda lutam entre si e atacam-se mutuamente, em nome de princípios doutrinários e ritualísticos semelhantes, enquanto sacrificam a autenticidade da Umbanda, pela obstinação e pelo capricho da personalidade humana! É tempo dos seus líderes abdicarem do amor-próprio, da egolatria e interesses pessoais, para pesquisarem sinceramente as “Linhas Mestras” da Umbanda, e não as tendências próprias e que então confundem a guisa de princípios doutrinários.

- **Finalmente, quais seriam as vossas recomendações finais para os nossos irmãos de Umbanda?**

Ramatis: Considerando-se que os Espíritos malévolos só podem fascinar, escravizar ou obsediar os encarnados através da conduta moral corrupta e não depende do gênero de trabalhos mediúnicos, seja de mesa ou de Terreiro é obvio que o homem radicalmente evangelizado é imune a quaisquer práticas de feitiços, magias ou processos obsessivos. Sob tal aspecto psicológico, então recomendamos aos cavalos, cambonos e adeptos da Umbanda que **jamaís olvidem os ensinamentos do Cristo Jesus**, pois os mistificadores do Além estão atentos para infiltrar-se ante a primeira falha dos trabalhadores do Bem. **Precavenham-se, os umbandistas, principalmente contra as vulgarizações de “obrigações” cada vez mais frequentes, que lhes são exigidas do Espaço por “dá cá aquela palha”**. Os Pais de Terreiros, autênticos e amigos, não exigem compromissos ridículos e até censuráveis por parte dos filhos e por qualquer banalidade.

As entidades malévolas e subversivas do Além, principalmente os antigos maiorais da inquisição e os perseguidores cruéis religiosos da Idade Média, infiltram-se sornateiramente entre os trabalhadores da Umbanda, tentando levar os cavalos e cambonos a uma passividade ingloria e perigosa, atingindo o descontrole mediúnico e os vinculando às atividades demoníacas, através de obrigações humilhantes, ridículas e até obscenas, que tanto satisfazem os luxuriosos desencarnados, como desmoralizam o serviço do Bem.

Temos observado inúmeros cavalos imprudentes, que já se deixaram dominar por esses Espíritos de alto intelecto, mas subvertidos, os quais “baixam” nos Terreiros à guisa de Pretos Velhos e Caboclos “falsificados”, operando num programa maquiavélico a fim de minar as bases sensatas do arcabouço da Umbanda. Após conquistarem melifluamente a amizade e a confiança dos “filhos”, levam-nos às práticas mais absurdas e os convencem de estarem vinculados às mais altas linhagens espirituais.

Sub-repticiamente, eles exaltam o orgulho, satisfazem a vaidade, proporcionam facilidades materiais e justificam as desagregações nos lares; mas, enquanto isso, semeiam a discórdia, a intriga, o ridículo, o prejuízo moral, a desunião e o desmoroamento do labor mediúnico.

Repetimos: os Pais de Terreiros filiados à instituição espiritual do Cordeiro Jesus, o louvado Oxalá, que é a fonte de inspiração dos Pretos-Velhos, jamais exigirão, dos seus cavalos e cambonos, qualquer prática insensata ou obrigação que os ponham em ridículo ou contrarie a ética tradicional da vida humana moderna. A exigência, imposição ou ameaça não provêm de entidades consagradas ao serviço de Oxalá, mas são características e reconhecíveis do Espírito despeitado, vingativo, vaidoso, ciumento e mal-intencionado.

Umbanda tem fundamento, mas é preciso que os cavalos, cambonos e adeptos vigiem rigorosamente os seus próprios atos e evitem o “amolecimento” espiritual, que sempre decorre do excesso de pedidos para lograr facilidades materiais.

A Terra é escola de educação espiritual e o homem não deve abdicar do seu discernimento, pois é tão incorreto o nocivo, a si mesmo, o umbandista que recorre ao Pai de Terreiro para lha alugar uma casa, como o kardecista que incomoda o guia para curar-lhe um resfriado.

Os Espíritos gozadores, maquiavélicos e interesseiros não praticam a caridade e não concedem proteção gratuita; eles apenas fazem “negócios”, assim como os egoístas na Terra apoderam-se do melhor pedaço, mesmo que isto custe à vida do próximo.

Os malfetores das sombras cobram juro escorchantes quando prestam algum favor aos encarnados, pois em troca de algumas gotas de água, exigem um tonel de indenização. Por isso, há fundamentos na lenda das criaturas que vendem a alma ao demônio, cujos credores tanto cobram por serviços mesquinhos, como por deliberada perversidade. Aquele que abdica de sua vontade e do seu discernimento, no contato tão severo com o Além-túmulo, arrisca-se se tornar mais um escravo do cativo astralino.

(Trechos extraídos do livro: *Missão do Espiritismo* – obra psicografada por Hercílio Maes – 4ª edição – Livraria Freitas Bastos – 1984)

(...) Sem dúvida, há Terreiros onde medra o exagero de objetos e práticas fetichistas, que não tem significação alguma no campo da magia africana, mais por culpa da ignorância ou vaidade dos cavalos e cambonos (...). (Ramatis – Hercílio Maes)

“A Umbanda é um caldeirão fervente, onde muitos colocam as mãos, mas raros são os que sabem o seu verdadeiro tempero”. (Ramatis – Hercílio Maes)

(...) Mas considerando-se que a liturgia tem por função precípua dinamizar o psiquismo humano das criaturas ainda incipientes da sua realidade espiritual, Umbanda pode ser um culto agradável e elevado, sob disciplinado intercâmbio mediúnico, eliminando-se as excrescências tolas e superstições primitivas, o que é próprio de certos cavalos preocupados em impressionar o público com ritos excêntricos e acontecimentos enigmáticos (...). (Ramatis – Hercílio Maes)

- **Há fundamento na explicação de que Centros Espíritas ou Terreiros são protegidos pelos Espíritos trevosos?**

Ramatis: Pois se os Espíritos “das sombras” perseguem e tentam aniquilar os Centros Espíritas onde prevalece o Evangelho do Cristo, é obvio que eles prestam seu apoio e incentivam todos os esforços, reuniões e agremiações espíricas ou de Umbanda, onde os conceitos possam ser deformados e ridicularizados. Deste modo, os mentores do astral inferior recomendam aos seus tutelados que assistam os trabalhos mediúnicos de baixo nível moral, onde a tolice, o ridículo, a vaidade e o interesse mercenário constituem um verdadeiro “desserviço” à linhagem iniciática do Espiritismo.

Acresce, ainda, que muitas criaturas adulteram as funções da mediunidade, entregando-se a trabalhos anímicos de Umbanda, semeando sandices e truncando a realidade espiritual, a guisa de um serviço mediúnico superior. As comunidades do astral inferior fazem o seu estacionamento nos Centros Espíritas e Terreiros nos quais só domine a ansiedade do fenômeno espetacular, em vez da “autorredenção”, ali estiola-se o espírito de iniciativa, desvirtua-se o discernimento espiritual e cresce o descuido para com a responsabilidade espiritual do ser.

(Trecho extraído do livro: *Elucidações do Além*” – pelo Espírito de Ramatis – médium: Hercílio Maes – 1964)

Relembrando: “A religião verdadeira é aquela que enternece os corações, fala às almas, orienta-as, infunde coragem e jamais atemoriza. Deve dar liberdade de fé e de raciocínio, pois “onde há liberdade, aí reina o Espírito do Senhor” (Paulo, apóstolo, II aos Coríntios, 3:7). Se assim o é, portanto, a Umbanda como religião, primordialmente deve doutrinar seus adeptos a seguirem os ensinamentos crísticos, e o orientado pelo Mestre Jesus, em seu abençoado Evangelho redentor.

O primordial na Religião de Umbanda é a melhora constante e homeopática de seus adeptos, livrando-os das práticas censuráveis, obsoletas, folclóricas, totemistas e idólatras. Cercear as magias que nos tornam escravos de práticas materiais, nos afastando mais e mais na nossa real e verdadeira espiritualização, deixando-a para ser utilizada quando necessário pelos Guias Espirituais, que as fazem com parcimônia.

A magia na Umbanda visa tão somente o soerguimento dos assistidos que estão em estados desesperadores onde de nada adianta noções de reforma íntima; nesse momento, os Guias Espirituais utilizam de processos mágicos para soerguer, acalmar e equilibrar a quem os procuram, num processo de reequilíbrio com a mãe Natureza, para depois os evangelizar. Terminado esses períodos cruciantes, inicia-se todo o processo de transformação moral desse assistido. Lembre-se: qualquer tipo de magia é tão somente um paliativo; o que realmente vai resolver o caso definitivamente é a transformação moral e evangelização contumaz.

O que refutamos, é utilizar da magia para angariar favores espirituais, barganhar, imputar nossa vontade a outros, amarrações e aí por fora, todas práticas censuráveis. Nisso não acreditamos pelo fato de que se todo humano ou mesmo Espírito pudesse fazer o que bem entendesse com tudo na Terra, a humanidade estaria perdida. Não é bem assim. Aliás, cremos no livre arbítrio e principalmente na Lei Divina que nos torna merecedores disso ou daquilo.

Não é simplesmente realizando qualquer tipo de magia, que iremos encontrar a solução de nossos problemas. Não é com a realização de oferendas, entregas conciliatórias e despachos demandatórios/ordenatórios que iremos obter favores, ou mesmo resolver problemas definitivamente. A magia simplesmente não irá resolver nada em nossas vidas, se não fizermos por merecer.

Infelizmente existem umbandistas que ainda acreditam que é só realizar uma oferenda, uma entrega ou um despacho ou mesmo qualquer tipo de magia que com isso irá movimentar a espiritualidade para atuar em seu favor para seus mesquinhos pedidos. Com o tempo, esses mesmos umbandistas irão perceber que somente perderam tempo e dinheiro em suas práticas mágicas, e rapidinho irão se bandear para outra religião, sempre cantando aos quatro ventos que a Umbanda não presta, que a Umbanda é coisa do capeta. Isso é fato.

Reiterando: de nada adianta mover pedras, pontos riscados, pombas, espadas, cores, raios, pós, fitas, charutos, capas, pólvoras, velas, ervas, etc., achando que com isso irá ter “poderes” para remover feitiçarias, acabar com maldições, mudar situações, prender Espíritos, extinguir carmas, defender-se de energias negativas, etc. Somente irá melhorar sua vida e seu padrão vibratório adquirindo moral, na procedência da efetiva reforma íntima em suas vidas, autovangelizando-se.

Destinada, também, a quebrar o orgulho mental e mundano de nosso tempo, à medida que o progresso moral dos homens se acentue, a Linha Branca acompanhando-o modificará o caráter, ou a natureza de suas manifestações, adaptando meios novos de servir a Deus, esclarecendo e amparando o próximo.

Como dissemos acima, a magia negra declinou sensivelmente, pelo fato de os Guias Espíritos combaterem-na tenazmente. A Umbanda está modificando a natureza de suas manifestações, iniciando um trabalho grande de reforma em suas estruturas doutrinárias, ritualísticas, mágicas e de amparo ao próximo, adaptando-se em novos meios de servir a grande causa, criando novos meios humanitários de auxílio.

Só temos que tomar cuidado para não trazermos para a Umbanda, novos processos, geralmente “copiados” de outras doutrinas ou filosofias, que nada tem a ver com os nossos postulados. Confiemos nos Guias Espirituais Caboclos da Mata e Pretos-Velhos, que nos orientarão no que está certo ou errado. Muita coisa que já está na Umbanda não é errada, mas está sendo feito da forma errada.

É preciso refletirmos em que, na Umbanda, nada deve ser eliminado porquanto, se Deus cria alguma coisa, ou a permite, é porque encerra um curso, um objetivo ou um ideal a ser atingido. O nosso trabalho nunca será o de destruir ou eliminar, mas sim, o de criar e melhorar as coisas existentes ao nosso redor.

Por isso, a Umbanda Crística iniciou esse processo, reformando consciencialmente o que já temos, e nos trazendo novos meios de servirmos ao próximo, meios inovadores, autorizados pela Cúpula Astral de Umbanda. Chamamo-los de “Caminhos de Cura”. Com o tempo, outros virão, e os disponibilizaremos a todos:

OS CAMINHOS DE CURA

- **O Caminho da Reza Meditativa** – é a prática do “Ritual do Rosário das Santas Almas Benditas”, onde através da reza diária do rosário, entramos em estado contemplativo, assistidos pelos Espíritos dos Semiombas e dos Sakáangás, em cooperatividade, a fim de criar uma aura de proteção e contato efetivo com a espiritualidade maior.
- **O Caminho do Tabaco que Purifica** (chamado por nós de: “Petyngaém”, que em Tupi quer dizer: “O Tabaco que Cura”). É o método onde é utilizada a cura em todos os níveis com a parceria do Espírito Elemental do Tabaco, aliado a ervas específicas, em cachimbos, e cigarros de palha, em processos de Fumaçada e Fumaceiro. É a cura pela modificação e purificação dos elementos.
- **O Caminho do Fogo que Higieniza** (chamado por nós de: “Tatacaém”, que em Tupi quer dizer: “O Fogo que Cura”). É o método onde é utilizada a cura em todos os níveis através do despertar do Fogo existente em todos os elementos da Natureza presentes nas ervas. É a cura pela higienização dos elementos, destruindo tudo o que está em conflito, transmutando pacificamente, para assim ressurgir um novo elemento aquecido e fortalecido em sua energia vital curadora.
- **O Caminho do Banho que Agrega** (chamado por nós de: “Yahucaém”, que em tupi quer dizer: Banho que Cura). É o método onde é utilizada a cura em todos os níveis através de banhos ritualísticos com ervas. É a cura pela transferência dos elementos da Natureza, agregando-os em nossos corpos (espiritual e físico).

- **O Caminho da Defumação que Transforma** – (chamado por nós de: “Tymbócaém”, que em tupi quer dizer: Fumaça que Cura”) – é o método onde é utilizada a cura em todos os níveis pelo uso da defumação com ervas. É a cura pela transformação, regenerando positivamente os elementos.
- **O Caminho da Água que Desagrega (mar), que Concilia (cachoeiras), que Eleva (fontes e nascentes), que Matura (poços, mangues e represas) e que Modifica (águas das corredeiras)** (chamado por nós de: “Ycaém”, que em tupi quer dizer: Água que Cura). É o método onde é utilizada a cura em todos os níveis pelo uso de águas abençoadas de várias procedências. É a cura através do sentimento, da renovação, da geração, da fluidez, do movimento e do amor.
- **O Caminho da Cura pelo Amor** – chamado por nós de: “Araporã – A Cura pelo Amor”, o sistema de imposição de mãos da Umbanda Crística. Araporã é uma palavra do idioma Tupi é quer dizer: **Ara**: dia, luz, tempo, clima, nuvem, hora, nascer. **Porã**: bonito. Literalmente, Araporã quer dizer: **“Luz Bonita”**. A Luz Celestial e o prâna intensivado que são emanados através de nossas mãos (sem manifestação mediúnica psicomotora), em processos de cura. O Araporã é a presença da Linha Sublime de Trabalhos Espirituais dos Magos Brancos do Oriente, juntamente como a Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Curadores, em trabalho caritativo na Umbanda.
- **O Caminho da Cura pelo Descarrego** – é o método de se proceder ao trabalho de “desobsessão” na Umbanda, realizado na “Mesa de Descarrego”.

Alguns “Caminhos de Cura”, futuramente, ensinaremos através da escrita e vídeos; outros, através de ensinamentos presenciais.

Todos os Terreiros de Umbanda realizam rituais diferenciados, principalmente o de abertura dos trabalhos. Sabemos que os Guias Espirituais não se importam com rituais, orientando a cada dirigente que os façam sem desmandos, simplificados para dar ênfase aos atendimentos fraternos, somente preocupados em aumentar a fé dos assistidos, elevando seus padrões vibratórios.

Alguns rituais praticados de forma primitiva, barulhentos, com dançarias, sem nexos, fantasiosos, também deverão ser readaptados, atualizando-os de forma a se tornarem harmoniosos, entendíveis, e com alto padrão vibratório.

Para entendermos que um ritual nada mais é que uma forma eficiente de se harmonizar pensamentos e sentimentos, facilitando as experiências espirituais, vamos a algumas explicações:

A palavra Ritual vem do latim “Ritualis”, e pode ser compreendido como sinônimo de Cerimônia.

- Segundo o dicionário Aurélio: *“Ritual é um conjunto de práticas consagradas pelo uso e/ou por normas, e que devem ser observadas de forma invariável em ocasiões determinadas”*.
- *“Um ritual é um conjunto de gestos, palavras e formalidades, geralmente imbuídos de um valor simbólico, cuja performance é, usualmente, prescrita e codificada por uma religião ou pelas tradições da comunidade”*. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ritual>)
- *“Um ritual é geralmente definido como um padrão específico de ações empreendidas para alcançar um resultado final definido. Estas ações podem ser formais ou informais, mas continuam a ser um conjunto prescrito de ritos cujo objetivo é imprimir uma mudança duradoura na vida e na psique do praticante. Quando combinado com a magia, o resultado final pode ser uma mudança poderosa e espantosa”*. (<http://grimoiredomago.blogspot.com>)

RITUAL

A essência do sagrado é simples, porque na simplicidade está o genuíno. Na simplicidade está a sinceridade daquilo que se celebra.

Segundo o dicionário: ritual é qualquer ato ou conjunto de atos comuns, formais ou feitos de forma repetitiva. Ritual é uma categoria analítica estudada amplamente pelos cientistas sociais, principalmente pelos antropólogos.

Certos posicionamentos teóricos centram suas discussões na apreensão da essência das emoções suscitadas pelos rituais, desvelando o estado de efervescência emanado pelos sujeitos envolvidos com o ritual (...).

(...) Para Durkheim o ritual é uma espécie de fenômeno presente indistintamente em diversas religiões; sua distinção de outras condutas humanas define-se pela natureza específica de seus elementos constituintes, estando dentro do sagrado, portanto, possuindo uma essência divina.

Os rituais preconizam palavras, gestos, frases e movimentos que só podem ser executados por pessoas iniciadas. A função do ritual seria delimitar fronteiras entre o divino e o profano, pois engendram as normas de como o indivíduo deve comportar-se ante o sagrado (...).

(...) *“Assim que cumprimos nossos deveres rituais, retornamos à vida profana com mais energia, mas também porque nossas forças se revigoraram, ao viver, por alguns momentos, uma vida menos tensa, mais agradável e mais livre”.* (Durkheim)

Para Malinowsky o cerne da análise dos rituais calca-se no seu componente mágico e religioso, expressando em ações empreendidas pelo homem para satisfazer certas necessidades primárias, cujos recursos de sua racionalidade não alcançam resultados satisfatórios; exemplos: na cura de enfermidades, no afastamento de agouros e no apelo aos entes protetores... Os distintos elementos dos rituais são guiados pela experiência mítica.

(...) Todos os rituais celebram ou comemoram poderes sobrenaturais por possuírem um caráter religioso. Além disso, tendem a ser organizados em ciclos...

Para Isaac Bonewits ritual representa qualquer sequência ordenada de eventos ou ações, que é designada para produzir um estado alterado de consciência previsível, dentro do qual podem ser obtidos certos resultados mágicos ou religiosos.

Para Margot Adler rituais parecem ser um dos métodos através dos quais nos reintegramos tanto no nível individual como grupal ao Cosmo (...).

(...) Rituais, portanto, facilitam a conexão entre as realidades exteriores e interiores, entre as esferas superiores e inferiores. Através do ritual, podemos nos mover além dos limitados confins do self e experimentar as “profundezas indomadas” da alma coletiva. É através também dos rituais que podemos tocar na iminência não só do mundo natural, como também na iminência do Divino. Através de rituais, e mais especificamente, através da Invocação Superior dentro do ritual, nós incorporamos Deus dentro do círculo, como dentro de nós mesmos.

Através dos rituais, nós criamos e entramos em estados alterados de consciência caracterizados pela abertura. Através deste portal, entramos nas profundezas do inconsciente coletivo, onde o poder das imagens simbólicas serve para nos ligar com pensamentos, visões e conhecimento daquele que não se pode ver. Quando, através da invocação, entramos num estado mais profundo de consciência, nós nos fundimos com a imagem arquetípica e naquele momento nos transformamos em Deus.

Muitas religiões utilizam o ritual para evidenciar a crença e concretizar, de alguma forma, aquilo que é numinoso. *(nota do autor: do latim: numen+oso – Segundo a filosofia da religião de Rudolf Otto, aplica-se ao estado religioso da alma inspirado pelas qualidades transcendentais da divindade).*

Os rituais estão presentes nos cultos religiosos para contemplar seu aspecto legal e determinista. O homem vem ao longo de sua trajetória histórica elaborando rituais com o fim de se proteger das sombras que insistem em emergir do seu inconsciente.

(www.socioambiental.org)

“(...) rituais servem para possibilitar a criação de uma harmonia de pensamentos e sentimentos, organizando-os de forma a facilitar as experiências espirituais e a captação de energias para aplicação adequada nos trabalhos e na vida (...)” (Pelo Espírito de Leonel).

Dia virá, certamente ainda distante no tempo, em que não haverá necessidade de recorrer aos meios materiais para alcançar efeitos espirituais, em que o aparecimento de Caboclos e Pretos-Velhos nos terreiros das Tendinhas apenas ocorrerá esporadicamente, para não deixar perecer a lembrança destas épocas de duro materialismo e pesado orgulho utilitarista, que tão árdua e penosa tornam a missão dos Espíritos incumbidos da assistência aos homens, como trabalhadores da Linha Branca de Umbanda.

Sempre ouvimos dos Guias Espirituais, que dia virá, em que não mais se manifestarão na fase mediúnica psicomotora. Em tempos idos, os Espíritos manifestavam-se na Umbanda na fase mediúnica inconsciente ou na fase de 60% a 30% semiconsciente, em quase a totalidade dos médiuns. Com o tempo, as manifestações foram declinando para a fase de 20%, e hoje manifestam-se na fase de 10% a 05% de semiconsciência. Não consideramos manifestações mediúnicas conscientes, pois estes somente podem desenvolver irradiações mentais, e não psicomotoras.

Isso está ocorrendo pela vontade da Cúpula Astral de Umbanda, pois, pela nossa deficiência moral, os Espíritos Elevados ainda têm que se deslocarem até nós, praticamente “forçando” uma mediunização, pelo fato da nossa deficiência espiritual, duro materialismo e pesado orgulho utilitarista. Muitos estão tão deficitários que ainda necessitam de atabaques para que se possam efetivar as vibrações para haver manifestações mediúnicas, pois, no silêncio, na oração, não conseguem manter um contato sublime com a espiritualidade.

Os Espíritos Elevados estão envidando todos os esforços para que os médiuns se transformem em guias encarnados, e não mais dependam de suas presenças físicas mediúnicas, pois os Guias Espirituais, hoje, ainda tem árdua e penosa missão de assistência aos encarnados, principalmente os medianeiros, onde muitos somente se preocupam com magias, dançarias, trajes, oferendas, comidas, bebidas, festas, etc.

Por isso, hoje, estão enviando métodos ritualísticos e caminhos de cura efetivos para que possamos ser coadjuvantes, coparticipativos em toda a temática de atendimento fraterno, bem como do auxílio ao próximo.

Realmente, dia virá, em que não mais haverá a necessidade de se proceder a uma manifestação mediúnica psicomotora, pois, muitos estarão preparados para receberem fluidicamente e psiquicamente as emanções espirituais, gabaritando-se a irem até onde encontram-se os Guias Espirituais, sem que este necessitem sacrificar-se para se deslocarem até nós.

A Linha, então, terá aprimorado a sua organização atual e, dentro dos quadros do espiritismo, será uma instituição de grande fulgor, regrada pela sistematização severa que a de agora esboça, articulando, cada vez mais, o seu plano terreno no alto plano do espaço, de que é reflexo.

Com os reajustes ritualísticos, magísticos e doutrinários que já estão sendo reorganizados, e expurgando de seu seio o que é supérfluo, a Umbanda aprimora-se na atualidade, sistematizando severamente seus procedimentos calcados no Evangelho Redentor e nos ensinamentos crísticos, para assim, poder ser a religião requerida e elaborada pela Cúpula Astral de Umbanda.

Nessa idade, os falquejadores (quem desbasta, em geral com machado, facão) do grande tronco, como os chama o Caboclo das Sete Encruzilhadas, os humildes presidentes e trabalhadores de Tendas, hoje incompreendidos e injuriados, abençoarão, no espaço, libertos da matéria, os sofrimentos e as calúnias que afrontaram na Terra, no comprimento de uma tarefa muitas vezes superior aos seus méritos e energia.

Quando, porém, raiará o esplendor dessa aurora? Esperemo-lo, confiantes. Por mais que tarde, há de vir e, para quem se coloca na sua ação espiritual no mundo material, sob o ponto de vista espírita, a lentidão das coisas não gera o desânimo, porque o tempo não tem limite e o espírito é impercível.

O tempo já é chegado, e as mudanças já estão sendo elaboradas. Quem tem olhos para ver, verá. Quem não quer enxergar a reforma doutrinária, magística e ritualística que já está sendo plantada, amargará a ilusão de estar praticando uma umbanda idiossincrásica calcada tão somente na materialidade e na quimera, acabando por se sentir abandonado, pois a Espiritualidade Superior não acoberta erros.

Presentemente, as forças maléficas que a Linha Branca tem de enfrentar, na defesa da humanidade, tomam um desenvolvimento assombroso, sob o impulso da exasperação dos piores sentimentos humanos, irritados até a revolta pelas amarguras econômicas oriundas dos erros e crimes do egoísmo de indivíduos e povos, acumulando-se ininterruptamente através de numerosas gerações.

Os institutos mais inferiores, por tanto tempo reprimidos por sentimentos assentes em preconceitos fundamentados em princípios religiosos, derribadas essas convenções pelos abalos sociais dos últimos decênios, irrompem com a fúria das torrentes represadas, ameaçando o mundo de uma subversão moral completa.

A Linha Branca de Umbanda e Demanda é um dos elementos de reação e defesa com que o Espiritismo, ao lado das religiões espiritualistas, tem de dominar essa avalanche tumultuária e arrasadora, competindo-lhe, a Linha Branca na região terreal de sua influência, a parte mais penosa da Demanda, pois tem de se agir com a flor, que embalsama, e com a espada, que afugenta, entre as hostilidades e as desconfianças de alguns de seus aliados no amor a Deus e na prática do bem.

Esse terrível surto do mal tem de ser quebrantado, e a Linha Branca, que hoje se encapela em ondas espumantes de oceano em tempestade, será, na bonança, o azul lago placidamente refletindo as luzes do Céu.

Repetindo: “Em início da Umbanda, e durante muitas décadas, houve a necessidade de se ter a presença de Espíritos, rituais, e magias primitivos, para o combate enérgico, tête-à-tête, nas peijas demandatórias contra os encarnados e desencarnados mal intencionados, versados em magias negras e práticas espirituais nefandas. Por isso, havia a necessidade abundante da magia das “entregas conciliatórias” e dos “despachos demandatórios”, a fim de combater o mal presente. Somente esses Espíritos “primitivos” com seus arsenais naturais, poderiam eficientemente opor-se com êxito, aos encarnados e desencarnados malfeitores, perversos, malignos e cruéis”.

Os tempos são outros, e a Umbanda se reorganiza em procedimentos, a fim de atender as demandas, que são outras, dos que a procuram a fim de solucionarem suas mazelas.

E, pois, que estas linhas serão publicadas na manhã que nos recorda o sorriso de Jesus infante, na manjedoura de Belém, seja permitido ao humilde filho de Umbanda enviar saudações e votos de paz no seio de Cristo, aos crentes e sacerdotes de todos os templos, com uma súplica fervorosa pelo bem estar daqueles que se privam do conforto da fé, e desconhecem Deus.

(Trechos extraídos do livro: “O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda” – Leal de Souza – Rio de Janeiro – 1933, com comentários do Padrinho Juruá)